



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**LUANNA VAZ AMARO FÉLIX**

**BLOGS DE RECEITAS CULINÁRIAS: DO MANUSCRITO AO MUNDO  
VIRTUAL**

**JOÃO PESSOA – PB  
2019**

**LUANNA VAZ AMARO FÉLIX**

**BLOGS DE RECEITAS CULINÁRIAS: DO MANUSCRITO AO MUNDO  
VIRTUAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística e Práticas Sociais Linha de Pesquisa: Oral/Escrito: práticas institucionais e não institucionais. Sob a orientação da **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira**

JOÃO PESSOA – PB  
2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

F316b Félix, Luanna Vaz Amaro.

Blogs de receitas culinárias : do manuscrito ao mundo virtual / Luanna Vaz Amaro Félix. - João Pessoa, 2019.

186 f. : il.

Orientação: Maria Claurênia Abreu de A. Silveira.  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Práticas de escrita. 2. Blogs - Receitas culinárias. 3. Tradição - Cozinha. 4. Modernidade - Diários virtuais. 5. Saberes culinários. I. Silveira, Maria Claurênia Abreu de A. II. Título.

UFPB/BC

CDU 808.1(043)

LUANNA VAZ AMARO FÉLIX

**BLOGS DE RECEITAS CULINÁRIAS: DO MANUSCRITO AO MUNDO  
VIRTUAL**

BANCA EXAMINADORA  
(DEFESA FINAL)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira  
(Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Danielle Barbosa Lins de Almeida  
Universidade Federal da Paraíba



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Valentim Afonso  
Universidade Federal da Paraíba



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti  
Universidade Federal da Paraíba



---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Linduarte Pereira Rodrigues  
Universidade Estadual da Paraíba

*À **Beliza Áurea**, professora e amiga,  
quem me deu “régua e compasso” para me formar pesquisadora,  
quem me apresentou ao mundo das Oralidades e Escrituras,  
quem me fez enxergar que uma Receita Culinária representa bem mais  
do que o alimento do corpo, que preenche a alma, a memória e o imaginário.  
Quem me guiou no mundo das Escrituras, Vocalidades e Performances,  
para eu chegar até aqui.  
**Dedico.***

*Às **minhas filhas Hellen e Heloísa**,  
Razões do meu viver, meus pequenos raios de luzes,  
as quais me fazem querer todos os dias trilhar caminhos melhores.  
**Dedico.***

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte infinita de amor, e quem tenho fé incondicional, por me proporcionar viver este momento (doutoramento) tão árduo, desejado e especial em minha vida.

Ao meu pai, José Israel (*in memoriam*) que durante o período em que estive neste mundo comigo, foi um grande incentivador e cuidador da minha vida pessoal e profissional, Homem forte, um grande espelho de dedicação e amor a tudo que fazia. Agradeço por todos os ensinamentos, cuidados e proteção a mim ofertados em todos os momentos. À minha querida mãe, Cleuma, pelo amor, exemplo de mulher, mãe, esposa e amiga. Agradeço pela dedicação exclusiva, pelo apoio e incentivo sempre, pelas noites de oração, por apoiar todos os meus sonhos e projetos de vida.

Ao meu Esposo Éverton, pelo apoio e incentivo, a mim, minha carreira e meus estudos, e, principalmente, por me ajudar a cuidar das nossas amadas filhas Helenna e Heloísa, para que eu conseguisse estudar, trabalhar, pesquisar e escrever esta Tese, agradeço o amor, compromisso e parceria de sempre.

Aos meus irmãos, Polliana e Israel, por todo amor, incentivo, coleguismo e desejos da minha vitória, agradeço por fazerem sempre parte da minha vida. Aos sobrinhos, João Henrique e Laysa Maria, pelas brincadeiras de infância que me fizeram descansar enquanto ríamos e brincávamos, me fazendo voltar a ser criança. À minha sogra Carmem Regina e aos cunhados, Carlos, Tatiana, Limara e Seffiza, pelas palavras de incentivo, conversas e momentos de descontração, ocasiões estas indispensáveis nas horas de agonia e estresse.

À minha querida e eterna orientadora, Beliza Áurea (*in memoriam*), que mais que professora foi uma grande amiga, que desde o PIBIC, ainda na graduação (2006), já me formava uma pesquisadora, me direcionava a ser sempre uma boa aluna e me fez compreender o quão gratificante e fascinante é ser professora. Que me encheu de conselhos para a vida acadêmica, profissional e pessoal. Esta que para mim, é o exemplo da pesquisadora e professora a qual pretendo ser. Obrigada Beliza, por todas as lições de aula, orientação e de vida.

Aos meus amigos, Simone Ana, Sandra Ana, Michelle Bianca, Ancerluce Lopes, Jacson Barbosa, Daniel Luna e Roncalli Dantas, companheiros de todas as horas, boas e ruins, rindo ou chorando, que estiveram comigo conversando, acalmando e ajudando, no que fosse preciso, para que eu pudesse concluir este trabalho.

À professora Maria Claurênia Abreu, agora orientadora deste trabalho, mas que mesmo antes me acompanhou em todos os processos desde o mestrado até hoje. Obrigada pela disponibilidade e colaboração para a conclusão desta Tese, e mais que isso, em muitos momentos e conversas ajudou na construção de ideias e direcionamento, e que com toda calma e paciência que transmite me acalmou nos momentos de tensão, de desânimo e tristeza.

Aos demais professores e examinadores, que participaram de todas as etapas do processo para a construção e conclusão deste trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, pelo acolhimento, pelo apoio e pela disponibilidade de sempre. Principalmente, o funcionário da tarde Valberto, que sempre me atendeu e ajudou com muita paciência, profissionalismo e carinho, inclusive nos momentos mais difíceis.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Memória e imaginário das vozes e escrituras – MIVE”, pelas discussões e trocas oferecidas. E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível. (MICHEL DE CERTEAU, 2008, p. 159)

## RESUMO

A linguagem da culinária é tão atuante comunicativamente que perpassa todos os textos culturais derivados da cozinha. Propiciadora de mediações complexas, a culinária se ocupa do cozinhar, enquanto ato técnico, e do congregar e compartilhar, atos sociais. A culinária habita igualmente os dois espaços, o manuscrito e o virtual, pois se trata de uma linguagem que pode ser decodificada em diferentes sistemas da cultura: de aldeias isoladas de índios à programas de televisão, passando por blogs, redes sociais, revistas, *tablets* e outros ambientes de mídia. Tem-se aí uma vida, doméstica e cotidiana, privada que se mostra e se atualiza com a modernidade. Os blogs de receitas culinárias, os chamados diários virtuais, possibilitam novas formas de interação social. A partir dessas constatações, este trabalho investiga a dimensão linguístico-discursiva constitutiva das práticas de escrita de receitas culinárias que migram dos cadernos de receitas, neste trabalho chamados de manuscritos culinários, para os blogs de receitas culinárias que emergem neste contexto de produção do discurso. Dessa forma, há alguns pontos norteadores que direcionam os problemas da pesquisa: Os textos que constituem a receita culinária denotam o gênero discursivo ao qual pertencem e se organizam em suas relações sistemáticas e são encontrados, também, nesses suportes midiáticos, novos símbolos paradigmáticos do comportamento social de quem publica a receita, uma vez que os suportes apontam para um novo e ainda encoberto mundo percebido através das normas de comportamento no ambiente de trabalho profissional, social, o que faz revelar um novo percurso dessas receitas não mais restritas apenas ao mundo do lar? Esta tese caracteriza-se como documental de ordem qualitativa, pois pretende descrever e registrar práticas linguísticas evidenciando as mudanças, os mecanismos inconscientes da manifestação identitária das receitas culinárias dos blogs de receitas culinária. A tese para esta pesquisa se constrói a partir da hipótese de que as receitas culinárias dos blogs se adaptam ao tempo histórico da pós-modernidade oriundas dos manuscritos culinários tradicionais, fazendo com que o manuscrito se configure e atualize no blog, estruturando e organizando espacialidades, criando ambientes e cenários através do ciberespaço, constituindo-se assim como os manuscritos culinários, um fetiche simbólico que se formam como objetos a que se atribui poder único na busca da transmissão dos saberes culinários, representando assim, um espaço para práticas discursivas próprias de um sujeito em determinadas condições históricas. Para entender esse entrecruzamento das vozes e a interação mediada pelos suportes virtuais, é preciso levar em consideração as teorias que servem de base para essa pesquisa; a teoria da circularidade e da movência das vozes de Zumthor (1993, 1997, 2001); e a teoria das tradições discursivas na perspectiva de Kabatek (2006). Suportes teóricos estes, subsidiados por outras teorias: semiótica, multimodalidade e dos gêneros textuais. Todas necessárias para justificar que as tradições culturais e textuais podem estar agregadas nas receitas midiáticas ora pela interação virtual entre as pessoas que “navegam” e interagem nos blogs de receitas culinárias. A pesquisa não é alavancada em “colar fatos”, mas, entender e perceber sua própria condição cultural. Foram utilizadas algumas estratégias de investigação e coleta de dados, tais como: seleção blogs (que já foram previamente escolhidos), sistematização do trabalho: coleta de dados, análise da representação e fidelidade das postagens, marca de gênero de quem posta, comenta e pública, autoria dos blogs e visitantes, além de outros direcionamentos de análise que foram surgindo durante o andamento da pesquisa. Metodologicamente pretende-se verificar como a linguagem da culinária e da gastronomia qualificam os espaços onde tais textos da cultura nascem e se transformam, por meio de exemplos, buscando traçar uma proposta epistemológica do nascimento de uma linguagem que opera seu conteúdo pelo meio, independentemente da forma escolhida. O que se constata é que a alimentação se comunica através de linguagens como a letra, a voz, a *performance*, a interação, a publicação, a identidade, subjetividade e o diálogo, o processo de interação e comunicação do alimento e a midiaticização das receitas culinárias sugere uma grande variedade discursiva presente nas receitas midiáticas. Demonstrando que a tecnologia virtual e toda a semiose que a acompanha está mudando a vinculação do homem com o seu alimento, e mais do que nunca a imagem da comida se comunica mais diretamente com as pessoas do que a própria comida.

**Palavras-chave:** Blogs de receitas culinárias. Tradição. Modernidade. Saberes Culinários.

## ABSTRACT

The culinary language is so communicative that run through the cultural texts accrued the kitchen. Enabling of complexes mediations, the culinary occupiers of cooking, as a technical act, in sharing and congregating social acts. The culinary resides equally in both spaces, manuscripts and virtual because it comes from a language that can be decoded in different cultural systems: isolated villages of natives, running through TV shows, passing over blogs, social media, magazines, tablets, and many media environment. There is a daily and domestic life, which shows itself and updates throughout modernity. The blogs of culinary recipes, known as virtual diaries, enable new forms of social interaction. From this point of finding, this work investigates the linguistic-discursive constitutive in practices of manuscripts writing which emigrates from the book's recipes; in this work called of culinary manuscripts; to blogs of culinary recipes which rises in this context of speech production. Thus, there are some guiding points that leads the main issue of this research: The texts which constitute the culinary recipes denotes the discursive gender whose they belong and organize themselves in a systematic relation and are also found, in this midwives, new paradigmatic symbols of social behavior of whom publishes the recipes, once the supports points to a new and covered world seen through the rules of behavior in work professional and social environment, what reveals a new course of these recipes not more restricted only in homeland? This thesis is characterized as a Qualitative documentary, because intends to describe and register linguistic practices highlighting the changes, the unconscious mechanism of the identity of culinary recipes due to the blogs. The thesis for this research is held from the culinary blog's analysis that adapts themselves in a historical time of post-modernity; arising from the traditional culinary manuscripts, causing the self-configuration and updates in blogs, structuring and organizing spatiality, creating environment and scenarios through the cyberspace, as well as the culinary manuscripts, a symbolic fetish that forms as objects which is attributed the unique power in the search of transmission of culinary knowledge, representing then, a space for discursive practices proper to a subject on a certain historical condition. To understand this lathing of voices and interaction mediated by virtual supports, it is necessary take in consideration the theories which suits of basis to this research; the theory of circularity and movement of voices by Zumthor (1993, 1997, 2001); and the theory of discursive traditions in perspective of Kabatek (2006). Technical supports held by other theories, just as semiotic, multimodality and textual genders. All necessary to justify that the cultural and textual traditions can be aggregated in media recipes for the virtual interactions among people who “surf on the internet” and interact on blogs of culinary recipes. The research is leveraged in “create facts”, but, understand and realize its cultural conditions. Some strategies of investigation and data collection, such as blog selection (which were previously chosen), work systematization: data collection, analysis of representation and fidelity of posts, gender mark of those who post, comment and publish, blog's authorship and visitors, in addition to other analysis which were emerging throughout the research's progress. Methodologically it is intended to verify how the culinary and gastronomy language qualifies the spaces where such texts of a culture born and transform themselves employing examples, looking forward to mapping an epistemological purpose of the birth of a language that operates its contents through the environment, regardless the chosen form. The feeding noticed as communication through the language as well as lyrics, voice, performance, interaction, publication, identity, subjective, and dialogue, the process of interaction and communication of the food and the mediatization of culinary recipes suggests a great discursive variety existed on media recipes. Demonstrating that the technology and its ramifications, which accompanies are changing the bidding between the man and their food; in many circumstances, the food communicates more directly with the man than with its image.

**Keywords:** Blogs of Culinary recipes. Tradition. Modernity. Culinary Knowledge

## RESUMEN

El lenguaje de la culinaria es comunicativamente activo que impregna todos los textos culturales derivados de cocina. Al proporcionar mediaciones complejas, la cocina se ocupa de cocinar como un acto técnico y de reunir y compartir actos sociales. La cocina también habita tanto el manuscrito como los espacios virtuales, ya que es un lenguaje que puede decodificarse en diferentes sistemas culturales: desde pueblos indios aislados hasta programas de televisión, pasando por blogs, redes sociales, revistas, tabletas y otros entornos de medios. Hay una vida, doméstica y cotidiana, privada que se muestra y actualiza con modernidad. Los blogs de recetas culinarias, o las llamadas revistas virtuales, permiten nuevas formas de interacción social. A partir de estos hallazgos, este artículo investiga la dimensión constitutiva lingüística-discursiva de las prácticas de escritura de recetas culinarias que migran de los libros de recetas, en este trabajo llamados manuscritos culinarios, a los blogs de recetas culinarias que surgen en este contexto de producción del discurso. Así, a algunos puntos de orientación que dirige el problema principal de la investigación: los textos que constituyen la receta culinaria del denotan el género discursivo al que pertenecen y se organizan en sus relaciones sistemáticas y también se encuentran en estos soportes mediáticos, nuevos símbolos paradigmáticos del comportamiento social de quienes publican la receta, ya que los soportes apuntan a un mundo nuevo y aún oculto, percibido a través de las normas de comportamiento en el entorno profesional de trabajo social, ¿Que revela un nuevo camino de estas recetas que ya no se limita mundo de origen? Esta tesis se caracteriza por ser documental a la de un orden cualitativo, ya que tiene la intención de describir y registrar prácticas lingüísticas destacando los cambios, los mecanismos inconscientes de la manifestación de identidad de las recetas culinarias de los blogs de recetas culinarias. La tesis para esta investigación se basa en el análisis de que las recetas culinarias de los blogs se adaptan a la misma historia de posmodernidad de los manuscritos culinarios tradicionales, haciendo que el manuscrito configure y actualice el blog, estructurando y organizando especialidades, creando entornos y escenarios a través del ciberespacio, constituyendo así los manuscritos culinarios, un fetiche simbólico que se forma como objetos a los que se les atribuye un poder único en la búsqueda de la transmisión del conocimiento culinario, lo que representa un espacio para prácticas discursivas propias de un sujeto bajo ciertas condiciones históricas. Para comprender esta intersección de voces y la interacción mediada por soportes virtuales, uno debe tener en cuenta las teorías que subyacen a esta investigación; la teoría de la circularidad y el movimiento de las voces de Zumthor (1993, 1997, 2001); y la teoría de las tradiciones discursivas desde la perspectiva de kabatek (2006). Estos apoyos teóricos, subsidiados por otras teorías: semiótica, multimodalidad y los géneros textuales. Todo esto es necesario para justificar que las tradiciones culturales y textuales se pueden agregar en las recetas de los medios, a veces a través de la interacción virtual entre las personas que "navegan" e interactúan en blogs de recetas culinarias. La investigación no se aprovecha para "pegar hechos" sino para comprender y comprender su propia condición cultural. Se utilizarán algunas estrategias de investigación y recopilación de datos, tales como: blogs de selección (ya que fueron elegidos previamente), sistematización del trabajo: recopilación de datos, análisis de la representación y fidelidad de publicaciones, marca de género de quién publica, comentarios y público, autoría de blogs y visitantes, y otras pautas analíticas que surgieron durante la investigación. Metodológicamente, pretendemos verificar cómo el lenguaje de la cocina y la gastronomía califica los espacios donde nacen y se transforman dichos textos culturales, a través de ejemplos, buscando esbozar una propuesta epistemológica del nacimiento de un lenguaje que opera su contenido a través de, independientemente de forma elegida lo que se puede ver es que la comida se comunica a través de idiomas como letras, voz, actuación, intención, publicación, identidad, subjetividad y diálogo, el proceso de interacción y comunicación de los alimentos y la mediatización de las recetas. Las sugerencias culinarias sugieren una amplia variedad discursiva presente en las recetas de los medios. Demostrando que la tecnología virtual y toda la semiosis que lo acompaña está cambiando el apego del hombre a su comida, y más que nunca la imagen de la comida se comunica más directamente con las personas que la propia comida

**Palabras clave:** Blogs de recetas culinarias. Tradición, Modernidad, Conocimiento culinario.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – receita de queijadinha .....	28
<b>Figura 2</b> – receita de crepioca .....	28
<b>Figura 3</b> – receita de bacalhau à portuguesa .....	32
<b>Figura 4</b> – receita de bacalhau com batatas à portuguesa .....	33
<b>Figura 5</b> – receita de bacalhau com batatas à portuguesa .....	34
<b>Figura 6</b> – receitas de Nalda – bolo carioca .....	36
<b>Figura 7</b> – fizemos e aprovamos: bacalhau à portuguesa .....	37
<b>Figura 8</b> – receita canjica de leite ninho .....	42
<b>Figura 9</b> – revestir bolo .....	45
<b>Figura 10</b> – receita de torta salgada de liquidificador com recheio de frango .....	45
<b>Figura 11</b> - receita de torta salgada de liquidificador com recheio de frango .....	46
<b>Figura 12</b> – receita de torta de chocolate .....	49
<b>Figura 13</b> – receita de bolo de chocolate .....	49
<b>Figura 14</b> – receita de bolo de chocolate simples e fofinho .....	50
<b>Figura 15</b> – receita de bolo de chocolate simples e fofinho .....	50
<b>Figura 16</b> – receita de bolo de chocolate à moda antiga com cobertura de brigadeiro .....	51
<b>Figura 17</b> – creme Rei Alberto .....	53
<b>Figura 18</b> – receita Rei Alberto: sobremesa clássica para toda a família .....	54
<b>Figura 19</b> - receita ninhos de amêndoas .....	57
<b>Figura 20</b> – salada de legumes e frios com molho de champions .....	58
<b>Figura 21</b> – receita de pãozinho de linguiça simples e fácil .....	62
<b>Figura 22</b> – receita de caldo de carne com mandioca .....	65
<b>Figura 23</b> – receita de doce de leite no formato de guirlanda .....	73
<b>Figura 24</b> – receita do tradicional xis salada .....	85
<b>Figura 25</b> – receita de sorvete saudável .....	87
<b>Figura 26</b> – receita de bolo de queijadinha .....	89
<b>Figura 27</b> – sobre o blog marido na cozinha .....	91
<b>Figura 28</b> – sobre o blog marido na cozinha .....	92
<b>Figura 29</b> - receita da Lela: recheios e massas de pastel .....	93
<b>Figura 30</b> – receita funcional de macarrão abobrinha .....	97
<b>Figura 31</b> – (aba) anuncie .....	101
<b>Figura 32</b> - (aba) anuncie .....	101

<b>Figura 33</b> – (aba) anuncie .....	102
<b>Figura 34</b> – casquinha de goiabada cremosa .....	107
<b>Figura 35</b> – casquinha de goiabada cremosa .....	108
<b>Figura 36</b> – receita de bolo de fubá .....	110
<b>Figura 37</b> - receita de bombom na travessa .....	112
<b>Figura 38</b> – receita de bolinhas de mandinhoquinha .....	113
<b>Figura 39</b> – receita de bolinhas de mandinhoquinha .....	114
<b>Figura 40</b> – receita bôlo “dia do papai” .....	117
<b>Figura 41</b> – livro: 50 anos depois, algumas receitas .....	122
<b>Figura 42</b> – Os famosos cursos e receitas especiais da vovó Evalda .....	122
<b>Figura 43</b> – receita de vinagrete de maçã .....	124
<b>Figura 44</b> – receita de caldo de carne com mandioca .....	125
<b>Figura 45</b> – diário íntimo .....	128
<b>Figura 46</b> - receita de doces .....	132
<b>Figura 47</b> – blog da Emília .....	136
<b>Figura 48</b> – receita de bolinho de chuva salgado .....	140
<b>Figura 49</b> – receita de pãozinho de linguiça simples e fácil .....	143
<b>Figura 50</b> – mensagem da tia Emília .....	145
<b>Figura 51</b> – apresentação da autora do blog .....	146
<b>Figura 52</b> – apresentação dos autores do blog .....	147
<b>Figura 53</b> – apresentação das autoras do blog .....	148
<b>Figura 54</b> – apresentação da autora do blog .....	149
<b>Figura 55</b> - apresentação da autores do blog .....	150
<b>Figura 56</b> – apresentação do autor do blog.....	151
<b>Figura 57</b> – comentários e postagens dos leitores .....	154
<b>Figura 58</b> – pão recife .....	158
<b>Figura 59</b> – docinho de helena .....	158
<b>Figura 60</b> – página principal do blog .....	162
<b>Figura 61</b> – página principal do blog .....	162
<b>Figura 62</b> – receita de drink de café.....	164
<b>Figura 63</b> – modo de preparo do café .....	165
<b>Figura 64</b> – receita do blog “sabor no prato” .....	168
<b>Figura 65</b> – receita do blog “sabor no prato” no formato de vídeo .....	169

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 DO MANUSCRITO AO BLOG: A TRADIÇÃO DISCURSIVA DAS RECEITAS CULINÁRIAS .....</b>	<b>24</b>
1.1 ORALIDADE, ESCRITURA E CIBERESPAÇO .....	25
1.2 A TRADIÇÃO DISCURSIVA DAS RECEITAS CULINÁRIAS .....	42
1.3 O GÊNERO TEXTUAL BLOG E AS MARCAS MULTIMODAIS DAS RECEITAS CULINÁRIAS .....	60
<b>2 O BLOG DE RECEITAS CULINÁRIAS: DO PRIVADO AO PÚBLICO .....</b>	<b>78</b>
2.1 AS COMUNIDADES VIRTUAIS DOS BLOGS .....	79
2.2 BLOGS DE RECEITAS CULINÁRIAS: A NOVA ESPÉCIE DE DIÁRIO .....	86
2.3 O “NÃO-LUGAR” DO PRIVADO: O NOVO ESPAÇO DAS RECEITAS CULINÁRIAS E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO .....	95
2.4 DIÁLOGO E INTERAÇÃO DOS BLOGS CULINÁRIOS: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E VIRTUALIDADE .....	109
<b>3 A AUTORIA DOS BLOGS: O JOGO DE CENÁRIOS .....</b>	<b>119</b>
3.1 A CUMPLICIDADE DO EU NO MUNDO .....	120
3.2 PRÁTICAS DE ESCRITA SOBRE SI NAS RECEITAS CULINÁRIAS .....	138
3.3 VOZES VIRTUAIS: A CIRCULARIDADE DAS VOZES DOS BLOGS CULINÁRIOS .....	155
3.4 <i>PERFORMANCE</i> : O NOVO CENÁRIO DAS RECEITAS CULINÁRIAS .....	163
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>171</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>

## INTRODUÇÃO

A mídia vem se configurando como uma poderosa ferramenta formuladora e criadora de opiniões, saberes, normas, valores e subjetividades. Utilizando-se de manobras estratégicas, a mídia, na maioria das vezes, não dialoga, mas sim unidireciona sua mensagem para o interlocutor, fazendo com que um grande contingente de pessoas aviste o mundo por suas lentes, seus vieses.

Há, hoje, muitos estudos sobre a história da culinária e da mesa, fazendo com que a gastronomia saia da cozinha e passe a ser objeto de estudo, com a devida atenção ao imaginário, ao simbólico, às representações e às diversas formas de sociabilidade ativa. Para isso, buscando um olhar inovador para o estudo das receitas culinárias na contemporaneidade, pretende-se, neste trabalho, revelar que os textos que constituem a receita culinária midiática dos blogs denotam o gênero discursivo ao qual pertencem e se organizam em suas relações sistemáticas. Para tanto, a escolha do gênero blog para análise deste trabalho se dá a partir dos estudos de gêneros textuais proposto por Marcuschi (2005), e justifica-se por se tratar de um gênero onde as informações são atualizadas frequentemente, por possuir um caráter de experiência personalizada (do autor do blog) e por serem apresentadas em ordem cronológica reversa, com novo conteúdo em primeiro lugar.

As identificações dos gêneros discursivos presentes nos blogs devem ser observadas: no enunciador, no enunciatário, no tema, na função da linguagem, na esfera comunicativa, na voz, na escritura, no suporte, na semiose e na tradição discursiva presente nessas receitas, além do mais, os blogs de receitas culinárias possuem um grande fetiche em sua produção, pois tanto os blogs quanto os manuscritos culinários<sup>1</sup>, se constituem como objeto a que se atribui poder único.

---

<sup>1</sup> Um manuscrito é qualquer documento escrito à mão, tradução literal do latim *manu scriptum*, em oposição a documentos impressos ou reproduzidos de outras maneiras, como por exemplo, por tipografia ou por litografia. Muitas vezes, um documento é descrito como "manuscrito" se foi produzido pela escrita direta no papel com o uso de instrumentos como o cálamo, a pena, o lápis ou a caneta. Portanto, o termo manuscrito culinário, no lugar de caderno de receitas como as autoras o designam, fora adotado por uma questão científica e metodológica, enquanto escrita de texto, desde os projetos de pesquisas de iniciação científica *Manuscritos Culinários: Percorso da Memória Urbana através dos Cadernos de Receitas*; e *Vozes e escrituras da cozinha: rastros da memória do estado da Paraíba a partir da intervocalidade dos cadernos de receitas (2007/2008 e 2008/2009)* coordenado pela professora Beliza Áurea de Arruda Mello, bem como a minha dissertação de mestrado intitulada: *Do manuscrito ao impresso: tradição discursiva das receitas culinárias (2010-2012)*, também orientada pela mesma professora e vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba, do qual participei durante os quatro anos de pesquisa que subsidiaram os fundamentos desta pesquisa de Doutorado.

O século XXI é retratado por um período de transição, em que é nítida a transformação da filosofia, na sociedade, engajada nos preceitos das Revoluções Burguesas, do século XVIII. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, o conceito “fetiche” se refere ao “*objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto*” (HOLANDA, 1993, p. 429). Foi pensando dessa forma que Marx (1980) conferiu o termo ao fenômeno da Era Moderna, referente às relações sociais envolvidas na produção como relações econômicas, entre o sistema monetário e os interesses do mercado. Isto é, o Fetichismo da Mercadoria transforma, ideologicamente, os fatores subjetivos em padrões. Marx (1980) explicita em sua obra *O Capital* que o produto, quando finalizado, tinha seu valor determinado numa percepção irreal e infundada, de acordo com os negócios empresariais. Ou seja, o produto adquire um valor como se não fosse fruto do trabalho humano. Em seu ponto de vista, a mercadoria parecia “ganhar vida própria” e ser fator determinante, na sociedade: quem possui determinado produto, está em um certo padrão social; quem não o possui, não está. Daí a importância desse conceito, de pertencimento, para os blogs de receitas culinárias, que na contemporaneidade, dão status a quem o possui. Assim como os manuscritos culinários davam à vida das mulheres no século XX: o de pertencimento a um grupo social determinado.

Diante aos preceitos do século XXI, todo o processo de industrialização, consumo e modernidade a sociedade contemporânea, transformaram a ideia de liberdade em produto de marketing, assim, os blogs de receitas culinárias passam de um veículo de transmissão e trocas de receitas para, em alguns casos, produtos de comércio e forma de ganhar a vida, na forma da profissão dos blogueiros<sup>2</sup>. Fala-se muito em evolução e “empoderamento”. Todos estão sentindo a mesma necessidade de reparar os erros de um mundo conservador e pessimista – mas poucas pessoas estão dispostas a colocar as “mãos na massa”. Se a cultura de massa permite continuar vivendo no mesmo conformismo, mas com aditivos para alimentar a consciência social, então, ela é apoiada. Isto é, a situação permanece: a classe trabalhadora é bombardeada, através dos meios de comunicação, sobre como deve-se ser, vestir, comer e se comportar, isso muito corroborado pelo discurso dos blogs de receitas culinárias. Reverencia-se o “ser blogueiro”. Continua-se na base da pirâmide. Perpetua-se o desgaste físico, emocional, por trás do esforço para estar no padrão, para ter o padrão, para SER o padrão.

---

<sup>2</sup> Segundo Primo e Recuero, 2004, o termo ‘blogueiro’ é utilizado para referir-se ao internauta que possui um blog e que o utiliza com frequência.

O resultado é uma relação “coisificada”, invertendo a relação social: as pessoas agem como objetos e os objetos são percebidos com o mesmo valor das pessoas. Causando, assim, dependência dos produtos, pois a necessidade está instalada, estimulando desconfortos, estimulado pela vontade de possuir algo que se naturalizou, que padronizou-se, gerando uma falsa sensação de liberdade. As grandes questões refletidas pela Filosofia, no século XIX, pós-revolução Industrial, foram provocadas pelo Romantismo, enfatizando a preocupação com o ceticismo radical e a impossibilidade de apreensão da verdade.

O grande tema refletido, nessa época, e que tem raízes profundas na tradição, foi o tema sobre o absoluto, sobre a possibilidade de uma nova metafísica, de uma nova verdade absoluta. Ora, se na Idade Média essa verdade era o místico e o Clero, na Idade Moderna, o produto será determinante. Ou seja, numa sociedade industrial, o que se possui, o que se é, o que se veste, determina quem domina, quem está no topo da pirâmide social. A disfunção, nisso, é a questão do aprisionamento de um indivíduo para outro, subordinados a uma verdade subjetiva e elitizada, que fora, estrategicamente, instalada como objetivo a ser atingido.

Portanto, torna-se fundamental analisar e refletir sobre a comunicação da culinária nas mídias digitais no âmbito da subjetividade e como estas atuam na construção de formas de ser e agir das pessoas, bem como a sua influência nas interações relacionais entre elas. Também é fundamental observar o papel que a comida tem assumido nos meios de comunicação de massa, principalmente mediadas pelo uso da internet através dos blogs. Verifica-se no espaço midiático da internet, que a gastronomia e a culinária têm uma relevante expressão midiática, visto que esse assunto, de maneira geral, tem mostrado grande exposição em todas as mídias. Com o destaque contemporâneo do meio digital, multiplicam-se os ambientes midiáticos nesse universo. Dentro desse cenário, considera-se nesta pesquisa o espaço de blogs, ambos de conteúdos culinários, conceituados aqui como veículos comunicacionais que geram textos da cultura – suas publicações, compartilhamentos ou *posts* - resultantes da semiose que ocorre entre os sistemas da cultura das mídias digitais com os sistemas da cultura da gastronomia e da culinária, do público e do privado ou das receitas de família.

Para tanto, a Tradição discursiva (TD) pode formar a base de qualquer elemento significativo, formais e de conteúdo, como evocação reestabelece uma ligação entre a atualização e a tradição textual, qualquer relação pode ser estabelecida semioticamente entre as duas declarações, seja no ato do discurso, seja em termos de elementos de referência, para determinadas características ou elementos textuais da linguagem empregada. Historicamente, o texto culinário, por exemplo, refere-se ao âmbito de ambientes em que tenha sido produzido. Este âmbito, por sua vez, o significado e o valor, podem ser adquiridos de forma

simbólica. Ou seja, a relação de um texto culinário em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com a *repetição* de algo. Esse “algo” pode ser a repetição total do texto inteiro, como no caso de uma receita, mas também pode ser apenas a repetição parcial ou ainda a ausência total de repetição concreta e unicamente a repetição de uma forma textual, como, por exemplo, a base de uma receita, ligadas por uma tradição mesmo quando não contêm nenhum elemento concreto em comum.

A presença simultânea de diferentes tradições discursivas formadoras (linguagem, formato de texto, temas, etc.) não se tornam essenciais de um todo, mas permite uma transformação arbitrária, isto é, um texto pode ser transformado em termos de linguagem, mantendo o conteúdo textual (Tradução), ou pode ser transformado em termos de forma textual, e guardar a outra forma (linguagem, conteúdo).

Apesar de toda a evolução dos métodos e das várias formas de veiculação da palavra, cada texto é formulado com um objetivo e leitor específicos. Todo e qualquer texto se torna um produto resultante da interação entre autor e leitor, com uma relação de comunicação entre eles. Seja a própria receita manuscrita, marcando a tradição, seja uma receita mediada pela internet, em sites, blogs, livros ou cadernos virtuais, será sempre escrita ou publicada para um objetivo certo, seja para informar, educar, influenciar ou até mesmo persuadir.

A alimentação faz parte da vida, e não apenas do ponto de vista nutricional. A tradição discursiva das receitas culinárias do manuscrito ao impresso, como pontuado e discutido em Amaro (2012), revela que não nos alimentamos apenas para saciar a fome por nutrientes, mas também para nos “alimentar” do convívio social, assim como tendências da moda, de imagens e ascensão social. Afinal, comprovou-se que o mundo da alimentação é também um mundo de imagens, transfigurado em fotos de revistas, em embalagens de produtos e que se busca comprovar essa transfiguração em fotos de comidas publicadas e compartilhadas em sites e nas redes sociais.

Os blogs de receitas culinárias expressam uma diversidade comunicativa do ato de comer e de cozinhar, e mais especificadamente, processam os vínculos entre as pessoas e a comida, mediados e midiaticizados nos ambientes dos blogs de receitas culinárias. Mediados porque a comida media a relação entre as pessoas estabelecendo, assim, vínculos entre quem publica, divulga, compartilha, consome e quem produz a comida. E, midiaticizados porque é amplamente explorada pela internet, seja pelas variedades, seja pela influência cultural, entre outros.

Na observação do modo como a comunicação da cozinha se transforma na voz e identidade de quem a revela se constrói a tese para esta pesquisa: a de que receitas as receitas

culinárias dos blogs se adaptam ao tempo histórico da pós-modernidade oriundas dos manuscritos culinários tradicionais, fazendo com que o manuscrito se configure e atualize no blog, estruturando e organizando espacialidades, criando ambientes e cenários através do ciberespaço<sup>3</sup>, constituindo-se assim como os manuscritos culinários, um fetiche simbólico que se formam como objetos a que se atribui poder único na busca da transmissão dos saberes culinários, representando assim, um espaço para práticas discursivas próprias de um sujeito em determinadas condições históricas.

A partir daí, utiliza-se os estudos e teorias da linguística, que são fundamentais para essa pesquisa, pois discorrem sobre os problemas que evidenciam discussões verticalizadas sobre blogs que se manifestam nos textos culinários pesquisados. Dos blogs de receitas culinárias emerge um discurso restituindo a palavra à fascinação temporal, ou seja, a palavra no texto culinário, como em outros, acumulam um saber imenso extraído do gênero cultural, local e tempo de quem a produz.

Assim, os blogs de receitas culinárias podem ser lidos como espaços de construção de uma variação da semiose que se processa em vários veículos midiáticos que tratam do mesmo tema. Se nos manuscritos culinários, álbuns de economia doméstica, programas de televisão, de rádio e em livros, jornais e revistas, a publicação de receitas é um recurso antigo, no meio digital essa prática ganha espaços que vêm aumentando exponencialmente, e em uma velocidade muito maior. Crescimento observado através de estudos que discutem que se, por um lado, a globalização levou a uma homogeneização das culturas, é também verdade que, ao mesmo tempo, pode servir como veículo para um reforço dos valores e significados específicos das diferentes culturas, e, então, das identidades locais. Na sociedade atual, altamente globalizada, os blogs de receitas culinárias são considerados como uma forma de comunicação, através do qual cada indivíduo (autor ou leitor) comunica os seus valores e manifesta-se a si mesmo; por outro lado, como confirmado por Cascudo, 1983 (Citado por Barbosa, 2012, p. 11), “comer é revelar-se”. De acordo com este ponto de vista, a comida e a gastronomia constituem-se como zonas de escolha e explicitação cultural, caracterizadas por uma valorização crescente do conhecimento original. As receitas e a gastronomia tornam-se

---

<sup>3</sup> Para Levi (1999, p. 17), “O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” .

meios de fortalecimento da identidade e da cultura, e, portanto, de pertença a uma sociedade específica.

Por outro lado a revista *época*, em uma reportagem intitulada “Todo mundo quer ser chef”, revela que a gastronomia se tornou uma das profissões mais procuradas do país, pesquisas realizadas pela revista revelam que “Em menos de dez anos, a área explodiu como carreira universitária. De 2005 para cá, a quantidade de escolas saltou de 25 para 115. O número de novos alunos mais que triplicou, de 2.967 para 9.633. Foi uma das áreas que mais cresceram entre os cursos superiores, tanto em número de vagas quanto em número de candidatos.” É como se, de repente, todos quisessem ser chefs. E essa crescente também corresponde ao interesse pela culinária na sociedade como um todo, inclusive com o crescente número de blogs de culinária criados. Para isso, a revista *Época* revela que:

Dois fatores simultâneos explicam esse fenômeno. O primeiro é o aumento no poder aquisitivo do brasileiro, que produziu uma revolução cultural na cozinha. A elevação de renda ocorrida desde os anos 1990 permitiu gastar em restaurantes bons, dentro e fora do país. Isso contribuiu para a aquisição de hábitos gastronômicos refinados e para a valorização de atividades de lazer, cultura e cuidados com o corpo. ‘A memória torna-se mais valiosa que a mercadoria. É a experiência que passa a valer’, diz Ana Carla Fonseca, diretora da agência de marketing Garimpo de Soluções. “O consumidor tem mais disposição para gastar com vivências positivas”. Não menos importante que a renda maior é um fator cultural moderno: a glamorização da profissão de chef. A TV alçou o cozinheiro ao status de celebridade. (*Época*, 2017)

É evidente que a gastronomia invadiu outras áreas do entretenimento e da cultura. A figura do chef alcançou tanta notoriedade que descolou da principal função da profissão: cozinhar. Esse entusiasmo coletivo com a boa comida tem efeitos diretos na economia. A quantidade de novos negócios de alimentação – incluindo restaurantes, lanchonetes, padarias, cafés e os próprios blogs. Assim, outro paralelo que se faz entre o manuscrito e o blog de receitas culinárias é a interação e troca de opiniões sobre as receitas, ingredientes e outros temas desses universos, que antes nas revistas e jornais impressos, no rádio ou televisão precisaria esperar um tempo periódico (tempo de uma publicação para outra ou transmissão de um programa para outro) de resposta dos seus leitores, nos blogs se desenvolve de maneira instantânea, com comentários de internautas sobre temas publicados e com a possibilidade de um site citar outro usando inclusive, as mesmas receitas.

Partindo do pressuposto de que a história da alimentação no decorrer dos tempos concerne na comunicação de linguagens como a letra, a voz, a *performance*, a interação, a publicação, a identidade, subjetividade e o diálogo, o processo de interação e conexão do alimento com gastronomia e a midiaticização das receitas culinárias na primeira e início da

segunda década XXI no Brasil sugere uma grande variedade discursiva presente nas receitas midiáticas e uma série de critérios de análise de gêneros, tendo em vista, por exemplo, a economia comunicativa de uma sociedade o que indicam, também, o enriquecimento e ampliação da análise através da aplicação de alguns critérios: a ligação de gêneros discursivos, que será conceituado e discutido nos capítulos a seguir, em redes virtuais, a intertextualidade dos suportes virtuais e o *modus* de validade, o poder de um gênero discursivo em vincular direitos, obrigações e compromissos.

O foco não está somente em se demonstrar que cresceu a importância da alimentação, nem que, por isso, há a necessidade de se atualizar a forma de publicação, mas sim, pontuar que cresceu o poder da comunicação dessa alimentação. Assim, percebe-se uma infinita lista de diálogos entre os usuários dos blogs, sites e redes sociais culinárias que vai desde a troca de dicas, receitas, onde comprar tal ingrediente ou utensílio culinário, como funciona tal aparelho, sugestões, preferências, cursos, entre outros, o que demonstra uma grande corrente de comunicação e interação mediada pelos suportes de comunicação virtual sobre culinária. É notório observar que centenas de programas relacionados à gastronomia foram produzidos na última década. Somente na categoria reality show são 112, segundo dados da revista *Época*, 2017:

[...] incluindo a versão brasileira do *Masterchef*, da Band, e o *Cozinha sob pressão*, versão do inglês *Hell's kitchen*, do SBT. Nessa lista nem estão dezenas de programas de receitas tradicionais, de nomes como Jamie Oliver e Palmirinha. A razão para tantos programas é simples: eles atraem telespectadores. Sem contar que para cada programa um site ou blog é criado para acompanhar as publicações e as opiniões dos telespectadores que interagem com os programas. O canal por assinatura TLC concentra 45% de sua audiência em produções de cozinha como *Hell's kitchen*, *Food fighters* e *Bakery boss*. A emissora tem sete atrações do gênero. O *Discovery Home & Health* dedica as terças-feiras a séries de gastronomia. São seis programas, entre eles *Cake boss* e o *Masterchef* junior EUA. O *Cozinha sob pressão* deu ao SBT o terceiro lugar na TV aberta, no sábado, com 5,2 pontos de audiência, quase 2 pontos a mais do que a emissora tinha antes do programa. O *Masterchef* já alcançou 7 pontos nas noites de terça-feira, o segundo lugar na TV aberta. No canal GNT, há 15 programas de culinária. (*Época*, 2017)

Para entender esse entrecruzamento das vozes e a interação mediada pelos suportes virtuais, é preciso levar em consideração a teoria da circularidade e da movência das vozes de Zumthor (1993; 1997; 2001) e discutir que tradições culturais, discursivas e textuais podem estar agregadas nas receitas midiáticas ora pela interação virtual entre as pessoas que “navegam” e interagem nesses sites, blogs, cadernos e livros de receitas virtuais, ora pelas próprias receitas que circulam esses ambientes virtuais.

Estudos como a Tradição discursiva são importantes e fundamentais para a análise dos dados neste estudo, pois estavam presentes nas discussões do processo cultural e da transformação de um texto para outro, que se interligam e interagem entre si. A cultura atualiza-se no texto da receita virtual e faz um intercâmbio entre tantos outros textos e imagens que se autorrelacionam e se modificam. Assim, se faz necessário refletir tanto sobre o crescimento da quantidade de publicações virtuais de receitas culinárias, como também, sua crescente circulação, e o aumento de receitas híbridas incorporadas nos suportes virtuais analisados, nos quais se refletem sobre as representações do discurso e do enunciado presentes nas receitas culinárias nos *links* veiculados e anexados nestes gêneros culinários.

Da mesma forma, a duplicidade do texto escrito com o oral revela a constatação da alteridade provocando no leitor "a presença e/ou a troca com o outro", esses textos se interrelacionam como a dramatização das circunstâncias, convidando o receptor a interagir com a linguagem específica da cozinha. Mas ainda há uma tendência de constatar uma linguagem da "memória coletiva" (HALBWACHS, 2006), de um determinado local e tempo. Halbwachs, (2006) analisa dois conceitos fundamentais, para análise das receitas culinárias em seu contexto de produção, seja nos manuscritos ou nos blogs, o "quadro social" e a "memória social". O "quadro social" é a memória à qual cada indivíduo pode fazer referência em qualquer momento. É uma memória interiorizada de uma receita, resultado do juízo social mais difundido numa comunidade. Esse juízo não é estático, ele pode mudar ao longo do tempo, mas sempre reflete o julgamento coletivo. A "memória coletiva" refere-se aos efeitos que um determinado fenômeno tem na vida social e na própria sociedade. Assim, a alimentação delinea-se, inicialmente, como um fato natural da existência humana, resposta de uma necessidade biológica inata, que é precisamente o ato de se alimentar. Sendo um fato universal, a alimentação torna-se, inevitavelmente, um fato complexo, suscetível das alterações e redefinições constantes, que acabam por lhe fazer perder o seu caráter primordial de naturalidade.

As transformações que cada sociedade e cada cultura fizeram e fazem desta prática contribuem para a definição do seu caráter social e cultural, assim como a transmissão das receitas nos manuscritos e nos blogs. Igualmente enfatiza o valor socializante da refeição familiar, concebida como um sistema de regras pelas quais os membros mais jovens internalizam as regras comportamentais da sociedade à qual pertencem. Em termos mais concretos o texto culinário provém da identidade daqueles que a praticam. O pano de fundo cultural em relação ao que se defende não é outro senão a produção da própria linguagem, evidenciando o campo do pensamento da produção do texto oral/escrito/midiático. É

importante acentuar que o texto culinário consiste em um discurso sobre/por uma prática: *sobre* consiste na instauração de taxonomias, *por* refere-se à produção mesmo.

Os métodos da linguística como a Tradição Discursiva, a Semiótica e a Multimodalidade são fundamentais, para este trabalho, por discorrer sobre os problemas que evidenciam discussões verticalizadas sobre a produção discursiva manifesta nos textos culinários estudados. A pesquisa não é alavancada em "colar fatos", mas entender e perceber sua própria condição cultural. Daí a urgência de interagir com a semiótica, da interpretação do sentido – a semântica, de interagir com os estudos do imaginário como depositário do “trajeto do *homo sapiens* e da memória coletiva” (DURAND, 1997) nos aspectos da tradição oral.

Dos textos culinários emergem um discurso crítico restituindo a palavra à fascinação temporal, ou seja, a palavra no texto culinário como em outros, acumulam um saber imenso extraído do gênero cultural, local e tempo de quem a produz, tempo mítico cujas imagens fazem referência aos arquétipos de Jung (2000) e do "cru e cozido" de Lévi Strauss (1968).

Nas ambiências da cozinha e do alimento, pode-se observar uma farta geração de textos que, por sua vez, acabam gerando imagens que comunicam significados dessa cultura. Se Ferrara (2008) afirma que comunicar é representar, toda constituição de textos gerada pelo processo cultural e pelo processo comunicativo é uma representação que, por sua vez, gera uma imagem. Unindo o conceito de texto ao de sistema da cultura, pontuamos que a alimentação é um sistema da cultura que produz textos modelizados pelas transformações culturais naturais do processo histórico. Assim, referencia-se o conceito de texto de Lótman (1996), no que concerne que todo texto da cultura é um arranjo de significados originado por um sistema da cultura que relaciona e estrutura os códigos ali presentes em certa ordenação que faça sentido, ou seja, que estabeleça uma ação de linguagem.

Tal sentido é dado exatamente pela modelização dos sistemas, processo de semiose que segundo Pierce, (1977) “inter-relaciona códigos criando novos signos e, portanto, novas linguagens compreensíveis para aquele sistema e para outros próximos ou correlatos”. No caso do sistema cultural da alimentação e da cozinha, tal ordenação dá origem a duas linguagens distintas: culinária e gastronomia, que são dependentes da dinâmica própria da cultura para se distinguirem uma da outra e, exatamente por isso, acabam por se confundir e se hibridizar em um grande número de situações comunicativas. O que se pretende revelar na culinária virtual da contemporaneidade e que assim como os suportes midiáticos acompanham todo o avanço da sociedade, a culinária não ficaria de fora, já que esta faz parte da cultura de massas. Pretende-se demonstrar que a tecnologia virtual e toda a semiose que a acompanha

está mudando a vinculação do homem com o seu alimento, e mais do que nunca a imagem da comida se comunica mais diretamente com as pessoas do que a própria comida.

A imagem do que se vai comer ou o que se pretende comer impacta mais nessa sociedade virtual do que a própria alimentação, em um processo contínuo de midiaticização da cozinha e dos alimentos. Os suportes virtuais, sites, blogs, cadernos e livros demonstram a construção de novas relações mediáticas, envolvem o alimento e quase o disfarçam com o uso de mídias que transformam essa comida em instrumento do espetáculo da própria mídia. Esse tipo de observação interessa amplamente a esta pesquisa, pois pretende se comprovar que a mediação e a midiaticização do alimento ocupam um importante espaço nos estudos linguísticos e de comunicação. Tais processos comunicativos podem ser entendidos por meio do estudo das espacialidades, ou seja, do espaço qualificado pela cultura e que constitui o objeto principal para que consigamos entender como se estruturam as linguagens virtuais dos sistemas culturais da alimentação e da cozinha.

Para análise desenvolvida neste trabalho, configurou-se como o *corpus* além dos manuscritos analisados por AMARO, 2012, receitas culinárias midiáticas dos meios de comunicação audiovisual e digital contemporâneos: os blogs de culinária. As últimas décadas (2010-2019) foram escolhidas por concentrar um alto índice de transformações da culinária do ponto de vista comunicacional, especialmente em relação à criação de mídias especializadas no tema que ocorrera no século XXI. Dessa forma, o *corpus* analisado é composto por 07 (sete) blogs<sup>4</sup>: Segredos da Tia Emília; Sabor no prato; Marido na cozinha; Amando cozinhar; Cozinha na travessa; Destemperados e Cuecas na cozinha. O critério de escolha dos blogs partiu das necessidades e busca da análise da tradição discursiva oriunda dos manuscritos culinários como receitas tradicionais (Segredos da Tia Emília); receitas de família (Segredos da Tia Emília e Sabor no prato); produzido por mais de um autor (Marido na cozinha, Amando cozinhar e Destemperados); que apresenta diversas temáticas como viagens, produtos, vendas, anúncios, cursos, entre outros (Marido na cozinha, Destemperados, Amando cozinhar, Cozinha na travessa e Cuecas na cozinha); que discute a diferença entre alimentação, culinária e gastronomia ou utiliza o blog também como fonte de renda e trabalho (Amando cozinhar e Cuecas na cozinha);

A princípio os blogs de receitas culinárias foram analisados não só como gêneros textuais, mas como suportes, e a partir daí foram conceituados como veículos

---

<sup>4</sup> Disponíveis em: [www.segredosdatiaemilia.com.br](http://www.segredosdatiaemilia.com.br); [www.sabornoprato.com](http://www.sabornoprato.com); [www.maridonacozinha.com.br](http://www.maridonacozinha.com.br); [www.amandocozinhar.com](http://www.amandocozinhar.com); [www.cozinhatravessa.com.br](http://www.cozinhatravessa.com.br); [www.destemperados.com.br](http://www.destemperados.com.br); [www.cuecasnacozinha.com.br](http://www.cuecasnacozinha.com.br).

comunicacionais que geram textos da cultura – os seus *posts* – pois, resultam da semiose que ocorre entre os sistemas da cultura das mídias digitais com os sistemas da cultura da gastronomia e da culinária. Os Blogs despertam o interesse, pois, as informações são atualizadas frequentemente, têm caráter de experiência personalizada (do autor ou autores dos blogs) e são apresentadas em ordem cronológica reversa, com novo conteúdo em primeiro lugar. Os blogs escolhidos perpassam especialmente dois tipos quanto suas temáticas: blogs onde predomina a troca de receitas entre internautas; e, blogs onde predomina a troca de informações sobre gastronomia e o debate sobre questões desse sistema, como cuidados com a alimentação, dicas de boa alimentação, entre outras informações, viagens, cursos além do constante diálogo com os manuscritos culinários oriundos das pesquisas anteriores.

Contudo, este trabalho visa à reflexão e pesquisa da tarefa de escrita em blogs, conhecidos também como “diários digitais, virtuais ou on-line”. Os “blogueiros”, como são comumente conhecidos, lançam mão de aportes sígnicos variados como efeitos sonoros, ícones animados, palavras e até mesmo exposição de fotografias pessoais num intuito de ganhar visibilidade e apresentar suas receitas culinárias.

Sob uma visão estratégica de organização, este trabalho constitui-se de três capítulos: o Capítulo 1 versamos sobre o percurso da tradição discursiva das receitas culinárias, fazendo um trajeto sociodiscursivo desde a oralidade, passando pela escritura e por fim no ciberespaço. A partir daí, se fará a conceituação do blog como um gênero textual e este como um suporte e veículo de comunicação além de discutir como as comunidades virtuais se fazem presentes nos blogs, assim como as marcas multimodais aparecem nestes suportes midiáticos.

No capítulo 2, tratamos do blog de receitas culinárias entre o público e o privado, os segredos do diário virtual, a nova sociedade que constitui os blogs e a relação destes com a tradição e a modernidade, quando uma está presente na outra.

No capítulo 3, apresentamos os autores dos blogs de receitas culinárias, suas relações com o mundo real e virtual, as práticas de escrita de si nas receitas culinárias, e como essas receitas circulam neste suporte virtual, por fim, como a *performance* se faz presente nesse novo cenário das receitas culinárias: o blog.

A partir da divisão deste trabalho, busca-se perceber que as receitas, as imagens, os *links* também narram relatos da memória que vão cruzando os fios do passado com o presente, articulam a intimidade do cotidiano repleto de estratégias com a memória coletiva, os costumes urbanos. Para isso, iniciaremos o estudo das tradições discursivas através do percurso da oralidade, escritura e virtualidade.

## CAPÍTULO I

### 1 DO MANUSCRITO AO BLOG: A TRADIÇÃO DISCURSIVA DAS RECEITAS CULINÁRIAS

No principio era o verbo. (JOÃO 1,1)

Uma vez escrito, qualquer discurso chega a todos os lados, e passa indiferentemente por aqueles que nele se reconhecem e por aqueles que nada têm a fazer com ele. (PLATÃO, 1996, p.659)

Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras, universalidade e interatividade. (CHARTIER, 1999, p. 134)

A análise de receitas culinárias, sejam manuscritas, impressas ou virtuais desenha uma cartografia real e imaginária da sociedade a despeito das redes de informações que os cadernos ou os blogs vão pontuando, compatíveis com a ocupação dos espaços da paisagem urbana, sinalizada pelos dêiticos das receitas que conduzem às redes de família, os feixes de relações das amizades e vizinhança, revelando os locais mais habitados e frequentados da cidade e novas conquistas do espaço urbano. Assim, as receitas vão tecendo uma “poética do espaço” das intimidades das casas e de suas articulações com a memória da cidade articulada e redefinida pelos espaços reais e/ou imaginários, a partir dessas imagens surgidas além de uma geografia física, mas que se entrelaçam com devaneios solicitados pelos aspectos ideológicos contidos em códigos cifrados. Raros são os cadernos ou blogs que revelam descrições denotativas sobre as casas.

Apreende-se esse espaço pela descrição dos ingredientes das receitas, sempre sugerindo grande quantidade para servir muita gente nas festas. São cardápios longos com cocktails, entradas, muitos pratos principais, sobremesas, tudo isto sugerindo a conjugação de espaços grandes e um bom poder aquisitivo. Em outros, cadernos ou blogs, a dimensão da casa aparece sob conselhos úteis de como administrar, higienizar seus espaços ou recomendações de como cuidar dos vários cômodos, jardins, quintais, signos anunciadores de uma escrita de casas submersas sob receitas falantes, que têm a descrição ratificada pelas autoras e/ou familiares em entrevistas, para os cadernos e no caso dos blogs, através de dicas, textos ou vídeos dos autores.

As pesquisas com receitas culinárias apresentam-se como documento cultural na produção de processos de trocas linguísticas analisando, principalmente, as tradições discursivas a partir do receituário culinário. A cozinha é formatada a partir de espaços que

testemunham e determinam o papel social do falante/escritor, suas relações sociais, as transformações políticas, econômicas, culturais responsáveis pelas mutações e movências das vozes e escrituras. A seleção das receitas - manuscritas, impressas ou virtuais - imagens, ilustrações não se dá no tempo do enunciador, mas em uma temporalidade em que o passado é o memorável tecido pelo próprio acontecimento, que tem também o futuro não manifesto. O acontecimento enunciativo atravessa enunciados de discursos diferentes inclusive em um mesmo texto. Isso tudo é percebido pelo percurso da tradição discursiva das receitas culinárias, observados pelo trajeto sociodiscursivo desde a oralidade, passando pela escritura e por fim no ciberespaço.

### 1.1 ORALIDADE, ESCRITURA E CIBERESPAÇO

O evangelho de João, na bíblia cristã, inicia afirmando que sem a Palavra de Deus, nada pode existir. Do nada, nada surge. Tudo foi formado pela Palavra poderosa de Deus. João é o único evangelista que identifica Jesus diretamente ligado e originado a Deus desde o início de tudo: “No princípio era o VERBO, e o VERBO estava com Deus, e o VERBO era Deus” (JOÃO 1,1) (grifo nosso). No grego - o *lógos* – a Palavra é designada como o Verbo de Deus. O verbo é palavra que faz acontecer, é ação, como na criação, que segundo Gênesis (1,3) é a Palavra de Deus, o verbo, que tudo cria: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”. Por isso Jesus está presente desde o princípio de tudo. Jesus é o verbo, esta é sua identidade.

O verbo de Deus, significa que Jesus é a Palavra de Deus, que toma a forma da carne humana e revela plenamente a face de Deus. A vontade e a comunicação de Deus acontecem agora por meio de Jesus de Nazaré, o Filho amado de Deus, a Palavra plena de amor do Pai. Ele é o Verbo, a Palavra de Deus plena que vem ao mundo. Partindo desse pressuposto, observa-se quão importante e valoroso é a oralidade. Toda forma de comunicação se inicia na oralidade. O verbo, a palavra faz parte de todas as culturas, e a escrita surge com a necessidade de se fixar essa voz. A partir daí, percebe-se a necessidades da conversa “ao pé do fogão” para se trocar uma receita e outra, aprender com a avó ou tia uma receita de família. Décadas atrás, se pegava o livro de receitas da avó ou da família e se preparava o almoço. Na atualidade, faz-se um *download* da receita desejada, ou simplesmente pesquisa-se em um blog de receitas, depois é só fazer uma *selfie* com o prato para postar nas redes sociais.

Na cultura oral o significado da palavra difere da cultura escrita. Se nas primeiras a palavra existe enquanto está sendo dita, ou seja, é perecível e só permanece enquanto som ou

na memória; na segunda ela é recuperável se armazenada através da escrita. Ong (1998) explica que, provavelmente, o poder atribuído às palavras nas comunidades orais, para as quais a palavra proferida é depositária de uma dimensão potencialmente mágica, é fundamental para a compreensão das culturas sociais. Entretanto, em uma cultura oral, a sujeição das palavras ao som é tão determinante para as maneiras de expressá-las como para os processos mentais que as produzem.

Para reter e recuperar o pensamento, é preciso articulá-lo com modelos ou “arquétipos mnemônicos”<sup>5</sup> (JUNG 2000), talhados para serem repetidos oralmente. Assim, ritmo, antíteses, aliterações, assonâncias e sintaxe são elementos que, entrelaçados, auxiliam no processo de memorização das formas poéticas, como: provérbios, adágios e partes temáticas de narrativas, dentre elas o herói e o combate. Segundo Ong (1998), é ouvindo, assimilando e repetindo o que ouvem que os participantes de culturas orais apreendem o domínio das fórmulas padronizadas do discurso poético e se tornam aptos a reproduzi-las, e até recombina-las no reconto.

Platão (1996) considerava ingênuo acreditar que o registro escrito fosse preservação da tradição, uma memória crível “portanto, aquele que crê deixar para o futuro uma arte consignada nos caracteres da escrita, e aquele que por sua vez a recolhe com a idéia de que obterá algo certo e sólido, são sem dúvida muito ingênuos” (PLATÃO, 1996, p.658). Esse pressuposto reitera que a transmissão da tradição seria a resultante de um processo de cultivo, comparável àquele que cultiva e registra suas experiências nesse jardim da escritura para desfrutá-las em sua velhice. O texto escrito, para Platão, perde o caráter dialético presente na oralidade entre o que fala e o que escuta.

Para as sociedades antigas, toda escritura seria o processo de escritura da voz, já que as narrativas épicas, antes e depois de Homero, eram contadas de geração em geração como elemento fundador de cultura e tradição. Inclusive as narrativas bíblicas, como apontadas anteriormente. Esses registros escritos nos permitem, hoje, entender parte dessa cultura e tradição e verificar nelas as marcas da oralidade daquilo que era passado da boca ao ouvido.

---

<sup>5</sup> O termo arquétipo tem suas origens na Grécia antiga, as palavras raiz são *archein* que significa original ou velho e *typos* que significa padrão, modelo ou tipo, o significado combinado é padrão original do qual todas as outras pessoas similares, objetos ou conceitos são derivados, copiados, modelados, ou emulados. O psicólogo Carl Gustav Jung (1998) usou o conceito de arquétipo em sua teoria da psique humana, ele acreditava que arquétipos de míticos personagens universais residiam no interior do inconsciente coletivo das pessoas em todo o mundo, arquétipos representam motivos humanos fundamentais de nossa experiência como nós evoluímos consequentemente eles evocam emoções profundas.

Por outro lado, se o mito platônico possuir alguma credibilidade, poderíamos pensar que a voz, aprisionada na escritura, não apenas preservou parte dessa tradição, mas que também contribuiu, com sua falsa estabilidade, para seu esquecimento. Assim, recordação e esquecimento conformam a memória presente na escritura.

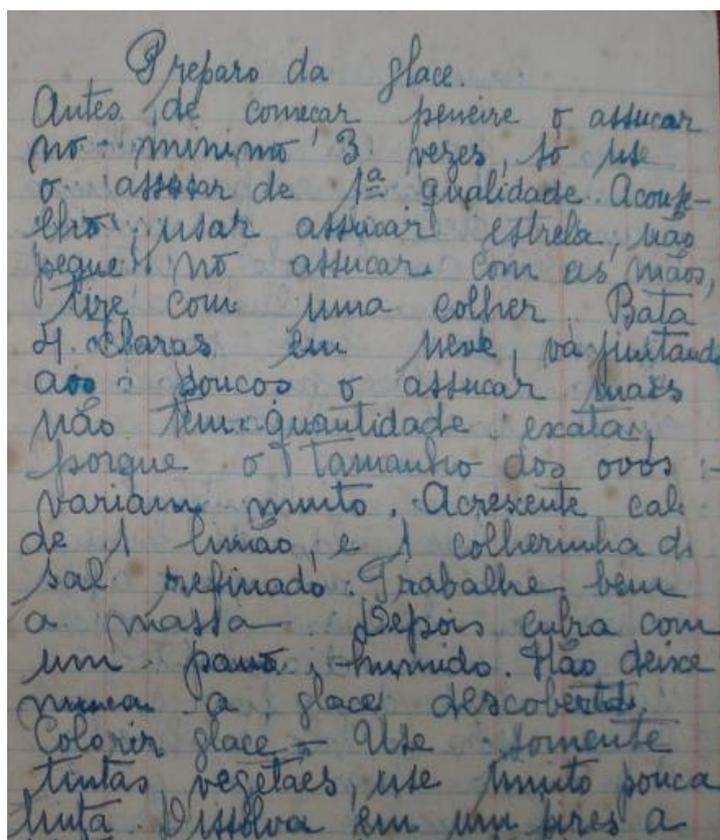
A passagem de um período a outro ou a mudança de um suporte de escrita para outro, como dos manuscritos culinários aos blogs de receitas culinárias não modificou tal perspectiva. Das receitas tradicionais fixadas nos manuscritos, registradas e transformadas pelo tempo, surgiram novas tradições orais e novos registros escritos de tais receitas. A condição de que as receitas culinárias em seus registros escritos e orais tornem-se “palavras vivas” através do ato de *performance*, sejam elas manuscritas, impressas ou midiáticas acompanhadas de imagem, ilustração, vídeos ou não, manifestam-se, dos cadernos aos blogs.

Zumthor (1993), escritor e pesquisador medievalista, encontrará esse mesmo potencial de *performance* no estudo da poesia oral. Para ele, há três tipos de oralidade, associadas a aspectos culturais diferenciados:

- a) primária, sem relação alguma com a escritura, relaciona-se a sociedades ágrafas;
- b) segunda, quando a escritura prevalece sobre os aspectos orais, condicionando, a partir de uma cultura erudita, as formas de expressão;
- c) mista, quando o oral se manifesta de forma parcial e com atraso em relação ao escrito. (ZUMTHOR, 1993, p. 20-1)

É na oralidade mista, como cita Zumthor (1993), que se forma a poesia medieval, embora o panorama cultural da Idade Média varie alternadamente entre as oralidades “segunda” e “mista”, de acordo com a época, lugar, grupos sociais e mesmo indivíduos. Sendo, portanto, impossível estabelecer uma divisão precisa entre esses aspectos. Ao analisar as receitas culinárias na perspectiva da oralidade e *performance* de Zumthor (1993), percebe-se que estas também transitam entre as oralidades “segunda” e “mista”. Como observado nas figuras a seguir.

**Figura 01** – receita de queijadinha



Fonte: MELLO, 2007-2009.

**Figura 02** – receita de crepioca



Eu ainda não tinha experimentado crepioca e resolvi fazer aqui em casa. Fiz temperadinha e ficou uma delícia. A receita de crepioca é bem simples de fazer e você pode incrementar com recheios conforme o seu gosto. Pode rechear com queijo, presunto, frango, atum, etc... Vamos à receita:

Fonte: <http://www.sabornoprato.com> (Acesso dia 05/01/2018)

As figuras 01 e 02 corroboram o discurso de Zumthor (1993) quanto aos tipos de oralidade, onde as receitas, manuscritas, impressas ou virtuais, apontam as oralidades “segunda” e “mista”. “Segunda” no processo fixo do gênero: ingredientes e modo de preparo e “mista” quando há um entrecruzamento entre o oral e o escrito, “Aconselho usar assucar estrela, não pegue no assucar com as mãos. Tire com uma colher” (Figura 01) e “Eu ainda não tinha experimentado crepioca e resolvi fazer aqui em casa. Fiz temperadilha e ficou uma delícia. A receita de crepioca é bem simples de fazer e você pode incrementar com recheios conforme o seu gosto. Pode rechear com queijo, presunto, frango, atum, etc... Vamos à receita.”. (sic)

A voz, segundo Zumthor, encontra-se num cruzamento de disciplinas e coloca-se no centro da cultura, ponto privilegiado de observação daquilo “que está na base dessas culturas, na fonte da energia que as anima, irradiando todos os aspectos de sua realidade” (ZUMTHOR, 2000, p. 12). Para Zumthor (2000), a voz é um fenômeno global. Não há uma oposição entre o oral e o escrito já que a voz se encontra presente em ambos os aspectos, determinada pelo poético. Para o autor, mais do que oralidade, importa a vocalidade que se manifesta desvinculada de uma forma específica de expressão.

No plano lexical, a voz enquanto tema da escrita é notada na recorrência do que Zumthor (1993) denomina “verbo de palavra” – dizer, falar, contar – e de fórmulas associadas – quero dizer, digo, direi. Segundo ele, “o emprego da dupla dizer-ouvir tem por função manifesta promover (mesmo ficticiamente) o texto ao estatuto do falante e de designar sua comunicação como uma situação de discurso “*in praesentia*” (ZUMTHOR, 1993, p. 39). Para as receitas o emprego dos verbos imperativos (em sua maioria) são fundamentais para a perspectiva injuntiva do texto, estes por sua vez dão voz as receitas referindo-as a situações de comunicação oral, pois “quaisquer que sejam o conteúdo e a função do texto, somos assim, de todo o lado e de toda a maneira, remetidos à modalidade vocal-auditiva de sua comunicação” (ZUMTHOR, 1993, p. 41). Esses traços dizem respeito à performance, que Zumthor define a circunstância em que se confrontam locutor, destinatário e circunstâncias.

Nessa perspectiva, entre a oralidade e a escritura se fazerem complementares sem haver oposição entre ambas, o texto deve ser considerado um corpo vivo, em ato de *performance* que, em suas regras, rege simultaneamente o tempo, o lugar e a resposta do público. O texto, que não é comunicado em ato de performance, permanece em virtualidade sem se fazer obra, à espera de um corpo que o concretize, que o resgate da linha do tempo da memória e o torne real, embora fugaz.

Para Zumthor (2000), *performance* implica competência, “saber ser.” Possui coordenadas no tempo e no espaço e implica relações fisio-psíquicas concretas, por isso ele diz que “a *performance* é o único modo vivo de comunicação poética” (ZUMTHOR, 2000, p. 39-40), uma comunicação que marca e não apenas comunica, é muito mais do que só dizer algo, “comunicando, modifica”, transforma-se em ato. Essa *performance* é variável, de acordo com a intensidade da presença:

- a) *performance* completa com voz, gesto e cenário, de um lado, e pela audição e visão global, do outro: o teatro;
- b) uma outra *performance*, quando falta um dos elementos citados e
- c) a leitura solitária e puramente visual, grau performancial próximo a zero. (ZUMTHOR, 2000, p. 41)

Apesar do grau quase zero, a leitura solitária também traz o engajamento de um corpo vivo para fazer do texto poético obra, já que, para Zumthor (2000), toda literatura é fundamentalmente teatro, pelo seu poder performático. Quando ele explicita a leitura do texto poético como um ato performático, é fácil pensar nesse ato de *performance* para a leitura de uma receita culinária, pois tanto para quem escreve ou digita uma receita quanto para quem a lê ou visualiza há vozes entrecruzadas, há gestos e cenários perceptíveis ou da memória.

Zumthor (1993), seguindo as lições de Hymes, estabelece três características para a *Performance*: emergência, reiterabilidade e reconhecimento. A emergência liga a *performance* à cultura, é situacional; a reiterabilidade presente na *performance* faz com que ela possa ser relacionada com outros atos de *performances* de características semelhantes; o reconhecimento relaciona-se com a identificação de um material tradicional que, identificados, atualiza-se. Dessa forma, a vocalidade, presente nos textos, traz as vozes do passado que são analisadas sob o enfoque de nossa experiência contemporânea: lendas, mitos, folclore e fatos históricos misturados e confundidos em um novo elemento de *performance*, no caso a comida através das receitas culinárias. “...nossa própria historicidade – como reveladores: projeção do passado no espaço moderno” (ZUMTHOR, 1993, p. 44), é fácil perceber essa vocalidade nas receitas culinárias sejam manuscritas ou midiáticas, essa vocalidade se caracteriza pela mutabilidade, variação. Observando às modalidades de transmissão e alteração das receitas culinárias; ver a outra face desses “textos-espelhos” de uma época, além das evidências do presente cronológico e da racionalidade dos métodos científicos. O conhecimento da voz pertence ao ouvido.

Essa escuta comporta seus índices de oralidade - tudo que no interior de um texto informa sobre a intervenção da voz humana em sua publicação, isto é, mutação pela qual o

texto passou, uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de certo número de indivíduos (ZUMTHOR, 1993, p. 35). As repetições do texto caracterizam a vocalidade. Veem-se as repetições do texto, mas ouve-se a voz de uma memória. Assim acontece com as receitas, manuscritas e midiáticas nos blogs, demonstrando que a receita é uma voz, pois esta é produzida em meio a uma dinâmica de oralidade mista, isto é, voz e letra convivem em diferentes graus de interação. Na perspectiva de Zumthor (1993) que analisava as literaturas medievais, observa-se que as receitas culinárias dos blogs, assim como na literatura, baseiam-se em “técnicas do encaixe, da combinação, da colagem” (ZUMTHOR, 1993, p. 23), não demonstrando preocupação em demarcar autoria individual nem em singularizar uma criação. Rupturas de estilo e de tom, heterogeneidades sintáticas experimentação verbal são ainda características dos textos escritos que são influenciados por formas de oralidade. Qualquer que seja o conteúdo e a função, de uma receita ou postagem no blog remete-se à modalidade “vocal-auditiva” de sua comunicação. O léxico é movediço e o traço comum é a denotação de uma oralidade (ZUMTHOR, 1993). A busca dos índices de oralidade constrói o simulacro de um objeto (ZUMTHOR, 1993). O simulacro é compreendido como uma tradição oral.

As receitas culinárias lidas e/ou ouvidas apontam as dimensões de um universo vocal, o espaço próprio desses textos em sua existência real confiadas à memória dos intérpretes. Os textos se enriquecem com a força vital que emana da multiplicidade e da diversidade de todos que assumem essas vozes. Assim como demonstram as receitas a seguir.

Figura 03 – receita de bacalhau à portuguesa

10  
nov 11

## Fizemos e Aprovamos: Bacalhau à Portuguesa

Curtir 0

Tweetar

Partilhar

Já tivemos 4 entrevistados no Blog, pra rever clique aqui: [Zé e Nayara](#), [Ronei Ferraz](#), [Chef Zé Luís](#), [Maurizio Campagna](#) e [Messiane Floro](#). É #Fato, todos adoram **BACALHAU**... isso escrito em letra maiúscula, em resumo, gritado!!!

Eu amo **Bacalhau** e estamos preparando uma lista com as dicas primordiais pra fazer um bacalhau de comer rezando viu? Enquanto isso se joga nessa receita de Bacalhau à Portuguesa que fizemos em casa com os amigos Zé e Nayara.



Fonte: <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 09/03/2016)

## Figura 04 – receita de bacalhau à portuguesa

### Ingredientes:

1. 1kg de bacalhau em postas
2. 500ml de azeite extra-virgem
3. 01 couve-flor pequena
4. 03 mandioquinha
5. 06 batatas
6. 04 ovos
7. 01 pimentão vermelho
8. 03 cebolas grandes
9. muita azeitona preta

### Modo de Preparo:

1. Deixe o bacalhau de molho numa vasilha (de preferência tampada) dentro da geladeira por 24h e troque a água 3X
- \*Dica do Marido: é essencial pra retirar o sal em excesso do bacalhau que o mesmo fique por 24h de molho na água!
2. Numa panela grande coloque 5L de água
3. Coloque o bacalhau desalgado e quando começar a ferver retire o bacalhau rapidamente e reserve-o
4. Deixa a penela no fogo com a água fervendo e coloque na ordem: couve-flor, mandioquinha, ovos
8. E deixe cozinhar, respeite o tempo de cozimento de cada ingrediente, retire-os quando estiverem "ao dente" e reserva a água
9. Retire a pele e as espinhas do bacalhau
10. Corte todos os ingredientes cozidos em tamanho uniforme, em cubos grandes, de uma forma que fique 1/3 do tamanho das postas
11. Corte os ovos em fatias
12. Corte as cebolas em rodela
13. Corte o pimentão em fatias da grossura do dedinho
14. Coloque num refratário o bacalhau
15. Os legumes cortados
16. As cebolas
17. As azeitonas
18. Os ovos
19. O azeite
20. Com a água do cozimento faça o arroz #Ficadivino

Grau de dificuldade: médio

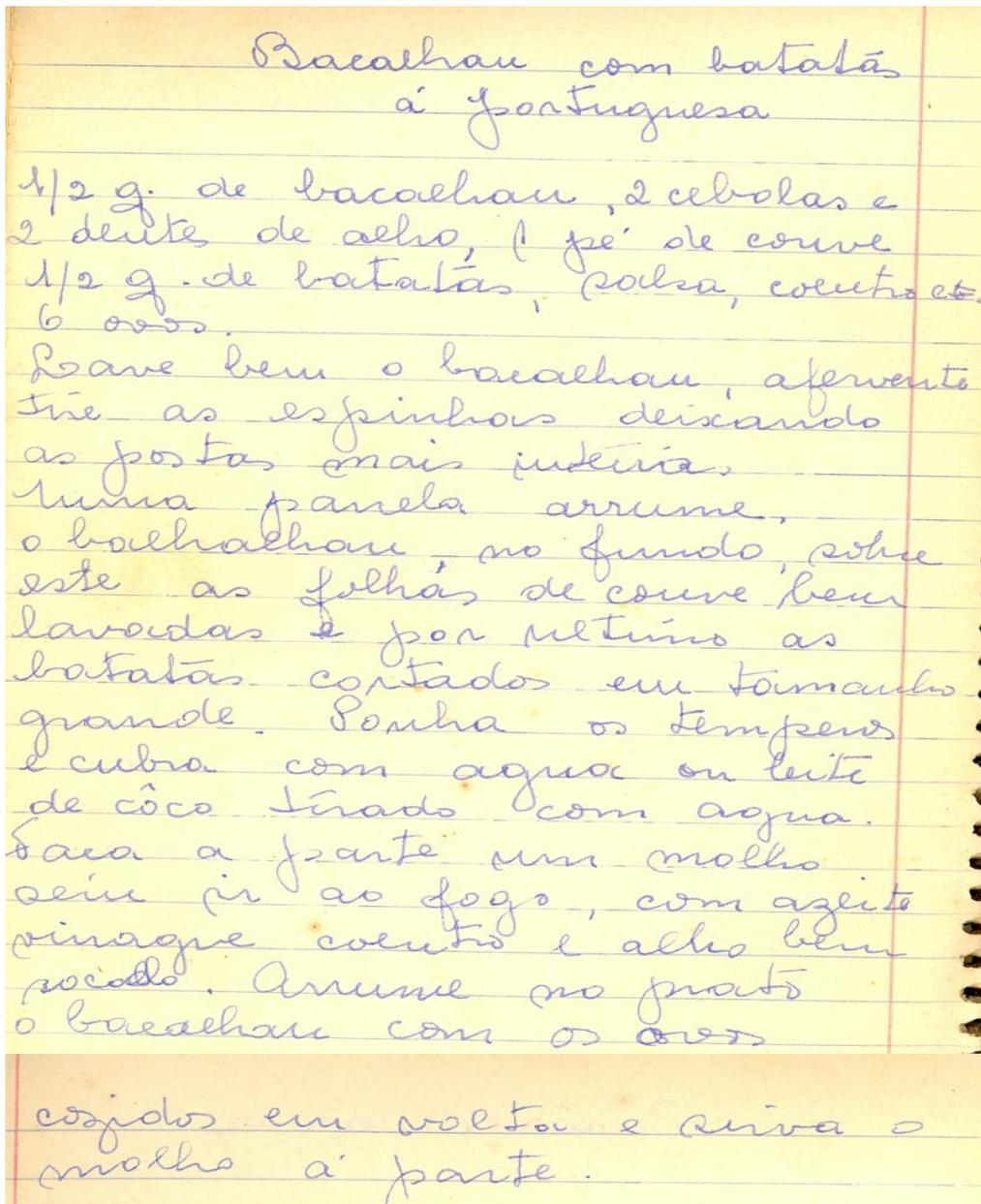
Tempo de preparo: quase 3h

Servir com: Arroz branco

Serve 4 pessoas

Um dos segredinhos do **Bacalhau** é usar o azeite com expressividade, nada de economizar, só que também não é pra encharcar ok? 😊

**Figura 05** – receita de bacalhau com batatas à portuguesa



Fonte: MELLO, (2007-2009)

A perspectiva histórica de uma receita que, manuscrita aparece diversas vezes nos cadernos de receita e ressurgem nos blogs, seja no caderno ou no blog, cada qual com suas características específicas que se contextualizam com sua época de produção, cuja vocalidade interliga o autor ao leitor subjacente de suas perspectivas individuais para a escolha de tal receita: “É #Fato, todos adoram **BACALHAU**... isso escrito em letra maiúscula, em resumo, gritado!!!” (Figura 03). Dessa forma, a relação da dupla oralidade-escritura e sua enunciação nas receitas aponta que “todo texto comporta seus próprios índices de oralidade – intervenção

da voz humana em sua publicação – quer dizer, a mutação pela qual o texto passou, uma ou mais vezes, de um estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de certo número de indivíduos” (ZUMTHOR, 1993, p. 36).

Essa autoridade do texto escrito estabelece, entre os autores, a necessidade de afiançarem-se em escrituras quase sempre inventadas que respaldarão seus discursos. Para Zumthor (1993), a necessidade de respaldarem-se no escrito, como vínculo de autoridade, revela uma mentalidade que, logo, levará à criação de materiais escritos, daquilo que, até então, era apenas representado pela voz. O que se comprova com as receitas culinárias que estão tanto nos manuscritos quanto nos blogs.

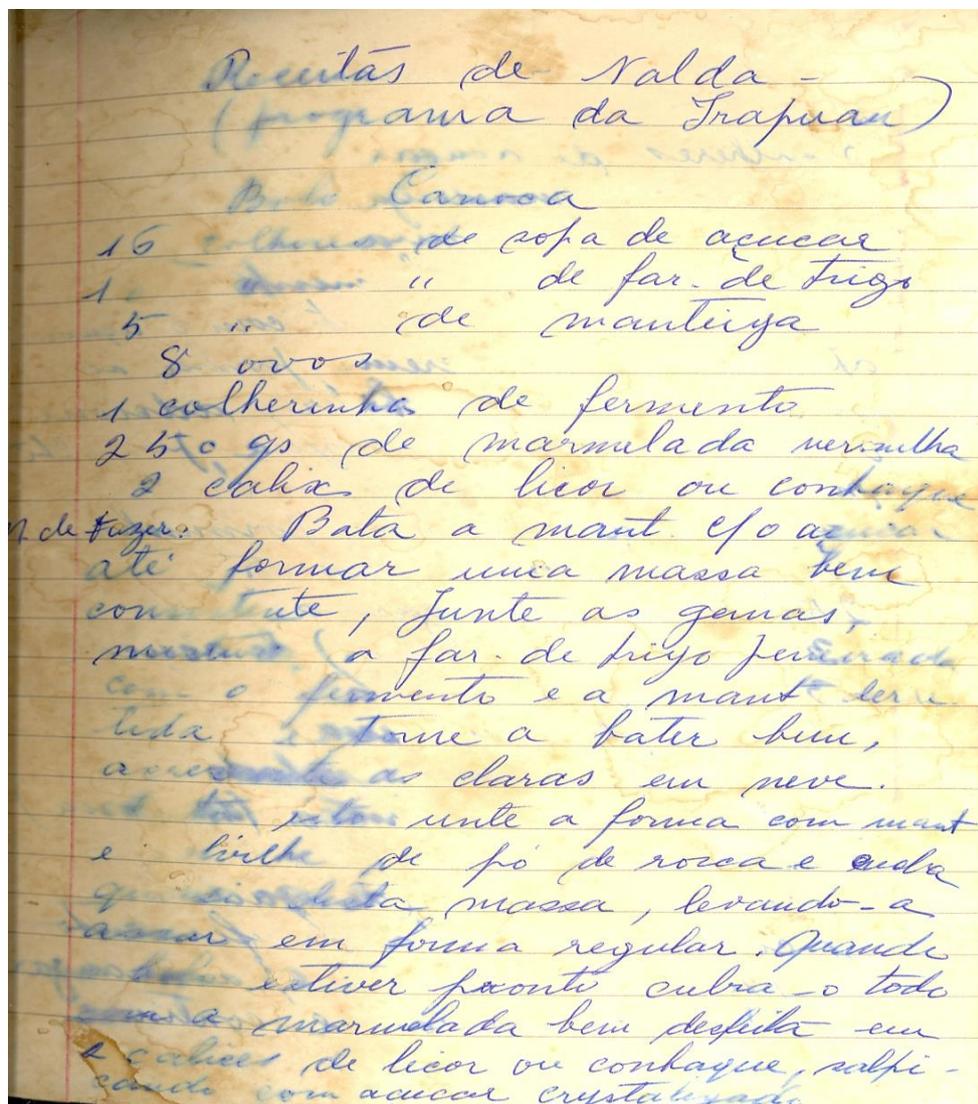
Dessa forma, a movência da tradição oral se caracterizaria por um movimento amplo: de um lugar e de um tempo para outros, do oral para a escritura e, também, da escritura para o oral; assume o papel de eixo estabilizador da sociedade por sua presença e reconhecimento, “está integrada nas conversações comuns, para elas, referência permanente e segura” (ZUMTHOR, 1993, p.167). A voz poética se faz presente na interpretação. Essa movência para Zumthor (1993) será estudada, mais à frente, como a Tradição Discursiva do texto, no caso, das receitas culinárias.

Assim, deve-se dar uma extrema importância à memória, que nesse caso terá uma dupla função: coletivamente é a fonte da sabedoria, individualmente é a aptidão para servir-se dessa fonte e depositar nela, a própria contribuição, diz Zumthor (1993) em seu livro *A Letra e a Voz*. Essa definição da memória responde ao esquema clássico definido por Cícero, o senador romano, que atrelava a memória à virtude platônica da prudência, palavra, em grego, de mesma raiz etimológica que sabedoria. Também Santo Agostinho, influenciado pelo neoplatonismo, admitirá uma relação dupla da memória: memória e reminiscência. Ao longo da Idade Média será utilizada a terminologia “memória natural” para definir a fonte da sabedoria e “memória artificial” em relação à capacidade que cada um tem de acessar essa fonte e, através de seus atos, incorporar nela sua contribuição – a arte da memória. Diz Zumthor (1993, p. 168):

Aqui a temos como palavra viva, da qual emana a coerência de uma escritura, a coerência de uma inscrição do homem e de sua história pessoal e coletiva, dentro da realidade do destino. Este interesse pela memória (no sentido de recordação) depende da enorme função desempenhada nesta cultura pelas transmissões orais – sustentadas pela voz, da que é assento eminente a poesia.

Memória, na tradição oral, em estado de pura oralidade ou vertida para o texto escrito, é palavra viva, no dizer de Zumthor (1993). É o elemento de coerência da escritura dada pela própria coerência do homem alicerçada na voz poética. A escritura, grau de *performance* quase zero, pelo olho inscreve a voz poética, a traduz para o ouvido e a liberta através da *performance* do corpo e, depois, a devolve transformada, outra vez, para a tradição. Essa voz não tem autoria individual, pois se configura como coletiva. Embora, na perspectiva da semiótica e da multimodalidade isso pode se modificar. É evidente nos manuscritos e nos blogs, a construção coletiva das receitas em que diversas vozes fazem parte da construção, quando uma receita é copiada no caderno a partir de um programa de rádio ou televisão, ou no caso dos blogs quando são copiadas de outros suportes ou dos próprios leitores. Como demonstram as figuras abaixo.

**Figura 06** – receitas de Nalda – bolo carioca



Fonte: MELLO, (2007-2009)

**Figura 07** – fizemos e aprovamos: bacalhau à portuguesa



**Fonte:** <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso EM 09/03/2016)

As receitas culinárias são vozes sobrepostas, aglutinadas através do tempo e do espaço, “Receitas da Nalda (Programa da Irapuan<sup>6</sup>) – Bolo Carioca” (Figura 06) e “Já tivemos 4 entrevistados no Blog, pra rever clique aqui: Zé e Nayara, Ronei Ferraz, Chef Zé Luís, Maurizio Campagna e Messiane Floro. É #Fato, todos adoram **BACALHAU...** Enquanto isso se joga nessa receita de Bacalhau à Portuguesa que fizemos em casa com os amigos Zé e Nayara.” (Figura 07). Os autores, tanto do manuscrito quanto do blog, acima mencionados são vozes coletivas e a vocalidade presente nas receitas descritas surge através do receptor, pela *performance*, em seus fatores constituintes: emergência, reconhecimento e reiterabilidade.

Atualmente a oralidade experimenta novas configurações e possui recursos tecnológicos que asseguram sua circulação. Na década de 1980 e 1990, quando escreveu os textos aqui discutidos, Paul Zumthor (1993) já percebia que a oralidade mediatizada foi destituída de seus traços definidores, passando a figurar como um produto da cultura de massa. Concebida por uma tradição erudita escrita e elitista, essa nova oralidade conta com a indústria e o comércio para sua realização e produção, o que limita a espontaneidade da voz e

<sup>6</sup> *Programa da Irapuan*, figura 05, refere-se a um programa da TV Arapuan, relatado pela autora do manuscrito culinário durante a pesquisa de iniciação científica *Manuscritos Culinários: Percurso da Memória Urbana através dos Cadernos de Receitas*; e *Vozes e escrituras da cozinha: rastros da memória do estado da Paraíba a partir da intervocalidade dos cadernos de receitas*.

origina novos tipos de vínculos coletivos, geradores de “socialidade de síntese, agindo sobre elementos separados e fragmentados dos grupos estruturados tradicionais” (ZUMTHOR, 1997, p. 29). Uma das maiores qualidades da oralidade, sua capacidade de tornar todos os envolvidos em sujeitos do ato de comunicação, desaparece porque é colocada no ar uma voz que não permite resposta, voz que se despersonaliza e perde a vocação comunitária.

A mobilidade espacial e temporal da mensagem aumenta a distância entre sua produção e seu consumo. A presença física do locutor se apaga; permanece o eco fixo da sua voz e, na televisão e no cinema, uma fotografia. O ouvinte, ao escutar a emissão, está inteiramente presente, mas, no momento da gravação, ele era apenas uma figura abstrata e estatística. (...) Quanto à mensagem, na condição de objeto, ela se fabrica, se expande, se vende, se compra, idêntica em toda parte. Entretanto, não é um objeto que tocamos, pois os dedos do comprador só seguram o instrumento transmissor: disco, fita. Restam apenas os sentidos envolvidos na percepção à distância – a audição – e, quanto ao cinema e à televisão, a visão. Produz-se, assim, uma defasagem, um deslocamento do ato comunicativo oral. (ZUMTHOR, 1997, p. 29-30)

Há algumas atualizações a fazer na passagem acima, concebida há mais de duas décadas. Nada, entretanto, que altere a essência das constatações de Zumthor. A oralidade que se produz a partir dos vários equipamentos disponíveis atualmente, entre eles os computadores conectados à internet que dão suporte aos blogs, separa quem fala daquele que ouve, eliminando, então, a situação de *performance*, quando todo corpo comunica junto com a voz. Outra característica da voz propagada via tecnologia é que os envolvidos no ato de comunicação deixam de ser sujeitos desse ato, alterando significativamente, portanto, a natureza dessa modalidade de expressão natural à condição humana, as receitas contidas nos blogs, sejam escritas, midiaticizadas por áudio ou por vídeo, podem ser editadas e modificadas, portanto perdem essa característica da expressão natural. É bom lembrar que, assim como a oralidade não desapareceu com o fortalecimento e predomínio das culturas manuscrita e impressa, certos traços que lhe definem também podem sobreviver às modificações impostas pelo mundo virtual. Então, embora o universo de oralidades primárias esteja muito distante no tempo, ainda temos na voz o meio mais espontâneo e natural de expressão, presentes nos blogs de receitas culinárias.

Assim, ao passarmos da análise da oralidade para a escrita manuscrita e para a virtual, pensando pelo viés da história da escrita, e observando a própria escrita das receitas, essas revelam-se estruturas lexicais e formas de escrita que aparecem desde os primeiros textos alfabéticos, nos quais não havia espaço entre as palavras. E a partir daí, foram construídos

gradativamente os recursos editoriais para a leitura e a escritura desses textos: espaços em branco, pontuação, parágrafos, divisão em partes ou capítulos, índices, sumários, notas de rodapé, referências. Percebe-se que esse mesmo processo está acontecendo com as palavras veiculadas pela internet.

O homem criou os sistemas da escrita (a pictórica, a ideográfica e a alfabética)<sup>7</sup>, os escritores de romances inventaram recursos de escritura para criar uma estética discursiva. Os produtores de histórias em quadrinhos buscaram outros recursos gráficos para representar a mensagem. Assim também, as donas dos manuscritos culinários, possuíam tanto uma escrita própria e também coletiva, somam-se os autores dos blogs de receitas culinárias que revolucionam a escrita no ciberespaço com textos adequados a cada situação tanto no sistema quanto no processo discursivo. Este último é o estilo on-line influenciando a escrita off-line. Como em “*de far. de trigo*” “*Bata a mant. c/o açúcar*” (Figura 05), essa escrita abreviada ou dialogada, tão recorrente nas receitas dos blogs (figura 06) – pela velocidade de escrita que a escrita midiática exige, também aparecem nos manuscritos culinários, principalmente em receitas ditadas e copiadas de programas de rádio ou televisão como demonstrado na figura 05.

Lévy (2000) define que o termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Define cibercultura como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Nas sociedades que precedem a escrita, o conhecimento prático, religioso, mítico e ritual era transmitido oralmente de geração para geração, na interação face a face, num

---

<sup>7</sup> Segundos Cherry (1971), **A Escrita Pictográfica** - O homem primitivo serviu-se de diversos meios de comunicação, no entanto, nenhum deles tinha a finalidade de representar a língua oral. Eram totalmente independentes da fala. Consiste em transmitir uma ideia, um conceito ou um objeto através de um desenho (símbolo) figurativo e estilizado. A escrita pictográfica foi a base da escrita cuneiforme e dos hieróglifos, origem de todas as formas de escrita e, apesar dos "milênios", a pictografia continua a ser utilizada, principalmente na sinalização do trânsito e de locais públicos, na infografia e em várias representações do design gráfico; pois são autoexplicativas e universais. **A Escrita Ideográfica**, provavelmente, evoluiu a partir de formas da escrita pictográfica (hieróglifos). Consiste num sistema de escrita que se manifesta através de "*ideogramas*": símbolo gráfico ou desenho (signos pictóricos) formando caracteres separados e representando objetos, ideias ou palavras completas, associados aos sons com que tais objetos ou ideias são nomeados no respectivo idioma. **Escrita Alfabética e Fonética** é o nosso sistema de escrita. Consiste na representação dos sons de determinada língua pelas letras do seu alfabeto, mas nem sempre correspondendo exatamente ao som da língua. **Escrita Alfabética Fonológica** é o sistema de escrita alfabética ideal, em que a cada fonema (som) corresponderia uma letra. O foneticismo aproxima, portanto, a escrita de sua função natural que é a de representar a língua falada, oral, verdadeira natureza da linguagem.

mesmo tempo e espaço. A primeira grande revolução da humanidade se deu com o advento da escrita. Vieram depois a imprensa, a máquina de escrever, o telefone, o rádio, a televisão, a internet. Vale ressaltar que, segundo Bagno (2000), a escrita é apenas uma tentativa de representação porque não existe, em nenhuma língua do mundo, alguma ortografia que consiga reproduzir a fala com fidelidade.

De acordo com Lévy (2000), nas sociedades orais, as mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores partilhavam uma situação idêntica e, em geral, um universo análogo de significado. Os atores da comunicação estavam embebidos na mesma semântica, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação. Assim, o suporte teórico das mensagens eram as pessoas. Muitos afirmavam que, quando um velho morria, fechava-se uma biblioteca. O mundo dos blogs de receitas, muitas vezes parecem se preocupar com essa oralidade, que de certa forma, se perde com a escrita. Por isso, a partir daí, que a grande maioria das receitas contidas nos blogs pesquisados aparecem acompanhadas de um vídeo, mas ao mesmo tempo é um vídeo gravado no qual não há uma interação dialógica com quem o assiste. O tempo aí passa ser o não real.

Chartier (1999) destaca a figura do autor oral como uma figura de longa duração:

Nos últimos séculos da Idade Média, quando se esboça a personalidade do autor moderno, cujo texto é, sob sua autoridade, fixado pela cópia manuscrita e depois pela edição impressa, o 'autor oral' está sempre ali. É o caso do pregador Calvino. Para ele, há um conjunto de textos que, imediatamente, supõe como destinatário um leitor: as traduções dos textos sagrados, os textos de polêmica, os tratados teológicos. Em oposição, há as lições ou sermões que são pensados como *performances* orais. Calvino sempre manifestou uma extrema reticência diante da transcrição escrita e depois da publicação impressa de seus sermões, como se houvesse aí um gênero que só resistisse na e pela oralidade, a palavra viva. (CHARTIER, 1999, p. 26)

Quando analisa-se uma receita, que aparece no manuscrito, depois no impresso, e por último no blog, observam-se os vários autores que, por hora, estão presentes nessas receitas, principalmente após a propagação do texto eletrônico. Em qualquer que seja o suporte: e-mail, sites, blogs ou redes sociais, houve uma mudança na concepção de leitor e autor, como se se tratasse de autoria coletiva ou co-autoria. Chartier afirma:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo

a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

A variedade de possibilidades, entre textos e *links*, que a internet oferece, ou seja, os novos gêneros hiper(textuais) podem ser lidos ou construídos com os inúmeros recursos dos programas de computador. Páginas pessoais (home-pages), sites, salas de bate-papo (chats), salas de discussão (fóruns), correios eletrônicos (e-mails), blogs, etc. são os novos gêneros (hiper)textuais à disposição dos usuários. Na produção dessa diversidade e heterogeneidade (hiper)textual, está se criando uma nova linguagem ou o chamado estilo on-line, que vem provocando mudanças no código alfabético e na escrita oficial do português: invenção ou criação de novos códigos, novo vocabulário, nova sintaxe.

As receitas culinárias apresentadas nos blogs são interessantes na medida em que o leitor/navegador organiza ou até mesmo constrói parcialmente a objetividade do texto. Para Chartier (1999), refletir sobre as revoluções do livro, por exemplo, e mais amplamente, sobre os usos da escrita, é examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, o que é perceptível ao se comparar uma receita do manuscrito a uma receita do blog. Ele assegura: “Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras, universalidade e interatividade.” (CHARTIER, 1999, p. 134)

Por séculos, mesmo sob forte influência da oralidade, sempre se teve contato com os textos escritos. Hoje, no entanto, nas mais diferentes culturas, a nova tecnologia da escrita estaria ainda mais revestida de fortes poderes mágicos, assim como a fala. No contexto das grandes transformações, não se pode pensar em desenvolvimento linguístico sem pensar no avanço tecnológico.

O avanço da tecnologia criou novas formas de apresentar uma receita culinária, assim como formas de lê-la e interagir com ela. A possibilidade de não só tomar para si uma receita ou testá-la, como era possível ao ler uma receita manuscrita, agora no blog, tem-se a possibilidade de assistir a alguém fazendo a receita, ou ler comentários a respeito da mesma. Como observado na figura a seguir.

**Figura 08** – receita canjica de leite ninho

**3** Jun 16 **Canjica de leite ninho**

Nós por aqui amamos comidas de Festa Junina e claro, gravamos uma Receita deliciosa com a TV RECORD: Canjica de Leite Ninho.



**Canjica de leite ninho**

Ingredientes:

1. Pacote de canjica (500g)
2. 4 litros de água
3. 1 caixinha de leite condensado
4. 1 xícara de chá de açúcar
5. 1 pacotinho de coco ralado (100g) sem açúcar
6. 15 colheres de sopa de leite ninho
7. 2 pau de canela

Modo de preparo:

1. Coloque a canjica de molho por 12 horas, após esse período enxágue bem e coloque na pressão com 4 litros de água, o açúcar e a canela, tampe e deixe cozinhar por 20 min depois que começar a pressão
2. Após os 20 minutos destampe a panela e coloque o restante dos ingredientes e deixe ferver em fogo brando até engrossar
3. Retire e está pronta pra servir

Grau de dificuldade: Fácil

Tempo de preparo: Após as 12h de molho 50min

Bon Appetit

Tags: canjica, Cuiabá, festa julina, festa junina, leite ninho, marido na cozinha, receitas, talentino.neto

*Ana disse: 11 de junho de 2016 às 10:14*

Já anotei a receita vou preparar depois conto como ficou! 😊

Responder

Fonte: <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso dia 09/03/2017)

Expressividade, oralidade, espontaneidade, abreviação de palavras, uso excessivo de sinais de pontuação, interatividade caracterizam as receitas culinárias descritas nos blogs, “Ana disse: 11 de junho de 2016 às 10:14 / Já anotei a receita vou preparar depois conto como ficou! 😊” (figura 07). A interação das receitas culinárias contidas nos blogs, ultrapassa o mundo feminino, ou da cozinha, ou da família como eram os manuscritos, pois, possibilita o contato com pessoas de diversas partes do mundo, de diferentes gêneros, idades, classes sociais, entre outros. Dessa forma, percebe-se a importância de pesquisar essas mudanças e recorrências entre as receitas manuscritas e midiáticas.

## 1.2 A TRADIÇÃO DISCURSIVA DAS RECEITAS CULINÁRIAS

O linguista romeno Coseriu (1979) foi um dos primeiros que, além de enxergar a língua como sendo viva e evolutiva e em constante mutação, propôs que a mesma seja vista como um sistema em movimento, em permanente sistematização: “a mudança na língua não é alteração ou deterioração [...], mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura a sua

continuidade e o seu funcionamento.” A língua se faz mediante mudança e “morre” como tal quando deixa de mudar (COSERIU, 1979, p.237). O autor afirma ainda que, embora um “estado de língua” se torne praticamente idêntico a um estado anterior, não implica uma permanência desse estado, mas que ele se reconstitui / recria com suficiente fidelidade pelo falar (COSERIU, 1979).

Ao analisar as receitas culinárias dos blogs comparadas aos manuscritos percebe-se que há uma reconstrução temporal tanto do gênero, quanto das relações contextuais de quem a produz, com que finalidade e para quem. Não há um apagamento do gênero receita no manuscrito para uma recriação no blog e sim uma reconstrução, uma recriação do gênero no suporte midiático, uma vez que a comida se “reinventa” cada vez que há mudanças sociais, culturais, entre outras. Os universos de discurso das receitas, manuscritas ou midiáticas, são “mundos” culturalmente adquiridos e construídos um sobre o outro, que se podem definir segundo a relação entre falante, signo e mundo. Manifestam-se em discursos; discursos cotidianos, ficcionais, religiosos ou científicos; e estes discursos correspondem, respectivamente, a tradições. Os universos de discurso são os contornos mais gerais nos quais se situam os discursos ou textos, são como uma moldura na qual as outras tradições estão localizadas. As receitas dos blogs refletem relação de influência mútua das receitas dos manuscritos. Ambas dialogam entre si.

Dessa forma, no que concerne à mudança linguística, Coseriu (1979, p.63) enfatiza que: “A língua muda justamente porque não está feita, mas faz-se continuamente pela atividade linguística”. O objeto da Linguística, enquanto “ciência da linguagem” se apresenta como uma atividade humana específica e facilmente reconhecível. Para Coseriu (1979), a língua só funciona e só se realiza concretamente no falar, ou seja, o que existe são os atos linguísticos, o discurso: “A língua não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua” (1979, p.33).

A linguagem no que concerne o falar se realiza em quaisquer ocasiões “segundo uma técnica determinada e condicionada historicamente, ou seja, de acordo com uma língua.” (COSERIU,1979). Para Coseriu (1979), as línguas são técnicas históricas da linguagem<sup>8</sup> e, na medida em que se acham estabelecidas como tradições firmes e peculiares, reconhecidas pelos

---

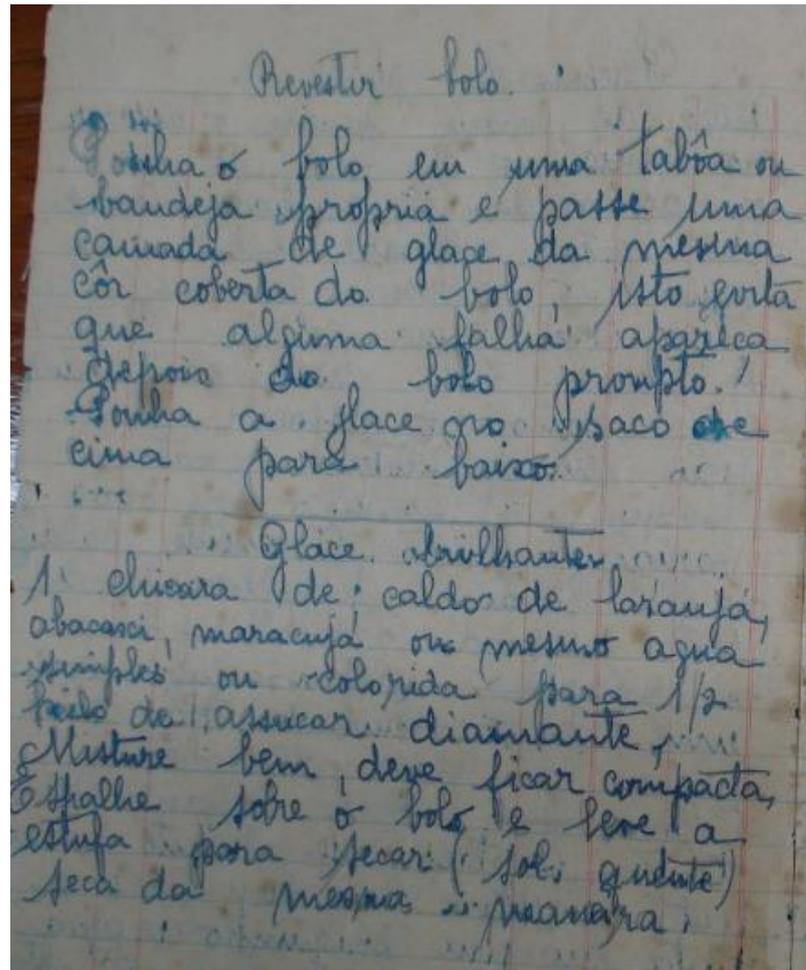
<sup>8</sup> Partindo da relação entre os diferentes planos e pontos de vista, Coseriu (1979) enfatiza a distinção entre *langue* e *parole*, assinalando que muitas vezes há uma certa confusão quanto aos critérios que as distinguem. A *langue* corresponde ao plano histórico da língua; a *parole*, por sua vez, ao ponto de vista da atividade. Desta forma, a *parole*, o falar, envolve todos os planos, seja como falar em geral, seja como língua concreta, falar historicamente determinado, seja como texto, falar individual. Em todos os casos, vê-se o falar do ponto de vista da atividade.

seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, costumam ser designadas por meio de adjetivos “próprios” que as identificam historicamente (língua inglesa, língua francesa). Neste sentido, o falante se revela como pertencente a uma determinada comunidade histórica, ou mesmo como alguém que assume a tradição idiomática de uma comunidade, ainda que temporariamente. O autor expõe: A língua é um saber falar, como se fala numa determinada comunidade e segundo uma determinada comunidade e segundo uma tradição (COSERIU, 1979, p.52)

Assim, o saber linguístico é um saber fazer, isto é, é fazer técnico que o falante adquire de outros falantes. É a partir desse saber que o falante cria a sua expressão e cria seus próprios modelos. Revendo alguns conceitos de mudança (ou variação) linguística, Coseriu afirma que “a língua não pode ser isolada dos” fatores externos “– isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes” (COSERIU, 1979, p.58)

Para Coseriu, a língua deve ser entendida, primeiramente, como “função”, depois como “sistema”, uma vez que, se ela funciona, não é por ser um sistema; pelo contrário, constitui-se um sistema a partir do momento em que cumpre uma função e essa função liga-se a fatores históricos que, certamente, imprimem marcas na organização da própria língua. A mudança linguística está ao alcance de qualquer falante, pois pertence à experiência corrente sobre a linguagem e é sempre um problema histórico, que depende do conhecimento das condições (sistemáticas e extra-sistemáticas) da língua em análise e de se considerar a sua realidade dinâmica. As receitas culinárias seguem o fluxo dinâmico dessa mudança linguística, a análise de receitas manuscritas demonstra essa representatividade temporal da língua, quando comparamos, por exemplo com a discursividade das receitas presentes nos blogs. Como demonstram as figuras a seguir:

**Figura 09** – revestir bolo



Fonte: MELLO, (2007-2009)

**Figura 10** – receita de torta salgada de liquidificador com recheio de frango

The image shows a screenshot of a website page. At the top left is the logo for 'cozinha travessa', featuring a red cherry with a green stem and leaf. Below the logo are navigation links: 'Blog', 'Sobre a autora', 'Anuncie', and 'Contato'. The main content area features a photograph of a woman in a red chef's hat and white apron standing in a modern kitchen. To her right is a search bar with the text 'O que você procura?'. Below the photo is the title of the recipe: 'Receita de torta salgada de liquidificador com recheio de frango'. At the bottom left, it says 'Publicado por Dani Oliveira - quinta-feira, 01 fevereiro 2018'. On the right side, there is a 'Newsletter' section with the text 'Receba novidades por e-m' and an input field labeled 'Digite seu e-mail'.

Fonte: <http://cozinhatravessa.com.br> (Acesso em 09/10/2016)

**Figura 11** – receita de torta salgada de liquidificador com recheio de frango

Uma das receitas mais acessadas do blog é essa gente – TORTA SALGADA DE LIQUIDIFICADOR. É uma receita coringa pra ter a toda hora, porque ela quebra um galho danado. Você pode fazer o recheio com o que tem geladeira ou fazer só de legumes, de cogumelos, enfim, dá pra usar bem a criatividade. Eu gosto bastante de fazer com recheio de frango e bem molhadinho, acho que combina muito com a massa. Ela é bem fácil de fazer, porque é só misturar tudo no liquidificador e colocar pra assar na marinex.

E por falar em marinex e liquidificador, o eFácil separou, especialmente para vocês, várias ofertas, tanto de jogos de marinex, quanto de liquidificadores. É só clicar em cima dos nomes: [OFERTAS EFÁCIL DE MARINEX](#) e [OFERTAS EFÁCIL DE LIQUIDIFICADORES](#).



## Rendimento

1 torta redonda de aproximadamente 25 cm

## Ingredientes para receita torta salgada de liquidificador com recheio de frango

- 10 colheres de sopa de farinha de trigo
- 2 ovos
- 200 ml de leite
- 2 colheres de sopa de manteiga de leite sem sal
- 1 xícara de chá de queijo ralado
- 1 colher de óleo de canola (ou o que você costuma usar)
- 1 colher de café de sal
- 1 pitada de açúcar
- 1 cebola média
- 1 colher de café de fermento em pó

## Preparo

Bata todos os ingredientes no liquidificador, mas deixe o fermento em pó por último. Unte um marinex com manteiga e despeje metade da massa, espalhe o recheio generosamente e coloque muçarela picadinha, depois espelhe o restante da massa para tampar o recheio. Espalhe um fio de azeite e salpique orégano à gosto. Leve ao forno preaquecido e asse em torno de 40-50 minutos, dependendo da potência do seu forno. Deixe esfriar e sirva.

## RECHEIO

### Ingredientes para o recheio

- 1 lata de tomate pelado
- 1 punhado generoso de ervilhas frescas congeladas
- 1 lata de milho verde
- 1 vidro pequeno de palmito
- 2 xícaras de chá generosas de frango desfiado
- cebola e azeite
- fatias de muçarela

## Preparo

Refogue a cebola no azeite e adicione o frango desfiado com a lata de tomate pelado. Misture e jogue as ervilhas, o milho e palmito picadinho. Deixe cozinhar por uns 5 minutos, acerte o sal e pronto.

Fonte: <http://cozinhatraversa.com.br> (Acesso em 09/10/2016)

Dessa forma, as figuras 09, 10 e 11 demonstram que a explicação da mudança linguística é histórica, generalizada e a linguagem, o primeiro fundamento de manifestação da intersubjetividade do ser com o outro. Faraco (1991) reconhece que as línguas humanas mudam com o passar do tempo, ou seja, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo, como em “*assucar, tabôa, chicara*” (Figura 09) em contraponto a “*açúcar, xícara*” (Figura 10). O autor discute que as mudanças linguísticas não devem ser questionadas em o porquê que uma língua muda, justamente porque em um sentido geral porque nada é estático.

As várias semioses que compõem o texto escrito das receitas manuscritas e midiáticas, representadas nas figuras 09, 10 e 11, vai assim muito mais longe do que a descrição concreta de uma forma determinada de tradição textual. Trata-se de perceber toda a amplitude dos elementos tradicionais (manuscrito) nos textos atuais (midiáticos) e de ter em conta essa tradicionalidade em todas as questões de descrição linguística das receitas.

Outrossim, se pressupõe um conceito de causalidade como uma relação de determinação necessária de um fato qualquer – sendo uma realidade humana, social e cultural, a língua não está submetida ao universo da necessidade, e sim da possibilidade. Daí a percepção de que a possibilidade de uma receita estar presente em um blog, demonstra que o gênero receita tem a possibilidade de acompanhar os diversos suportes, desde os manuscritos, aos impressos e às mídias.

A mudança linguística acontece porque a língua é um sistema aberto, sempre em elaboração, e sua função é permitir comunicação entre seus usuários. Para tanto dois requisitos terão de ser cumpridos: continuidade e adequação às necessidades dos falantes. Portanto, na história das línguas fala-se em condições (possíveis) de mudança, sob a qual variação linguística é o resultado de uma série de processos. Entre os quais, distinguem-se, em primeiro lugar, a inovação por parte do falante (a criação de um modo linguístico no que corresponde à norma linguística — entendida tradição de falar e escrever de uma comunidade) e a adaptação da inovação por parte de outros falantes da mesma comunidade), uma vez que falar é decidir algo acerca de algo, acerca de signos. Signos que formam um sistema, uma língua. E a língua consiste em palavras para designar e regras para linearizar as palavras, e assim, um léxico e uma palavra. (KABATEK, 2004).

Kabatek (2004) pormenoriza a questão da variação linguística, da inovação que o falante tem a liberdade de produzir, obedecendo logicamente a um sistema, e logo esta inovação pronta, há também o período de adaptação da nova variante linguística. O autor enfatiza como exemplo de adaptação da nova Tradição Discursiva na época em que foram constituídas as

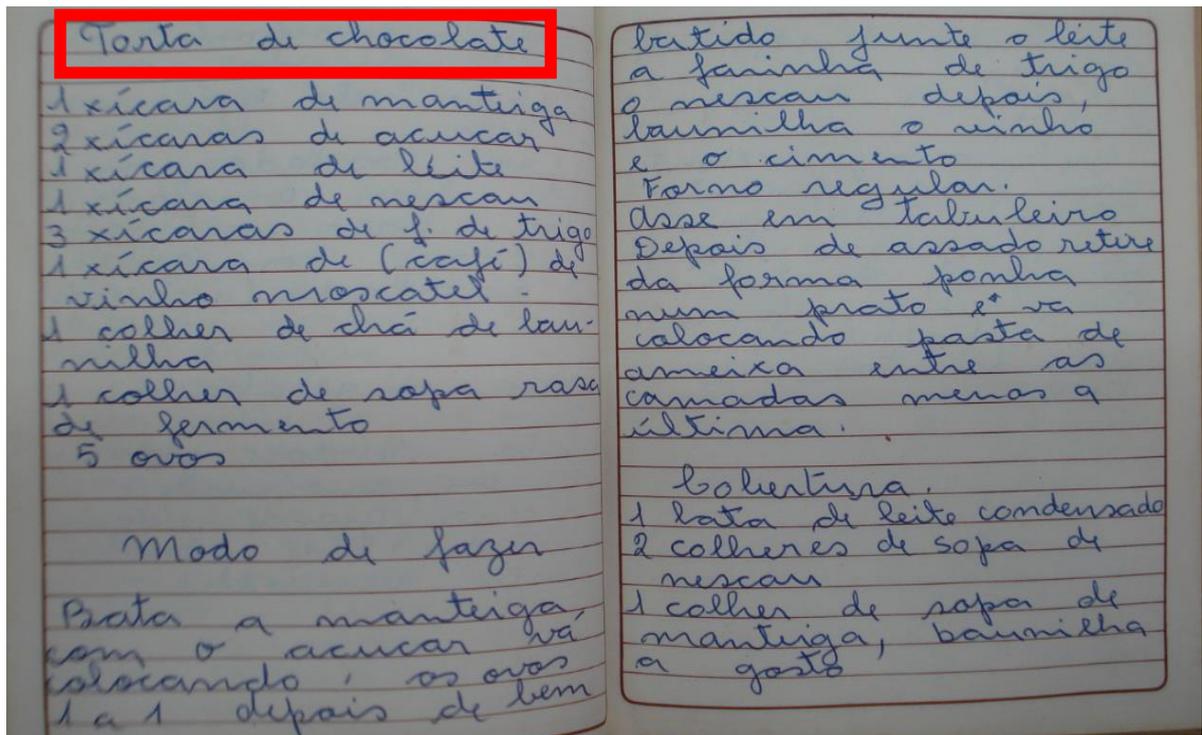
tradições jurídicas, e em particular, as tradições de textos que expressam normas legais, as quais variam em diferentes épocas e lugares, estas análises fornecerão subsídios para análise do corpus deste trabalho.

O conceito de tradições discursivas surgiu da linguística alemã, especialmente dentro da linguística românica, “Entendemos por tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto, significável)”. (KABATEK, 2006, p. 512). Fortemente influenciados pela tradição da escola de Eugênio Coseriu, fundamenta-se na distinção coseriana de três níveis de falar, aspectos da atividade linguística, cuja diferença é considerada imprescindível para qualquer questão do estudo da linguagem. Trata-se da distinção entre o nível universal de falar em geral, comum a todos os seres humanos, o segundo nível é o histórico, é o das línguas como sistemas significações historicamente dados, atualizados, e em terceiro nível os textos, os discursos concretos.

Outros autores estudaram a fundo os escritos de Coseriu (1979), e colaboraram em muito para estudos posteriores, como por exemplo o linguista Kabatek (2004), o qual, tem como objeto de estudo textos jurídicos escritos em Castilha nos séculos XII e XIII e analisa as continuidades e descontinuidades da evolução textual e de uma possível evolução linguística paralela. As tradições discursivas podem adaptar-se, em princípio, em qualquer variedade, bem como surgir nova tradição e ser aceita e adaptada pela comunidade.

É a partir daí que as receitas culinárias são analisadas sob a perspectiva da Tradição discursiva. Kabatek (2006) baseando-se em conceitos anteriormente propostos por Coseriu, (1979, p. 512), entende por tradições discursivas “a repetição de um texto ou de uma forma textual” ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio, a receita culinária, portanto, segue essa mesma estrutura textual – ingredientes e modo de preparo – da manuscrita à midiática. Como demonstram as figuras a seguir:

Figura 12 – receita de torta de chocolate



Fonte: (MELLO, 2007-2009)

Figura 13 – receita de bolo de chocolate

**BÓLO DE CHOCOLATE**

6 colheres (sopa) manteiga 1/2 xíc. cravão  
 1 xíc. açúcar 4 colh. (chá) Fermento  
 em Pó Royal  
 1 colh. (chá) essência 2 ovos 1 colh. (chá) de sal  
 1 1/2 xíc. farinha 3/4 xíc. leite  
 da trigo 4 colh. (sopa) de cacau em pó

Bata em creme a manteiga com o açúcar e o cacau. Acrescente os ovos e a essência. Peneire juntos os ingredientes secos e acrescente-os à primeira mistura, alternadamente com o leite. Bata bem. Fôrma untada. Deixe o bolo assar 50 minutos, desenforme e cubra com o seguinte

**GLACÊ DE CHOCOLATE**

Leve ao fogo, em banho-maria, o conteúdo de 1 pacote de Pudim Royal, sabor chocolate, e 1/4 xíc. de água. Deixe engrossar e acrescente leite condensado (1 lata). Espalhe o glacê frio.

**Todas irão pedir a sua receita**

... e ao ver o entusiasmo de suas amigas diante de um bolo tão gostoso, você poderá acrescentar o conselho supremo... O que torna o bolo assim leve, macio, uniforme e perfeito é o emprêgo do Fermento em Pó Royal, cientificamente criado para que as boas receitas sempre possam dar certo. Usar Fermento em Pó Royal é tirar o máximo partido de todos os ingredientes e conseguir um verdadeiro sucesso!

**FERMENTO EM PÓ Royal**  
 Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

**ROYAL**  
 FERMENTO EM PÓ QUÍMICO

**grátis!** - Para receber o tradicional "Livro de Receitas Royal" em nova edição, escreva para Maria Silveira, Chefe da Cozinha Royal, Depto. S-957, Caixa Postal 1179, Rio.

Fonte: MELLO, (2007-2009)

**Figura 14** – receita de bolo de chocolate simples e fofinho



Gente!! Este bolo de chocolate é uma delícia. É um bolo de chocolate simples, fofinho, leve e super fácil de fazer. O legal é que mesmo depois de 3 dias ele ainda estava bem fofinho e gostoso. Além de ficar com uma aparência bem bonita. Vale muito a pena fazer aí para a família ;). Eu fiz na batedeira mas dá para bater o bolo na mão também. Vejam só que beleza:

**Fonte:** <http://www.sabornoprato.com> (Acesso em 24/03/2016)

**Figura 15** – RECEITA DE BOLO DE CHOCOLATE SIMPLES E FOFINHO

Coloque a massa na assadeira e leve ao forno médio, preaquecido, por, aproximadamente, 45 minutos ou até estar assado (faça o teste do palito). Prontinho, retire do forno, espere esfriar um pouco e desenforme.

Se você quiser fazer a cobertura é só derreter o chocolate no microondas (40 segundos em potência máxima) e misturar, aos poucos, com o creme de leite. Espalhe sobre o bolo e está pronto.

**Neste vídeo você pode conferir o preparo desta receita.**



**Fonte:** <http://www.sabornoprato.com> (Acesso em 24/03/2016)

**Figura 16** – receita de bolo de chocolate à moda antiga com cobertura de brigadeiro



### Vai precisar de...

100g de manteiga  
 5 colheres de sopa de açúcar  
 5 colheres de sopa de achocolatado  
 1 colher de sobremesa de fermento  
 2 ovos  
 1 1/2 xícara de farinha de trigo  
 3/4 de xícara de leite  
 Manteiga e farinha de trigo para untar e polvilhar

### Para a cobertura de brigadeiro

1 lata de leite condensado  
 4 colheres de sopa de achocolatado  
 1 colher de sobremesa de manteiga

### Vamos começar!

- 1- Pré-aqueça o forno a 200°C e **unte com manteiga e polvilhe com farinha de trigo uma forma de bolo.**
- 2- Misture farinha de trigo, achocolatado e fermento e reserve.
- 3- Separe claras e gemas e já coloque as gemas na tigela da batedeira. Acrescente manteiga e açúcar às gemas e bata até ficar uma mistura esbranquiçada e uniforme. Deve durar cerca de 5 minutos.
- 4- Quando estiver pronto, despeje a mistura das gemas sobre os pós. Antes de misturar, lave os batedores e a tigela da batedeira e coloque as **claras para bater em neve**. Enquanto bate, misture a mistura das gemas e os pós colocando leite aos poucos até ficar uniforme.
- 5- Quando as claras estiverem em neve, misture-as delicadamente à massa do bolo até ficar uniforme. Coloque na forma untada e polvilhada e leve ao forno pré-aquecido por 35 minutos.
- 6- Enquanto isso, coloque os ingredientes da cobertura em uma panela e leve ao fogo médio mexendo todo o tempo. Quando começar a borbulhar e soltar do fundo da panela, espere 1 minuto, desligue o fogo e reserve. Este é o ponto para um brigadeiro mole.
- 7- Depois dos 35 minutos, faça o **teste do palito** para saber se o bolo está bom. Retire-o do forno e espere 5 minutos. Desenforme e cubra com a cobertura de chocolate. Está pronto!

Fonte: <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 24/03/2016)

As figuras 12, 13, 14, 15 e 16 demonstram como as Tradições Discursivas dependem da própria língua, pois este é o seu sistema de organização, da sociedade que fala essa língua de acordo com seus interesses e do contexto histórico ou das condições de produção, o momento em que está sendo dito algo, quais as intenções e o meio pelo qual foi exposto o discurso. Uma receita de chocolate pode acompanhar as mudanças sociais, econômicas e discursivas de uma sociedade seja no manuscrito (figura 12), no impresso (figura 13) ou nos blogs (Figuras 14, 15 e 16).

As tradições discursivas que se caracterizam fundamentalmente pela repetição, como demonstram as figuras 12, 13, 14, 15 e 16 através da representação do “Bolo de chocolate” são encontradas tanto nos manuscritos quanto nos blogs e se tronam exemplos claros dessa tradição discursiva. E também encontramos fórmulas de repetição concreta precisamente sem inserção situacional mecânica, como no caso das frases fixas como modo de preparo, ingredientes ou utensílios, que mesmo que escritos de modos diferentes são encontrados em ambas as receitas. Observando-se, assim, a coexistência de diferentes níveis de tradicionalidade: desde o gênero instrucional da receita que é fixo em ambos os suportes até os modos de preparo que pode variar do manuscrito para o blog, mas que dialogam entre si.

O conceito de tradições discursivas possui hoje uma popularidade notável na linguística: suas origens remontam da escola de Tübingen, iniciada por Eugênio Coseriu (1987), e mais adiante por Brigitte Schlieben-Lange (1993), Peter Koch(1997) e Wulf Oesterreicher (2002). Todas estas direções de investigação concebem o “texto” como um acontecimento histórico que atualiza esquemas comunicativos e culturas recorrentes.

As receitas culinárias podem ser representadas como textos que retratam acontecimentos históricos porque expõem esquemas comunicativos que revelam a cultura ou a sociedade em que o texto está inserido, seja nos manuscritos, nos impressos nas mídias ou nos blogs. Como as figuras demonstram:

Figura 17 – creme rei alberto

6 ovos. 10 folhas de gelatina  
 vermelha, 1 lb. de abacaxi das  
 pequenas, 6 colheres de açúcar  
 Bate-se as claras em ponto  
 de neve, misturam-se 6 colhe-  
 ras de açúcar, torna-se a  
 bater e mistura-se então a  
 gelatina, que já deve ter  
 sido desmanchada na água  
 fervendo. Depois de tudo  
 misturado, coloca-se sobre o  
 abacaxi que já deve estar  
 cortado no fundo do prato.  
 Das 6 gemas com 250 grms

**Figura 18** – receita rei alberto: sobremesa clássica para toda a família

28/04/2016

## Rei Alberto: sobremesa clássica para toda a família

Tweet

Curtir 154

Enviar por e-mail

 Destemperados



Como estávamos saudosos de certos pratos que costumavam fazer parte das refeições nos anos 1990, convidamos a cozinheira **Aninha Comas** para criar um cardápio baseado nessa década. O Rei Alberto é uma receita clássica, e agrada toda a família.

### REI ALBERTO

12 porções

#### Para a gelatina

2 caixas de gelatina de morango  
2 xícaras de água quente  
1 xícara de água fria  
4 claras  
8 colheres (sopa) de açúcar  
1 lata grande de abacaxi em conserva

#### Para o creme de ameixa

250g de ameixa seca sem caroço  
2 xícaras de água  
2 colheres (sopa) de açúcar

#### Para os ovos moles

12 gemas  
300g de açúcar  
1 colher (sopa) de manteiga  
1/4 de xícara de leite  
1 colher (sopa) de cravo  
1/2 xícara de água

#### Para o merengue

5 claras  
15 colheres (sopa) de açúcar

#### Você vai precisar de

1 tigela média  
2 panelas pequenas  
1 refratário  
Batedeira

1. Para a primeira camada, dilua a gelatina na água quente em uma tigela média.
2. Adicione a água fria e 1/2 xícara da calda do abacaxi em conserva. Reserve.
3. Bata as claras em neve na batedeira e junte o açúcar aos poucos até formar um merengue.
4. Misture a gelatina com o merengue, mexendo bem.
5. Forre com o abacaxi picado o fundo de um refratário de 40cm de comprimento e despeje o creme por cima.
6. Deixe um pouco fora da geladeira até a gelatina separar em uma camada vermelha e outra rosa.
7. Mantenha por 6 horas na geladeira para terminar a montagem do doce.
8. Enquanto isso, leve os ingredientes do creme de ameixa ao fogo em uma panela pequena e cozinhe até desmanchar as ameixas. Tire do fogo e deixe esfriar.
9. Para os ovos moles, em uma panela pequena, ferva a água, o açúcar e os cravos por 10 minutos.
10. Deixe esfriar um pouco e junte as gemas já bem misturadas ao leite.
11. Leve ao fogo mexendo sempre por 5 minutos ou até começar a engrossar.
12. Retire do fogo, adicione a manteiga e mexa bem até esfriar.
13. Para o merengue, bata as claras em neve e coloque o açúcar na batedeira aos poucos, até formar um merengue bem firme.
14. Para a montagem, pegue o prato com a gelatina e faça uma camada com o creme de ameixa.
15. Em seguida, coloque uma camada de ovos moles e finalize com a camada de merengue.
16. Sirva gelado.

**Fonte:** <http://www.destemperados.com.br> (Acesso em 12/10/2016)

As figuras 17 e 18 demonstram que uma mesma receita traz consigo traços semânticos que condizem com o contexto histórico da sociedade que a produziu, as mudanças por que passou a sociedade em cada época de cada receita, uma vez que há uma sequência cronológica e lexical demonstrando passo a passo a evolução da sociedade, sendo ela cultural, e tecnológica. Assim, Kabatek (2006) define tradição discursiva, como:

[...] a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2006, p. 512)

Para compreender a relação do tempo histórico com a produção das receitas, utilizamos a receita da sobremesa Rei Alberto, demonstradas nas figuras 17 e 18, que Segundo a autora Maria Stella Libanio Christo (2008) no livro *Fogão de Lenha: Quitandas e Quitutes de Minas Gerais*, em 1920 o casal real belga, rei Alberto I (1875-1934) e a rainha Elizabeth da Baviera (1876-1965), veio ao Brasil e a vinda deles seria uma oportunidade sem igual para divulgar o país na Europa: consideravam à época que um perfeito representante da ‘civilização’ poderia testemunhar o progresso nacional e justificar a inclusão do Brasil entre as grandes nações existentes. Conhecido na Europa como o Rei-Herói, ou Rei-Soldado, Alberto conquistou essa fama durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Bélgica foi invadida pela Alemanha, em 1914, e o monarca se colocou à frente das tropas e, mesmo diante de um inimigo mais forte, participou da ofensiva que levou à vitória dos aliados:

Com o término da guerra, a Conferência de Versalhes permitiu uma aproximação entre Epiácio Pessoa (1865-1942), chefe da delegação brasileira e recém-eleito presidente da República, e o líder belga. No evento, o rei Alberto foi convidado a conhecer o Brasil. Ele aceitou e veio no segundo semestre de 1920, acompanhado da mulher, Elisabeth da Baviera, e aqui permaneceu quase um mês. Em Minas Gerais, o então governador Arthur Bernardes, futuro presidente da República, convenceu o rei belga da vocação siderúrgica do Estado e conseguiu o que queria: tempos depois da visita de Alberto I, chegava ao Brasil a missão técnica europeia que originaria a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, fundada em Sabará, hoje, Arcelor Mittal. Bernardes ofereceu ao casal real um banquete memorável, com o cardápio em francês, conforme o protocolo: *consommé de creme de bruxelles* (creme de couve), *médailles de turbot a l’ostensdaise* (peixe), *noisettes de pauillac a L’écossaise* (batatas) – pedaços redondos de carne de cordeiro viraram noisettes; e pato pequeno era

chamado de *caneton*. Também se descreveu na língua estrangeira uma receita de macuco, ave brasileiríssima, grande como o peru, conhecida pelos ovos azuis e pio de uma nota só. Hoje se encontra em extinção e, portanto, sob proteção da lei ambiental. Caçá-la é crime inafiançável. No cardápio do banquete, a ave se transformou em *Macucos Truffés à la Royale*. Se o cozinheiro seguiu a fórmula clássica, desossou o macuco, preparou-o escalfado e o serviu guarnecido de *quenelles* (bolinhos de carne de porco ou vitelo ligada com ovo e moldados com a colher), trufas e talvez escalopes de foie gras. Obviamente, a sobremesa criada para a ocasião foi apresentada em francês. Intitulava-se *Dessert Brésilien* e, após o banquete, virou doce nacional. A tradição mineira assegura que se tratava da elaboração conhecida popularmente como Gelatina Rei Alberto. A Gelatina Rei Alberto tem as cores da bandeira da Bélgica, representada pelos doces que a compõem. É preta (purê de ameixa), amarela (ovos moles) e vermelha (gelatina de morango, framboesa ou cereja). Entretanto, foi no Rio Grande do Sul, onde o soberano não pôs os pés, que encontrou maior difusão. (CHRISTO (1977, p. 82)

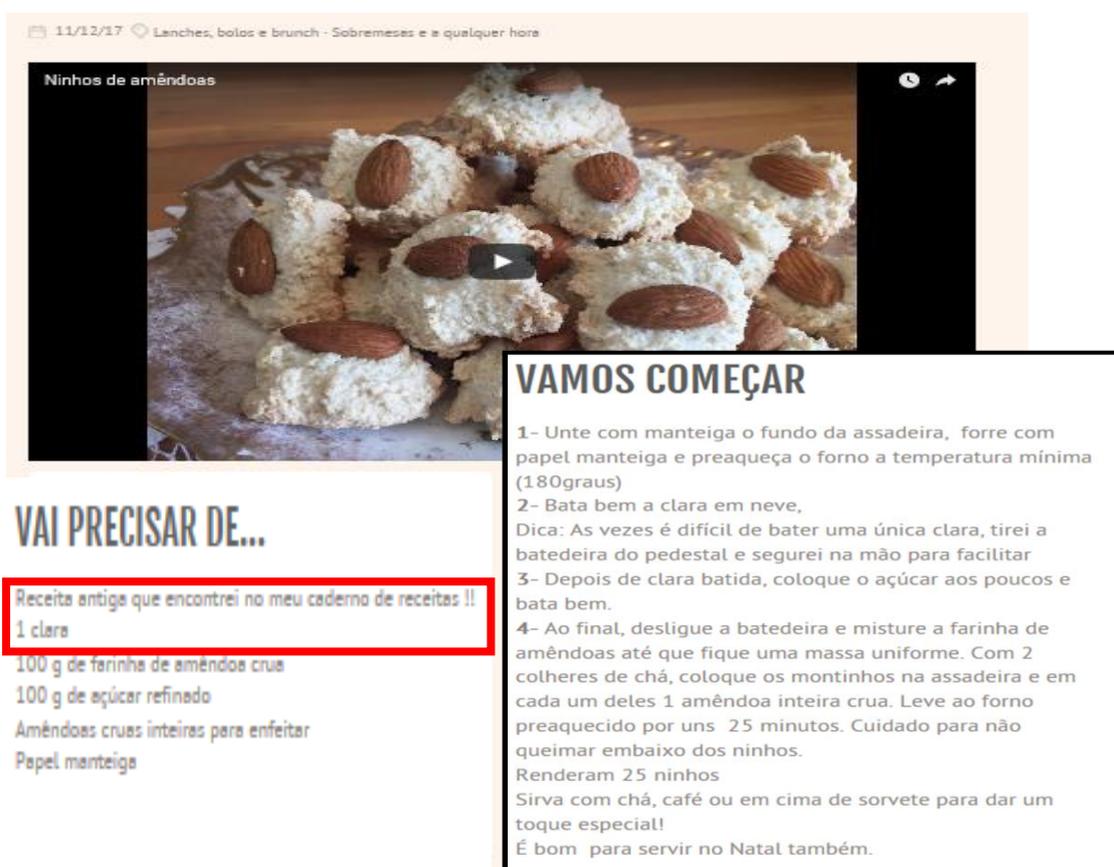
A exemplo da receita *Rei Alberto* todo texto pode corresponder a uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo. Além da investigação empírica das tradições discursivas possuir a tarefa da identificação dessa rede de tradições. Qualquer ponto de partida é justificável nesta tarefa, mas será metodologicamente recomendável partir de localizações objetivamente comprovadas e de buscar a partir daí novos nexos de tradição. As localizações “objetivas” são aquelas contextualmente evidentes, assim como as que vêm dadas pela denominação explícita dos textos, como no caso do da receita Rei Alberto, que se localiza em um tempo determinado e contextualizado, além dos seus suportes concretos os manuscritos, livros e blogs sem esquecer da denominação específica de “receita”, o que atribui ao texto uma função comunicativa específica e fixa de instruir ou ensinar a fazer algo. Dessa forma, percebe-se que estudar receitas culinárias segundo a tradição discursiva é adequado, pois, ao analisar o conceito de gêneros textuais, como práticas sociocomunicativas relativamente estáveis, designa que a estabilidade de características de produção do gênero receita, torna-se ineficiente para perceber as mudanças que as receitas demonstram, pois não mais apresentam uma estrutura fixa. Então, a distinção entre tradição discursiva e gênero textual é clara, quando analisado o dinamismo entre a história social e as práticas sociais de escrita.

O estudo da tradição discursiva possui um vasto caráter de “reunião” de características específicas de produção do texto, e, a partir do conjunto de elementos dessa reunião, está o conceito de gênero textual. Exatamente por isso é que a noção de gênero não equivale à de tradição discursiva, porque é uma das possibilidades de um conceito mais amplo, que lhe incluem regularidades de vários níveis para além das regularidades que configuram os gêneros.

Entretanto, ao analisar fenômenos linguísticos em tradição discursiva materializadas em gêneros textuais escritos, como no caso as receitas culinárias, é inevitável que se relacionem os dois. Opera-se com a materialização de um dos elementos do conjunto de tradição discursiva e obedecendo à máxima: se nem toda tradição discursiva é gênero textual, todo gênero textual, pelas regularidades que se transformam em habitualizações, é tradição discursiva.

A Tradição Discursiva estabelece uma relação direta com os “modos de dizer algo” e nos caso das receitas, estão os modos como aparecem descritas nos manuscritos, nos impressos, nas mídias ou nos blogs e como estas são praticadas no plano do discurso, onde se reatualizam em cada suporte que aparecem a transcendem uma estabilidade textual histórica: as receitas representam abstrações, no plano histórico, nas quais identificam modelos culturais motivados na experiência social com determinados discursos, orais ou escritos, que permanecem claros na consciência dos membros de uma comunidade e que lhes podem moldar certas atitudes discursivas. Como se analisa na figura a seguir:

**Figura 19** – receita ninhos de amêndoas



11/12/17 Lanches, bolos e brunch - Sobremesas e a qualquer hora

Ninhos de amêndoas

**VAI PRECISAR DE...**

Receita antiga que encontrei no meu caderno de receitas !!  
1 clara

100 g de farinha de amêndoas cruas  
100 g de açúcar refinado  
Amêndoas cruas inteiras para enfeitar  
Papel manteiga

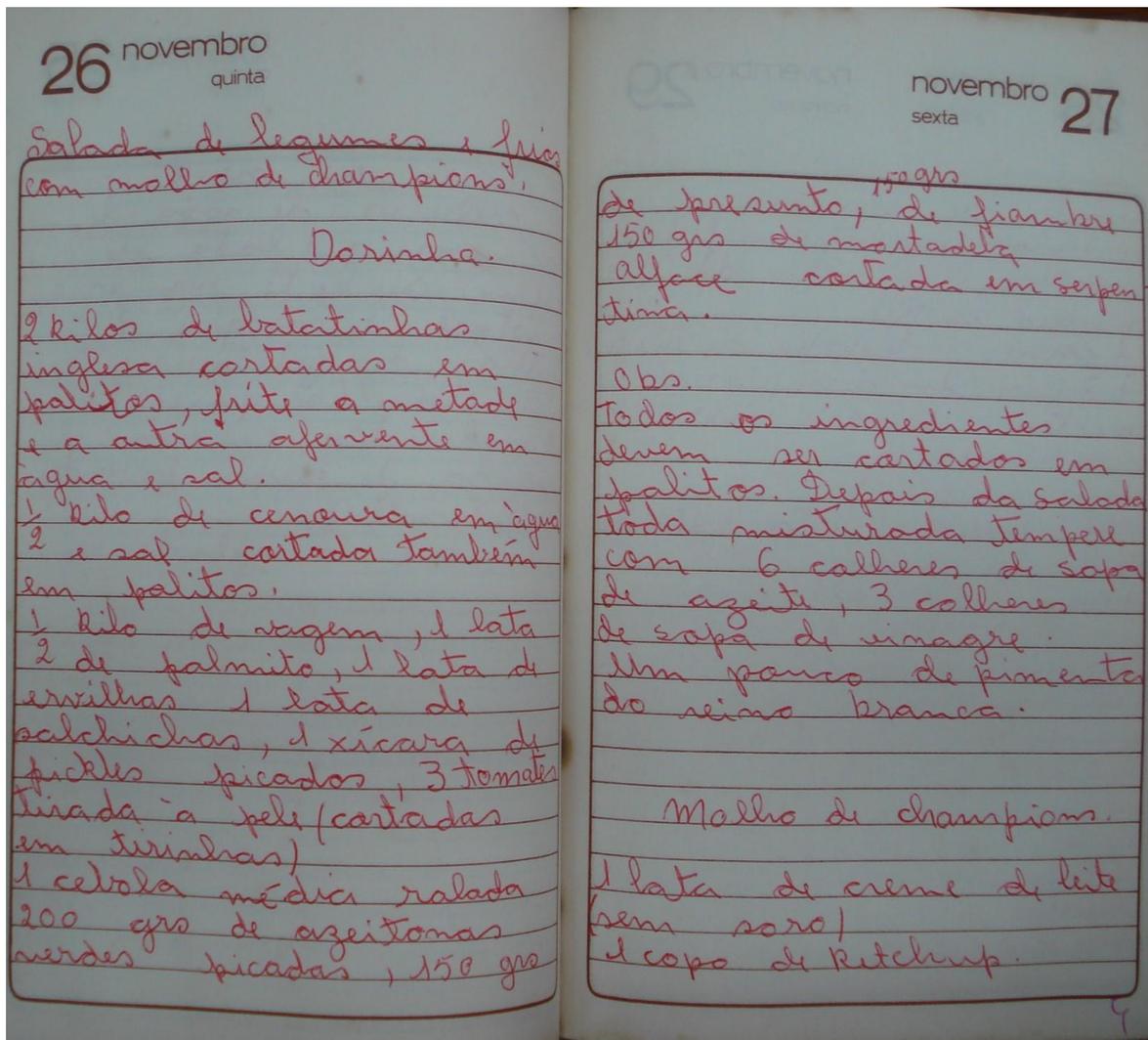
**VAMOS COMEÇAR**

- 1- Unte com manteiga o fundo da assadeira, forre com papel manteiga e preaqueça o forno a temperatura mínima (180 graus)
- 2- Bata bem a clara em neve,  
Dica: As vezes é difícil de bater uma única clara, tirei a batedeira do pedestal e segurei na mão para facilitar
- 3- Depois de clara batida, coloque o açúcar aos poucos e bata bem.
- 4- Ao final, desligue a batedeira e misture a farinha de amêndoas até que fique uma massa uniforme. Com 2 colheres de chá, coloque os montinhos na assadeira e em cada um deles 1 amêndoa inteira crua. Leve ao forno preaquecido por uns 25 minutos. Cuidado para não queimar embaixo dos ninhos.  
Renderam 25 ninhos  
Sirva com chá, café ou em cima de sorvete para dar um toque especial!  
É bom para servir no Natal também.

Fonte: <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 12/12/2017)

A figura 19 demonstra a tradição discursiva que aparece não só na estrutura textual do texto, no que concerne a tipologia injuntiva na divisão do modo de “fazer”, no preparo, de uma receita, mas também na identificação de recorrências discursivas materializadas em fórmulas frasais, em vocabulário, em expressões cristalizadas, em usos de certos tempos e modos verbais e na relação dialógica com o leitor, como em “Às vezes é difícil de bater uma única clara, tirei a batedeira do pedestal e segurei na mão para facilitar” (Figura 19). Essas mesmas expressões e relações interdiscursivas são observadas nos manuscritos culinários, especialmente nos descritores de “Dica” (Figura 19) e “Obs” (Figura 20).

**Figura 20** – salada de legumes e frios com molho de champions



Fonte: MELLO, (2007-2009)

As figuras 19 e 20 demonstram que Tradição discursiva implica na relação entre textos estabelecendo uma forma de linha do tempo, “receita antiga que encontrei no meu caderno de

receitas” (figura 19, destaque Nosso (em vermelho)), reatualizando-se em continuidades de modelos textuais originados no âmbito da cultura escrita que vão criando a consciência social de haver uma dada instância abstrata mais ampla que as instâncias abstratas das normas textuais que formam a consciência de haver o estilo tal ou qual, o gênero tal ou qual, o domínio discursivo tal ou qual, onde o termo “dica” (figura 19) para o blog possui a mesma função que o dêitico “obs” (figura 20) para o manuscrito.

Quando analisado o modelo coseriano que separa em dois movimentos de abstração, Norma Linguística e Língua Histórica, encontra-se neste nível histórico do falar humano a contraparte chamada *Tradição Discursiva*, desmembrada em Koch (1997). Nesse sentido, a Tradição discursiva faz paralelo com a Linguística Histórica, e as normas textuais, com as Normas Linguísticas.

A Norma Linguística advém da linguagem em uso real na sociedade, focada na modalidade natural da fala, que passa, ou não, ao registro escrito. Assim, o ponto de partida é o universo linguístico das receitas culinárias em uso representativo seja nos manuscritos, impressos, mídias ou blogs e das construções sociocomunicativas faladas e escritas aparentes nas receitas. Por outro lado, é a Língua Histórica que, em um segundo movimento de abstração, faz com que um indivíduo da sociedade brasileira forme uma consciência histórica de haver uma Língua Portuguesa diferente da espanhola, por exemplo.

Nesse contexto a tradição discursiva aparece, também, como a norma abstrata textual que advém da linguagem escrita em uso real, mas fixada em determinados lugares da cultura escrita de cada sociedade, como as receitas culinárias, focada inicialmente na modalidade secundária da escrita, que passa, ou não, ao registro falado e que, em um segundo movimento de abstração, faz com que quem produz uma receita, seja nos manuscritos, impressa ou nos blogs, forme uma consciência histórica de haver uma relação discursiva entre as receitas como elementos de sua cultura. Exatamente por haver, no paralelo com a Linguística Histórica coseriana, esse segundo movimento de abstração, uma consciência social formada a partir, sim, do contato com formas escritas ou oralizadas das receitas culinárias.

Assim, por exemplo, as receitas culinárias manuscritas tornam-se produções escritas presentes em nossa história e que, em um primeiro movimento de abstração a partir de certas recorrências, como nos cadernos de receitas ou nos álbuns de Economia Doméstica se tornam um gênero textual. Mas, mesmo a receita pertencendo a uma memória coletiva manuscrita, esta irá se articular com novas formas de escrita (impressas e midiáticas) articulando-se com as novas necessidades sociais, corroborando a tradição discursiva que se reatualiza em novos

suportes textuais. Nesse caso, uma tradição discursiva das receitas culinárias será uma abstração da cultura escrita em uma dada sociedade.

Para discutir sobre uma tradição discursiva no âmbito da escrita, é indispensável pensa-la no viés da oralidade, pois ambas as expressões estão unidas. Até mesmo porque muitos textos escritos se transformaram em textos fixados da tradição oral de sociedades ágrafas, ou em parcelas historicamente ágrafas dentro de sociedades com escrita. Assim, as receitas culinárias por vezes partiram de textos orais dos estratos sociais e funções sociocomunicativas do dia a dia nessa sociedade ágrafa possuindo a mesma relação discreta estabelecida entre norma linguística e Tradição Discursiva.

### 1.3 O GÊNERO TEXTUAL E AS MARCAS MULTIMODAIS DAS RECEITAS CULINÁRIAS

Toda a atividade comunicativa ocorre através dos gêneros textuais, o que justifica a multiplicidade dos gêneros. Para Bakhtin (1992), “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 1992, p.302). Portanto, os gêneros exercem uma função fundamental nas relações entre os sujeitos, visto que a língua é concebida como uma atividade social, histórica e cognitiva. Nesse sentido, para Bronckart (1999), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 1999, p.103).

O estudo de gêneros textuais permite, portanto, que o sujeito se torne o autor de seu dizer e possa estar inserido em seu contexto social e histórico. Assim tem-se exemplos de gêneros textuais: carta pessoal, receita culinária, manual de instruções, bula de remédio, romance, conto, reportagem, notícia jornalística, editorial, resumo, resenha, esquema, redação de vestibular, edital de concurso, inquérito policial, piada, cardápio de restaurante, sermão, conferência, aula expositiva, conversação e reunião de condomínio. Bakhtin (1992) define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis” de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana (BAKHTIN 1992).

Isso significa que eles podem ser modificados, dependendo da situação sociocomunicativa em que são empregados. Por sua vez, numa escala sóciohistórica, Bronckart (1999) afirma que os textos são produto da linguagem em funcionamento

permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de gêneros de texto) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados para os contemporâneos e para as gerações posteriores. Marcuschi (2005) define os gêneros como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, que surgem das necessidades e atividades socioculturais e na relação com inovações tecnológicas, que motivam a explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, quer na oralidade, quer na escrita.

Entre essas inovações, destacamos os gêneros blog<sup>9</sup>, chat, e-mail, teleconferência, vlogs, videocast, entre outros. Os gêneros textuais, portanto, resultam do contexto cultural em que se originam e se desenvolvem. Para o referido autor, os gêneros ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do dia a dia e podem se expressar em diversas designações, sendo possível mesmo dizer que são ilimitados (MARCUSCHI 2004). A exemplo disso, dissertações de mestrado que são produzidas com o intuito de os indivíduos alcançarem o título de mestre; redações de vestibular servem para candidatos disputarem vagas em cursos superiores e os anúncios publicitários objetivam promover a venda de determinados produtos ou serviços.

O gênero textual, de modo geral, é heterogêneo, visto que, na maioria das vezes, contém diferentes sequências tipológicas na sua estrutura. Por exemplo, uma carta pessoal pode apresentar sequências narrativas, argumentativas, descritivas, preditivas, explicativas ou injuntivas. Assim, embora a carta pessoal, normalmente, tenha um caráter narrativo, pode conter diferentes tipologias textuais. Assim como, uma receita culinária pode apresentar a injunção, a descrição, a injunção, a argumentação e a persuasão.

O blog de receitas culinárias, que também é um suporte de escrita<sup>10</sup>, apresenta diversos tipos textuais, como o narrativo, o descritivo, o dissertativo, o injuntivo e o expositivo, assim

---

<sup>9</sup> O blog pode ser definido [...] como uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais, colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar. (KOMESU, 2005, p.115)

<sup>10</sup> Segundo Fraenkel (2004), Suporte portador é o meio físico ou virtual que serve de base para a materialização de um texto. Atualmente, existem vários tipos de suporte: jornal, revista, *outdoor*, embalagem, livro, *software*, *blog* etc. Enviar um e-mail ou postar uma carta no correio? Escrever um diário ou produzir um *blog*? Essas são perguntas cujas respostas envolvem, necessariamente, a escolha de um ou de outro tipo de suporte e de gênero textual. Isto porque texto e suporte são inseparáveis – não existe texto sem suporte. Este define a formatação, a composição e os modos de leitura de um

como é um gênero textual que transmite outros gêneros textuais, ou seja, um blog de receita culinária pode tanto apresentar uma receita como juntamente a ela inserir-se um relato pessoal, um recado, um videocast, uma notícia, entre outros. É nesse hibridismo de tipos e gêneros textuais contidos nos blogs de receitas culinárias que se percebe a interação verbal. E esta só é possível que o blog é gênero que se materializa em diversos textos, que assumem formas variadas para atender a propósitos diversos, e essas formas e propósitos somente são acessíveis por meio dos suportes, pois neles é que estão gravadas e registradas (física ou virtualmente) as marcas dessa interação estabelecida, como demonstra a imagem a seguir:

**Figura 21** – receita de pãozinho de linguiça simples e fácil

20

## Pãozinho de Linguiça Simples e Fácil



Este pãozinho de linguiça ficou delicioso. É um pão caseiro de massa mole que não precisa nem sovar. Super simples e fácil de fazer. Adicionei linguiça picadinha na massa e coloquei na forminha para cupcake e ficaram super macios e saborosos. Aprovadíssimo. Tenho que fazer mais :). Vamos à receita:

### Pãozinho de Linguiça Simples e Fácil

#### Ingredientes:

5g de fermento biológico seco  
1/2 xícara (chá) de leite morno  
1/4 de xícara (chá) de óleo  
1 ovo  
1 colher (sopa) de açúcar  
1 colher (chá) de sal  
1 e 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo  
Linguiça em pedaços a gosto  
Parmesão ralado a gosto

Óleo para untar a forma ou forminhas de papel para cupcake

#### Modo de Preparo:

Em uma vasilha misture todos os ingredientes, exceto a linguiça e o parmesão. Misture bem. Adicione a linguiça e o parmesão e mexa um pouco só para espalhar. Unte uma forma para cupcakes ou utilize forminhas de papel para cupcake e distribua pequenas porções da massa na forma. Deixe mais ou menos um dedo antes de atingir a borda da forma. Leve para assar em forno médio (150°C), preaquecido, por, cerca de 30 minutos ou até dourar. Retire do forno, desenforme e sirva.

Fonte: <http://www.sabornoprato.com/> (Acesso em 15/02/2018)

dado gênero textual. Assim, uma modificação no suporte material de um texto pode modificar o próprio gênero textual que nele se veicula.

As receitas culinárias, sejam as inseridas nos manuscritos (figura 20) ou as dos blogs (figura 21), apresentam a injunção como função principal, mas não deixam de demonstrar sequências argumentativas, persuasivas ou narrativas. Configurando não só o valor do suporte (manuscrito ou o Blog), mas também a interação verbal a partir da função estabelecida em cada texto publicado nestes suportes que vinculam os gêneros. Outrossim, no que concerne a perspectiva de tipologia textual, Marcuschi (2004) conceitua tipo textual como uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo), constatando, desse modo, que a distinção entre as tipologias textuais tem por base as diferenças linguísticas, e o que distingue os gêneros são os aspectos funcionais.

O conjunto das tipologias textuais é limitado e não tende a aumentar, ao passo que o número de gêneros é ilimitado, com tendência a ser ampliado no transcorrer do tempo. As tipologias dão suporte na composição de um gênero. Assim, quando certa tipologia textual, como é o caso das receitas, predomina num determinado texto concreto, percebe-se que esse é um texto argumentativo, narrativo, descritivo, injuntivo, dialogal, prescritivo, entre outros.

Assim, os blogs ultrapassam a característica de um tipo de texto meramente narrativo como um diário, a passam a circular diversas tipologias e Gêneros textuais como o narrativo, o descritivo, o injuntivo e o dissertativo, o que também o caracteriza como um suporte de escrita. Pois, quando se analisa os blogs de receitas culinárias, essa tipificação textual torna-se ainda mais diversa. Dessa forma, para análise dos blogs de receitas culinárias, foram discutidos a partir, principalmente, da perspectiva injuntiva e narrativa dos textos – pela relação com os gêneros receita culinária, diário pessoal e relatos pessoais – apresentados de formas diversas e relacionados a cada blog analisado. Komesu (2005, p. 110) chama a atenção para a estrutura textual dos blogs, composta por parágrafos curtos e pela publicação das mensagens em ordem cronológica.

Com relação às inovações trazidas pela internet, mais especificamente com o hipertexto, destaca-se o surgimento de inúmeros gêneros discursivos, conhecidos também como gêneros digitais, dentre os quais podem-se destacar os e-mails, os chats, os blogs, os quais, na verdade, representam uma transmutação de gêneros digitais já existentes, tais como a carta, as conversas entre colegas ou amigos, os diários secretos. Assim, no gênero em

análise, o blog, observa-se o modo de construção do *ethos*<sup>11</sup> num gênero que se constitui entre o público e o privado.

A tipologia textual injuntiva caracteriza-se por guiar os indivíduos para a execução de uma atividade específica e/ou estabelecer normas para direcionar as práticas sociais. É frequentemente encontrada nos gêneros textuais que circulam no cotidiano de qualquer indivíduo. Por exemplo, uma dona de casa, ao folhear o seu livro ou manuscrito de receitas culinárias, depara-se com textos injuntivos que visam a orientá-la no preparo de alimentos. A injunção está presente também em gêneros como os manuais e as instruções de uso e montagem, os textos de orientação (leis de trânsito, recomendações de trânsito e direção), os regulamentos, as regras de jogo, os regimentos, as leis, os decretos, os textos que ensinam a confeccionar trabalhos manuais e objetos para o lar, as bulas de remédios, os textos doutrinários e as propagandas. Essa tipologia abrange ainda a opção, que se constitui no discurso da manifestação do desejo; nesta circunstância, o locutor não tem controle sobre a concretização da situação.

De acordo com Bronckart (1999), a opção pela sequência injuntiva para compor um gênero textual implica o objetivo de querer “fazer agir” o interlocutor numa direção específica, apontada pelo texto. A ação, portanto, visa diretamente ao interlocutor. A injunção almeja incitar à realização de uma situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. A informação diz respeito a algo a ser feito ou como deve ser feito. Fica a cargo do interlocutor executar aquilo que se solicita ou se define que seja feito, em uma ocasião posterior ao momento da enunciação. Está ligada, portanto, a comportamentos futuros. O produtor pode utilizar os textos injuntivos com várias finalidades: aconselhar o interlocutor a fazer algo, ordenar-lhe que cumpra determinadas tarefas, apelar para que aja numa determinada direção, instruí-lo, ensiná-lo a desenvolver uma atividade, entre outras.

Os gêneros de base injuntiva, sob a denominação de gêneros textuais de sequencialidade injuntiva-instrucional, buscam induzir atos e tratam explicitamente de um

---

<sup>11</sup> A partir da nossa enunciação, projetamos um autorretrato no qual necessariamente imprimimos qualidades, ocasionando assim uma representação de nossa autoimagem, pois modos de dizer produzem uma imagem daquele que enuncia. Para os gregos a imagem que o orador cria e mostra no momento da enunciação, a fim de convencer o auditório não corresponde, necessariamente, à identidade dele; enquanto para os romanos, o *ethos* estava ligado aos atributos reais do orador, à sua moral, e não incidia na imagem discursiva criada pelo orador. Desde os antigos gregos, esse autorretrato discursivo, conhecido como *ethos*, caracteriza-se como “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2005. p. 34). A noção de *ethos* surge na Grécia com Aristóteles e em Roma com Quintiliano e Cícero, com perspectivas diferentes.

fazer prático, de um agir-saber sobre o mundo. Por isso, caracterizam-se por apresentar uma estrutura linear ordenada temporalmente, constituída por uma sucessão lógica ou cronológica de fases ou etapas de um comportamento ou processo a executar, recomendando ao interlocutor seguir rigorosamente as indicações. Nessa perspectiva, a partir das capacidades de linguagem dominantes dos sujeitos, Schneuwly, Dolz (2004, p.60-61) incluem os gêneros textuais em que predomina a injunção na ordem do “descrever ações” ou “instruir/prescrever ações”. Os autores destacam que essa ordem diz respeito às normas que devem ser seguidas para atingir algum objetivo (instruções e prescrições) (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004). Como observado na figura a seguir:

**Figura 22**– receita de caldo de carne com mandioca

**14**  
dez 16

**Caldo de carne com mandioca**

Esse ano fez uma quantidade de frio inesperada pra Cuiabá pessoal. Tempo fechado direto e nossos Caldos fizeram muito sucesso 🍲👍



E hoje tem receita de **Caldo de Carne com Mandioca** pra você. Se joga!

**Ingredientes:**

1. 400g de músculo em cubos médios
2. 400g de mandioca
3. 1 cebola picadinha
4. 3 dentes de alho picadinhos
5. 2 tomates picadinhos
6. 1/2 maço de cheiro verde
7. Sal
8. Pimenta-do-reino

**Modo de preparo:**

1. **Tempere** o músculo, em uma panela de pressão coloque um fio de óleo e acrescente o músculo e vá fritando até ficar moreninho.
2. **Coloque** a cebola, o alho e os tomates, sal e a pimenta, e deixe cozinhar uns 10 minutinhos, cubra com água e tampe a pressão e deixe por mais 15 minutos após pegar a pressão na panela.
3. Após os 15 minutos **coloque** a mandioca e deixe cozinhar por mais 15 minutos.
4. **Retire** a pressão e bata uns pedacinhos de mandioca no liquidificador e devolva na panela para engrossar o caldo.
5. **Coloque** o cheiro verde e sirva em seguida

Grau de dificuldade: Fácil  
 Serve 4 pessoas  
 Tempo de preparo: 1h e 30min

**Fonte:** <http://www.sabornoprato.com> (Acesso em 15/02/2017)

A figura 22 indica que os mecanismos linguísticos mais empregados para indicar a concretização dos enunciados das receitas que incitam à ação são os verbos no modo

imperativo, como destacados em vermelho, que podem aparecer também de forma implícita. Entretanto, esse não é o único recurso utilizado, pois orações com verbos modais (dever, ter que), verbos no futuro do presente (colocará, deverá, será) e no infinitivo (mexer, juntar, acrescentar) também são muito comuns. Geralmente, os gêneros textuais com tipologia de base injuntiva empregam períodos simples e curtos, pois construções extensas podem prejudicar a clareza das orientações. Utilizam ainda operadores argumentativos apropriados ao encadeamento sequencial das ações.

Como os textos injuntivos são produzidos para um público que tanto pode ser masculino quanto feminino, jovem ou adulto, o enunciador mantém certa neutralidade no tratamento. Muitas vezes, utiliza o pronome “você” para se dirigir ao leitor, “hoje tem receita de caldo de carne com mandioca para você. Se joga!” (Figura 22). Porém, na maioria dos casos, o pronome está implícito e a terminação verbal garante esse entendimento, “Tempere, coloque, retire” (Figura 22). Assim, a injunção se caracteriza por estabelecer um processo de interação que compreende emissor, texto e receptor.

O enunciador elabora comandos e/ou sugere a adoção de atitudes ou comportamentos, transmitindo conhecimentos de forma sistematizada, na perspectiva de que o interlocutor concretize uma situação específica, pois o considera apto para isso. Nesse sentido, Bronckart (1999) destaca que as sequências têm um estatuto basicamente dialógico, uma vez que se fundamentam em decisões interativas. Nos textos em que prevalece a tipologia textual injuntiva, a linguagem tem uma função social específica, pois, segundo Rosa (2003, p. 15), “é usada por um produtor em razão de permitir ao seu interlocutor executar ou adquirir um conhecimento sobre como executar uma determinada tarefa”. Conforme a autora, o “fazer agir” comunicado no texto está relacionado ao “dizer como fazer” do produtor, um “dizer” que está divulgado de forma explícita.

O destinatário, geralmente, sabe que o texto injuntivo o conduzirá através de uma sequência programada de micro ações a concluir uma macro ação, que almeja ou está incumbido de efetuar (ROSA, 2003). Num texto que ensina a confeccionar um origami, por exemplo, tem-se uma macro ação a ser realizada: produzir a dobradura de um barquinho de papel, pois sempre vem acompanhado de uma imagem a ser estabelecida. Para efetuar-la, é necessário que o leitor execute uma série de micro ações, explicitadas no texto. Elas estão relacionadas ao tipo e tamanho do papel e aos passos que precisam ser seguidos para, a partir de um pedaço de papel – a situação inicial –, chegar à figura do barco – o produto. Conforme Rosa (2003), a tipologia textual injuntiva compõe-se de três etapas básicas.

A primeira denomina-se “exposição do macro objetivo acional” - refere-se à indicação de um objetivo geral a ser atingido pelo leitor. A fase seguinte chama-se “apresentação dos comandos” - diz respeito à exposição de uma sequência de ações, estabelecida pelo produtor, a ser executada para a concretização do macro objetivo acional. A última etapa denomina-se “justificativa” - contempla a explicitação, por parte do produtor do texto, das razões pelas quais o destinatário deve seguir o(s) comando(s) estabelecido(s). Segundo a autora, essa fase tem a sua aparição mais restrita na tipologia textual injuntiva e sua explicitação resultam de uma decisão do produtor do texto. Sua presença é bastante comum nos textos de conselho e muito reduzida em leis e regimentos, pois nesses gêneros os comandos são vistos como obrigatórios e inquestionáveis.

Nesse sentido, os gêneros textuais de sequencialidade injuntiva-instrucional subentendem dois estados, “o de partida” (ou inicial) e “o de chegada” (ou final), e aponta a existência de “um núcleo transformacional”. Ele exemplifica com a apresentação do gênero receita culinária: temos, de um lado, a lista dos ingredientes e, de outro, frequentemente, a foto do prato pronto, que constitui a atualização icônica da receita propriamente dita; o núcleo transformacional garante a passagem dos ingredientes não preparados ao prato concluído.

Como se observa, o estado final origina-se de um macro objetivo acional e decorre da execução de um plano de ação por parte do interlocutor que propiciou a transformação de um estado inicial. Geralmente, os textos injuntivos constituem sequências textuais específicas que assinalam imposição, ordem, indicação, sugestão ou conselho. Por exemplo, no Código de Defesa do Consumidor (BRASIL, lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990), o receptor se verá forçado a realizar as ações indicadas no texto: “o fornecedor não poderá colocar no mercado de consumo produto ou serviço que sabe ou deveria saber apresentar alto grau de nocividade ou periculosidade à saúde ou segurança”. Caso o interlocutor não tome as atitudes apontadas, estará sujeito à punição de acordo com o que define a legislação. Nesse código, o produtor do texto utiliza a injunção com o caráter discursivo de ordem. Ele representa um órgão do governo e se encontra em um nível hierarquicamente superior, o que lhe dá respaldo diante de seu interlocutor para determinar como deve agir.

O produtor está legitimado socialmente, e isso garante que a interação tenha sucesso. Por outro lado, existem textos injuntivos em que o produtor não usa a injunção na perspectiva de uma ordem. Por exemplo, numa receita culinária, o interlocutor não necessita obrigatoriamente seguir todos os comandos apresentados no gênero, exceto queira. Determinadas instruções aparecem como sugestão. Além disso, se desejar, o leitor poderá acrescentar ingredientes que não estão indicados no texto ou modificar as quantidades,

sabendo que suas escolhas repercutirão no produto final. Segundo Rosa (2003), os comandos propostos nos textos injuntivos podem ser obrigatórios ou opcionais.

A execução dos comandos obrigatórios é imprescindível para que o macro objetivo acional seja atingido. Nas receitas culinárias esses comandos aparecem através dos verbos no modo imperativo, assim como, através dos descritores fixos como os ingredientes e modo de preparo. Já os opcionais estão ligados a uma escolha do interlocutor do texto, e sua execução não é pré-requisito para a concretização do macro objetivo. Rosa (2003) apresenta um agrupamento preliminar dos textos injuntivos, considerando a função sociocomunicativa de cada gênero (ROSA, 2003). Assim, agrupa-os nas seguintes categorias: a) textos instrucionais-programadores: tem por finalidade instruir/ensinar alguém a realizar algo (exemplos: receitas, guias e manuais de um modo geral); b) textos de conselho: objetivam aconselhar alguém a fazer algo (exemplos: horóscopo e conselhos de saúde, beleza, comportamento etc.); c) textos reguladores-prescritivos: visam a obrigar alguém a efetuar algo (exemplos: ordens, leis, regimentos, regras de jogos). Como se observa, os gêneros textuais de base injuntiva podem ser utilizados com diversos propósitos no dia a dia. Constituem, portanto, um conjunto aberto e não são passíveis de classificações definitivas.

Além do mais, estudos como a tradição discursiva, semiótica, e análise discursiva são importantes e fundamentais para a análise da relação entre os textos autobiográficos, pois estarão presentes nas discussões do processo cultural e da transformação de um texto para outro, que se interligam e interagem entre si. A cultura atualiza-se no texto do diário virtual ou blog e faz um intercâmbio entre tantos outros textos e imagens que se autorrelacionam e se modificam. A escrita de si assume uma importância cada vez maior na historiografia atual e especialmente no campo de análise das representações construídas por indivíduos na sua subjetividade, isto é, na forma como percebiam e atribuíam sentido a realidade vivida.

Ao analisar escrituras autobiográficas é necessário observar o sujeito (autor/receptor) – real, imaginário ou virtual. Benveniste (1998), em seus estudos sobre a enunciação, embora não estivesse nem pretendesse fazer uma teoria do sujeito, mas da significação ressalta a questão da subjetividade. Pontua que a linguagem é sentido, assim o sujeito é o ponto central da sua teoria da enunciação.

É, também, de fundamental importância, para este estudo, destacar as discussões sobre gêneros textuais. Sobretudo a distinção entre “texto” e “discurso” uma vez que, a depender da abordagem, esses termos podem ser usados como equivalentes. Importante apontar o conceito de Marcuschi (2008) sobre tais questões:

Deve-se ter o cuidado de não confundir texto e discurso. [...] pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. (MARCUSCHI, 2008, p. 24)

O autor distingue teoricamente as três noções: “gênero textual”, “tipo de texto” e “domínio discursivo”, muito embora saliente que elas estão forçosamente imbricadas, frisando que a distinção entre gêneros e tipos textuais não forma exatamente uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária. Também, afirma que “toda vez que desejamos produzir alguma ação linguística em situação real, recorreremos a algum gênero textual. Eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela.” (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Sendo assim, as definições de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo são muito mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana.

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma seqüência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). [...] gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...] Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana”, no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas.[...] Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. [MARCUSCHI, 2008, p. 154-155)

Assim, para a noção de tipo textual, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadoras; para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações propósitos e inserção sóciohistórica. No caso dos domínios discursivos, Marcuschi (2008) afirma que não se trata propriamente de um “texto” e sim de formações históricas e sociais que originam os discursos em determinadas esferas de atuação. O autor frisa, ainda, que os domínios ainda não estão bem definidos e oferecem alguma resistência, mas que, seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos, sociológicos e históricos.

No grupo reduzido dos tipos de texto Marcuschi (2008) inclui a narração, a Tipologia Textual argumentação, a descrição, a exposição e a injunção, ressaltando que o conjunto de

categorias para designar os referidos tipos é limitado e sem tendência a aumentar. Segundo o autor, o termo é usado para “designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (MARCUSCH, 2008, p. 55). O quadro dos gêneros textuais, por sua vez, é ilimitado e corresponde, segundo ele, a uma listagem aberta, de vez que nela se incluem realizações verbais que, embora estabilizadas, podem ser criadas e dinamicamente modificadas por fatores sociais e históricos. Nessa lista aberta ele apresenta como exemplos de gênero textual o telegrama, o bilhete, o sermão, o romance, a carta comercial, a carta pessoal, a notícia jornalística, o horóscopo, o e-mail, a aula virtual etc. Por fim, entre os exemplos de domínios discursivos, destaca o discurso jornalístico, o discurso jurídico, o discurso religioso, etc.

Ao se falar sobre o estudo de gêneros textuais, uma das principais referências para os autores desde a década de 1970, é, certamente, a obra do linguista russo Bakhtin (1895-1975). Pelo fato de seus trabalhos fornecerem subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, esse autor representa, como lembra Marcuschi (2008, p. 152), “uma espécie de bom senso teórico em relação à concepção de linguagem”. E esse “bom senso” tanto é verdadeiro que a maior parte de seus escritos sobre linguagem e filosofia da linguagem influenciou todo um grupo de intelectuais com os quais trabalhou, entre 1919 e 1974, dando origem ao chamado *Círculo de Bakhtin*<sup>12</sup>. É com base nesses pressupostos que analisaremos os gêneros autobiográficos manuscrito culinário, diário e blog e seus enunciados.

Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado representa a unidade real e concreta da comunicação discursiva e defini-lo como tal pressupõe adotar a visão dialógica e ideológica da língua com base nessa premissa é que Bakhtin lança suas críticas e questionamentos às noções de língua vigentes, em oposição às concepções formais de sua época, ressalta que a verdadeira substância da língua não é constituída por um “sistema abstrato de formas linguísticas” (objetivismo abstrato), nem pela enunciação monológica isolada na expressão de uma consciência individual (no subjetivismo idealista), nem pelo ato psicofisiológico da sua produção (atividade mental), mas sim “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação (enunciado) ou pelas enunciações (enunciados)” (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 1989, p. 123, *apud* RODRIGUES, 2005, p. 155).

Justifica-se a análise dos manuscritos, diários e blogs pelo viés da teoria de Bakhtin e Benveniste a partir de uma visão dialógica porque, como pontua Bakhtin (1995, p. 124), “Não

---

<sup>12</sup> “Círculo de Bakhtin é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev”. (RODRIGUES, 2005, p. 152)

se deve pensar que essa realidade sumamente multifacetada possa ser objeto de apenas uma ciência – a Linguística – e ser interpretada apenas por métodos linguísticos”. A análise dos “gêneros”, nessa concepção, perpassa naturalmente a sua história, a cultura, as relações sociais de poder e todo o conjunto de elementos envolvidos na enunciação. As pessoas eu/tu se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva. Essa tomada é sempre única, móvel e reversível, representando a (inter) subjetividade na linguagem. A terceira pessoa (a não-pessoa, ele), ao contrário, é um signo pleno, uma categoria da língua, que tem referência objetiva e seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade.

Partindo do pressuposto da visão dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin (1995), na perspectiva de que a linguagem é vista como um diálogo sempre inacabado ou sem conclusão, por partir e diversos enunciados já ditos no meio social encontrando um locutor que lhe dará um novo sentido, é que ampliamos os domínios do dialogismo da linguagem acrescentando o conceito da Multimodalidade, já que esta parte dos estudos da semiótica e não diferente de Bakhtin (1995) que contribui para os estudos da semiótica da comunicação, revelando métodos que apresentam movimentos dialéticos colocando em evidência uma de suas maiores contribuições à semiótica que é o signo ideológico<sup>13</sup>. O signo fundamental do estudo de Bakhtin que será fundamental para o estudo das receitas culinárias é a palavra, pois estas são tecidas a partir de “fios ideológicos” e servem de ligação para todas as relações sociais em todos os domínios e as quais indicam todas as transformações sociais.

Bakhtin (1995) apresenta a semiótica como condição intencional e como uma objetivação específica: a totalidade que implica a conseqüente reflexão sobre os planos níveis e interações dos discursos produzidos articulando elementos físicos, mentais, emocionais, perceptivos, cognitivos entre si e na produção do sentido o que nos aproxima dos estudos da multimodalidade, visto que nos últimos anos, as discussões concernentes a esta área propagaram-se consideravelmente. Uma gama de pesquisadores advindos de uma vasta quantidade de campos de estudo – Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso, Análise do Discurso de Linha Francesa, Linguística Aplicada, Linguística de Texto, Pedagogia, Psicologia, Semiótica, Semiótica Social, Sociologia, entre outras - tem estudado esta temática, trazendo à tona as distintas maneiras como este conceito se materializa nas múltiplas formas da linguagem – escrita, oral e visual. Diante o exposto, é importante salientar o conceito de

---

<sup>13</sup> Para Bakhtin (1995) o signo ideológico representa um elo dinâmico na interação e socialização do homem e fator fundamental da ação material que transforma o próprio homem e a natureza. Os signos assumem forma e conteúdo, conduzindo o sentido para a materialização dos processos de comunicação. Um exemplo de signo que absorve uma interação onipresente é a palavra. Fundamental para o estudos das receitas culinária.

Multimodalidade que brota da Teoria da Semiótica, mais especificamente, da Semiótica Social. Consoante Barros (2005), a Semiótica prima pelo estudo do texto, mais especificamente, focando em explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11).

Em outras palavras, a Semiótica fundamenta-se não só no estudo daquilo que é dito pelo texto, como também pelas estratégias textual-discursivas traçadas pelo autor do texto, a fim de exteriorizar o seu dizer. Diante disto, este campo de estudo se debruça sobre as mais distintas construções linguísticas do texto para materializar seu dizer. Nesse contexto, observa-se a receita culinária como um texto e este será analisado a partir da perspectiva trazida por Xavier (2006), que postula o texto enquanto uma prática comunicativa materializada, por intermédio das múltiplas modalidades da linguagem, tais como: verbal [escrita e oral] e não-verbal [visual]. A receita culinária contida em um blog é concebida como algo resultante da atuação das múltiplas formas da linguagem. Ou seja, a receita culinária não é construída linguisticamente apenas, por meio da escrita. Pelo contrário, ela se materializa através da linguagem escrita, oral e/ ou imagética, bem como da articulação/ integração destas modalidades. Assim, uma receita tanto pode ser lida no suporte impresso e/ ou no suporte hipertextual como também ser materializada mediante a oralidade.

Diante desta perspectiva, a Semiótica se debruça sobre todas as construções textuais, sejam elas traçadas através da linguagem escrita, oral e/ ou visual. A Semiótica vai, deste modo, estudar os ditos e os não-ditos do texto, abarcando, também, os recursos linguísticos articulados para a materialização do seu dizer. Neste contexto, emerge o conceito de Multimodalidade que, na perspectiva de Dionísio (2005; 2011), refere-se às mais distintas formas e modos de representação utilizados na construção linguística do texto, tais como: palavras, imagens cores, formatos, marcas/ traços tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação, olhares etc. (DIONÍSIO, 2005; 2011; SILVINO, 2012). A Multimodalidade abrange, portanto, a escrita, a fala e a imagem. Observa-se, portanto que as receitas culinárias contidas nos blogs constroem-se a partir de marcas multimodais. É fácil observar uma receita na qual utiliza-se um destaque e/ ou ênfase, principalmente através dos recursos negrito e sublinhado, ou então, fazer uso do aumento da fonte, da alteração da sua cor e/ ou outros efeitos do texto, tais como: o estilo do sublinhado, sombra, reflexo, pano de fundo, *emotions*, entre outros. Todos estes traços, na ótica de Dionísio (2005; 2011), podem ser alçados à condição de pistas textuais, que demonstram a intenção comunicativa e/ ou finalidade do texto. E, como tal, consistem em recursos linguísticos multimodais. Como demonstra a figura a seguir:

**Figura 23**– receita de doce de leite no formato de guirlanda

## RECEITA DE RABANADA DE DOCE DE LEITE NO FORMATO DE GUIRLANDA

---

24 de dezembro de 2018
👁 166 ❤ 1 💬 0



Eu amo com todas as minhas forças **rabanada**. Minha mãe sempre comprava e eu sempre lembro de ter rabanada lá em casa nessa época do ano. Essa é uma rabanada tradicional com pão francês amanhado e **leite condensado**, mas ao invés de fritar em óleo eu sempre faço na frigideira com **manteiga**. Gosto dela fria e você?!

### Rendimento

8 a 10 fatias de rabanada

### Ingredientes

- > 2 pães franceses amanhados
- > 500 ml de leite
- > 1/2 latinha de leite condensado
- > 2 ovos
- > 2 pães franceses amanhados
- > 2 colheres rasas de manteiga sem sal
- > açúcar refinado e canela em pó para polvilhar (o quanto baste)

### Preparo

Fatie os pães com uns 1 1/2 cm cada fatia. Coloque o leite com o leite condensado num bowl e os ovos levemente batidos em outros. Passe a fatia de pão no leite e depois nos ovos e leve para a frigideira já quente em fogo médio com a manteiga. Use uma frigideira maior, assim você acomoda todas as fatias de pão e fica mais fácil para você administrar. Depois que as fatias de pão estiverem douradas de um lado, vire-as com cuidado para fritarem do outro lado. Enquanto isso coloque o açúcar e a canela em pó num outro recipiente e a medida que as rabanadas forem ficando prontas, passe-as nesta mistura e coloque num travessa bonita. Pronto, agora é só deixar esfriar e se deliciar.

**Fonte:** [cozinhatravessa.com/](http://cozinhatravessa.com/) (Acesso em 15/07/2019)

A figura 23 demonstra que, no ato da construção de uma receita, o autor pode fazer uso de uma vasta quantidade de recursos linguísticos multimodais provenientes tanto do plano verbal, como do visual, como a utilização de negrito (letra, impresso....) para destaque de uma palavra e cores das letras, como destacado na figura. Para Dionísio (2005; 2011), todos estes distintos modos de construir um texto acarretam modificações substanciais na forma como as pessoas elaboram sentido e significação, transcendendo, desta maneira, a primazia dada à palavra. A Multimodalidade propicia, então, o surgimento de múltiplos e diversificados recursos de construção de sentido.

Analisando as ocorrências linguísticas das receitas oriundas do blogs, em que a linguagem visual se configura como parte (ou como o todo) da situação comunicativa nos dias atuais, apreende-se que “a imagem desperta emoções e promove reações, impactando o observador” (COSTA, 2013 p. 37). Outrossim, o contato entre o texto visual e o leitor promove outras ocorrências. Uma delas é a disposição dos modos de elaboração e de leitura, pois produzir textos imagéticos diferencia-se da composição dos textos verbais, e sua leitura também se faz distintamente. Nos blogs, todas as receitas analisadas são acompanhadas de imagens, fotografias ou vídeos para ilustrá-las. Além disso, “A forte interação entre esses modos também pode causar efeito de sentido no modo escrito, ou seja, a relação entre ambas as linguagens, a maneira como elas coexistem podem afetar a forma e a leitura da mensagem veiculada” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 12).

Dessa forma, surgem novas formas de produzir e de ler textos, oriundas dos papéis exercidos pelas imagens na sociedade atual. Entretanto, Costa (2013) reflete que “apesar do imediatismo e da espontaneidade da imagem visual, é a cultura que possibilita uma interpretação mais profunda e apurada da experiência visual”. Diante disso, para compreender a composição imagética presente nas receitas culinárias dos blogs, em várias situações comunicativas, é através é importante fazer referência à Gramática do Design Visual, a qual analisa linguística e estruturalmente os textos visuais e seus códigos semióticos a partir de uma tríade: a representação do mundo, a interação entre leitor e texto e a significação de suas escolhas visuais, fazendo assim uma reflexão a partir de três perspectivas: representação, interação e significação.

Proposta por Kress e Van Leeuwen (1996), a Gramática do Design Visual está baseada e fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), a qual apresenta uma sintaxe própria e, inclusive, dotada de significado e tem como base a própria gramática da língua escrita, a qual é projetada para uma língua repleta de semioses e mídias. Partindo dessa concepção, a composição imagética das receitas culinárias dos blogs apresenta elementos

icnográficos que se interligam em estruturas próprias para a construção de sentido, desde representação dos ingredientes, o passo a passo da produção da receita até o prato pronto ou o vídeo da receita sendo preparada. Estas imagens são partes que se organizam e se conectam para composição de um todo coerente e significativo, já que são utilizadas para completar, explicar, possibilitar interpretações, acrescentar informação e não tão-somente ilustrar.

Desse modo, reconhecer que as imagens não só possuem estrutura mas, principalmente, apresentam sentido, possibilita a criação de leitores mais críticos e interativos diante das manifestações discursivas e das novas identidades sociais que o universo tecnológico tem despertado. A visão multifuncional das escolhas linguísticas verbais e visuais permitem compreender os modos como a linguagem é utilizada para o atendimento de diferentes propósitos e para a funcionalidade em diferentes contextos, no caso das receitas culinárias isso acontece, também, em relação a escolha dos nomes das receitas, seja algo que remeta a um sentido mais abstrato como “Bolo Felicidade”, “Bolo Segura Marido” seja no sentido concreto “Receita de rabanada de doce de leite no formato de guirlanda”, representado pela figura 25, os nomes das receitas em si já indicam ao leitor “representação, interação e significação”. O exemplo da figura 25 deixa claro que a representação do signo “guirlanda” já é o dêitico do próprio formato no qual o alimento terá ao final do seu preparo, além da perspectiva deste signo representar uma data comemorativa da sociedade brasileira que é o natal .

Portanto, analisando os aspectos estruturais, das receitas culinárias dos blogs observa-se que há a coexistência entre elementos verbais e não-verbais, possuindo uma forte ocorrência da multimodalidade, o que a torna um gênero repleto de várias linguagens, evidenciadas pela presença de vários recursos semióticos. Dialogando com linguagens mistas, as receitas culinárias configuram-se como um gênero capaz de unir elementos multimodais, reforçando o impacto que deve efetivar diante de seu leitor. Ademais, com um olhar semiótico, percebe-se que os blogs analisados há mais de um modo de representação. Neles encontram-se palavras, imagens, cores, diagramação, formatos distintos, tudo interligado para a composição dos sentidos.

Assim, para o aprofundamento do gênero receita, contidas nos blogs culinários, precisam ser observados critérios ligados à análise do texto (estrutura, temas, tipo textual e nível de linguagem) e também critérios ligados à análise do contexto (condições de produção, condições de recepção, finalidade e suporte). A partir daí, seguindo a definição de Dionísio (2005), a qual afirma que a multimodalidade se organiza a partir de duas modalidades (oral ou escrita), enquanto que a outra é pictorial, ou seja, dinâmica ou estática, percebe-se que a

interação entre tais elementos são os responsáveis pela concretização do sentido também das receitas culinárias dos blogs. Sendo assim, a percepção e compreensão dos elementos que compõem as receitas, gênero também multimodal, desenvolve uma leitura consciente, pois não é possível fazer uma leitura apenas das palavras, nem somente das imagens ou de outro elemento gráfico. É a conectividade entre eles que conduzem a uma compreensão real do texto que fora construído com uma intencionalidade pré-estabelecida.

Em suma, os textos são produzidos com vários modos de representação e, assim sendo, o leitor deve considerar, além da língua escrita, todos os aspectos semióticos para chegar à compreensão deles, pois é comungando o verbal e o visual e analisando essa complementariedade que se obtêm as informações de um texto multimodal (VIEIRA, 2012, p. 4).

É fundamental observar que as receitas culinárias dos blogs apresentam, também, alguns elementos estáveis ou fixos do gênero receita, tais como: a descrição dos ingrediente e o modo de preparo, e outros elementos secundários que se modificam de uma receita para outra ou entre um blog e outro que são as imagens, vídeos, descrição do tempo de preparo, utensílios rendimento ou custo da receita. Essas escolhas e organização são pontuais para a classificação enquanto gênero textual. Todos esses elementos e os demais apresentam uma composição multimodal obtida pela sua estruturação e utilização de um hibridismo linguístico que deve ser investigado por seu leitor.

As receitas culinárias dos blogs, que se caracterizam como hipertextos manifestam-se também pela possibilidade de interconectar simultaneamente imagens, sons, texto escrito, trechos de filmes, dentre outros, em um mesmo ambiente virtual. Essa é uma das características que diferencia as receitas dos blogs com as receitas dos manuscritos, pois este último, por questões e limitações do suporte, não pode reunir tantas semioses, apesar de existirem, quanto aquelas existentes no ambiente virtual. Os *links* e os *posts* criam conexões específicas e geram uma rede de significações, remetem a diversas porções textuais, gerando assim um amplo processo intertextual dentro do hipertexto. É importante ressaltar que os *links* são determinados pelo autor do blog de receitas culinárias, ou seja, eles são determinados por quem constrói o blog e não pelo leitor do mesmo. Ao leitor cabe a decisão de ir por um determinado caminho ou por outro, clicando em um ou em outro link, respondendo ou não aos comentários e sugestões do autor construindo assim o seu próprio caminho de leitura. O hipertexto traz consigo uma diversidade imensa de gêneros digitais que podem ser considerados uma transmutação dos gêneros textuais. Estes últimos podem ser definidos como textos empiricamente realizados, ou seja, textos materializados numa situação

comunicativa oral ou escrita que apresentam características próprias e cumprem funções comunicativas específicas. Alguns exemplos de gêneros textuais são: a carta, o bilhete, o diário, o romance, a novela, o discurso, a piada, dentre outros. No hipertexto, muitos desses gêneros textuais sofreram mudanças apresentando características novas, e conservando algumas características tradicionais, sendo chamados de gêneros digitais. Fundamentados assim, pela tradição discursiva.

Além do mais, nos blogs há o espaço para que os leitores do blog se manifestem por meio de comentários, mais um espaço característico da multimodalidade pela relação híbrida da linguagem dos *posts* e *links*, nos quais podem exprimir suas opiniões, sugestões e críticas, reforçando a interatividade própria do ambiente virtual. Espaço este que determinou a seleção dos blogs analisados no qual foram observados o gênero dos autores, profissão e objetivo dos blogs. Essa discussão sobre a seleção de cada blog e sua autoria será realizada nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO II

### 2 O BLOG DE RECEITAS CULINÁRIAS: DO PRIVADO AO PÚBLICO

O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o Outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais. Por meio de links, textos escritos, imagens e sons podem ser associados de modo não linear num ‘mundo textual sem fronteiras’, visto que as ligações eletrônicas podem ser realizadas entre textos em número virtualmente ilimitado. (CHARTIER, 2003, p. 89).

Quando surgiram, os primeiros blogs foram criados para listar e compartilhar links de páginas da Web consideradas interessantes por seus autores, “em geral acompanhados de impressões sobre o conteúdo das mesmas” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO; 2009, p. 103). Ou seja, os blogs eram páginas que indicavam outras páginas, fornecendo o link e fazendo comentários breves, e os posts consistiam em dicas de outros sites. “O post-link foi o primeiro gênero narrativo dos weblogs, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante)” (MALINI, 2008, p. 3). A partir daí, houve uma explosão de blogs, mas agora com um novo perfil: agora a tendência era transformar esses suportes em diários pessoais, publicando relatos sobre a vida cotidiana e reflexões. Como tais ferramentas facilitaram a escrita de um pensamento ou de uma observação, muitas pessoas não se sentiram mais inclinadas a criar um link e escrever algo em torno dele e sim a publicar relatos pessoais (BLOOD, *apud* MALINI, 2008). Esse primeiro boom dos blogs, em uma época em que foram usados predominantemente para publicar relatos íntimos, marcou a imagem da ferramenta, que passou a ser associada unicamente a diários pessoais.

Com o passar dos anos e a apropriação feita pelas mais diversas pessoas, e com os mais distintos fins, os blogs perderam o perfil quase único de diário pessoal e se tornaram ferramentas com múltiplos conteúdos e finalidades: jornalístico, literário, corporativo, didáticos etc, o que caracteriza a terceira geração de blogueiros. Como explicam Ferreira e Vieira (2007) os blogs ganharam status de um canal de comunicação, sendo utilizados em diversas áreas, como moda, jornalismo e até estratégia de marketing de empresas. “O blog hoje é uma moda presente na rede”

Apesar da proliferação de tipos de blogs, com os mais variados conteúdos e finalidades, “ainda hoje, o uso do blog como um diário pessoal é apontado por muitos autores como o mais popular uso da ferramenta (vide, por exemplo, Oliveira, 2002; Herring, Scheidt, *et al.*, 2005; Schmidt, 2007)” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 29).

O perfil de blog usado como diário íntimo já não é mais o único na rede, mas continua preponderante entre os blogs de receitas culinárias. Esses blogs, pelo conteúdo de seus posts, voltados para publicações de receitas, reflexões e relatos cotidianos, são associados aos antigos diários íntimos, escritos em papel. Sibilía (2003) lembra que os relatos autobiográficos, especialmente os diários íntimos, tiveram a sua morte anunciada e confirmada nas últimas décadas do século XX. No entanto, aponta a pesquisadora, houve um repentino ressurgimento dos relatos intimistas nos ambientes virtuais – com os blogs confessionais. Pela semelhança temática dos blogs confessionais, que provocaram o primeiro boom de blogs na Web, com os diários íntimos, blog e diário são frequentemente associados. Lemos (2002, p. 87) afirma que essas páginas na internet são “uma apropriação social da web como forma de reeditar práticas antigas como os diários pessoais”.

A partir daí, percebe-se que os blogs de receitas culinárias são como diários íntimos, daqueles escritos em papel e na maior parte dos casos guardados em segredo, assim como os manuscritos culinários, só que agora mantidos em um novo suporte – a internet. Os blogs de receitas culinárias contribuíram para o renascimento e o fortalecimento da escrita de si, muito marcada pela profusão de diários intimistas no século XIX.

Mas é preciso avaliar se o balanço das semelhanças e das diferenças entre os blogs de receitas culinárias e os diários íntimos faz com que os primeiros sejam uma forma reeditada da velha prática diarista, adaptada ao novo cenário contemporâneo, ou uma prática completamente nova, uma modalidade original de escrita de si.

## 2.1 AS COMUNIDADES VIRTUAIS DOS BLOGS

Com o surgimento dos blogs a democracia parece ter chegado à grande rede visto que o processo de se fazer comentários em blogs, descoberto primeiramente por hackers, significou de certa forma a democratização da publicação, conseqüentemente reduzindo as barreiras para que leitores se tornassem escritores. Qualquer pessoa pode criar um blog na rede digital. Segundo o jornalista e blogueiro americano, Jonh Batelle, em entrevista concedida à revista *Época* (Edição 428-jul./06), “os blogs são o primeiro passo para que todas as pessoas alfabetizadas tenham sua própria plataforma no mundo”.

Dessa forma, desde os anos 90, quando os primeiros blogs foram postados, essa ferramenta se tornou gratuita. Atualmente portais como UOL, o site BLOGGER, disponibilizam suas tecnologias para que os usuários de blogs possam utilizá-las na postagem de seus diários. Neste aspecto os blogs surgiram trazendo consigo o livre direito de se

comunicar via internet, estando disponível e ao mesmo tempo ao alcance de todos. Para Amorim e Vieira (2014, p. 67): “a rede mundial promete ser um meio de que todos possam participar, onde todos possam publicar e gerar conteúdo. Promete ser um meio de comunicação não apenas de massa, mas construído pela massa – os internautas”.

O blog é um dos gêneros digitais que apareceram com o advento do hipertexto. Como tal, carrega características inerentes ao ambiente hipertextual e outras inerentes à sua constituição específica. O blog pessoal é, ao mesmo tempo, um espaço dedicado à exposição de aspectos da vida íntima de alguém e um local que propicia a interação entre o seu escrevente e os leitores das mensagens nele contidas. Constitui-se, portanto, como um espaço discursivo situado na fronteira entre o público (caráter do hipertexto) e o privado (caráter do diário tradicional).

Blog é uma abreviação de weblog, qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal online por exemplo). A maioria das pessoas tem utilizado os blogs como diários pessoais, porém um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de blog é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na Internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado. (INTERNEY, 2006, p. 89)

A definição e características citadas anteriormente mostram o blog como qualquer registro frequente de informações. Ressalta-se a possibilidade de se utilizar o blog não só como página pessoal, mas também como espaço para a publicação de inúmeras mensagens com conteúdos diversos. Assim, percebe-se a facilidade de construção de um blog e por isso se torna um suporte muito propício para a publicação das receitas culinárias, mesmo que o internauta não domine a linguagem HTML<sup>14</sup>, necessária para construir sites de páginas pessoais.

A década de 90 do século XX foi a época em que a internet começa a se popularizar como instrumento de pesquisa e comunicação, surge um fenômeno conhecido como “a primeira onda da web escriturável”, na qual as pessoas poderiam, através de ferramentas simples, postar diários online. Nessa época, porém, as ferramentas utilizadas para a construção de páginas pessoais não eram muito sofisticadas e não possibilitavam o armazenamento de inúmeras imagens e nem a rapidez de atualização, se comparadas às

---

<sup>14</sup> HTML é uma sigla do termo HyperText Markup Language; é uma das linguagens utilizadas para desenvolver páginas na Internet; existem outras linguagens mais avançadas, porém, a maioria dos sites funciona em linguagem HTML.

ferramentas dos dias atuais. Nesse período, poucas pessoas utilizavam a internet e o número de diários virtuais era muito pequeno. Já a “segunda onda da web escriturável” trouxe uma grande popularização da internet, pois permitiu a democratização de acesso e aumentou a velocidade na publicação virtual de páginas pessoais, o envio de e-mails, dentre outras possibilidades. Esse período se iniciou por volta do ano de 1999 e possibilitou um aumento significativo do número de pessoas que postavam diários virtuais, (INTERNEY<sup>15</sup>, 2006)

Nessa época, surgiram softwares gratuitos que permitiam que qualquer pessoa (mesmo aquela que não conhecesse a linguagem HTML) pudesse construir páginas pessoais e atualizá-las constantemente. O primeiro software gratuito foi criado pela empresa norte-americana Pitas, que deu lugar posteriormente a outros softwares tais como o Blogger, que se popularizou e tornou-se a base para a construção de páginas pessoais na internet. A partir de ferramentas como essa, qualquer um pode criar e postar virtualmente uma página pessoal, atualizando-a se julgar necessário.

A origem do blog remonta ao ano de 1992, quando Tim--Berners Lee cria a página virtual denominada “What’s new in 92”, com o objetivo de divulgar as novidades tecnológicas do universo da *web*. Neste primeiro momento, o blog consistia em uma página com vários *links*<sup>16</sup> para navegação em outras páginas, seguidos de comentários pessoais do autor.

Mais tarde, com a difusão de serviços de edição e publicação de conteúdo online, que dispensavam conhecimentos aprofundados sobre programação, o blog passou a se popularizar e a adquirir caráter mais confessional, aproximando-se de uma espécie de diário íntimo na internet.

O termo original *weblog* é proveniente da junção das palavras *web* (rede mundial de computadores) e *log* (diário de bordo), o que reflete um paradoxo inerente ao próprio formato: um diário pessoal e íntimo que, todavia, é revelado na internet, tornando-se público, aberto, conhecido por qualquer um que manifestar interesse em acessar aquela página virtual. Nesse sentido, o blog difere dos fóruns de discussão: nestes a autoria é dispersa e os leitores buscam informações mais concretas e objetivas, ao passo que naquele a autoria é centralizada (mas

---

<sup>15</sup> O InterNey.net foi reconhecido como o blog mais popular da internet brasileira em 2006, 2007 e 2008. Foi fundador em 2006 do InterNey Blogs, primeira rede profissional de blogs do Brasil, projeto descontinuado em 2013.

<sup>16</sup> Segundo o Dicionário Caldas Aulete (versão digital), link é um “trecho, palavra ou ícone que conecta um ponto a outro em documentos e sites”. Nas páginas da internet, o link geralmente é destacado (aparece ou em negrito ou sublinhado).

não necessariamente única) e os leitores buscam as impressões e o ponto de vista do autor sobre os temas abordados.

A organização textual dos blogs é marcada por inúmeros posts escritos pelos blogueiros e organizados de forma cronológica. Os escreventes de blogs podem, em questão de minutos, postar mensagens de diferentes conteúdos. Pode-se afirmar que existem atualmente diversos tipos de blogs que possuem propósitos comunicativos diferentes.

Assim, há os blogs políticos que objetivam discutir questões relacionadas à política, além de proporcionarem um espaço interativo entre os internautas e os candidatos; os jornalísticos, nos quais são veiculadas notícias e reportagens de maneira independente, sem a censura das grandes empresas jornalísticas; os blogs educativos, destinados a propiciar um espaço para a construção do conhecimento e veiculação de conteúdos e textos ligados às diferentes disciplinas abordadas em sala de aula; os fotoblogs (ou flogs) que são espécies de álbum no qual são postadas fotos digitais acompanhadas de legendas, e os blogs pessoais, espaços digitais nos quais os escreventes falam sobre seu dia-a-dia, suas intimidades etc., os blogs de receitas culinárias se encaixam neste último grupo de classificação de blogs, o da escrita pessoal.

Sibilia (2008), discute que o fenômeno de revelações da intimidade na internet se faz presente principalmente nos blogs pessoais, que, segundo a autora, podem ser definidos como “diários pessoais publicados na internet, uma modalidade de “escrita íntima” ou de narração autorreferente, conhecida como weblogs ou, simplesmente, blogs”. Segundo ela, os blogs pessoais atendem a uma necessidade muito presente na sociedade pós-moderna: a visibilidade. A autora defende a ideia de que os blogs representam um processo de escancaramento da intimidade em um espaço público. Como comprova o trecho a seguir:

Fato dos novos diários íntimos serem publicados na internet, não é um detalhe menor, pois o principal objetivo de tais estilizações do eu parece ser, precisamente, a visibilidade – em perfeita sintonia, aliás, com outros fenômenos contemporâneos que se propõem a escancarar a minúcia mais ‘privada’ de todas as vidas ou de uma vida qualquer: dos reality-show decalcados no modelo Big Brother às revistas no estilo Caras, dos programas de TV que se inscrevem na linhagem do Ratinho livre à proliferação de documentários em primeira pessoa, do sucesso editorial das biografias à crescente importância da imagem nos políticos e em outras figuras públicas, etc. (SIBILIA, 2008, p.37)

Para Oliveira (2002), os blogs pessoais representam um espaço destinado ao discurso intimista e confessional e, por isso, são muito semelhantes aos diários escritos e secretos ainda

utilizados por algumas adolescentes, assim como os manuscritos culinários que revela o cotidiano feminino através de suas receitas culinárias. A referida autora ressalta o fato de que os blogs inicialmente serviam apenas como filtro de notícias, não sendo, portanto, nessa época, um espaço de revelação da intimidade. No entanto, rapidamente os blogs como filtro de notícias deram origem aos blogs pessoais. Seu formato textual, marcado pela postagem de mensagens datadas e organizadas em ordem cronológica, cumpria a função de um verdadeiro diário postado na rede. Assim, Oliveira (2002, p. 144) afirma:

Em pouco tempo os diários virtuais no formato *blog* evoluíram de filtro de notícias para um conceito mais diretamente ligado aos tradicionais diários íntimos, antes trancados a sete chaves. De fato muitos deles são utilizados como lugar exclusivo onde o blogueiro conta o dia-a-dia, faz confissões, desabafos, bem aos moldes do diarismo tradicional.

Komesu (2005) argumenta que o blog representa um modo de enunciação baseado no que ela chama de “publicização de si”: o objetivo principal do enunciador é ser visto. Segundo a pesquisadora, o blog instaura “um modo de enunciação fundado na publicização de si na relação com a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador”. (KOMESU 2005, p. 198)

Quanto à estrutura, pode-se afirmar que os blogs pessoais se caracterizam pela postagem de mensagens geralmente destinadas a um determinado grupo de pessoas conhecidas (os co-enunciadores). As mensagens, também chamadas de posts pelos blogueiros, são organizadas cronologicamente. Ao final de cada um dos posts, há um link que possibilita ao leitor comentá-lo, interagindo assim com o escrevente do blog.

Na maioria dos blogs pessoais, há um espaço destinado à postagem de links para os blogs de amigos, colegas e conhecidos, formando uma grande rede intertextual. A escrita dos blogs aproxima-se do tom coloquial e não segue as regras da norma culta. No caso dos blogs de adolescentes, é comum encontrarem-se gírias, abreviaturas e a mistura entre letras em caixa alta e caixa baixa, caracterizando um tipo de escrita muito próprio dos adolescentes internautas escreventes de blogs. Muitas vezes encontrar-se-á, nos blogs, tendência para uma escrita fonética, em que as palavras estarão grafadas de maneira muito próxima ao modo como se fala.

Assim, como exemplo, há palavras como ‘não’, que nos blogs é escrita como naum, e tão, como taum etc. Feitas considerações sobre a constituição e características dos blogs, cabe agora trazer à tona o conceito de ethos, uma vez que este artigo objetiva evidenciar como ele se constitui dentro do discurso intimista dos blogs na internet.

Para estabelecer e manter um contrato de comunicação com o leitor, o autor do blog deve atentar para alguns elementos próprios desses escritos. Em geral, os blogs apresentam uma compilação de textos (*posts*), organizados segundo uma cronologia inversa (dos mais recentes para os mais antigos), os quais possuem um endereço próprio para acesso dentro da rede. A “memória” do blog, ou seu “arquivo”, pode ser organizada com base na cronologia (textos organizados por semanas, meses e anos) ou no tema (categorias temáticas), e esses textos podem ser acessados a partir de uma busca interna na própria página, seguindo os moldes de um buscador comum, como o Google.

Os blogs parecem servir como um espaço desinibidor, onde as pessoas se sentem à vontade para falar de qualquer assunto, inclusive algo que parece tão trivial como as receitas culinárias. Talvez o mais correto seja dizer que entre as pessoas que têm acesso a internet, os blogs vêm se apresentando como um espaço público virtual democrático, que privilegia modos distintos de enunciação e de facilitação da exposição da vida íntima privada para a esfera pública.

Também é comum encontrar em blogs uma relação de outras páginas com as quais o autor se identifica e/ou dialoga e cujo conteúdo se assemelha ao do próprio blog. Daí perceber que há uma “comunidade” virtual em cada blog, justamente por esse emaranhado de informações e links que compõem os blogs. Como representado na figura abaixo:

**Figura 24** – receita do tradicional xis salada

The image shows a browser window with the URL `destemperados.com.br/receitas/a-receita-do-tradicional-xis-salada`. The website header features the 'Destemperados' logo and a navigation menu with links for 'EXPERIÊNCIAS', 'RECEITAS', 'BEBIDAS', 'QUEM SOMOS', 'EVENTOS', 'CASA DESTEMPERADOS', and 'CONTATO'. A search icon is also present. On the left, a 'Voltar' button is highlighted. The main content area displays the recipe title 'A receita do tradicional xis salada' with a date of '25/01/2018'. Below the title is a social sharing bar with 'Tweet' and 'Curtir 0' buttons, and an 'Enviar por e-mail' option. A search sidebar on the right is titled 'Busca' and contains dropdown menus for 'Tipo de receita', 'Ingrediente', 'Culinária', and 'Ocasão'. An advertisement for 'Cortez' sneakers is visible on the right side of the page.

#### Ingredientes

1 pão de hambúrguer com diâmetro médio de 20 centímetros  
 Ervilha e milho a gosto  
 2 folhas de alface  
 1 tomate cortado em cubinhos  
 1 ovo  
 2 fatias de queijo lanche ou muçarela  
 400g de carne moída  
 Maionese a gosto  
 1 cebola picada  
 1 dente de alho picado  
 Sal e pimenta a gosto  
 Azeite a gosto

#### VOCÊ VAI PRECISAR DE

Tigela  
 Chapa ou frigideira

#### MODO DE FAZER

1. Em uma tigela, coloque o alho, a cebola e a carne. Misture tudo com as mãos.
2. Tempere com sal e pimenta a gosto e misture um pouco mais.
3. Em seguida, modele a carne no formato de um hambúrguer. Faça isso com as mãos para facilitar.
4. Leve o hambúrguer para fritar em uma chapa. Se você não tiver, utilize uma frigideira, mas não deixe de preparar o seu próprio lanche.
5. Certifique-se de que os dois lados fiquem dourados e no ponto desejado.
6. Acrescente as fatias de queijo por cima para derreter.
7. Enquanto isso, corte o pão de hambúrguer ao meio, para formar duas fatias.
8. Disponha as fatias viradas com o miolo para baixo na chapa e deixe dourar levemente. O pão douradinho e suadinho dá um toque todo especial.
9. Frite o ovo normalmente. Não se esqueça de virar a gema para baixo: no xis, o ovo é bem passado e a gema não é mole.
10. Na montagem, passe a maionese nas duas fatias de pão. Seja generoso, essa é uma das partes mais deliciosas do xis.
11. Disponha a carne com o queijo por cima. 12. Acrescente o ovo, o milho, a ervilha, os tomates picados e o alface.
13. Finalize na chapa dourando o restante o pão.
14. Caso sua chapa tenha uma prensa, essa é a hora de prensá-lo. Se você preparar em uma frigideira, pode usar qualquer material mais pesado para fazer pressão.
15. Nossa dica é servir com batata frita e muita maionese.

Tags: Lancheria do parque

**Fonte:** <http://www.destemperados.com.br> (Acesso em 02/02/2018)

A figura 24 representa a possibilidade diversa de interação que o blog possui com outros sites, redes sociais ou outros blogs, como demarcado com as “setas” acima. Além disso, há algumas informações básicas presentes nos blogs que funcionam como elementos

garantidores do acordo de leitura entre autor e leitor: a publicação de uma pequena biografia do autor do blog, com o fim de instituir a identidade de quem escreve e de contextualizar o que é escrito; a descrição sucinta do conteúdo da página, definindo sua temática.

## 2.2 BLOGS DE RECEITAS CULINÁRIAS: A NOVA ESPÉCIE DE DIÁRIO

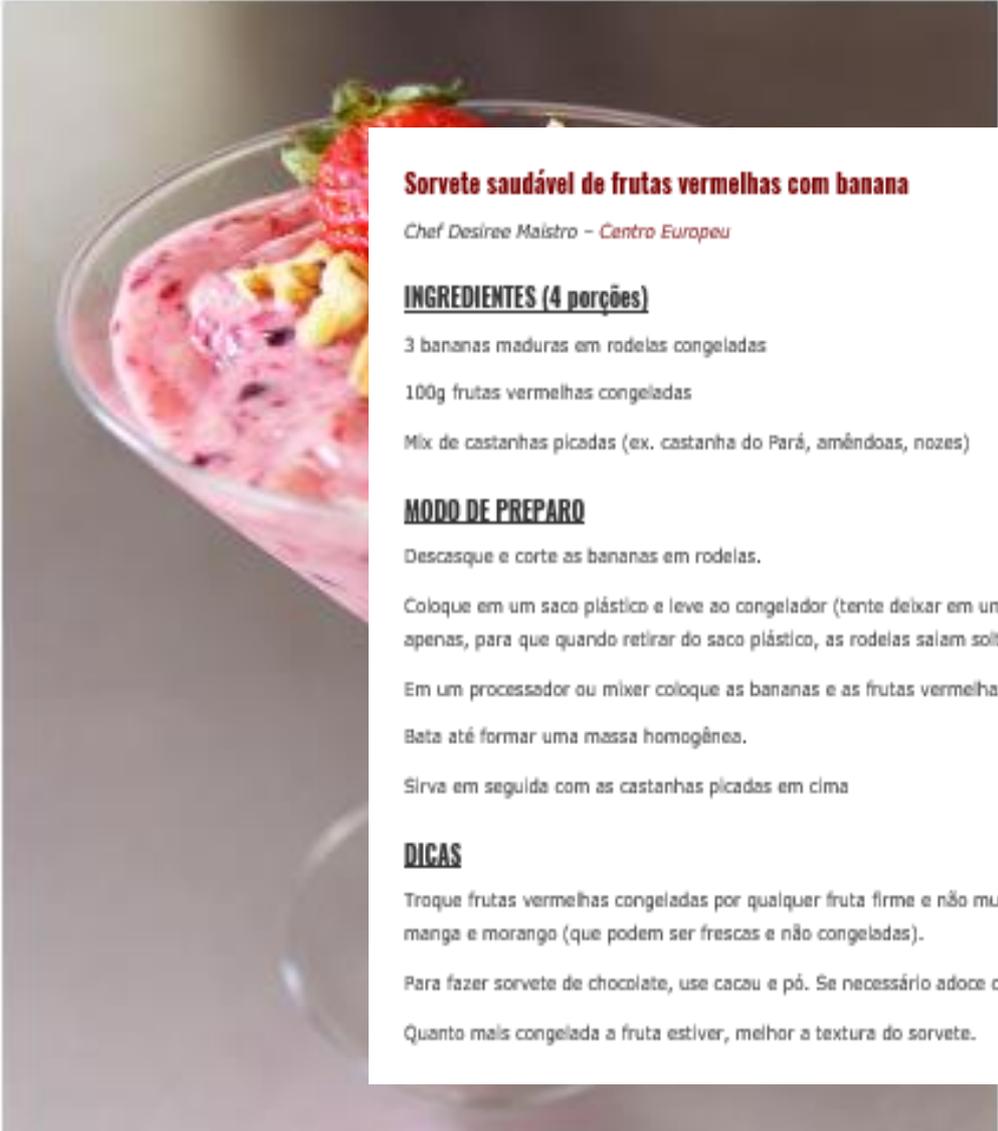
A globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes, e as idéias (IANNI, 1992, p.32)

A escrita dos blogs culinários é muito parecida com aquela produzida nos tradicionais diários íntimos. Os autores dos blogs publicam fatos ligados a sua vida íntima particular, sua rotina diária, faz desabafos, revelações diversas através de suas receitas ou menus publicados. Para Oliveira (202, p.145), pesquisadora de blogs na área de comunicação, “blogs com esta função de diário íntimo *online* são facilmente encontrados na rede”. O fato de o tempo ser marcado em cada novo post enviado pelo blogueiro, bem como a ordem cronológica reversa, em que a última publicação fica no topo da página, parece atrair, a cada dia, novos escreventes interessados em guardar “ali”, anonimamente ou não, parte daquilo que pensam, suas crenças, fatos que julgam interessantes ou que marcaram as suas vidas. Ainda a possibilidade de postar fotografias nos blogs serve como um recurso múltiplo que inclui, dentre outros, o compartilhamento de suas memórias com outros usuários da rede, ou talvez, como um arquivo pessoal de momentos a serem lembrados. Como demonstra a figura a seguir:

**Figura 25** – receita de sorvete saudável

**SORVETE SAUDÁVEL**  
RECEITA COMENTÁRIO

Esse Sorvete Saudável de frutas vermelhas e banana dá pra você fazer e comer sempre sem medo de ser feliz!



**Sorvete saudável de frutas vermelhas com banana**  
*Chef Desiree Malstro - Centro Europeu*

**INGREDIENTES (4 porções)**

- 3 bananas maduras em rodela congeladas
- 100g frutas vermelhas congeladas
- Mix de castanhas picadas (ex. castanha do Pará, amêndoas, nozes)

**MODO DE PREPARO**

Descasque e corte as bananas em rodela.

Coloque em um saco plástico e leve ao congelador (tente deixar em uma camada apenas, para que quando retirar do saco plástico, as rodela saiam soltinha)

Em um processador ou mixer coloque as bananas e as frutas vermelhas.

Bata até formar uma massa homogênea.

Sirva em seguida com as castanhas picadas em cima

**DICAS**

Troque frutas vermelhas congeladas por qualquer fruta firme e não muito aguada, como manga e morango (que podem ser frescas e não congeladas).

Para fazer sorvete de chocolate, use cacau e pó. Se necessário adoce com mel.

Quanto mais congelada a fruta estiver, melhor a textura do sorvete.

Claro que quem for diabético precisa tomar cuidado por causa do açúcar das próprias frutas.

De qualquer forma seu preparo é funcional não contém glúten, lactose e açúcar refinado.

A chef Desiree Malstro, do Centro Europeu Escola de Gastronomia aproveitou essa receita de sorvete saudável para dar várias dicas.

Dicas como a de substituição das frutas, que podem ser congeladas ou não.

**Fonte:** <http://cucasnacozinha.com.br> (Acesso em 02/02/2018)

A figura 25 reflete que os blogs podem ser caracterizados, portanto, numa relação temporal síncrona, ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede, como as discussões sobre vida saudável, dietas e saúde, através de comidas sem glúten e açúcar, por exemplo. Ou seja, os autores dos blogs de receitas culinárias, pretendem gravar em seus blogs o que pensam, suas crenças, fatos que julgam interessantes ou que marcaram as suas vidas. Como demonstrado na figura acima “Claro que quem for diabético precisa tomar cuidado por causa do açúcar das próprias frutas. De qualquer forma seu preparo é funcional não contém glúten, lactose e açúcar refinado.” (Figura 25).

As marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de modo automático como ferramenta do site, apontam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Ao mesmo tempo que o texto do blog é eternizado porque materializado pelos suportes (da escrita, da internet), ele é, também, extremamente fugaz, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação, além da substituição do conteúdo que muda de acordo com as mudanças sociais e culturais.

É fundamental buscar compreender os diversos modos de subjetivação humana na nossa cultura contemporânea, os quais estão presentes nas práticas de escrita dos blogs. Desta forma, alinha-se essas perspectivas premissa de que os blogs, os chamados “diários virtuais” (KOMESU, 2005), se constituem como um o fetiche simbólico que uma receita culinária pode representar, assim como, um espaço para práticas discursivas próprias de um sujeito em determinadas condições históricas. Num esforço de reflexão, à luz das ideias de Foucault (1972), observa-se que o sujeito dos chamados tempos modernos se confronta com forças coercivas e antagônicas advindas das diferentes formas de poderes estabelecidas e cristalizadas nas relações sociais.

Estas formas de lutas travadas pelos sujeitos são dissimuladas pela busca da construção de novas identidades, como modos de subjetivação. O trabalho que objetiva a busca permanente de identidade pode ser compreendido como o efeito das formas de poder globalizante que descentra o sujeito agora em indivíduo. Segundo Foucault (*Apud* GREGOLIN, 2004, p. 137-138):

Desenvolve-se uma tática individualizante, característica de toda uma série de poderes múltiplos (da família, da medicina, da psiquiatria, da educação, dos empregadores, etc.) cujo objetivo principal é o de forjar representações de subjetividades e de impor formas de individualidades. [...] o problema que

se nos coloca na modernidade não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas o de libertá-lo das representações de individualização criadas pelo poder globalizador.

Esta visão nos serve de instrumento de análise no sentido de que o exame dos excertos dos blogs, relativos ao recorte de nossa pesquisa, evidencia um sujeito escrevente que procura incessantemente novos modos de subjetivação, de falar da vida íntima e privada, dos desejos e emoções. Como observado na figura a seguir:

**Figura 26** – receita de bolo de queijadinha

**RECEITA DE BOLO QUEIJADINHA**

3 de julho de 2018



Esse bolo eu aprendi com a minha amiga Tati do **Panelaterapia**. No dia que vi essa receita, achei ela tão fácil e parecia ser muito gostosa e na verdade é demais. É um bolinho pra toda hora, principalmente para tomar com aquele café gostoso no final da tarde. A forma que usei foi a de bolo inglês, mas não foi aquele tamanho padrão, foi uma menor, uns dois tamanhos abaixo.

**Rendimento**

1 bolo pequeno (forma de bolo inglês menor)

**Receita de bolo queijadinha**

>

- > 2 ovos
- > 1/2 lata de leite condensado
- > 1 colher de sopa de manteiga
- > 1 colher de sopa de óleo (usei o de coco)
- > 2 colheres de sopa de farinha de trigo
- > 80 gramas de coco fresco ralado
- > 2 colheres de sopa de parmesão ralado
- > 1 colher de chá de fermento

**Preparo**

Misture todos os ingredientes num bowl e coloque numa forma de bolo inglês de tamanho menor. Cubra a forma com papel manteiga, mesmo sendo de teflon, porque gruda um pouquinho e com o papel manteiga vai ficar bem fácil na hora de tirar. Leve ao forno preaquecido 180 graus por 30-35 minutos, vai depender do seu forno, por isso fique de olho. Deixe esfriar e sirva.

A figura 26 demonstra a necessidade manifestada, muitas das vezes, na criação e manutenção do blog. As diversas posições de sujeito que o autor do blog é chamado a ocupar causam disputas e promovem conflitos ligados às questões de identidade, como comprova o trecho do blog, destacado na figura 26 “Esse bolo eu aprendi com a minha amiga Tati do Panelaterapia. No dia que vi essa receita, achei ela tão fácil e parecia ser muito gostosa e na verdade é demais. É um bolinho pra toda hora, principalmente para tomar com aquele café gostoso no final da tarde. A forma que usei foi a de bolo inglês, mas não foi aquele tamanho padrão, foi uma menor, uns dois tamanhos abaixo.” Esse discurso íntimo que acompanha as receitas dos blogs mantém o caráter intimista, confessional e diarístico do gênero blog. É interessante como a autora narra a relação pessoal com a receita e com quem a ensinou, descrevendo um momento vivido.

Os blogs, entendidos por Marcuschi (2005) como um gênero textual emergente, surgido no contexto da tecnologia digital, vêm se configurando como um novo espaço discursivo social democrático, no sentido de abarcarem as vozes femininas. Já que o processo histórico, do Brasil, acompanhou, principalmente com a distinção público/privado, masculino/feminino, o sentimento de desencorajamento das mulheres para a escrita pública, pois, “a escrita para audiência pública seria uma tarefa masculina” (OLIVEIRA, 2002, p.50). Além disso, a crítica literária também era uma atividade ligada ao sexo masculino, sendo possível pensar que “as produções femininas eram desvalorizadas quando da adoção dos critérios de publicação, especialmente no que diz respeito ao conteúdo dos escritos de mulheres”. Como lembra Oliveira (2002, p. 50), “embora no imaginário popular os diários íntimos estejam diretamente ligados às mulheres, a tradição pública desse gênero de escrita foi, ao longo dos séculos, predominantemente marcada pelos homens”.

Assim, diários de mulheres passaram a ganhar destaque mais recentemente, sendo a maior parte deles publicados no século XX. Esse momento coincide com uma série de rupturas causadas nos discursos do conhecimento moderno. Por isso, a escrita dos manuscritos culinários, e agora os blogs, permitem às mulheres se expressarem e transmitirem sua subjetividade, gostos e anseios. A partir de agora, é preciso pensar no sujeito, não mais como idêntico a si mesmo, mas constituído através do olhar do outro. O outro é o seu espelho. A noção de sujeito previamente constituído, possuidor de uma identidade unificada está fragmentado. Estamos agora diante do sujeito pós-moderno. As mulheres conseguem avanços significativos através do questionamento do movimento feminista da “clássica distinção entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’”. O dizer de si das mulheres se caracteriza como um lugar no qual o sujeito tenta se definir ao mesmo tempo em que denuncia os mitos

sobre sua identidade que povoam o imaginário. Os seus escritos são localizados em um lugar que não se permite pensar a identidade como sendo unificada. Nem todos os papéis na sociedade servem a todas as mulheres já que não se aceitam mais como sujeitos generalizados.

Falando na pós-modernidade, em relação aos blogs, homens e mulheres têm acesso de maneira igualitária. Qualquer pessoa que tenha acesso à tecnologia do computador e da internet pode criar um blog, não há distinção, aliás, os blogs culinários masculinos estão cada vez mais recorrentes no meio virtual. Como demonstra a figura a seguir:

**Figura 27** – sobre o blog marido na cozinha



**Fonte:** <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 20/02/2018)

O blog representado na figura 27 é um exemplo de blogs feitos e alimentado por homens, o blog “marido na cozinha” foi criado pelo casal Larissa e Tolentino Neto, o cozinheiro é o marido e a esposa é quem prova e posta as receitas no blog. Daí uma marca

interessante deste gênero midiático e que se diferencia dos diários íntimos tradicionais: os blogs podem ser elaborados e alimentados por uma única pessoa, por duas ou por um grupo. Mesmo assim, a escrita dos blogs, especialmente os de receitas mais tradicionais, os que revelam receitas de família ou os que transmitem o cotidiano, da casa, do casal ou dos amigos como os blogs *Segredos da tia Emília*, *Sabor no prato*, *Marido na cozinha*, *Amando cozinhar*, *Cozinha na travessa* e *Destemperados*, estes que se encontram no universo de blogs analisados neste trabalho não perdem a essência do “segredo” e da intimidade, pois o autor (ou autores) continua(m) publicando fatos ligados às suas vidas íntimas, suas rotinas diárias, fazendo desabafos, revelações diversas.

Além do mais, essa relação íntima é demonstrada, também, pela possibilidade de postar fotografias e vídeos nos blogs e serve como um recurso múltiplo que inclui, dentre outros, o compartilhamento de suas memórias com outros usuários da rede, ou talvez, como um arquivo pessoal de momentos a serem rememorados. Como demonstra figura a seguir:

**Figura 28** – sobre o blog marido na cozinha



*a blogueira do Marido Na Cozinha!*

*Eu por mim mesma: curiosa, causadora de #polêmica, blogueira, empreendedora, empreteca, viajadeira, hiperativa, gulosa, interessada em moda e mefida a estudar finanças empresariais e pessoais.*



*o cozinheiro do Marido Na Cozinha*

*Neto por ele mesmo:*

*Apaixonado por cozinha e por pessoas. Louco por corrida! 😊*

**Fonte:** <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 20/02/2018)

A figura 28 apesar de demonstrar uma escrita intimista, há uma relação direta de diálogo com os leitores, uma busca pela aprovação dos mesmos em relação aos seus comportamentos, numa tentativa de validar a sua postura através do olhar do outro, uma vez que identidades são construídas através do olhar do outro. Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos

sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições (WOODWARD, 2000, p. 33).

Outrossim, uma característica fundamental entre a escrita nos diários tradicionais e a escrita nos blogs é que, enquanto nos diários tradicionais os autores fazem uma busca de si, distanciando-se “do olhar alheio”, os autores dos chamados diários virtuais procuram “encontrar o outro” através da exposição de si na rede de telecomunicações, conforme Komesu (2005, p. 173).

Uma perspectiva semelhante, no que diz respeito à constituição das identidades numa relação de conflitos e tensões, encontra-se em Grigoletto (2006, p.16-17), ao afirmar que “as identidades se constituem no espaço da diferença: o outro com aquilo que eu não sou, no meu imaginário, mas sem o qual eu não existo”. Como observa-se na figura a seguir:

**Figura 29** – receita da lela: recheios e massas de pastel



Pastel é vida e isso não se discute. Esta semana, trazemos para vocês combinações de recheios e receitas de massas para testar em casa. Se você for do time dos mais preguiçosos, não tem problema nenhum (estamos juntos, bate aqui!), você pode usar a massa pronta e o resultado também é maravilhoso.

**Fonte:** <https://destemperados.clicrbs.com.br> (Acesso em 12/03/2018)

As identidades nos blogs culinários, como demonstra a figura 29 são marcadas simbolicamente a partir dos diferentes usos da escrita, das diferentes funções exercidas pela escrita no contexto do falar de si: O “eu” ou “nós”, “Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p.17). “**Pastel é vida e isso não se**

**discute.** Esta semana, **trazemos para vocês** combinações de recheios e receitas de massas para testar em casa. Se você for do time dos mais preguiçosos, não tem problema nenhum (**estamos juntos, bate aqui!**), você pode usar a massa pronta e o resultado também é **maravilhoso.**” (Grifos nossos - Figura 29).

Percebe-se que há um diálogo entre o autor do blog com seus leitores, como também acontece nos demais blogs analisados, mais ainda, uma relação intrínseca de gostos e opiniões “Pastel é vida e isso não se discute...”, “... estamos juntos... é maravilhoso” (figura 29). A este respeito, Bauman (2005) explica: que na história moderna a natureza humana pode ser permanentemente e infinitamente reinventada, atualizada, alterada, melhorada. Desde as transformações mais imediatas conseguidas com o efeito da escolha da receita preferida, até mesmo “a forma de seu corpo ou de seu sexo [...] a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável”. (BAUMAN, 2005, p. 90-91).

Existe uma infinidade de modelos culturais à disposição, os modelos culturais são (des)construídos, e/ou (re)construídos a todo instante e a gosto dos sistemas de produção político e econômico nas sociedades capitalistas. Tendo a mídia como sua porta voz, a todo instante são ditados e disseminados exemplares de biótipos físicos, da moda e valores morais que devem ser admirados e imitados pelos sujeitos, até mesmo as receitas da moda, as que são mais recorrentes nos blogs.

Desta forma, as identidades são vistas, também, como processos de individualização dos sujeitos, visto que na maioria dos casos estes “modelos” construídos culturalmente se constituem de utopias, e como tal não são atingíveis num momento preciso, causando frustrações e conflitos dependendo do modo como o “eu” é visto nas diversas posições sociais. Corroborando com o discurso de Hall (2000a, p. 43) “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual”, percebe-se que a forma da representação de uma receita, é reflexo dos impactos das maneiras pelas quais os sujeitos imaginam serem vistos por outros. O outro é o espelho do eu, afetando diretamente a construção de sua auto-identificação. Como aparece no discurso do blog “Destemperados”: **“Se você for do time dos mais preguiçosos, não tem problema nenhum (estamos juntos, bate aqui!), você pode usar a massa pronta e o resultado também é maravilhoso.”** (Grifos nossos - Figura 30). Demonstrando o quanto se percebe o gesto do discurso do autor e sua relação com o receptor, corroborando a presença assídua e íntima deste leitor que irá compreender os gestos e os modos do autor do blog, é um leitor já iniciado e que se sente à vontade com as postagens.

### 2.3 O “NÃO-LUGAR” DO PRIVADO: O NOVO ESPAÇO DAS RECEITAS CULINÁRIAS E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A prática de escrita dos blogs culinários funciona como um trabalho contínuo, um ritual que consiste em falar do cotidiano, de fatos corriqueiros que são comuns a qualquer um (mulher, homem, estudante, profissional, entre outros). O estilo de narrar usado pelos autores dos blogs expressa uma vontade da busca pela verdade individual, mas que é cruzada por outros discursos, reforçando uma vontade incessante de se apoderar do discurso uma vez que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominações, mas aquilo por que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p.10.).

Dessa forma, é possível fazer uma relação da noção das condições de produção do discurso em Pêcheux (1990a) em relação ao imaginário construído de si (o sujeito escrevente) através do olhar do outro (os leitores e os outros vários blogs de receitas culinárias). “A antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso” (PÊCHEUX, 1990a, p.77). O sentido de discurso definido, especificamente nesta relação, remete às atitudes discursivas responsivas engendradas pelos sujeitos dos autores dos blogs na forma de diferentes gestos.

No entanto, para a existência deste discurso exige um lugar<sup>17</sup>, nesse caso relaciona-se o espaço imaginário da cozinha, o lugar que se torna então um espaço específico para o indivíduo que mantém estreitos laços com o mesmo, ou seja, é único, assim como ressalta Rodrigues (1997, p. 32):

O lugar, como categoria filosófica, não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que a experiência. É dotado de concretude porque é particular, único, opondo-se ao universal, de conteúdo abstrato, porque desprovido de essência. Além disso, é no lugar onde as relações sociais acontecem de forma positiva, ou seja, o lugar é o ‘espaço do acontecer solidário’. Essas solidariedades acabam formando os valores das sociedades tais como a cultura, economia, finanças, dentre outros e de que forma eles devem ser usados.

---

<sup>17</sup> Para Augé (1994, p.51), a principal característica do lugar é a identidade que o homem cria com ele. Ou seja, “o lugar representa a construção física ou simbólica do espaço referido por todos aqueles que criam uma afetividade com esse lugar, dando a ele um sentido de pertencer ao mundo onde esse indivíduo vive. Além disso, o lugar é ao mesmo tempo princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa.”.

O termo “não-lugar” deriva da palavra “utopia”, usada pela primeira vez no século XVI pelo pensador político Thomas Morus<sup>18</sup>, unindo os elementos gregos *óu* (não) e *tópus* (lugar). Para Morus, a utopia (ou o não-lugar) significava a criação de uma ilha imaginária, fantasiosa, onde as relações sociais entre os seus habitantes eram perfeitas, além da tolerância religiosa e a abolição da propriedade privada.

Assim, um lugar utópico, ou um não-lugar, nunca poderia existir já que ele representava uma irrealdade dentro da sociedade. Porém, Para Augé (1994, p.102): “O não-lugar é o contrário da utopia: ele existe e não abriga nenhuma sociedade orgânica”. Assim, o não-lugar se torna algo real, onde as relações humanas ocorrem, porém de uma forma diferente de um lugar propriamente dito, é como se o lugar da cozinha, da casa ou da família se transfigurasse no não-lugar dos blogs, das imagens, links e vídeos contidos nestes.

Augé (1994, p.73), define o conceito de não-lugar baseado na identidade do indivíduo com o espaço: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. O não-lugar se caracteriza por um espaço constituído em relação a certos fins (tais como o comércio, transporte e o lazer) e pela relação que os indivíduos tem com esse espaço. Ou seja, o lugar da representação dos blogs culinários se torna um não-lugar, justamente por não representar uma única identidade, da casa, da cozinha e de um contexto familiar, é como se o blog se esvaziasse de toda a representação simbólica que uma receita pode trazer, “assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 1994, p.87).

Em contrapartida, um indivíduo poderá usufruir dos não-lugares, para isso deve primeiramente comprovar a sua identidade pessoal, para então, conseguir o seu anonimato. Nos não-lugares todas as pessoas são anônimas e não possuem relações orgânicas entre si, por mais autoria que um blog possa ter, nunca se saberá certamente da verdade da identidade desse autor, até porque o que se torna público, muitas vezes, é apenas uma representação do social e do senso comum, daquilo que é reproduzido pela massa e pela mídia. O autor torna-se então, um ser solitário, sem identidade com o não-lugar, pois ele não é um ser único, mas sim, apenas mais um no espaço virtual.

Os não-lugares da modernidade, segundo Augé (1994, p.85), passam a ser lugares onde as pessoas têm o seu comportamento padronizado por ordens criadas nas palavras, sinais ou imagens tais como “receita sem glúten”, “receitas rápidas” ou “receitas que emagrecem”, “receitas simples e baratas”. Como representa a figura abaixo:

---

<sup>18</sup> Thomas Morus, forma alatinada por que é literariamente conhecido Thomas More, Grande Chanceler da Inglaterra, nasceu em Londres em 1478 e foi aí decapitado em 1535. Sua principal obra “Utopia”, faz uma crítica ao regime burguês da época e foi considerada como uma das primeiras filosofias sobre o socialismo.

**Figura 30** – receita funcional de macarrão abobrinha

f g+ i t v HOME SOBRE A AUTORA ANUNCIE CONTATO Q

## RECEITA FUNCIONAL: MACARRÃO DE ABOBRINHA



A partir de hoje, aqui no blog, teremos uma **categoria de receitas funcionais e saudáveis**. Há tempos uma coisinha cutuca a minha cabeça: **vamos melhor mais a sua alimentação Dani!**

Pois é, e essa pegada fitness tá tão em alta, que hora melhor não poderia ter. Aos 36 anos e já com 1 filho, o metabolismo já não é mais o mesmo, então hora de levantar do prego. Recentemente uma pessoa linda e inspiradora anda fazendo parte da minha vida pessoalmente e porque não aproveitar todos os conselhos e dicas dessa pessoa cheia de garra. Estou falando da Drika do [@blogdadrika](#) que emagreceu 41kg em 1 ano e sozinha. Ela não tem blog, apenas **Instagram** e **Facebook**, recheados de inspiração e de muita força de vontade.

Então, na receita de hoje é um **macarrão de abobrinha**, que vocês já devem ter visto muito por aí, mas eu vi a primeira vez, semana passada no **IG da Drika**. Adorei a ideia e ontem corri para a cozinha para fazer e que delícia gente. Muito fácil, prático, saudável e funcional.

**Fonte:** <https://cozinhanatravessa.com.br> (Acesso em 12/03/2018)

A figura 30 retrata o *post* feito em relação as receitas funcionais para emagrecer e vida saudável, o que para a antropologia representa que haverá sempre a mistura entre os lugares e os não lugares, pois eles são criados a partir da identidade que o ser humano possui com o espaço, ao mesmo tempo que a autora parece estar no “lugar” da sua cozinha, de casa ela dialoga com esse leitor invisível e ao mesmo tempo o leitor contemporâneo que se relaciona com a alimentação saudável e rápida, “Pois é, e essa **pegada fitness** tá tão em alta, que hora melhor não poderia ter. Aos 36 anos e já com 1 filho, o metabolismo já não é mais o mesmo, então **hora de levantar do prego**. Recentemente uma pessoa linda e inspiradora anda fazendo parte da minha vida pessoalmente e porque não aproveitar todos os conselhos e dicas dessa

peessoa cheia de garra. Estou falando da Drika do [@blogdadrika](#) que emagreceu 41kg em 1 ano e sozinha. Ela não tem blog, apenas **Instagram** e **Facebook**, recheados de inspiração e de muita força de vontade..” (grifo do autor – figura 30). Sendo assim, “[...] os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta do lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares” (AUGE – 1994, p. 98).

Assim, os lugares e não-lugares se criam e se misturam na medida em que essa identidade é formada. Um não-lugar sempre pode se manifestar em um lugar através de imagens, símbolos e textos, assim acontece com as receitas de famílias, ou as memórias que estas representam para os autores. O termo não-lugar, segundo Augé (1994, p. 109), cuja existência era impensável há 30 anos atrás, hoje se tornou um elemento essencial para a existência social e também um componente essencial para o desenvolvimento da linguagem e dos gêneros textuais e virtuais da contemporaneidade.

O teórico Pierre Lévy disserta sobre o ambiente virtual como lugar ou o não-lugar de subjetivação do sujeito. No âmbito da cultura contemporânea mundial é cada vez mais exigente a aprendizagem de como lidar com as mudanças, os deslocamentos, as fragmentações e os modos alternativos de se posicionar como sujeito. Isto faz com que as identidades adquiram um caráter transitório, uma vez que na sociedade “liquida moderna”, o fato de se apegar a uma única identidade seria como que ficar desconectado da realidade social. Tudo isto faz pensar no “mito do ciborgue” de Haraway (2000). Para a autora:

Um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam uma estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. (HARAWAY, 2000, p. 51).

Baumam (2005, p. 94-95) parece ser simpático a essa maneira de pensar as relações sociais e, conseqüentemente, as questões de identidade na realidade da vida moderna. Na visão do autor, em um mundo global “todos nós dependemos uns dos outros” e os caminhos para uma possível solução dos efeitos negativos causados pela globalização ou pelo “mundo de ciborgues” advém de atitudes éticas pensadas globalmente. Neste sentido compreende-se que os blogs de receitas culinárias vêm se configurando como um aparato tecnológico de subjetivação dos sujeitos modernos, onde é possível se manterem no isolamento e, ao mesmo

tempo em que “anseiam por conexão – eles parecem ter uma inclinação natural para uma política de frente unida, mas sem o partido de vanguarda.” (HARAWAY, 2000, p. 44).

Visto desta maneira, o não-lugar, ou em outras palavras, a virtualização do espaço, do tempo, dos sujeitos provoca uma multiplicidade de oportunidades de auto-invenção do “eu”. Portanto, a partir dessa visão percebe-se que a escrita nos blogs culinários se torna um modo de constituição dos sujeitos através da linguagem, num jogo de fabricação de identidades. É importante lembrar que o processo constitutivo de identidades evidenciado na Escrita destes diários virtuais pode ser compreendido “no interior de uma lógica agonística”, como nos esclarece Grigoletto (2006, p. 16). Tal prática revela o caráter contraditório e conflituoso que marca a busca pela construção de identidades, que se encontra nesse novo espaço para as receitas culinárias constituídas nessa “nova” sociedade do espetáculo.

Estamos agora passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a mesma forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p.57)

É fato que a internet tem alterado continuamente o modo de vida em sociedade, especialmente no que diz respeito à maneira das pessoas se relacionarem com as outras e consigo. Por outro lado não podemos deixar toda a responsabilidade por tantas transformações unicamente a cargo da descoberta da tecnologia da grande rede, a www. Como sabemos, desde as primeiras invenções na área das comunicações, o mundo vem passando por mudanças constantes em sua maneira de se organizar, gerando um fenômeno que alguns teóricos chamam de sociedade global ou desterritorialização. Mas em tempo nenhum a humanidade havia experimentado com tanta intensidade as transformações ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico como as ocorridas nesse final de século XX. A tecnocultura faz com que o tempo, as fronteiras que delimitam os espaços físicos sejam repensadas a cada instante configurando-se num ambiente social complexo, pluralista e em mutação permanentemente. Em outras palavras:

A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade (LÉVY, 1996. p. 25).

O conceito de “indústria cultural”, ainda que tenha sido criado por Adorno e Horkheimer (1947) na primeira metade do século passado, explica a atuação dos meios de

comunicação, destacando a dimensão econômica da comunicação. Adorno e Horkheimer, no livro *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, já indicavam que os conglomerados empresariais que atuam na comunicação são fundamentais para a existência da sociedade capitalista, mas que seu poder depende do poder dos conglomerados empresariais de modo geral.

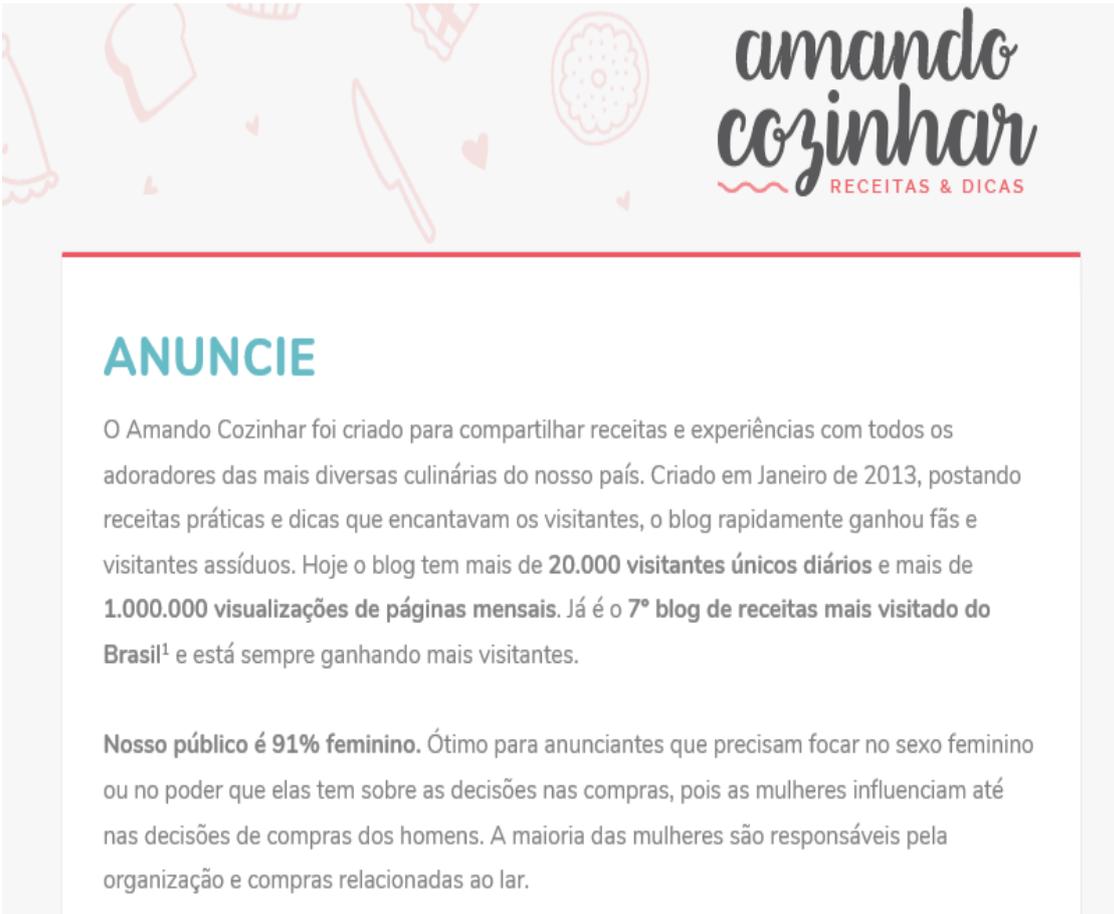
Guy Debord (1997), o criador do conceito de “sociedade do espetáculo”, definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens. Atualmente vive-se um momento em que as mídias digitais ganham força e status. O cotidiano está voltado à conexão na internet, e por isso, há também, uma mudança das limitações entre as esferas público e privada, onde, muitas vezes, os limites entre ela tornam difícil distingui-las.

Assim, acontece com os blogs, que na perspectiva de gênero midiático, aparecem como uma adaptação dos diários íntimos e dos manuscritos culinários que fizeram parte da vida das mulheres, especialmente no século 20, ocorrendo assim, a transição da passagem dos relatos pessoais para a esfera pública, compartilhados com leitores e internautas. Agora, todos podem ler e ter acesso. E, nessa sociedade de internautas, na chamada “sociedade do espetáculo”, apresentada por Debord (2015), a representação é maior que a realidade e a aparência tem mais força e importância que o ato de ser. O autor mostra que todas as sociedades que vivem sob as modernas condições de produção (capitalismo) estão envolvidas em uma enorme acumulação de espetáculos, onde a vida passa a ser uma representação. O que é real passa a ser objeto de contemplação. É uma “inversão concreta da vida”, o mundo das imagens autônomas, onde os homens não mais são atores.

“considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social - como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível” (DEBORD, 2015, p. 16)

Dessa forma, a exibição da intimidade da publicação das receitas nos blogs culinários e a espetacularização da personalidade caminham juntas. Uma gradativa exteriorização do eu. A bagagem acumulada e o caráter psicológico não têm mais importância. Muito menos a contemplação introspectiva ou o olhar retrospectivo. Como demonstram as figuras abaixo:

**Figura 31 – (aba) anuncie**



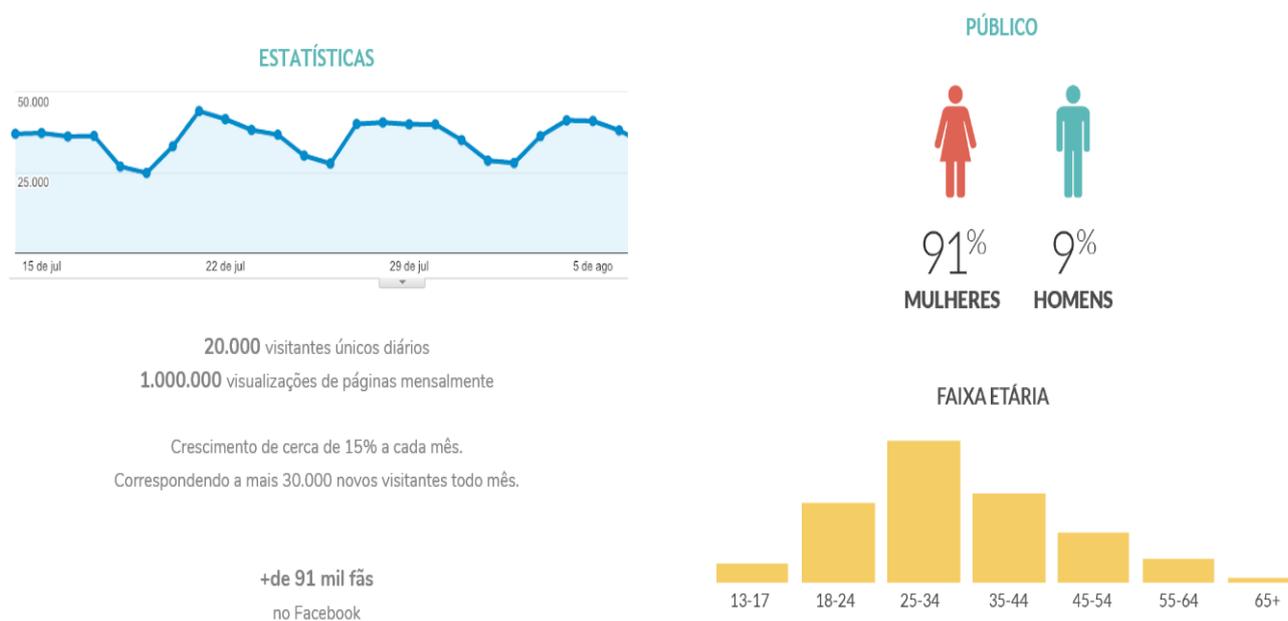
**ANUNCIE**

O Amando Cozinhar foi criado para compartilhar receitas e experiências com todos os adoradores das mais diversas culinárias do nosso país. Criado em Janeiro de 2013, postando receitas práticas e dicas que encantavam os visitantes, o blog rapidamente ganhou fãs e visitantes assíduos. Hoje o blog tem mais de **20.000 visitantes únicos diários** e mais de **1.000.000 visualizações de páginas mensais**. Já é o **7º blog de receitas mais visitado do Brasil<sup>1</sup>** e está sempre ganhando mais visitantes.

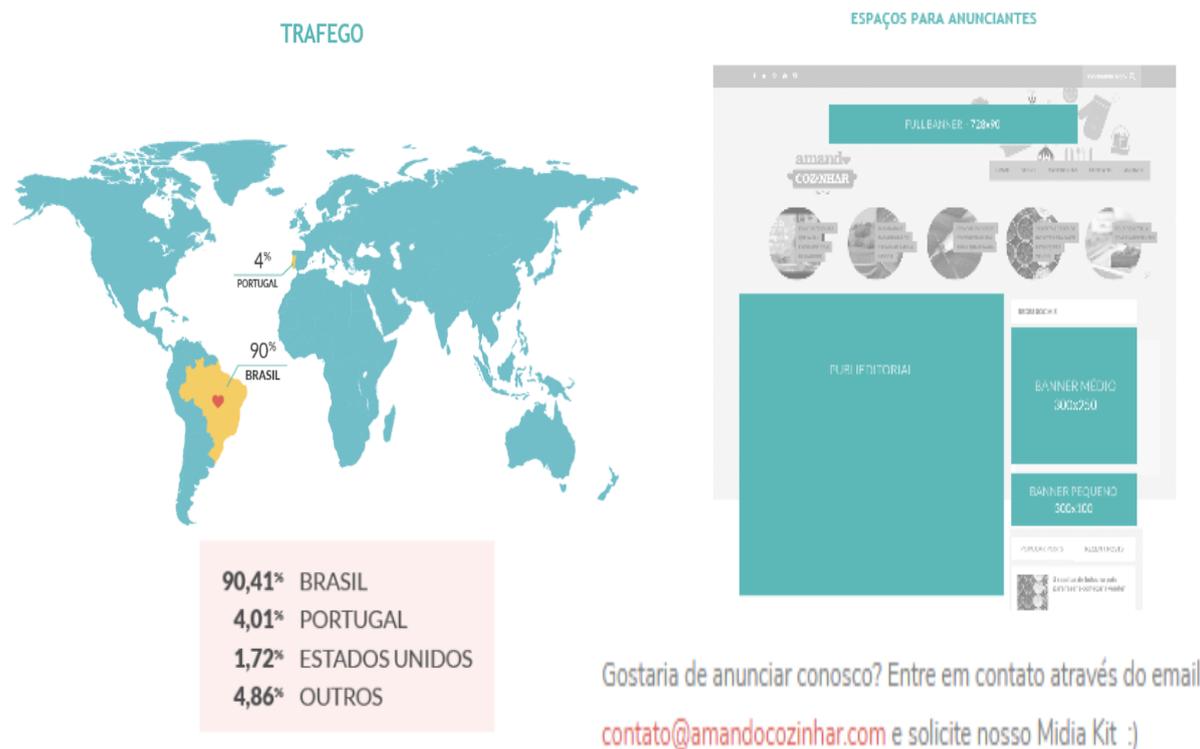
**Nosso público é 91% feminino.** Ótimo para anunciantes que precisam focar no sexo feminino ou no poder que elas tem sobre as decisões nas compras, pois as mulheres influenciam até nas decisões de compras dos homens. A maioria das mulheres são responsáveis pela organização e compras relacionadas ao lar.

**Fonte:** <https://www.amandocozinhar.com/p/anuncie.html> (Acesso em 12/03/2018)

**Figura 32 – (aba) anuncie**



**Fonte:** <https://www.amandocozinhar.com/p/anuncie.html> (Acesso em 12/03/2018)

**Figura 33** – (aba) anuncie

**Fonte:** <https://www.amandocozinhar.com/p/anuncie.html> (Acesso em 12/03/2018)

As figuras 31, 32 e 33 demonstram que vivemos em um momento histórico que tem como características a positividade, a inacessibilidade e não dá margens para discussão, pois exige a aceitação passiva e trabalha com a filosofia de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. No espetáculo, os meios são equivalentes ao fim e não deseja nada além dele mesmo.

Como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a principal produção da sociedade atual (DEBORD, 2015, p. 17).

O que vale para os blogs é a quantidade de acessos e de “seguidores”, demonstrar esse público que é alcançado, como demonstra as figuras anteriores, equivale a identificar a aceitabilidade do blog e que esse veículo faz parte do espetáculo de fazer parte dessa sociedade. Pois, o blog visto por Sibilía (SIBILIA, 2008, p.116) é um “novo gênero confessional”. A autora mostra que “torna-se evidente o contraste entre estas novas

modalidades e algumas formas modernas de atualizar a memória do vivido: do diário íntimo à psicanálise, passando pelo romance clássico e pelas autobiografias românticas” (SIBILIA, 2008, p.116).

A forma em que os blogs de receitas culinárias demonstram o gênero, a receita, aponta diversas mudanças inclusive a cronologia específica dos novos relatos, pois através da receita são transmitidos, também relatos do cotidiano, assim como a insistência sempre recente e permanente de diversas outras informações, mesmo que adicionadas em fragmentos da vida cotidiana como um perpétuo presente, característica da contemporaneidade. Essa grande necessidade do blog em percorrer diversos suportes e gêneros pode ser visto como uma consequência da descrença na linearidade do progresso e do suposto fim da história trazidos pelo movimento pós-modernista. Debord (2015) afirma que o “tempo congelado” seria uma das características base da sociedade do espetáculo. Essas mudanças não só demonstram as transformações que estão acontecendo como também modificam forma de agir, pensar ou ser das pessoas.

O espetáculo, em toda a extensão, é sua ‘imagem do espelho’. Aqui se encena a falsa saída de um autismo generalizado”. [...] O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência” [...] “O reconhecimento e o consumo das mercadorias estão no cerne dessa pseudoresposta a uma comunicação sem resposta. (DEBORD, 2015, p. 140).

É importante perceber o formato que a subjetividade adquire em nossa cultura, existem textos em que o autor está presente, como o gênero autobiográfico em que este é também narrador e protagonista da história, e outros que são válidos dentro do anonimato. Na Idade Média, por exemplo, o papel do artista era não de criar, mas de copiar o mundo de forma habilidosa. O importante era a obra, o objeto criado e não o autor. Por isso, a grande quantidade de obras medievais anônimas. Com o fim da Idade Média e o advento de uma subjetividade relativa, a arte começa a ser exposta, contemplada e consumida. O Romantismo foi o responsável por trazer a espontaneidade criativa do autor, a individualidade era sua fonte de arte. E é a partir deste momento que começa a relação direta entre a personalidade do artista e sua obra.

A inspiração surge aqui também o conceito de autor, aquele que reivindica para si a criação de sua obra. Uma ideia de propriedade em relação a determinado objeto. Já no

contexto atual, percebe-se que a obra passa para um segundo plano, e a figura do autor midiaticizada ganha a cena. Isso se dá, como explica Sibilia (2008) pela espetacularização da personalidade e pela exibição da intimidade, que estão presentes nos mais diversos meios de comunicação. É a consagração do que o artista é em detrimento do que ele faz. A autora também destaca o papel da mídia e do mercado ao definirem o que seria arte e quem seria artista. O artístico se confunde com o vendável. Essa mudança no modo de ver e classificar a arte também trouxe outra novidade: a que qualquer pessoa pode ser personalidade.

Assim, impregnadas pela lógica do espetáculo midiático, as envelhecidas figuras do autor e do artista transmutam em sua versão mais atual: convertem-se em celebridades. Ou seja: um tipo particular de mercadoria, revestido com certo verniz de personalidade artística mas que dispensa toda relação necessária com uma obra (SIBILIA, 2008, p 190-191).

O espetáculo trabalha com uma vida aparente, com uma representação “espetacular” do homem, classificada pelo autor como vedete, o que seria equivalente às celebridades contemporâneas, é fundamental para a “sobrevivência” do blog que ele seja muito visto, como demonstram as figuras 31, 32 e 33, o blog está se divulgando para possíveis anunciantes e demonstra para eles o quanto o blog é visto, a quantidade de fãs e o perfil do seu público e fundamental para aguçar o interesse dos anunciantes. É a demonstração de que os blogs de receitas culinárias representam diferentes estilos de vida e modos de compreensão da sociedade. Os blogs de receitas culinárias passam, então, a ser considerados a “vedete do consumo”, trazendo a ilusão de que todos têm acesso igual ao consumo e à capacidade de serem felizes por meio dele. É uma falsa escolha em uma sociedade onde reinam as coisas, as mercadorias, e não as pessoas, e que são substituídas de forma autônoma e automática ao revelarem sua “pobreza artificial”. O blog, assim, ganha um caráter de mercadoria.

Haja vista que os blogs de receitas culinárias, uma espécie de diário do meio virtual, são um exemplo da mudança que passa a sociedade. Atualizados diariamente e para um número de leitores muitas vezes desconhecidos, suas postagens permitem que seus autores criem identidades de acordo com seu interesse, seu humor e seu desejo de que imagem querem passar para os demais. A instantaneidade com que um texto pode ser publicado ou apagado também é um atrativo. A função de memória foi transferida para o computador, onde é possível resgatar as histórias apenas quando conveniente e podem ser descartadas de vez com apenas um clique. A escrita do blog é uma ferramenta de compreensão na constituição do sujeito através da linguagem e na estruturação da sua vida como um relato, as receitas relatam o cotidiano do autor. Dois sujeitos (o eu e a vida) com características fluidas e cada vez mais

espetacularizadas. A publicação de uma receita no blog é o momento em que o autor a levanta como a valorização dos relatos de não-ficção em detrimento das histórias ficcionais, especialmente de pessoas comuns, refletindo o interesse por relatos de intimidade. Assim, desmancham-se as fronteiras entre público e privado demandando novas interpretações.

A confusão de delimitar fronteiras entre o que é público e o que deve ser mantido privado também está presente na atuação profissional, já que hoje as pessoas acabam trabalhando em outras áreas que não a sua de formação. Debord (2015) chama essa situação de “júbilo carnavalesco”, que apresenta um desaparecimento da competência verídica. Um exemplo, é o blog “cuecas na cozinha” onde o Alessandro Guerra, autor do blog, escritor, palestrante e empresário torna-se um dos maiores influenciadores e desenvolvedores de conteúdos da internet brasileira, especialmente na área da gastronomia/ turismo gourmet, especialmente através do seu blog. É uma possibilidade de fazer parte da sociedade do espetáculo e ter uma exibição mais pública. Debord (2015), explica:

Quando a posse de um ‘status midiático’ assume importância muitíssimo maior que o valor daquilo que se foi capaz de fazer realmente, é normal que esse status seja transferível com facilidade e confira o direito de brilhar, de modo idêntico, em qualquer lugar. Quase sempre, essas partículas midiáticas em aceleração prosseguem sua carreira na esfera do admirável garantido pelo status (DEBORD, 2015, p. 174).

Neste caso, ser especialista não é ter uma pós-graduação na área, mas ter uma participação tão grande na mídia, atuando ou falando sobre o tema que, o indivíduo passa a ser considerado um nome de referência no assunto. Mas esse especialista só é reconhecido como tal em duas condições, que são também apresentadas por Debord (2015). Uma é sua presença midiática, onde o autor se classifica como senhor dos especialistas. No caso dos blogs de receitas culinárias analisados, todos possuem perfis em diversas outras redes sociais, como o Instagram, Twitter e no Facebook, sem contar com as páginas feitas pelos fãs/seguidores. A sociedade atual e sua essência midiática e grande influência digital diminuem a possibilidade de crescimento longe desse meio, pois uma notícia que deixa de ser veiculada pelo espetáculo durante três dias é como se não existisse mais ou como se nunca tivesse existido.

[...] o especialista que melhor serve é, evidentemente, aquele que mente. quem tem mais necessidade do especialista, por motivos diversos, são o falsificador e o ignorante. Quando o indivíduo já não consegue reconhecer

nada sozinho, ele vai ser formalmente tranquilizado pelo especialista (DEBORD, 2015, p. 174).

A outra condição é o espectador passivo. “Quem fica sempre olhando, para saber o que vem depois, nunca age: assim deve ser o bom espectador” (DEBORD, 2015, p. 183). É aquele seguidor que não digere a informação, que não lê de forma crítica, que só absorve o conhecimento ou até reproduz sem saber se é certo ou errado. Por estar sendo divulgado por uma pessoa que ele admira e que acredita ser especialista, não tem espaço para questionamentos. Se antes a nossa ligação com o mundo era olhando dentro de nós mesmos, por vivermos em uma sociedade imagética, a imagem construída torna-se a nova principal ponte. Explica Debord:

A partir de então, é evidente que a imagem será a sustentação de tudo, pois dentro de uma imagem é possível justapor sem contradição qualquer coisa. O fluxo de imagens carrega tudo. Outra pessoa comanda a seu bel-prazer esse resumo simplificado do mundo sensível, escolhe aonde irá esse fluxo e também o ritmo do que deve aí manifestar-se, como perpétua surpresa arbitrária que não deixa nenhum tempo para reflexão, tudo isso independente do que o espectador possa entender ou pensar (DEBORD, 2015, p. 188).

Ao colocar uma imagem externa como a maior conexão e ao seguirmos atitudes dos blogs de receitas culinárias, por exemplo, permite-se uma “supressão da personalidade”, onde a existência humana passa a obedecer às normas do espetáculo. Ou seja, cada vez mais imita-se vivências que se acredita serem verdadeiras, são reproduzidas atitudes, gostos e modos, a culinária também acompanha os dizeres e os saberes dos outros. Como demonstram as figuras a seguir:

**Figura 34** – casquinha de goiabada cremosa



## CASQUINHA DE GOIABADA CREMOSA

📅 27/10/12 📍 Desteque - Sobremesas e a qualquer hora

Esta delicada sobremesa, para quem gosta de goiabada, é um presente com gostinho de infância!

*#CuriosidadeDaTia:* nós sempre fizemos essa massa com manteiga refrigerada, daquelas que vem em embalagem de papel ou de plástico. Só que desta vez utilizamos manteiga em lata e tivemos uma surpresa: a massa escorreu pelas bordas da assadeira e, em vez de sair um biscoitão de goiabada, formou uma borda super, super delicada, que você pode melar na goiabada ou comer como se fosse um biscoitinho.



**Vai precisar de...**

- 150g de manteiga (utilizamos manteiga em lata)
- 1/2 xícara de açúcar refinado
- 1 1/2 xícara de farinha de trigo
- 3 colheres de sopa de goiabada cremosa (usamos a cremosa casão)

**Vamos começar...**

- 1- Pré-aqueça o forno a 200°C e separe 1 assadeira redonda com 22cm de diâmetro.
- 2- Em uma tigela, misture com as mãos o açúcar, a manteiga e a farinha de trigo aos poucos, até que forme uma massa única e solte das mãos.
- 3- Abra a massa no fundo da assadeira como mostre o filme, utilizando a parte da palma da mão mais próxima do polegar. Não precise untar.



*#ObsDaTia:* a massa não deve ficar nem muito fina e nem muito grossa. Veja a espessura de nossa na foto abaixo.

Fonte: <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 20/03/2018)

### Figura 35 – casquinha de goiabada cremosa

Vamos começar...

1- Pré-aqueça o forno a 200°C e separe 1 assadeira redonda com 22cm de diâmetro.

2- Em uma tigela, misture com as mãos o açúcar, a manteiga e a farinha de trigo aos poucos, até que forme uma massa única e solte das mãos.

3- Abra a massa no fundo da assadeira como mostra o filme, utilizando a parte da palma da mão mais próxima do polegar. Não precisa untar.

**#ObsDaTia:** a massa não deve ficar nem muito fina e nem muito grossa. Veja a espessura da nossa na foto abaixo.

4- Coloque para assar no forno pré-aquecido. Deve ficar 35 a 40 minutos. Quando estiver ligeiramente alourada, retire, vire imediatamente em um prato de bolo, espere uns 5 minutos e, delicadamente, com as mãos, segure a massa e levante a forma. Ela fica mais dura e crocante quando começa a esfriar.

**#ObsDaTia:** como explicamos acima, por termos utilizado manteiga em lata, a nossa escorreu pelas bordas enquanto assava. Se a sua não fizer isso, não tem problema nenhum.

5- Recheie delicadamente com a goiabada cremosa e está pronta uma linda – e deliciosa – sobremesa!

–

**#DicaDaTia:** no dia em que é assada, a goiabada fica cremosa e o biscoito, crocante. No dia seguinte, o biscoito estará amolecido, então leve ao forno baixo para que ele volte a ficar crocante. A goiabada estará mais “puxa” e continua uma delícia!

**#DicaDaTia:** antes de colocar a goiabada na massa assada, mexa para que ela fique mais fluida, mais solta, isso irá facilitar passá-la na massa tão delicada.

–

**Fonte:** <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 20/03/2018)

A necessidade de uma vida cada vez mais prática e com as pessoas cada vez com menos tempo de estar na cozinha é um fator que maximiza a influência desses blogs de receitas culinárias, como demonstram as imagens 34 e 35, pois as pessoas não querem perder tempo e além do mais confiam nas informações e dicas dadas pelos blogs:

**#ObsDaTia:** a massa não deve ficar nem muito fina e nem muito grossa. Veja a espessura da nossa na foto abaixo. [...] **#ObsDaTia:** como explicamos acima, por termos utilizado manteiga em lata, a nossa escorreu pelas bordas enquanto assava. Se a sua não fizer isso, não tem problema nenhum. [...] **#DicaDaTia:** no dia em que é assada, a goiabada fica cremosa e o biscoito, crocante. No dia seguinte, o biscoito estará amolecido, então leve ao forno baixo para que ele volte a ficar crocante. A goiabada estará mais “puxa” e continua uma delícia! **#DicaDaTia:** antes de colocar a goiabada na massa assada, mexa para que ela fique mais fluida, mais solta, isso irá facilitar passá-la na massa tão delicada.” (Blog Segredos da Tia Emília).

Assim como nos manuscritos, essas dicas trazidas pelos blogs facilitam o fazer das receitas, como também as imagens e vídeos vinculados a elas. O que as tornam mais atrativas

e visualizadas, os blogs refletem o funcionamento do mercado cultural contemporâneo: a ideia de captar qualquer “criatividade bem-sucedida” e transformá-la em mercadoria.

A “privatização” dos espaços públicos dos blogs mostra uma crescente publicização do privado, onde as “personalidades” estão convocadas a se mostrarem. Viver em uma sociedade fortemente midiaticizada, com interesses na visibilidade e na adoração de celebridades, pode deslocar a subjetividade antes interiorizada para novas formas de autoconstrução. Para a Schittine (2004), o diário na internet (o blog) vem a princípio assumir “o pecado da vaidade no escrito íntimo”. Ou seja, uma prova de que o diarista, mesmo ao falar sobre si mesmo, espera que outras pessoas se interessem pelo assunto. A noção de intimidade dos blogs de receitas culinárias vem do fato de autores (blogueiros) publicarem assuntos pessoais e pertencentes à esfera privada, enquanto o aspecto público está no fato de querer ser lido, reconhecido. E com uma diferença importante: as interações não são face a face, evitando possíveis constrangimentos e podendo ser desconectadas em segundos. É possível se expor sem se identificar, saber da opinião do outro sem contato direto.

Hoje, o culto do eu não demanda apenas atenção, mas necessita dos mais sedentos olhares. Com o imediatismo do tempo real, fatos – receitas acompanhadas ou não de fotos, sons ou vídeos – são informadas por meio virtuais, mas produzidas por autores reais que podem ser acompanhados nos quatro cantos do planeta. As novas práticas desenvolvem um interesse em se exhibir e falar sobre si. Além de conseguirem agraciar outro desejo das pessoas: o de bisbilhotar e consumir as vidas alheias. Há uma interpenetração de ambos os espaços. Entre o ser e o ter, o importante agora é parecer e pertencer à grande sociedade do espetáculo.

## 2.4 DIÁLOGO E INTERAÇÃO DOS BLOGS CULINÁRIOS: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E VIRTUALIDADE

A transmissão dos fazeres e saberes da alimentação (o gosto e o cozinhar) compõe as trajetórias femininas e das famílias, como também, se fizeram presentes na sociedade desde os primórdios da humanidade; no Brasil, desde a chegada dos portugueses, e após, com a união das culturas afro e indígena.

A memória dos sabores da infância se mantém presente por toda a vida, os aromas e sabores dos pratos de família são inesquecíveis. Tanto os manuscritos culinários quanto os blogs de receitas culinárias são testemunhos do tempo, do espaço de produção, são narrativas do cotidiano familiar e público dos autores, e apesar dos anos não se perdem, sobrevivem e

até resistem, emergem como “campainhas da memória”, revivendo sabores marcantes, percepção dos ingredientes, dos aromas acentuados, como do cravo e da canela por exemplo, que impregnam os corredores das lembranças, constituindo-se em memórias afetivas que levam na busca de tempos perdidos, dos momentos de carinho, das demonstrações de afeição ou da espera ansiosa pela data festiva com suas guloseimas.

Entre os diferentes tipos de memória (individual ou coletiva), o gosto constitui um dos elementos da étnica, a dita “cozinha da memória”, que possibilita o reconhecimento entre os membros de um grupo, através do uso de ingredientes e procedimentos, que reproduzem sabores, odores que atendem a um gosto específico. Como demonstra a figura abaixo:

**Figura 36 – receita de bolo de fubá**

The image shows a screenshot of a recipe page for 'Bolo de fubá' from the website 'MARIDO COZINHA'. The page features a logo with a yellow chef's hat and the text 'MARIDO COZINHA Comfort Food'. A man, identified as 'Toletino Neto', is shown in a white chef's uniform. The recipe title is 'Bolo de fubá' and it is categorized as 'Bolo de fubá'. The ingredients list includes: 02 xícaras de chá de fubá, 1/2 xícara de chá de farinha de trigo, 03 ovos, 1 1/2 xícara de chá de açúcar refinado, 01 xícara de chá de óleo de milho, 01 xícara de chá de leite morno, 01 colher de sopa bem cheia de fermento para bolo, and Erva doce opcional. The preparation steps are: 1. Em um liquidificador bata o leite, o óleo, os ovos e o açúcar; 2. Em seguida derrame em um bowl e misture as farinhas; 3. Se quiser adicionar a erva doce é agora!; 4. Por último adicione o fermento e misture delicadamente; 5. Asse em forno pré-aquecido a 220°C por aproximadamente 35 minutos (faça o teste do palitinho). The difficulty is 'Fácil' and the preparation time is '2h'. A note at the bottom states: 'Servir com um espresso bem tirado ou mesmo com um chá quente é a melhor pedida'. There are several red boxes highlighting specific text: 'A receita fácil e descomplicada segue aqui:', 'Bolo de fubá', 'Por motivos de um dia feliz: bolo de FUBÁ que amo!', and 'Servir com um espresso bem tirado ou mesmo com um chá quente é a melhor pedida'.

A receita fácil e descomplicada segue aqui:

**Bolo de fubá**

Ingredientes:

- 02 xícaras de chá de fubá
- 1/2 xícara de chá de farinha de trigo
- 03 ovos
- 1 1/2 xícara de chá de açúcar refinado
- 01 xícara de chá de óleo de milho
- 01 xícara de chá de leite morno
- 01 colher de sopa bem cheia de fermento para bolo
- Erva doce opcional

Modo de preparo:

- Em um liquidificador bata o leite, o óleo, os ovos e o açúcar
- Em seguida derrame em um bowl e misture as farinhas
- Se quiser adicionar a erva doce é agora!
- Por último adicione o fermento e misture delicadamente
- Asse em forno pré-aquecido a 220°C por aproximadamente 35 minutos (faça o teste do palitinho)

Grau de dificuldade: Fácil

Tempo de preparo: 2h

Servir com um espresso bem tirado ou mesmo com um chá quente é a melhor pedida 🍵

**Fonte:** <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 02/02/2018)

A figura 36 retrata que o cozinhar é um ato cultural, abrangendo sistemas de valores com escolhas e gostos, alimentos apreciados, rejeitados e preferidos, envolvendo procedimentos, códigos e regulamentos, práticas e preceitos; tradição, mas também,

inovações, descobertas, como nos trechos destacados (em quadrado vermelho) “Por motivos de um dia feliz: Bolo de fubá que eu amo!” “Servir com um espresso bem tirado ou mesmo com um chá quentinho é a melhor pedida ☺”. Cozinhar constitui-se em *habitus*<sup>19</sup> e se mantém como elementos da memória, representações simbólicas do passado, traduzindo o sentimento de pertença, integração, reconhecimento e escolha, já que o que uns comem se diferencia do que outros apreciam.

Os saberes da cozinha são transmitidos de geração a geração, e a Tradição Discursiva serve para comprovar esta repetição de um texto que adquire novas formas de transmissão, como da receita oral para a manuscrita e depois para o mundo virtual. A elaboração de um alimento seja oral, manuscrito ou virtual mantém-se sempre como parte dos costumes e elemento da memória, com práticas, hábitos recebidos e transmitidos oral e empiricamente.

A interação de uma receita, de quem cozinha para quem irá consumi-la, entrelaça-se a ideia do cozinhar bem, do escolher bem uma receita e estão associadas à vida doméstica e às tradições. Através das receitas podem-se decifrar códigos econômicos (produção e consumo), a recorrência de ingredientes (vinculada a produção local ou às ações de importação e exportação), favorecimento de certos produtos, mudanças e permanência de hábitos familiares, diferentes paladares, hábitos de comer frio ou quente, mais ou menos salgado, apimentado, pastoso ou sólido, também os sentimentos estéticos com suas diferentes maneiras de apresentar e servir.

Mesmo parecendo que as receitas dos blogs estão distantes do ambiente familiar, os blogs remetem à cozinha que se torna depositária e transmissora de hábitos, que dificilmente se apagam, tornando-se além de reveladora de culturas, dos hábitos sociais, das festas do tempo de produção ou publicação. Como demonstra a figura a seguir.

---

<sup>19</sup> Para Bourdieu (1983), o conceito de *habitus* surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais, é “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65)

**Figura 37** – receita de bombom na travessa

04  
dez  
2017

### Bombom de Travessa - Receitas de Natal (sobremesa fácil)



*Sabor no Prato*

Se você está procurando uma sobremesa fácil para fazer de receita no natal acabou de encontrar rsrs. Este Bombom de Travessa é a primeira sobremesa da série Receitas de Natal. Fica uma delícia e é super fácil de fazer. Eu usei morango mas você pode usar uvas também, se desejar. Vamos logo à receita:

### Bombom de Travessa - Receitas de Natal (sobremesa fácil)

#### Ingredientes:

- 1 lata de leite condensado
- 1 colher (sopa) de amido de milho
- 1 lata de leite (usar a lata de leite condensado para medir)
- 4 gemas
- 1 barra de chocolate meio amargo (115g)
- 1 caixinha pequena de creme de leite
- 1 caixinha pequena de morangos higienizados e cortados
- 1 pedaço de chocolate para ralado

#### Modo de Preparo:

Em uma panela, ao fogo baixo, coloque o leite condensado e o leite misturado com o amido (bem dissolvido). Adicione as gemas e vá mexendo. Não pare de mexer. Mexa até começar a engrossar. Desligue o fogo e distribua o creme em um refratário. Espere esfriar e espalhe os morangos cortados. Derreta a barra de chocolate em banho-maria ou no microondas (mexendo de 30 em 30 segundos até estar derretida). Misture o creme de leite até ficar homogêneo. Cubra o doce com esta ganache e leve à geladeira por, no mínimo, 4 horas. Na hora de servir, rale o chocolate e está pronto.



*Sabor no Prato*

Fonte: <http://www.sabornoprato.com> (Acesso em 02/02/2018)

A figura 37 demonstra um cotidiano marcado por uma receita destinada a uma festa comemorada em diversas partes do mundo e bastante tradicional no Brasil, o Natal. Essas receitas, ligadas a um tempo festivo tão comemorado no país possibilita uma sensação de prazer e aconchego, constituindo-se em elemento do *habitus*, com gosto, normas básicas, habilidades e regras culinárias apreendidos, subjetivados e transmitidos. Neste sentido, encontram-se referências constantes e identificação da tradição alimentar com certos pratos e produtos como as múltiplas receitas de chocolate, bolos e doces encontrados em todos os manuscritos culinários e blogs analisados, o que reafirma o consumo preferencial pelo doce, tão presente na culinária brasileira. A difusão do gosto, das práticas alimentares e das receitas de doces demonstra o reconhecimento do hibridismo das tradições portuguesa, indígena e afro. “cada época da história modifica o que se põe no fogão e cada povo come segundo sua alma, antes talvez que segundo seu estômago” (BOURDIEU, 2004, p. 112).

Por intermédio das receitas culinárias, os sujeitos trocam experiências, culturas e memórias familiares, seja em que suporte estiver, há uma grande recorrência de receitas que remetem à família, tanto pela quantidade das porções quanto nas descrições que, no caso dos blogs, os autores trazem a respeito da mesma. Como as figuras a seguir demonstram.

**Figura 38**– receita de bolinhas de mandinhoquinha



**Fonte:** <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 15/22/2017)

**Figura 39**— receita de bolinhas de mandinhoquinha

**Vai precisar de...**

*Para as bolinhas:*

- 300g de mandioquinha (batata baroa)
- 3 colheres de sopa de farinha de trigo
- 2 colheres de sopa de fécula de batata
- 1 colher de cafézinho de sal
- 1 pitada de pimenta moída
- 1 pitada de noz moscada

*Para o molho:*

- 300g de carne moída
- 2 cebolas médias picadas
- 3 colheres de sopa de azeite
- 2 latas de pomodoro pelati bem picado
- 1 colher de chá de açúcar
- 2 colheres de chá de sal
- 1 colher de cafézinho de pimenta moída
- 1 colher de sobremesa de salsa picada
- 2 galhos de manjericão

**Vamos começar!**

- 1- Descasque a mandioquinha e corte-a ao meio.
- 2- Em uma panela, coloque bastante água, 3 a 4 colheres de cafézinho de sal e a mandioquinha até que cozinhe e fique bem macia.

*Enquanto a mandioquinha cozinha, faça o molho bolanhese caseiro*

- 3- Pique bem o pomodoro pelati, a cebola e a salsa.
- 4- Em uma panela, refogue a cebola com azeite em fogo alto.
- 5- Quando estiver dourada, acrescente carne moída, sal, pimenta, salsa picada e deixe secar o caldo que a carne vai criar.
- 6- Depois que a carne dourar bem, como mostra no filme, coloque o pomodoro, o manjericão e o açúcar, misture, tampe e deixe cozinhar em fogo baixo por 30 minutos.

*Enquanto o molho está cozinhando, prepare as bolinhas*

- 7- Quando a mandioquinha estiver cozida, amasse-a no espremedor até virar um purê, acrescente farinha, fécula de batata, pimenta, noz moscada e 1 colher de cafézinho de sal e misture tudo com as mãos.
- 8- Coloque bastante água numa panela com 4 colheres de cafézinho de sal e espere ferver. Enquanto isso, polvilhe farinha de trigo numa pedra, passe farinha de trigo nas mãos e faça as bolinhas com a mistura.
- 9- Quando a água estiver fervendo, jogue as bolinhas. Quando elas começarem a subir, retire e coloque no molho pronto.

—

*#DicaDaTia:* Quando for colocar as bolinhas na água, deixe o molho em fogo bem baixo para que se mantenha quente. Jogue as bolas prontas nele e estará pronto para levar à mesa!

**Fonte:** <http://www.segredosdatiaemilia.com.br> (Acesso em 15/12/2017)

As figuras 38 e 39 demonstram que muito além do que se serve, a receita em si, e com quem se compartilha o alimento (geralmente são pessoas que apreciam os mesmos pratos), revelam como, onde e quando se come, os horários de alimentação, os hábitos à mesa, os utensílios de uso (toalhas, guardanapos, talheres, copos) do cotidiano ou dos dias festivos. A memória do cotidiano da casa, do sentar-se à mesa ou do “comer junto” está presente também nos dias de hoje. O alimento é o agregador das famílias ou das pessoas de quem se gosta: “Aquela comidinha aconchegante que combina muito com friozinho no sofá ou com a casa cheia de pessoas queridas!” (Figura 38); “#DicaDaTia: Quando for colocar as bolinhas na água, deixe o molho em fogo bem baixo para que se mantenha quente. Jogue as bolas prontas nele e estará pronto para levar à mesa!” (Grifo nosso – Figura 39). Cabe destacar,

[...] que no imaginário popular das famílias, à mesa, o dono da casa sempre se sentava à cabeceira, os casais, mulher e marido se posicionavam juntos. As mulheres serviam a todos. Traziam as travessas com as comidas da cozinha para sala, ou do fogão para a mesa, raramente se sentavam ou eram as últimas a se acomodarem e se serviam sempre ao final de todos”<sup>20</sup> (MELLO, 2009, p. 25).

Este conjunto de tradições e memórias, que se transfiguram nas escolhas, consciente ou inconscientemente, das receitas ou nos textos que as descrevem, é transmitido, estabelecendo costumes e tradições revelando valores, saberes, preceitos religiosos e simbólicos, incluindo aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos.

Dentro dessa perspectiva da comensalidade, a cultura está enraizada nas receitas culinárias dos manuscritos e dos blogs, como é demonstrado nas figuras 03 e 04, nas quais destacam-se a companhia à mesa e a familiaridade entre as pessoas que dividem a mesma mesa, durante suas refeições, destaca-se uma canção chamada “*Uma Casa portuguesa*” e que remete a todo esse imaginário popular da refeição em família, tão presente nos manuscritos e nos blogs.

Numa casa portuguesa, fica bem  
 Pão e vinho sobre a mesa  
 E se à porta humildemente bate alguém  
 Senta-se à mesa com a gente  
 Fica bem esta franqueza, fica bem  
 Que o povo nunca desmente  
 A alegria da pobreza  
 Está nesta grande riqueza  
 De dar e ficar contente  
 No conforto pobrezinho do meu lar  
 Há fartura de carinho  
 E a cortina da janela, é o luar  
 Mais o sol que bate nela...  
 Basta pouco, pouquinho p’ra alegrar  
 Uma existência singela...  
 É só amor, pão e vinho, Caldo verde, verdinho  
 A fumar na tigela  
 Quatro paredes caiadas  
 Um cheirinho à alecrim  
 Um cacho de uvas doiradas  
 Duas rosas num jardim  
 Um S.José de azulejos  
 Mais o sol de primavera  
 Uma promessa de beijos  
 Dois braços à minha espera...

---

<sup>20</sup> Análise feita pela professora Beliza Áurea de Arruda Mello, coordenadora do Projeto de pesquisa: Manuscritos Culinários: Percurso da Memória Urbana através dos Cadernos de Receitas (PIBIC 2007-2009)

É uma casa portuguesa com certeza!  
É com certeza, uma casa portuguesa!

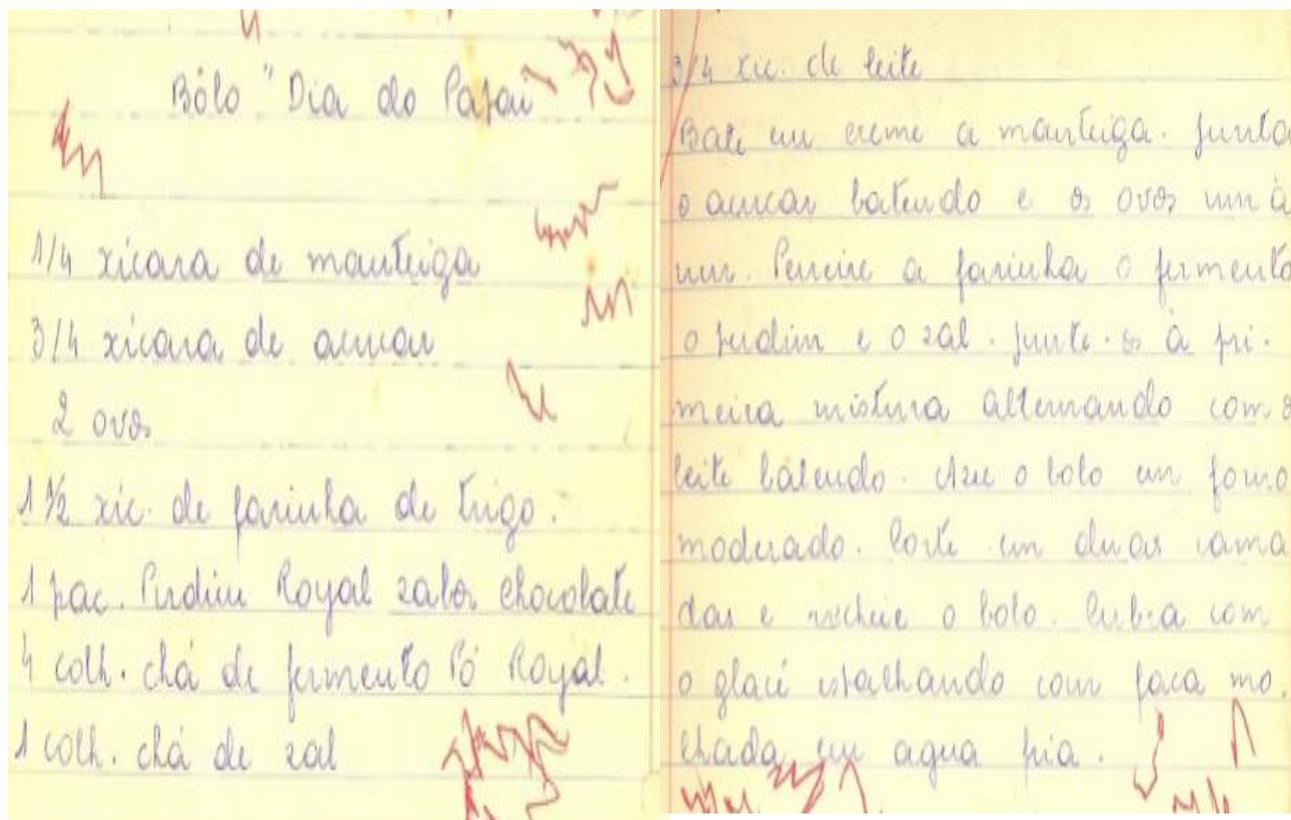
O poema de autoria de Reinaldo Ferreira foi composto em 1950, em Moçambique, sendo interpretado pela cantora angolana Sara Chaves. Posteriormente, os versos foram musicados por Vasco Sequeira e Artur Fonseca, fazendo sucesso nos teatros musicais de Lourenço Marques. Em 1953, a canção foi gravada por Amália Rodrigues e correu o mundo, sendo muito veiculada na comunidade portuguesa dispersa. A presença marcante da interpretação de Amália Rodrigues e seu sucesso no Brasil, seu papel de destaque na divulgação do fado no mundo (considerada a embaixatriz do fado) encontram-se vinculados às ações de propaganda do governo salazarista que tinha como foco atuar nas casas e associações lusitanas.

O poema enfatiza as referências de um Portugal pequenino centrado em tradicionais padrões agrícolas, avesso à industrialização, considerada, pelo governo salazarista<sup>21</sup> a causa dos conflitos sociais. Recupera o lar humilde de paredes caiadas, cortinas na janela emoldurando o luar e o sol de primavera, a imagem de singeleza é compensada pela alegria, franqueza, carinho e acolhimento. Muitas receitas também recuperam esse arquétipo do “lar ideal”, os encontros de família emoldurados pela presença da comida. Como demonstra a figura a seguir.

---

<sup>21</sup> Segundo o site UOL.com, Portugal teve um período de sua história chamado de Estado Novo. Trata-se do regime que vigorou no país entre 1933 e 1974. O Estado Novo português muitas vezes é chamado de salazarismo, em referência a Antônio de Oliveira Salazar, que ocupou a chefia do governo durante a maior parte desse período. Em 1910, a monarquia foi derrubada em Portugal. Deu-se início, então, à fase chamada de 1ª República, marcada por forte instabilidade política e problemas econômicos - sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial. Diante desse cenário, militares de tendência conservadora promoveram um golpe de estado, em 1926, pondo fim à 1ª República. Assim começou um novo momento da história portuguesa, caracterizado por uma ditadura militar, que durou até 1933, ano de fundação do Estado Novo.

**Figura 40**— receita bôlo “dia do papai”



Fonte: MELLO, (2007-2009)

A figura 40 demonstra que muitas receitas como a do *Bôlo “Dia do Papai”* recupera as memórias vividas ou transmitidas) de dias especiais e festivos memórias deixada na partida. Assim como, os portugueses ou descendentes se identificam com a canção “*Uma Casa portuguesa*”, levando o ouvinte ao exercício de rememorar, se emocionar e reviver momentos fraternos. Dessa forma, a cozinha vai demonstrando sua dinâmica, em um processo que vai se transformando, se desconstruindo e se reconstruindo, baseado na tradição, mas também nos ingredientes disponíveis no cotidiano.

Nesse contexto de memória x tradição e virtualidade percebe-se que as receitas culinárias possuem uma autoria. Sejam manuscritas ou virtuais são vistas como associadas a alguém, seja a dona do manuscrito seja a autora ou autor do blog. Esse autor pode não ter sido o inventor da receita, mas é reconhecido como detentor de um saber, daquele saber culinário. O empréstimo temporário do caderno, ou a postagem em um blog faz com que as receitas passem do domínio privado para o domínio público. Há o reconhecimento do saber do outro no pedido do empréstimo ou na visualização, que rende prestígio e autoridade a dona do caderno ou do blog. A troca dessas receitas mantém este prestígio, e ajuda a atualizar o saber

culinário. No próximo capítulo será discutido justamente essa autoria, esse saber e essa práticas de escrita sobre si, presentes nas receitas culinárias.

## Capítulo III

### 3 A AUTORIA DOS BLOGS: O JOGO DE CENÁRIOS

Parece que o princípio metodológico que inspira tais distinções é transponível para outros domínios, nomeadamente o da cozinha, acerca da qual ainda não foi suficientemente acentuado, que constitui, com a linguagem, uma forma de atividade humana verdadeiramente universal: tal como não existe sociedade sem linguagem, tampouco existe nenhuma que, duma maneira ou outra, não cozinhe pelo menos alguns de seus alimentos (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 169).

Toda a tradição discursiva de uma receita, que vai do oral ao escrito e, posteriormente para o virtual, a memória íntima é tornada pública. O que era escrito para ser mantido em segredo, nos manuscritos, ganha visibilidade nos blogs, assim tem-se uma intimidade exposta na esfera pública. Entretanto, mesmo os blogs pertencerem à esfera pública, os blogs de receita culinária, ainda pertencem a qualificação de “íntimo” mesmo não se aplicando em seu sentido original. Porém, os textos continuam a ser descritos como íntimos porque o caráter do que é escrito permanece sendo o da revelação da intimidade, mas essa deixa de ser uma intimidade em sentido original no momento em que ganha publicidade.

A própria inserção social do texto muda. Se antes, os manuscritos culinários eram vistos como algo privado a uma autora ou família e havia “uma espécie de acordo moral e ético” entre as pessoas que viviam no mesmo espaço de que um escrito íntimo era por natureza destinado a ter um caráter secreto e que, por isso, deveria ser respeitado pelos outros (SCHITTINE, 2004, p.98), com os blogs de receitas culinárias tal acordo perde o sentido e deixa de existir. Considera-se apropriado ler as intimidades que alguém escreve em sua página virtual. Os blogs de receitas culinárias, mais do que tornar pública a intimidade do autor, cria um novo status em relação aos escritos íntimos, tirando desses o caráter de indevassável por direito moral.

Os blogs de receitas culinárias permitem ao autor contar sua vida íntima em minúcias a todos os que quiserem ler sem necessariamente tornar pública sua privacidade. O escrito pessoal pode, por exemplo, estar lá, à mostra na rede, mas ser uma intimidade sem um dono específico, identificado.

Sendo assim, ao comparar os blogs de receitas culinárias e os manuscritos culinários, a diferença mais marcante apontada é o fato de os autores dos blogs tornarem público um

conteúdo que, em tese, deveria ser mantido na esfera privada. No entanto, nota-se que expor os segredos mais íntimos a estranhos pode ser o mesmo que mantê-los em sigilo, ou seja, nos blogs não haveria necessariamente uma publicização da intimidade mesmo quando essa é publicada na rede.

Apesar disso, nem sempre os textos postados são lidos apenas por estranhos, o que garantiria certa preservação, até mesmo porque muitos dos leitores dos blogs são assíduos aos conteúdos do mesmo, o que garante a proximidade e intimidade do autor/leitor. Há situações em que pessoas conhecidas e não desejadas têm acesso ao blog. Mas mesmo nesses casos há como o autor defender a exposição de sua intimidade.

Alguns mantêm páginas públicas, ou seja, acessíveis a qualquer pessoa, mas criam estratégias de escrita para administrar a que grupo suas revelações se dirigem. “Nem todos os registros de si contidos nos blogs são destinados ao entendimento do público” (PRANGE, 2003, p.111). A autora afirma haver, por exemplo, mensagens com teor implícito e que só serão entendidas por destinatários específicos. Para ilustrar, cita um trecho publicado no dia 18 de agosto de 2001 no blog *Vita brevis*: “Hoje tive meu dia de Kathleen Turner em Mamãe é de Morte. E a Carol nem vai ter de ligar pra saber o que aconteceu porque eu já contei pra ela, né, Carol? :-)” (PRANGE, 2003, p.112). São tentativas de se preservar diante do olhar não desejado. Em alguns casos, há a preocupação explícita do autor em não ter a sua intimidade exposta.

Migrar da escrita em papel para a escrita digitada em um teclado ou da folha do manuscrito para a tela, não é uma mera variação de suporte sem consequências para a prática da escrita íntima que continua sendo a mesma. O suporte irá interferir, de forma decisiva, em múltiplos aspectos da escrita íntima. Interfere, inclusive, como foi analisado, no próprio conceito do que se denomina íntimo. Propriedades do novo suporte, como permitir a comunicação com o leitor e a publicidade imediata dos textos escritos, são consideradas um corte entre o manuscrito e o blog.

### 3.1 A CUMPLICIDADE DO EU NO MUNDO

A escritura feminina esteve presente no cotidiano da sociedade brasileira, desde meados do século XIX. As mulheres, inicialmente, eram leitoras de romances, novelas francesas e folhetins, para, depois, tornarem-se autoras de seus próprios textos. Antes de aventurarem-se na escrita autoral, facultavam-se a elas algumas poucas possibilidades de

escritura: a institucional (os livros de oração e de registros religiosos) e os pessoais (os cadernos de pensamentos, os diários com seus segredos mais íntimos). Muito provavelmente, as leituras de livros, novelas e folhetins serviram de inspiração para os textos próprios, além de as aproximarem das ideias europeias. Neste mesmo período, na Inglaterra e França, por exemplo, as mulheres estão escrevendo e lutando por um espaço público de atuação. No Brasil, Josefina Álvares de Azevedo (redatora-chefe do jornal *A Família*, que circulou de 1888-1897) traz matérias sobre a precária situação da educação feminina e a opressão social sobre o sexo feminino.

[...] Também se pode encontrar nos receituários de cozinha as lembranças de lugares, de hábitos familiares e práticas sociais, de cheiros e sabores cujos retratos permitem reconstituir o ontem, o antes de ontem e o antes de antes de ontem (LACERDA, 2003, p.27)

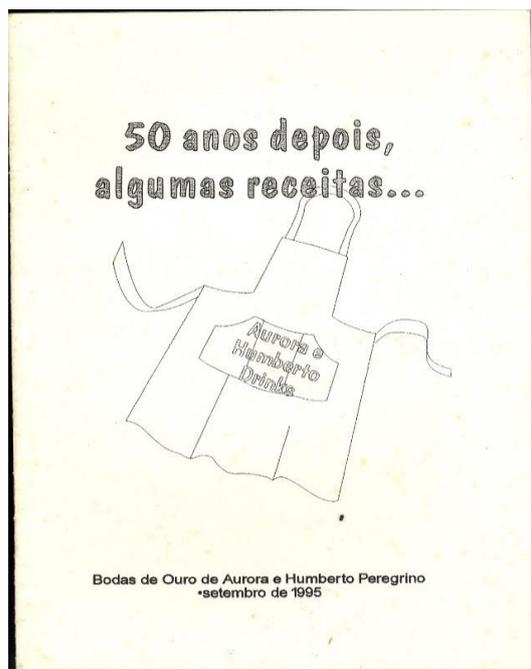
É nesse contexto que outras formas de escritura eram ensaiadas e produzidas pelas jovens senhoras. Após o casamento, figuram os registros das tarefas rotineiras no lar, os cadernos de receitas de cozinha, registros de informações pessoais de filhos, pais, avós e outros parentes queridos (inclusive para lembrar das datas de nascimentos, casamentos e falecimentos), além de cartas trocadas com a família.

Em relação aos manuscritos culinários, “muitas vezes eles eram copiados ou ampliados, justamente, a partir das novas funções das mulheres casadas e na condição de donas de casa. É muito provável que a experiência adquirida na confecção de tais manuscritos tenha estimulado as primeiras investidas de algumas delas na carreira das letras”<sup>22</sup> (MELLO, 2009, P. 25). Ou seja, dá-se a transformação qualitativa de uma escrita que nasce doméstica e se expande para além da casa, com a publicação de livros de cozinha contendo receitas “pessoais”, por exemplo. Como demonstram as figuras a seguir:

---

<sup>22</sup> Análise feita pela professora Beliza Áurea de Arruda Mello, coordenadora do Projeto de pesquisa: Manuscritos Culinários: Percurso da Memória Urbana através dos Cadernos de Receitas (PIBIC 2007-2009)

**Figura 41** – livro: 50 anos depois, algumas receitas



#### Apresentação

Durante os preparativos para a comemoração das Bodas de Ouro de Aurora e Humberto, ficamos imaginando o que poderia lembrar esse dia tão importante para nós. Queríamos algo que fosse diferente e que tivesse a cara deles.

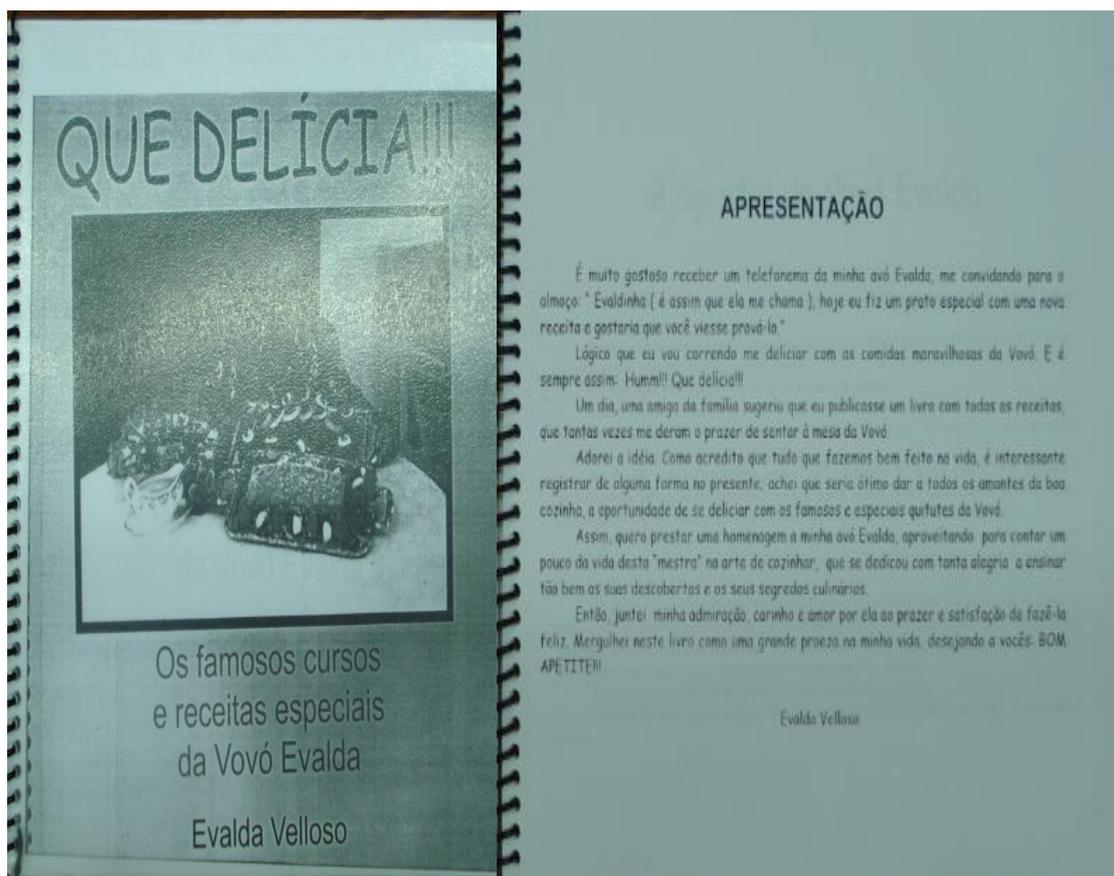
Foi aí que surgiu a idéia de fazer este livro com algumas receitas das sobremesas que, nesses anos todos, conquistaram tantos amigos.

Esperamos que vocês gostem e que façam bom proveito!

#### Os Editores

Fonte: (MELLO, 2007-2009)

**Figura 42** –os famosos cursos e receitas especiais da vovó Evalda



#### APRESENTAÇÃO

É muito gostoso receber um telefonema da minha avó Evalda, me convidando para o almoço: "Evaldinha (é assim que ela me chama), hoje eu fiz um prato especial com uma nova receita e gostaria que você viesse prová-la".

Lógico que eu vou correndo me deliciar com as comidas maravilhosas da Vovó. É e sempre assim: Humm!!! Que delícia!!!

Um dia, uma amiga da família sugeriu que eu publicasse um livro com todas as receitas que tantas vezes me deram o prazer de sentar à mesa da Vovó.

Adorei a idéia. Como acredito que tudo que fazemos bem feito na vida, é interessante registrar de alguma forma no presente, achei que seria ótimo dar a todos os amantes da boa cozinha, a oportunidade de se deliciar com os famosos e especiais quitutes da Vovó.

Assim, quero prestar uma homenagem a minha avó Evalda, aproveitando para contar um pouco da vida desta "mestra" na arte de cozinhar, que se dedicou com tanta alegria a ensinar tão bem as suas descobertas e os seus segredos culinários.

Então, juntei minha admiração, carinho e amor por ela ao prazer e satisfação de fazê-la feliz. Mergulhei neste livro como uma grande proeza na minha vida, desejando a vocês: BOM APETITE!!!

Evalda Velloso

Fonte: MELLO, (2007-2009)

Inicialmente restritas à escrita privada dos manuscritos culinários, as mulheres não tardaram a se aventurar na redação de escritos públicos, ainda timidamente circunscritos a temáticas consideradas “femininas” como educação, artes, filantropia, religião, cozinha ou etiqueta social. A partir dessas encorajadoras incursões pelo mundo das letras, as mulheres da virada do século XIX para o XX foram, progressivamente, apropriando-se de outros campos da comunicação escrita, como o jornalismo e a literatura, especialmente a poesia e o romance. O mesmo ocorre com o interesse, da imprensa e empresas editoriais, na escrita privada das receitas e passa a publicá-las em produtos, impressos, revistas e livros e posteriormente os blogs culinários. Como demonstram as figuras acima originados de cadernos de receitas manuscritos, indicando claramente essa passagem do estágio doméstico para o público.

A análise dos manuscritos culinários, assim como, dos blogs de receitas culinárias revela aspectos significativos da sociedade de cada autor, tal como o âmbito da liberdade de escolhas alimentares das famílias, que ajudam a compor o retrato de seu cotidiano. Tanto o manuscrito quanto o blog são compostos de articulações simbólicas e repletos de lembranças e de ensinamentos que foram sendo transmitidos através de gerações.

No que concerne ao blog, este pode se aproximar de um diário íntimo como os manuscritos eram considerados, caso a escrita seja predominantemente confessional, mas também, pode criar efeitos de distanciamento com o leitor, caso sua temática seja mais noticiosa; ou ainda pode mesclar uma linguagem do tipo jornalística com comentários mais subjetivos sobre os fatos do cotidiano, aos moldes da crônica.

Entretanto, todos os blogs culinários analisados apresentam em comum a inserção das impressões pessoais de seus autores nos textos publicados. Não conseguem falar simplesmente de receitas culinárias, apenas com a descrição da receita (ingredientes, modo de preparo, porções, etc), sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história. Como observado nas figuras a seguir.

Figura 43– receita de vinagrete de maçã

## 13 dez 16 Vinagrete de maçã

Acredito que os molhos pra salada e os vinagretes são super bem-vindos quando queremos comer mais light e saudável, mas com sabor e boa apresentação!



Então, optei em fazer um delicioso Vinagrete de Maçã, temperado com um vinagre de maçã orgânico saboroso, que você encontra no **Supermercados Big Lar**.

**AQUI** você encontra também **Receita de Vinagrete de Cereja**, incrivelmente bom, super recomendo, ainda mais nessa época em que elas estão fresquinhas e carnudas.

Então bora ao Vinagrete de Maçã!

Figura 44– receita de caldo de carne com mandioca

**14**  
dez 16

## Caldo de carne com mandioca

Esse ano fez uma quantidade de frio inesperada pra Cuiabá pessoal. Tempo fechado direto e nossos Caldos fizeram muito sucesso 🍲👍

Caldo de Carne com Mandioca

E hoje tem receita de **Caldo de Carne com Mandioca** pra você. Se joga!  
Ingredientes:

Fonte: <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 10/01/2017)

As figuras 43 e 44, retratam o caráter subjetivo do blog culinário “Acredito que os molhos pra salada e os vinagretes são super bem-vindos quando queremos comer mais light e saudável, mas com sabor e boa apresentação!” (Figura 46); “Então, optei em fazer um delicioso Vinagrete de Maça, temperado com um vinagre de maçã orgânico saboroso, que você encontra no **Supermercados Big Lar.**” (Grifo do autor - Figura 46); “Esse ano fez uma quantidade de frio inesperada pra Cuiabá pessoal. Tempo fechado direto e nossos Caldos fizeram muito sucesso” (Figura 47); “E hoje tem receita de **Caldo de Carne com Mandioca** pra você. Se joga!” (Grifo do autor - Figura 47). Com base nessa subjetividade, observa-se o estudo de Benveniste (1998), no qual não pretendia fazer uma teoria do sujeito, mas sim, se preocupava com a significação. Entretanto, sua maior contribuição para a linguística moderna é a questão da subjetividade. Ela veio à tona porque é inevitável sua presença quando se

estuda a linguagem e o sentido. Sendo assim, o sujeito é o cerne da sua teoria da enunciação. Segundo Benveniste, a subjetividade é entendida como

[...]a capacidade do locutor para se propor como sujeito. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego (BENVENISTE, 1998, p.288).

Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu *status* linguístico. Além disso, para o referido autor, a subjetividade é percebida materialmente num enunciado através de algumas formas (dêixis, verbo) que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar; e quando o faz transforma-se em sujeito. Classifica essas marcas linguísticas, que têm o poder de expressar a subjetividade, os pronomes e o verbo, integrando essas duas classes de palavras na categoria de pessoa, proposta em 1946.

Benveniste, ao instaurar a categoria de pessoa, define as pessoas do discurso. Considera eu/tu como as autênticas pessoas em oposição a ele – a não-pessoa. As pessoas eu/tu se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva. Essa tomada é sempre única, móvel e reversível, representando a (inter)subjetividade na linguagem. A terceira pessoa (a não-pessoa, ele), ao contrário, é um signo pleno, uma categoria da língua, que tem referência objetiva e seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade.

A oposição entre os participantes do diálogo e os não participantes resulta em duas correlações: personalidade e subjetividade. A correlação de personalidade opõe a pessoalidade, presente em *eu/tu*, e a não pessoalidade, presente em *ele*; já a correlação de subjetividade descreve a oposição existente entre o *eu* (pessoa subjetiva) e o *não-eu* (pessoa não-subjetiva). Tais correlações se estendem aos pronomes no plural que, nessa teoria, significam mais que pluralização. Então, Benveniste inova ao dizer que os pronomes pessoais no plural não expressam somente plural. É o caso de nós e vós. Somente “eles” — por não ter marca de pessoa — indica verdadeiro plural. Ainda, define o nós como inclusivo (união de um eu, pessoa subjetiva, a um tu/vós, pessoa não subjetiva) e como exclusivo (eu, pessoa + ele(s), não pessoa). Não podem significar plural porque não demonstram a repetição da mesma pessoa. No caso do nós, não há soma de diferentes pessoas e não há repetição de “eus”; no caso do vós, no sentido coletivo ou de cortesia, não há soma de vários “tus”.

Então, o fato a que chama atenção Benveniste é que os pronomes não devem ser mais considerados, e o são habitualmente, como uma “classe unitária” quando se refere à forma e à

função, diferenciando o aspecto formal dos pronomes, pertencente à parte sintática da língua, do funcional, considerado característico da instância do discurso, ou seja, da enunciação. Quer dizer, os pronomes se configuram numa classe da língua que opera no formal, sintático, e no funcional, pragmático. Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala), às categorias do discurso e não apenas como pertencentes ao código (língua), às categorias da língua, como considerava Saussure. Essa visão dos pronomes, também como categoria de linguagem, é dada pela posição que nela ocupam.

Desse modo, acredita-se que, para encontrar e tentar entender o sujeito e suas representações na teoria enunciativa de Benveniste, é necessário partir da categoria de pessoa. De acordo com Gomes (2004, p. 34), “A subjetividade é vista como uma propriedade da língua realizável pela categoria de pessoa”. Da mesma forma, Santos (2002, p.25), afirma que:

[...] o fundamento da subjetividade repousa sobre a categoria de pessoa presente no sistema da língua; todavia essa subjetividade depende da inversibilidade do par eu-tu, a qual assegura um fator fundamental na atribuição de sentido à categoria de pessoa - a intersubjetividade.

Segundo Benveniste (1998, p.87), “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo”. Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, o do diálogo, que tem obrigatoriamente um eu e um tu. Os dois participantes alternam as funções, caracterizando-se como parceiros e protagonistas na situação de enunciação. Isso, na verdade, vai criar uma relação intersubjetiva entre as pessoas do enunciado.

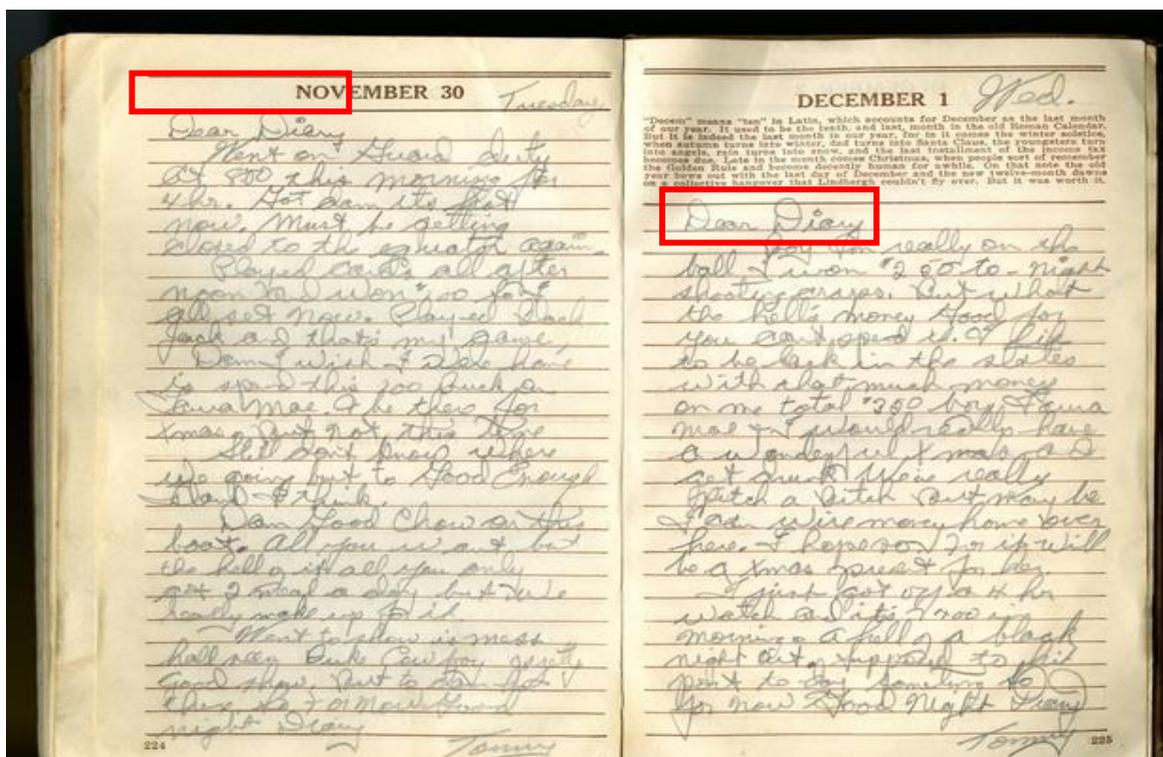
As receitas possuem autoria - são vistas como associadas a alguém. O autor pode não ter sido o inventor da receita, mas é reconhecido como detentor de um saber. O empréstimo temporário de um manuscrito ou uma receita que se repete em mais de um blog faz com que estas passem do domínio privado para o domínio público. Há o reconhecimento do saber do outro no pedido do empréstimo, ou no copiar uma receita de um blog que rende prestígio e autoridade ao “dono” da receita. A troca de receitas mantém este prestígio, e ajuda a atualizar o saber culinário e a tradição discursiva da receita.

Desse modo, ao analisar as receitas diante da natureza dialógica do enunciado, dos gêneros e de outros elementos que ultrapassam os limites do objeto da linguística, percebe-se a constituição de um novo grupo de disciplinas que denomina metalinguística. Para Bakhtin

(1995, p. 181), “a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacetado - o discurso -, mas o estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, mas não fundir-se.” Pensa-se, desse modo, na conexão entre língua-sistema e língua-discurso para uma abordagem interdisciplinar da linguagem, incluindo-se aí a problemática dos gêneros do discurso.

Dessa forma, como exemplo prático, observa-se que as mesmas marcas de subjetividade dos discursos e dos enunciados dos manuscritos culinários serão encontradas tanto nos manuscritos, nos diários íntimos, quanto nos blogs. Ao analisar o diário íntimo, a noção de intimidade e o desenvolvimento da esfera da vida privada na burguesia, a necessidade de confissão, a colocação de gênero sobre sexualidade em discurso e a busca pela historização da vida, favoreceram a crescente expansão desse gênero, que alcançou o seu ápice nos séculos XIX e XX. O diário íntimo se tornou uma *escrita do eu*, visando à captação especular da narração histórica de si. Como demonstra as figura a seguir:

**Figura 45** – diário íntimo



Fonte: site: <http://www.taringa.net/posts/noticias/16773233/Hallo-en-un-museo-el-diario-intimo-de-su-ex-novio.html> (Acesso em 10/10/2018)

A figura 45, retirada do site *Taringa.net*, é representação significativa da escrita do eu quando retrata a história de Davis Jones e Laurie Mae. Os dois estudaram juntos durante o Ensino Médio e foram ao Baile de formatura unidos, onde o rapaz deu um anel de compromisso à moça e prometeu-lhe casamento. O tempo os separou e Davis foi para a guerra, onde se tornou soldado no Camp Elliott, em San Diego, e, menos de um ano antes de morrer, escreveu um diário dedicado à amada contando a história de amor vivida pelos dois e a descreveu como "a história da minha vida na minha passagem pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos... E, especialmente, o meu amor por Laurie Mãe, de que meu coração está completamente cheio. Então, se você tiver a oportunidade, por favor, entregue-o a ela. Eu escrevo isto como a minha última vontade"<sup>23</sup>. Após isso, Jones foi morto por um franco-atirador japonês no Pacífico Sul, em 1944. Quase 70 anos depois, Laurie foi a um museu para ver se havia qualquer memória de seu grande amor e para sua surpresa ela encontrou o diário que estava exibido em uma caixa de vidro no Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial.

Esse diário é exemplo de que as pessoas precisam “falar de si”, “contar a própria história”. Segundo Foucault (1996), falar de si ou escrever sobre si é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, porque a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada à sua sinceridade. Com a modernidade, surgiu uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade.

Pierre Bourdieu (2004, p. 130), em *A ilusão biográfica*, observa que falar de história de vida é supô-la como um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto ou um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional, que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade. É aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos. Esta teoria apresenta alguns pressupostos, tais como o fato de que a vida é um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto, e que essa vida organizada segue uma ordem cronológica e lógica, desde um começo até o seu fim. Essa história organiza-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm, de certa forma, o mesmo interesse em aceitar o postulado da existência narrada.

---

<sup>23</sup> Tradução do site: <http://www.taringa.net/posts/noticias/16773233/Hallo-en-un-museo-el-diario-intimo-de-su-ex-novio.html>

O relato autobiográfico se baseia sempre, ou em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoáveis os estados sucessivos, de extrair uma lógica, uma consistência e uma constância entre eles. Para Bourdieu (2004), o interesse em escrever uma biografia talvez tenha como origem a busca de coerência, ao selecionar certos acontecimentos significativos e ao estabelecer entre eles conexões, criando artificialmente um sentido.

É imperativo na nossa sociedade manter arquivos pessoais, documentar tudo, classificar, ordenar, em uma tentativa de organização do mundo e do eu, daí a perspectiva das receitas culinárias, contidas nos manuscritos, ou colecionadas em cadernos, diários ou blogs, se caracterizarem como esse arquivo doméstico e, portanto, se caracterizar como um gênero autobiográfico do seu autor. Como destaca Italo Calvino (2005, p. 143):

[...] Este mundo que vejo, este que costumamos reconhecer como o mundo, se apresenta a meus olhos – pelo menos em grande parte – já definido, rotulado, catalogado. É um mundo já conquistado, colonizado por palavras, um mundo com uma pesada crosta de discurso. Os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de ocorrerem. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido, antes mesmo de existir.

Calvino mostra a relação entre a existência humana e sua ordenação por intermédio da escrita. A sensação de pertencer ao mundo passa pela necessidade de registrar essa existência. O registro garante certa “estabilidade”, “ordenação” e, fundamentalmente, a identidade de seu autor.

Assim, até a escrita do diário passa a ser uma exigência social, de organização e “controle” da própria vida. Há uma certa necessidade de o homem moderno “arquivar sua vida”. Bakhtin (1995, p. 261), em *Estética da criação verbal*, defende que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, pois, em sua perspectiva dialógica, “o emprego da língua efetiva-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 1995, p. 261)

Na abordagem bakhtiniana, esses três itens – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um dado campo da comunicação, onde para Marcuschi (2008), Bakhtin identifica este campo hoje à noção de domínio. Cada campo da comunicação elabora, assim, seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais o autor denomina gêneros do discurso. Dessa forma, a escrita do diário passa a ordenar a existência humana, conferindo-lhe um lugar social, uma identidade.

No processo sócio-histórico de estabilização de enunciados, tem-se um verdadeiro leque de possibilidades para criação e, simultaneamente, entrelaçamento de vários gêneros discursivos. Nesse contexto, o referido autor considera a heterogeneidade dos gêneros do discurso como aspecto de grande relevância, já que ela tem a ver com as variadas manifestações da atividade humana de linguagem e com a complexidade de cada campo dessa atividade.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262-263), desde a Antiguidade, a questão dos gêneros discursivos nunca tinha sido verdadeiramente colocada. “Estudavam-se – mais que tudo – os gêneros literários [...] quase não se levava em conta a questão linguística geral do enunciado e dos seus tipos”. Em função disso, grande parte da heterogeneidade discursiva e da dinamicidade dos gêneros terminou sendo ignorada ao longo dos anos.

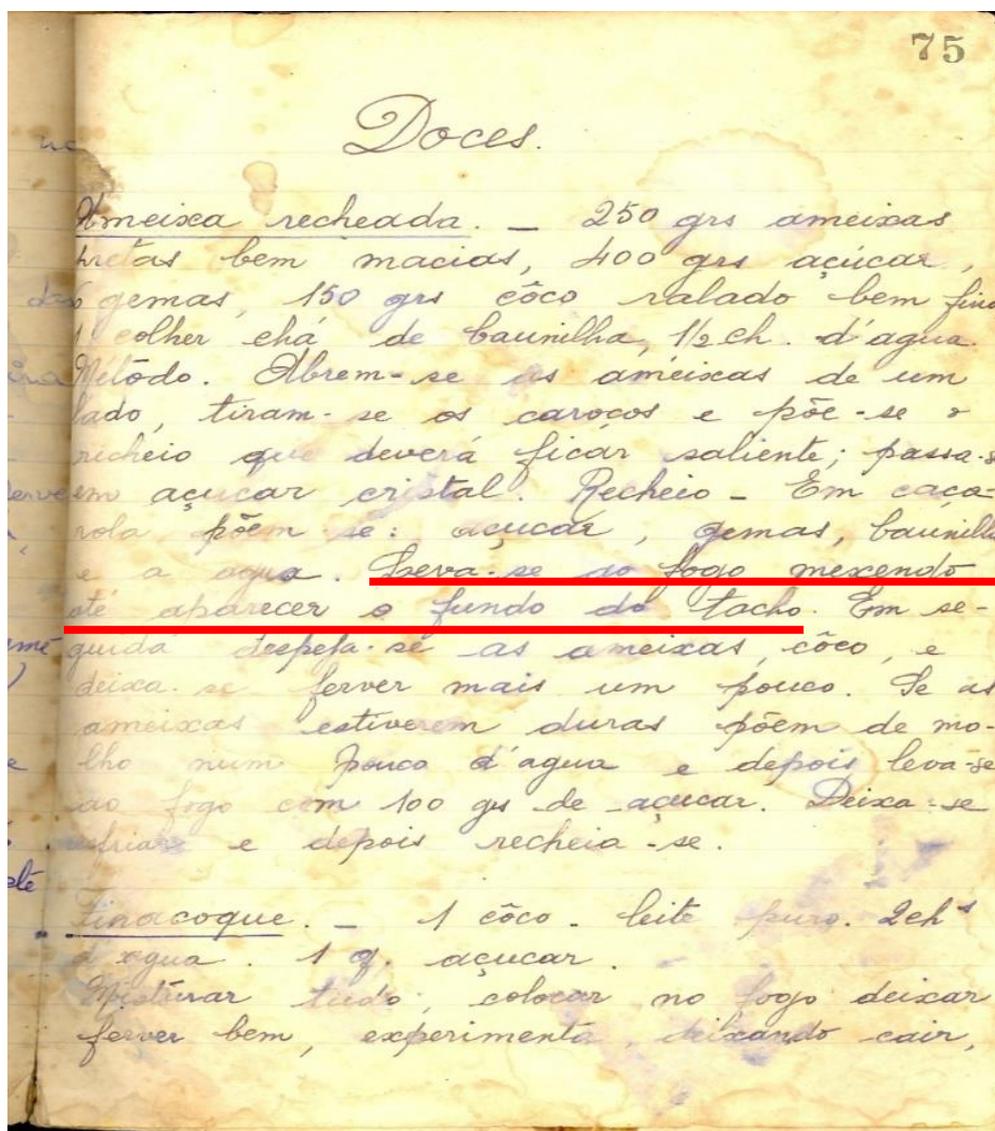
A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

A partir da reflexão bakhtiniana, não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado, já que o mesmo abrange, simultaneamente, conforme já foi assinalado, conteúdo temático, estilo e estrutura composicional, estando esses três elementos interligados da atividade real de linguagem.

Na proposta teórica do referido linguista, é essencial, ainda, o estabelecimento da distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Ele ressalta que os primários se formam em condições de comunicação discursiva imediata, ao passo que os secundários surgem nas condições de convívio social mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado – artístico, científico, sociopolítico etc. No primeiro tipo, pode-se incluir, por exemplo, o diálogo cotidiano; no segundo tipo podem-se destacar os romances, as pesquisas científicas, entre outros gêneros oriundos de situações sociais mais complexas. Em verdade, a própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos “lançam luz sobre a natureza do enunciado (e, antes de tudo, sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia)”. (BAKHTIN, 2003, p. 263)

Ademais tanto os manuscritos culinários quanto os Blogs apresentam narrativas de experiências pessoais, são formas de “escritas da vida” intencionadas à publicação, caracterizando-os assim pela liberdade de construção do texto, sem compromisso com as convenções formais da escrita. A cultura do manuscrito culinário envolve cartas, diários, notas, reflexões religiosas, poemas, receitas, e possuem a peculiaridade de sofrerem de forma mais lenta modificações em sua linguagem se comparado à escrita pública. Alguns incluem a linguagem resumida, no estilo taquigráfico, demonstrando a intimidade de seu trânsito. Tratam, sobretudo, dos assuntos domésticos, uma escrita do ponto de vista do autor que escreve, seleciona, copia ou recolhe a receita e que tem como tema central a experiência vivida. Como demonstra a figura abaixo.

**Figura 46**– receitas de doces



A receita da figura 46 (Grifo Nosso) demonstra que os manuscritos culinários femininos trazem consigo também uma natureza multimodal, apesar de ser em menos recorrência do que os blogs, contendo uma variedade de meios comunicativos para expressão. Entende-se, portanto, a flexibilidade na forma da escrita, como na leitura: a escrita é passível de alterações, e sua leitura, praticada sem uma ordem estabelecida. Trata-se da construção de uma situação retórica que envolve a habilidade prática e mundana através de uma representação textual circulando entre a escritura propriamente dita, as receitas, e as conversas sobre as receitas.

Estas escrituras autobiográficas revelam tanto o mundo do trabalho quanto o das atividades artesanais e com funções intergeracionais acolhem a escrita por muitas mãos, as alterações e acréscimos, além de comentários. Neste sentido as receitas culinárias têm muito a dizer sobre a história dos artefatos, além de fonte de pesquisa dos hábitos alimentares daquela região, ou contexto histórico. As transformações ocorridas ao longo dos últimos séculos em relação aos textos culinários são representativas da mudança mais ampla das formas de vida e do cotidiano doméstico, na medida em que envolvem ingredientes, combinações, utensílios, medidas e formas de uso historicamente determinados.

Muitas receitas são registradas por diferentes estilos de letra, por grifos no texto indicando a capacidade orgânica de envolver várias autorias, figura 46, se tornando personalizadas através de correções e renovações. Trazem, contudo, como pressupostos, o compartilhamento de um mesmo universo social na medida em que supõem concepções de momentos individuais e familiares e momentos históricos, festivos que são coletivos e o uso de utensílios semelhantes, além do domínio de habilidades. Além do mais, dentro da perspectiva da multimodalidade presente também nos manuscritos, mesmo que em menor recorrência do que nos blogs, é defendida pelos arcabouços teóricos de Nascimento (2011) demonstrando que nenhum texto é monomodal e/ ou monosemiótico. Pelo contrário, todo texto é multimodal e multisemióticos. Até mesmo uma receita manuscrita, materializada unicamente através da escrita, ainda assim, esses textos trazem consigo marcas e traços multimodais, tais como: cores e fontes diferenciadas em um mesmo texto, o tamanho da fonte, o itálico, o negrito, o sublinhado os traços como demonstra a figura 46. Ainda que um dado texto seja marcado pela supremacia da linguagem escrita e, conseqüentemente, pelos elementos alfabéticos, ele pode materializar traços multimodais. Isso acontece quando efetuamos alteramos a cor, a fonte ou o tamanho das letras. Como o exemplo das receitas de doces representados na figura 46, na qual a autora quer destacar uma frase “Ameixa

recheada”, pois acredita que aquele ponto merece a atenção do leitor. Todos esses recursos ensejam determinados efeitos de sentidos em uma construção textual. É nessa junção que reside a multimodalidade textual, a escrita das receitas culinárias dos manuscritos também estão imersas entre um “amplo contingente de elementos imagéticos, isso torna o texto multimodal ou multisemióticos”. (DIONÍSIO, 2005, p. 98).

Ademais, ao se situarem entre a transmissão oral e o texto impresso implicam em seus modos de transmissão diferentes níveis de percepção. Este conhecimento tácito com domínio de habilidades corporais e sensoriais subentende o processo de socialização através da observação e acompanhamento como, por exemplo, a atividade de “leva-se ao fogo mexendo até aparecer o fundo do tacho” (figura 46 – Grifo Nosso) que inclui a forma de “levar ao fogo” utilizando os utensílios necessários, além da temperatura do fogo.

Ao se analisar os manuscritos culinários percebe-se que estes corroboram os estudos do Renascimento que possibilitam a valorização e o interesse por uma escrita que visa “a si mesmo”, o indivíduo. Assim, percebe-se que a individualidade emerge, pois progressivamente se dissolve a vivência medieval da *comunitas*<sup>24</sup> e o indivíduo se encontra perante si mesmo, quando se intensifica, a partir do século XVI, a ruptura nas condições das expectativas de conduta segundo um modelo prévio.

Tal ruptura vem à tona acompanhada da força desempenhada pelo exercício de um papel na vida social. A complexidade da vida renascentista impede a permanência de um ideal de conduta como vida coletivamente orientada e transmissível. Entender a linguagem de tal maneira é, sobretudo, aceitar que a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam) e que é - igualmente - através de enunciados concretos que a vida passa a fazer parte da língua. “O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2003, p. 265)

Defende-se, portanto, que os enunciados e seus tipos estáveis, e, os gêneros discursivos, são correntes de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem, pois, conforme lembra Bakhtin (2003, p. 268), “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos”. Isso faz, inclusive, com que o

---

<sup>24</sup> De acordo com Turner (2013), a *communitas* consiste em uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Estes indivíduos não estão segmentados em função e posições sociais, porém defrontam-se uns com os outros mais propriamente à maneira do “Eu e Tu”. Juntamente com este confronto direto, imediato e total de identidades humanas, existe a tendência a ocorrer um modelo de sociedade como uma *communitas* homogênea e não estruturada, cujas fronteiras coincidem idealmente com as da espécie humana.

tipo de análise que aí é proposto beneficie, em maior ou menor grau, diversos campos da linguística, tal como ocorre na estilística – campo especialmente citado pelo autor. O estudo do enunciado como unidade real de comunicação discursiva, permitirá, sob a ótica bakhtiniana, compreender de modo mais preciso, também, a natureza das unidades da língua enquanto sistema (as palavras e as orações).

Da mesma forma, o gênero Blog, que como um dos gêneros digitais que apareceram com o advento do hipertexto, carrega características inerentes ao ambiente hipertextual e outras inerentes à sua constituição específica. Torna-se, ao mesmo tempo, um espaço dedicado à exposição de aspectos da vida íntima de alguém e um local que propicia a interação entre o seu escrevente e os leitores das mensagens nele contidas. Constitui-se, portanto, como um espaço discursivo situado na fronteira entre o público (caráter do hipertexto) e o privado (caráter do diário tradicional).

Os blogs apresentam em comum a inserção das impressões pessoais de seus autores nos textos publicados: “[os diaristas virtuais] não conseguem falar dos assuntos mais sérios sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história” (BAKHTIN, 2003, p. 188). Desse modo, comprova-se que o blog constitui um único gênero textual (com suas características próprias no que se refere ao formato e à escrita), porém, com uma heterogeneidade contratual determinada pela temática, pela finalidade e pelo estilo de quem o assina e de seus enunciados. Contudo, com base na análise e definição dos enunciados, é possível, na visão de Bakhtin (2003), se alcançar os seus tipos relativamente estáveis, ou seja, os chamados gêneros do discurso. E, como se disse anteriormente, as pesquisas linguísticas em torno do tema surgiram em um cenário de profusão de vertentes teóricas que hoje tentam suprir as lacunas de um passado de abstrações do objeto linguístico. Como demonstra a figura a seguir:

**Figura 47** – blog da Emília



**Fonte:** <http://www.segredosdatiaemilia.com.br/> (Acesso em 10/10/2018)

A figura 47 simula a representação do manuscrito e do impresso, as Oralidades mediatizadas e levadas à condição prevalente de mídia envolvem organização mais consistente, adesão mais clara a estereótipos e uma série de procedimentos relativos a cada meio: rádio, televisão, internet. etc.

Os diários, na sua no suporte material de papel, constituem elementos particulares e, muitas vezes, secreto. Já o blog, na "forma virtual", contrapõe-se àquele justamente por ser um texto público e permitir não só a leitura como a interferência por meio de comentários de outras pessoas. O blog é um diário público interativo, ou seja, o leitor é também autor interferindo no texto com seus comentários. Por isso, sua vasta utilização para diversas finalidades.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 24), "os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia". Cabe dizer, portanto, que são manifestações verbais de uso coletivo da língua situadas social e historicamente. O diário e também o blog se enquadram nessa definição. Marcuschi (2006, p. 27) salienta, ainda, que "novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias". É o caso do blog, um derivado dos diários de bordo ou dos diários íntimos. Isso acontece em decorrência da dinamicidade dos gêneros e de sua adaptação às necessidades do usuário da língua.

Bakhtin (1992) diz que há tantos gêneros textuais quantas atividades humanas houver para a enunciação. Nesse sentido, os gêneros são hipoteticamente ilimitados. A Internet surge como mais um suporte para a criação de gêneros. Em relação ao blog, pode-se dizer que acontece uma transmutação de gêneros, já que a produção escrita na Internet não deixa de ser uma transposição de gêneros escritos em papel para o novo suporte, com novas características para se adaptarem à tecnologia existente.

A limitação dos estudos dos gêneros pode ter se originado, segundo Bakhtin (1992), na sua diversidade e heterogeneidade, resultante da natureza ideológica das diferentes esferas sociais, que poderia fazer crer que essas características diversas e heterogêneas dos gêneros converteriam os seus traços comuns em algo “abstrato e vazio de significado”.

Bakhtin (1992, p. 362) afirma, ainda, que cada gênero tem um campo predominante de existência (seu cronotopos), no qual é insubstituível e surge sem necessariamente suprimir outros gêneros pré-existentes. Na esfera dos gêneros jornalísticos digitais, por exemplo, o microblog (Twitter), embora atualmente predominante nos jornais eletrônicos, surgiu sem excluir o blog. Por outro lado, um novo gênero tem, também, o potencial de aumentar ou diminuir o número de gêneros de determinada esfera. Afinal, um gênero recente pode influenciar o abandono de práticas discursivas ligadas a um gênero antigo, de modo que “o seu desaparecimento pode ocorrer pela ausência de condições sociocomunicativas que o engendraram.” (RODRIGUES, 2005, p. 166). Como aconteceu com a rede social Orkut.

Um exemplo desse fenômeno estaria no enfraquecimento, nas últimas décadas, do gênero diário pessoal em função da predominância dos ciberdiários ou blogs, hoje tão comum entre os adolescentes nas suas práticas de escrita virtual. No início, os blogs eram essencialmente voltados para a escrita íntima. Com o tempo, por causa da facilidade de utilização da ferramenta, os blogs passaram a apresentar temática variada de acordo com sua finalidade. Hoje são muito utilizados por jornalistas, por exemplo, que encontraram no blog uma forma de ampliar suas reportagens e permitir a comunicação com seu público leitor. Com é o caso do Blog do Chico Barney: “Entusiasta e divulgador da cultura muito popular. Escreve sobre os intrigantes fenômenos da TV e da internet desde 2002” (<https://chicobarney.blogosfera.uol.com.br/>).

Outro aspecto da noção de gênero bakhtiniana é a sua atualização e movimento contínuos, apesar de representarem uma “estabilização” do enunciado. Assumindo tal perspectiva, autores como Marcuschi (2008, p. 162) reconhecem que, uma vez constituídos como formas estáveis, dialeticamente os gêneros exercem certo efeito “normativo” (uma

coerção social) sobre as interações verbais. Afinal, para o falante, eles funcionam como modelos ou “índices sociais” na construção do enunciado.

Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva e os gêneros são um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina, sendo que o domínio dos mesmos depende em grande parte de nossa inserção social e de nosso poder social. (MARCUSCHI, 2008, p. 162)

Desse modo, pode-se dizer, segundo Marcuschi (2008, p. 161), que os gêneros textuais são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Assim, percebe-se uma transição de tempo, estilo discurso e enunciação, do manuscrito, do diário e por fim do blog, objetos analisados neste trabalho. Nesse sentido, correspondem a uma forma de inserção, ação e poder social na linguagem cotidiana. E, como lembra Bakhtin (2003), “toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*”. Por outro lado, Marcuschi (2008) esclarece, também, que o controle social dos gêneros é incontornável, mas não determinista, já que eles, por si só, não perpetuam tais relações; apenas as manifestam em certas condições de sua realização. Em outras palavras, o falante assume certa liberdade individual perante os gêneros, porém está condicionado à estabilização das formas de interação social e se encontra, assim, plenamente envolvido na máquina sociodiscursiva.

### 3.2 PRÁTICAS DE ESCRITA SOBRE SI NAS RECEITAS CULINÁRIAS

As narrativas de ficção científica foram os primeiros textos a narrar as relações subjetivas entre o homem e a máquina, mesmo antes do advento da internet essas relações já rodeavam o imaginário popular. Ao analisar um texto de ficção científica percebe-se que este se apresenta através de descrições realistas do mundo em que vivemos. Talvez esse gênero não seja considerado uma literatura muito refinada, mas não se pode restringi-la ao campo do efêmero ou negligenciável. Os temas são tão impactantes que é impossível deixá-la à margem. Com o uso das metáforas, a ficção científica soube perceber, melhor que qualquer outra forma de narração, as tendências evolutivas (ou regressivas) do capitalismo contemporâneo. Isto lhe permitiu, frequentemente, ultrapassar os limites habituais da literatura e se expandir para os costumes, comportamentos, os modos de falar comuns, em uma palavra, a vida cotidiana. Pela primeira vez na história, e bem antes do

desenvolvimento atual da Internet, muitos escritores tomavam como tema de seus romances esta forma de relação entre o homem e a máquina, reação esta transmitida pelo advento da informática.

Tem-se a impressão que o fantástico, e muito particularmente a ficção científica, é a única maneira, do ponto de vista literário, de descrever o mundo atual de modo adequado. Porque é um mundo onde o imaginário assumiu uma importância excepcional. O capitalismo tradicional contentava-se com a publicidade. Agora, vai mais longe: na imaginação, nos sonhos, nas mais íntimas visões do mundo. O crescimento da comunicação o permitiu, impondo modos de vida, criando necessidades onde não havia, aumentando a sede de afirmação do indivíduo. Não se compreende a sociedade contemporânea se não se levar em conta a rápida propagação do imaginário consumada nestes últimos anos. Antes, as pessoas desempenhavam um papel produtivo durante um certo número de horas por dia, enquanto o resto do tempo era dedicado à diversão e ao repouso. As atividades de descontração, todas baseadas na comunicação, prolongaram o campo da produtividade à custa do lazer e do tempo de repouso. Quase todos os espetáculos televisivos contêm alusão ao consumo, seja através de publicidade explícita ou referências a modos de vida considerados melhores para todos.

Assim, saindo da campo da ficção e indo ao da realidade cotidiana, percebe-se que uma simples receita culinária pode oferecer a possibilidade de descobrir um pouco da história e da cultura de uma sociedade ou de um segmento desta, mais especificamente dos grupos familiares e dos próprios gostos individuais de quem a produz, é uma maneira real de demonstrar a realidade antes vista nas ficções. Pois, quando se alimentam, normalmente as pessoas não percebem que, além de suprir necessidades vitais, realizam um ato social complexo. Além de instrumento utilizado para registro do preparo de um ato simples e indispensável, as receitas culinárias tornam-se objetos de estudo capazes de ser abordados sob múltiplos olhares.

Através da observação e leitura das receitas culinárias, podem ser decifrados seus códigos implícitos, como as emoções, lembranças, tradições familiares e de grupos societários. Ao mesmo tempo, pode se levantar questões sobre a produção e consumo de alimentos, evolução do gosto, as relações de classe e gênero envolvidas no preparo e na criação dos pratos nos tempos mais antigos, e como estes são produzidos na atualidade.

De forma geral, no passado, as receitas estavam sob o domínio da mulher, que passava o conhecimento às suas descendentes pela oralidade ou através dos seus manuscritos. Muitas vezes este fato não acontecia de forma sistemática. Era necessário o tempo da convivência ao

lado daquela que conhecia as receitas. A observação do modo de preparo pelos demais membros da família, em encontros festivos, motivo da reunião da família, eram também o momento da passagem do conhecimento. A escrita de algumas receitas por parte das mulheres mais jovens preservava a cultura, ao mesmo tempo em que formava o modelo de domínio, de conhecimento de técnicas de cozinha, de segredos culinários. Santos (2005, p. 89) observa em sua obra que:

[...] o caderno de receitas – período em que as mulheres já escreviam – foi repassado de geração a geração, através de um inventário sentimental. Não se banalizou o receituário gastronômico em mãos à-toa. [...] recebeu-a a filha/sobrinha eleita, aquela que garantisse a discrição do claustro da glotonaria. A história do açúcar guarda fortes veios de privacidade. De mistérios de família.

Este sentimento de valor inestimável pela herança das receitas culinárias de família pode ser percebido através das próprias receitas que tanto no manuscrito quanto no blog relatam essa transmissão de família e o carinho e afeto com que as receitas são guardadas na passagem delas através das gerações. Para Cascudo (1983), em momentos rituais ou cerimoniais o alimento é um elemento fixador psicológico no plano emocional e comer certos pratos é ligar-se ao local ou a quem o preparou. Como observado na figura a seguir:

**Figura 48**– receita de bolinho de chuva salgado

### Receita de Bolinho de Chuva Salgado



Eu sempre preferi bolinho de chuva salgado ao doce. Sempre. Minha mãe fazia pra nós e acabava fazendo dos dois para não dar briga rsrs. É tão gostoso, né? Tem gostinho de infância, de dia chuvoso, de família reunida... Tão bom... Chega de nostalgia e vamos à receita:

A figura 48 demonstra que na cozinha revelada e descortinada pelas receitas culinárias de família, prevalece a arte de elaborar a comida e de lhe dar sabor e sentido. Tais fontes desvendam uma dimensão do tempo não exclusivamente cronológico da produção de um prato, mas o tempo lento ou rápido do gesto para misturar ingredientes, o que constitui algo próprio e pessoal, de intimidade familiar, de investimentos afetivos, simbólicos e estéticos. Na cozinha, as relações de gênero, de geração, a distribuição das atividades, despontam e traduzem uma relação de mundo, um espaço rico em relações sociais, fazendo com que a mesa se constitua, efetivamente, num ritual de comensalidade. A cozinha se reafirma, portanto, como um espelho da sociedade, um microcosmo e/ou imagem da sociedade, valores esses presentes nas receitas culinárias de família.

O saber culinário em formas de receitas, transmitido de mãe para filha, muitas vezes encerra segredos culinários. Para Freyre (1997), o saber culinário familiar e sua transmissão foram considerados como uma espécie de “maçonaria das mulheres”. As mulheres são as principais responsáveis pela manutenção da tradição culinária, por serem normalmente as responsáveis pelo ato de cozinhar. Ela detém o saber fazer. Em nossa sociedade, a cozinha doméstica é considerada um espaço predominantemente feminino, porque ali são mantidas tradições culinárias e a prática do cozinhar, geralmente tarefas atribuídas ao papel tradicional das mulheres.

Entretanto, o registro das receitas transmitidas de geração para geração, sejam manuscritas ou midiáticas, encontram dificuldades em manter a transmissão dessas receitas para as novas gerações como evidencia Santos (2005), citando a obra de Jean-François Revel, de que “a cozinha é também um espaço de desaparecimentos, de perdas e destruições.” O autor comenta que a cozinha é arte desde que se considere a representação dos sabores. A cozinha, para o autor, é o universo onde convivem intuição, sensibilidade, imaginação e criatividade, permitindo múltiplas dimensões e interações. Todo discurso pressupõe a construção de uma imagem daqueles que estão envolvidos no processo interativo. Segundo Amossy (2005a, p. 9),

Para construir tal imagem, não é necessário que o enunciador<sup>25</sup> fale sobre si ou apresente para os ouvintes suas características, suas qualidades e defeitos,

---

<sup>25</sup> O termo ‘enunciado’ é utilizado por Maingueneau (2001) com o valor de frase inscrita num contexto particular. Enunciador, na perspectiva do autor, seria aquele a quem se outorga no discurso uma posição institucional que marca sua relação com o saber. O co-enunciador, portanto, seria aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo. O termo coenunciador foi introduzido na linguística enunciativa por Culioli, como um termo correlativo ao de enunciador, acentuando a ideia de que a enunciação é um processo no qual dois participantes desempenham um papel ativo, pois

pois, no momento do discurso, lançam-se pistas acerca desta imagem: seu estilo, sua visão de mundo, seu conhecimento acerca de determinados assuntos, dentre outros, que permitirão aos ouvintes realizarem a construção da imagem do enunciador.

É fundamental, para a compreensão deste enunciador, a partir da perspectiva da escrita de si dos blogs, que se compreenda a terminologia *ethos*, dentro do arcabouço teórico da Análise do Discurso, que se refere à construção de uma imagem de si através do discurso. Assim, dizer que os participantes do discurso criam uma auto-imagem através dele, significa também afirmar que o discurso carrega as marcas do enunciador e do co-enunciador, entendidos como aqueles que interagem no processo discursivo. As imagens do enunciador e do co-enunciador agem no campo discursivo, de modo a serem parte integrante do processo enunciativo. À construção dessa imagem de si no discurso convencionou-se chamar de *ethos*.

A Análise do Discurso, tendo como principal expoente nos estudos do *ethos* Maingueneau (1997; 2001; 2005; 2006), vai retomar o conceito aristotélico de *ethos* quando afirma que este é a imagem de si no discurso. No entanto, a teoria da Análise do Discurso vai além dos estudos elaborados pela Retórica, pois pretende analisar as imagens criadas pelos enunciadores no discurso baseando-se não apenas em situações de eloquência judiciária ou em enunciados orais, mas se estendendo a todo e qualquer discurso, mesmo àqueles presentes no texto escrito. Maingueneau (2005) afirma que não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim um *ethos* construído no âmbito da atividade discursiva. Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso. Como demonstra a figura abaixo:

---

numa enunciação há uma alternância do papel de ouvinte e locutor, fazendo com que ambos participem de forma dinâmica do processo enunciativo.

**Figura 49**– receita de pãozinho de linguiça simples e fácil

30

### Pãozinho de Linguiça Simples e Fácil



*Sabor no Prato*

Este pãozinho de linguiça ficou delicioso. É um pão caseiro de massa mole que não precisa nem sovar. Super simples e fácil de fazer. Adicionei linguiça picadinha na massa e coloquei na forminha para cupcake e ficaram super macios e saborosos. Aproximadamente. Tenho que fazer mais :). Vamos à receita:

Fonte: <http://www.sabornoprato.com/> (Acesso em 10/10/2018)

A figura 49 representa a ligação do *ethos* liga-se ao orador, através principalmente das escolhas linguísticas feitas por ele, escolhas estas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, continuamente construída no âmbito discursivo. “Este pãozinho de linguiça **ficou delicioso**. É um pão caseiro de massa mole que não precisa nem sovar. Super simples e fácil de fazer. **Adicionei linguiça picadinha na massa e coloquei** na forminha para cupcake e ficaram super macios e saborosos. **Aproximadamente. Tenho que fazer mais :)**. Vamos à receita:” (Grifos nossos - Figura 49) os destaques demonstram que o *ethos* se liga diretamente ao tom que engendra o discurso. Esse tom, por sua vez, está ligado a uma corporalidade e ao caráter do enunciador. Nos textos dos blogs de receitas culinárias não há a representação direta dos aspectos físicos do orador, mas há pistas que indicam e levam o co-enunciador a atribuir uma corporalidade e um caráter ao enunciador, categorias essas que interagem no campo discursivo. Para o Maingueneau (1997, p. 47), o caráter seria “o conjunto de traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer”, “*Vamos à receita:*” (Figura 49), enquanto que a corporalidade remeteria a “uma representação do corpo do enunciador, construído no processo discursivo”.

Assim, pode-se dizer que o *ethos* relaciona-se com a construção de uma corporalidade do enunciador (autor do blog) por intermédio de um tom lançado por ele no âmbito discursivo. O tom permitirá ao leitor construir, no texto escrito, uma representação subjetiva do corpo do enunciador, corpo este manifestado não fisicamente, mas construído no âmbito da representação subjetiva. A imagem corporal do enunciador faz emergir a figura do fiador, entendida aqui como aquela que deriva da representação do corpo do enunciador efetivo, se construindo no âmbito do discurso. O fiador é aquele que se revela no discurso e não corresponde necessariamente ao enunciador efetivo.

Portanto, no âmbito discursivo, pode-se criar a imagem de um fiador calmo e tranquilo, mesmo que o enunciador não tenha essas características. Essa construção da imagem do fiador se relacionará, portanto, com as escolhas lexicais feitas pelo enunciador, “*Aprova-díssimo.*” (Grifo nosso - Figura 54) que conferirão ao enunciado um tom de calma e tranquilidade, fazendo emergir, portanto, a imagem de um fiador calmo e tranquilo. O fiador, para Maingueneau (2005a; 2005b), é uma imagem construída pelo coenunciador com base em indícios textuais de diversas ordens.

Percebe-se assim, que há uma interatividade característica do blog, entre esse enunciador, o fiador e o leitor, e esta é evidenciada nessa produção de escritos sobre si veiculados de maneira pública pela internet. Não se trata dos segredos do indivíduo, velados pelas práticas diaristas tradicionais. Os blogs são redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente.

A configuração da escrita nos blogs varia de acordo com sua finalidade, com a temática e com o próprio estilo de seu autor. O blog pode se aproximar de um diário íntimo, caso a escrita seja predominantemente confessional; ou então pode criar efeitos de distanciamento com o leitor, caso sua temática seja mais noticiosa; ou ainda pode mesclar uma linguagem do tipo jornalística com comentários mais subjetivos sobre os fatos do cotidiano, aos moldes da crônica.

Entretanto, conforme assevera Shittine (2004, p. 188), a despeito dessas possíveis diferenças, todos os blogs apresentam em comum a inserção das impressões pessoais de seus autores nos textos publicados: “[os diaristas virtuais] não conseguem falar dos assuntos mais sérios sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história”.

Desse modo, talvez possamos aventar a hipótese de que o blog constitui um único gênero textual (com suas características próprias no que se refere ao formato e à escrita), porém, com uma heterogeneidade contratual determinada pela temática, pela finalidade e pelo

estilo de quem o assina. Essa diversidade própria dos blogs poderá ser atestada com o exame das modalidades enunciativas do discurso presentes nos 07 (sete) blogs selecionados para análise. Considerando esse caráter público e privado dos blogs, analisa-se o modo como o *ethos* é construído neste gênero. Assim, fez-se a seleção dos blogs: observando o gênero blogs de autoria feminina e masculina e a função social: blogs para diversão e lazer, blog com intuito profissional, blog com caráter turístico, blog com teor mais tradicional para publicação de receitas de família e fazeres domésticos. Como demonstram os textos de apresentação e autorias dos respectivos blogs:

**SOBRE NÓS** - *“Há mil formas de demonstrar amor. Uma delas é na cozinha”* - Tia Emília, há mais de 30 anos, acumula experiências na culinária, nos arranjos de flor, em uma boa arrumação de mesa e em todos os outros quesitos que envolvem manter uma casa aconchegante. Aqui, no **Segredos da Tia Emília**, ela compartilha todos os seus segredos, em um blog recheado de dicas de casa e receitas caseiras cheias de lembranças de uma vida. (Grifo do autor) (Segredos da Tia Emília - Disponível em: [www.segredosdatiaemilia.com.br](http://www.segredosdatiaemilia.com.br)) - (Figura 50)

**Figura 50**– mensagem da tia Emília



## MENSAGEM DA TIA EMÍLIA

Olá,  
 Sou Emília, uma dona de casa que ama cozinhar, sou Do Lar com muito orgulho!!!  
 Casei cedo, tenho 2 filhos adultos e hoje com mais tempo, posso me dedicar a pesquisar, descobrir e criar muitas coisas!!!  
 Com todo incentivo e ideia de Rô, minha filha, resolvemos fazer este Blog!!!  
 Essa é a comida feita na nossa casa, que tem influencia de vários lugares e de gente que gosta de cozinhar e de comer como nós.  
 Até Zeka, nosso cachorro, não sai da cozinha. Ele adora os brigadeiros!!!  
 Gosto de GENTE e de tudo que se relaciona à casa, às flores, às louças, à mesa.....!!!  
 Vou contar uma história: antes do meu casamento, há 30 anos, resolvi fazer um livro de receitas com uma amiga que também ia se casar e ela escrevia coisas como: "um palmo de filé mignon" Rssss!! E assim, de palmo em palmo, comecei minha vida de cozinheira. Foram muitas as pessoas que me ensinaram, ajudaram e incentivaram em muitos momentos da minha vida, em especial, Hilda, cozinheira há 20 anos lá de casa, que fazia TODAS as minhas vontades e depois que casei, me ensinou muito e por muitas vezes foi minha mãe! Obrigada, Gorda!  
 Meu pai também cozinhava muito bem. Nos almoços na praia ele fazia a comida e eu, a sobremesa, sempre tive paixão por doce!!! Obrigada, Reneção!!!  
 E assim comecei a minha vida de casada: jovem, cheia de energia, de sonhos e muita vontade de vencer!! Unida a meu marido e meus filhos me sinto vencedora!!! Obrigada por estarem sempre comigo!  
 A minhas amigas incentivadoras e sempre ao meu lado nos momentos bons e nos momentos difíceis!! Obrigada sempre!!!!  
 A René, Lara e Guido, um beijo com muito carinho!!

**Fonte:** <http://www.segredosdatiaemilia.com.br/mensagem-da-tia-emilia/> (Acesso em 10/10/2018)

Quem faz – FABIANA BRAGA - Apesar de ser natural de Itajubá, sul de Minas Gerais, ou "Terrinha" para os íntimos, rrsrs, no momento estou morando próximo da capital, Belo Horizonte e fiz este blog para compartilhar meus pratos e também para aprender muitos outros. Não sou nenhuma especialista em culinária, apenas gosto de cozinhar. Porém, apesar de gostar muito, tenho uma dificuldade enorme em seguir receitas. Sempre retiro, coloco ou diminuo ingredientes, e isso algumas vezes não acaba bem... rrsr. Mas fiquem tranquilos, só vou colocar aqui as receitas bem sucedidas. Sou de família italiana, então é certo que terá muita massa aqui, vou tentar me controlar. Vou tentar, mas não vai ser fácil, pois lá em casa sempre foi assim: macarronada pelo menos uma vez na semana (pelo menos hein? rrsr). Espero que gostem e participem !! (Sabor no prato - Disponível em: [www.sabornoprato.com](http://www.sabornoprato.com)) - (Figura 51)

**Figura 51**– apresentação da autora do blog

---

### Quem faz

Apesar de ser natural de Itajubá, sul de Minas Gerais, ou "Terrinha" para os íntimos, rrsrs, no momento estou morando próximo da capital, Belo Horizonte e fiz este blog para compartilhar meus pratos e também para aprender muitos outros. Não sou nenhuma especialista em culinária, apenas gosto de cozinhar. Porém, apesar de gostar muito, tenho uma dificuldade enorme em seguir receitas. Sempre retiro, coloco ou diminuo ingredientes, e isso algumas vezes não acaba bem... rrsr. Mas fiquem tranquilos, só vou colocar aqui as receitas bem sucedidas. Sou de família italiana, então é certo que terá muita massa aqui, vou tentar me controlar. Vou tentar, mas não vai ser fácil, pois lá em casa sempre foi assim: macarronada pelo menos uma vez na semana (pelo menos hein? rrsr). Espero que gostem e participem !!

Para entrar em contato:

[sabornoprato@gmail.com](mailto:sabornoprato@gmail.com)  
[contato@sabornoprato.com](mailto:contato@sabornoprato.com)

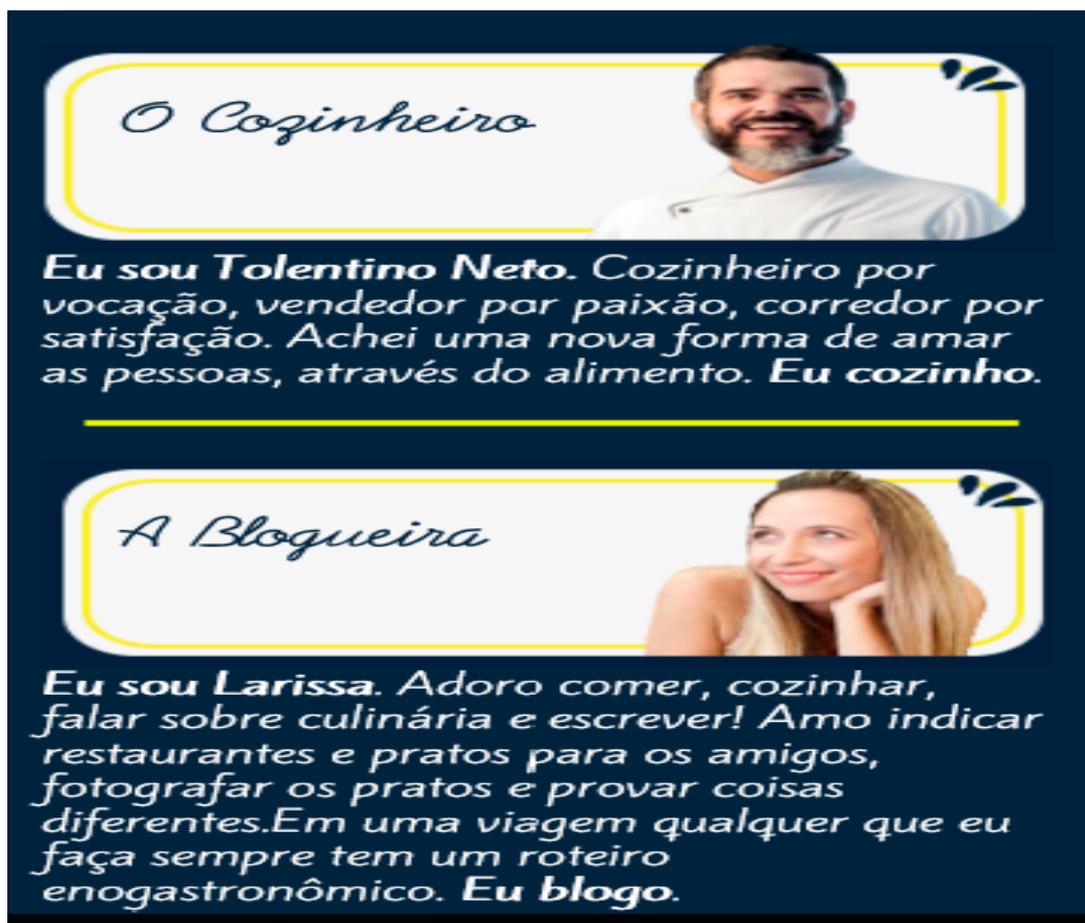
Um abraço, Fabiana.



**Fonte:** <http://www.sabornoprato.com/p/sobre-mim.html> (Acesso em 10/10/2018)

O blog - Marido Na Cozinha surgiu de uma brincadeira bem humorada, já que aqui em casa quem cozinha é o Marido mesmo! E cozinha muitoooooooooooooo bem! Aqui vamos falar de cozinha, culinária, produtos, restaurantes, hotéis, poesia, filmes, cursos e tudo que se refere ao universo gastronômico. **Eu sou Tolentino Neto**. Cozinheiro por vocação, vendedor por paixão, corredor por satisfação. Achei uma nova forma de amar as pessoas, através do alimento. **Eu cozinho**. **Eu sou Larissa**. Adoro comer, cozinhar, falar sobre culinária e escrever! Amo indicar restaurantes e pratos para os amigos, fotografar os pratos e provar coisas diferentes. Em uma viagem qualquer que eu faça sempre tem um roteiro enogastronômico. **Eu blogo**. (Grifo do autor) (Marido na cozinha - Disponível em: [www.maridonacozinha.com.br](http://www.maridonacozinha.com.br)) - (Figura 52)

**Figura 52** – apresentação dos autores do blog



**Fonte:** <http://maridonacozinha.com.br> (Acesso em 10/10/2018)

**Sobre o blog** - O Amando Cozinhar foi criado em Janeiro de 2013 por 2 irmãs, Rute e Raissa Andrade. Tivemos essa ideia quando Raissa foi aprovada no curso de Gastronomia. O objetivo era compartilhar o dia a dia na faculdade e compartilhar as receitas aprendidas no curso. O blog passou por várias mudanças no decorrer dos anos, passando de um blog mais pessoal até uma espécie de revista sobre culinária, com dicas para pequenos empreendedores, decoração e até notícias relacionadas à área gastronômica. Hoje o blog tem mais de 20.000 visitantes únicos diários e mais de 1.000.000 visualizações de páginas mensais. Já é o 7º blog de receitas mais visitado do Brasil e está sempre ganhando mais visitantes. :D. (Amando cozinhar- Disponível em: [www.amandocozinhar.com](http://www.amandocozinhar.com)) - (Figura 53)

**Figura 53** – apresentação das autoras do blog

## SOBRE

### Sobre o blog

O Amando Cozinhar foi criado em Janeiro de 2013 por 2 irmãs: Rute e Raissa Andrade. Tivemos essa ideia quando Raissa foi aprovada no curso de Gastronomia. O objetivo era compartilhar o dia a dia na faculdade e compartilhar as receitas aprendidas no curso.

O blog passou por várias mudanças no decorrer dos anos, passando de um blog mais pessoal até uma espécie de revista sobre culinária, com dicas para pequenos empreendedores, decoração e até notícias relacionadas à área gastronômica. Hoje o blog tem mais de 20.000 visitantes únicos diários e mais de 1.000.000 visualizações de páginas mensais. Já é o 7º blog de receitas mais visitado do Brasil e está sempre ganhando mais visitantes. :D

### As irmãs.

**Raissa Andrade**, formada em Gastronomia desde 2014, é responsável pela execução das receitas e criação da maior parte dos posts. É ela quem está diariamente postando no blog e testando as receitas para vocês. Apaixonada por confeitaria e panificação, traz o lado doce para o blog, com muitas receitas bem açucaradas.

**Rute Andrade** é formada em Design Gráfico e cuida da parte mais 'burocrática' do blog. Fica responsável pelo layout, programação e publicidade, além de ser quem geralmente está falando com vocês nas redes sociais como Facebook e Instagram. Está sempre de olho nas novidades gastronômicas e é apaixonada por doces assim como a irmã.

**Fonte:** <https://www.amandocozinhar.com/p/sobre.html> (Acesso em 10/10/2018)

Meu nome é **Daniele**, mas você pode me chamar de **Dani**, se quiser, eu bem que vou gostar. Cozinhar pra mim é uma tarefa muito prazerosa e está se transformando numa atividade fundamental na minha vida. Quando estou na cozinha eu me sinto muito feliz! Pra vocês me conhecerem um pouquinho mais sou **mineira de Uberlândia|MG**. Não, não sou de São Paulo como muita gente que acessa o blog acha. Sou nascida aqui e é por aqui que moro com o meu marido, meu lindo filho Edu e toda a minha família. Sou formada em publicidade e tenho pós-graduação em gestão de marketing e marketing digital. Hoje, além do blog eu também tenho uma empresa que se chama **Maestro Gestão de Ideias**. É uma empresa que está intimamente ligada ao conceito de planejamento, que visa sobretudo, expandir conhecimentos, através de projetos e orientações, conduzindo a relação entre as pessoas, as marcas e seu posicionamento no mercado para viabilizar a tomada de decisões para a execução de estratégias corporativas. Dá uma olhadinha lá no no **Blog da Maestro**, pra você conhecer melhor o meu outro lado. Bom, mas o assunto aqui é o blog do **Cozinha Travessa** e a **cozinha é sempre um lugar aconchegante**, cheio de amigos, risadas, sabores, cores e aromas. Todo mundo quer ficar na cozinha, já repararam isto?! Não sou uma expert no assunto, não sou chef de cozinha, não tenho cursos renomados na bagagem, não tenho um restaurante (e nem pretendo ter), não sei fazer pão e sou péssima com doces, mas eu tenho muita vontade de cozinhar. Eu tento com muito esforço fazer o meu melhor. Faço com amor, podem ter certeza.

Sou apenas uma cozinheira como muitos por aqui. Eu queria ter mais tempo para cozinhar, porque eu me desdubro muito entre o trabalho, cuidar da casa, cuidar de mim, cuidar do meu maridão e do filhote, além é claro das empresas. Tem horas que nem sei como consigo postar todas estas receitas aqui no blog, mas enfim, a gente sempre dá um jeitinho, cozinha o final de semana todo pra fazer a alegria dos leitores durante a semana e assim a vida vai seguindo o seu fluxo. Bom, mas **essa cozinha aqui é um pedacinho de mim** e é por isto que ao longo destes 7 anos venho dividindo tudo isso e vocês são o combustível que eu preciso para cozinhar, responder e-mails, aprovar os comentários, dar sugestões, aceitar críticas, afinal de contas sem vocês acredito que este blog não existiria, por isso **MUITO OBRIGADA** de coração pela audiência e o carinho de sempre! (Grifo do autor) (Cozinha na travessa - Disponível em: [www.cozinhatravessa.com.br](http://www.cozinhatravessa.com.br)) - (Figura 54)

**Figura 54** – apresentação da autora do blog



**Fonte:** <http://cozinhatravessa.com.br/about/> (Acesso em 10/10/2018)

Quem Somos - Diego Fabris, Diogo Carvalho e Lela Zaniol - Multiplataforma de conteúdo gastronômico, o Destemperados reúne pessoas comuns que simplesmente gostam de comer e beber e que espalham suas impressões das mais variadas maneiras – no site, no app, no caderno, nos guias. Não somos especialistas, somos consumidores loucos por viver a gastronomia em todos os seus sentidos. E falar sobre ela. Criado em 2007 por Diego Fabris, Diogo Carvalho e Lela Zaniol, o Destemperados se uniu à Zero Hora em 2014, levando a marca e a curadoria de gastronomia para o jornal – não somente no papel, mas também em eventos e em todas as plataformas que já existem e que vierem por aí. Contando com cerca de 100 consumidores apaixonados por comer e beber espalhados pelo país, o Destemperados tem a missão de mapear o Brasil (e partes do mundo) gastronômico. (Destemperados - Disponível em: [www.destemperados.com.br/destemperados](http://www.destemperados.com.br/destemperados)) - (Figura 55)

**Figura 55** – APRESENTAÇÃO DA AUTORES DO BLOG

## Quem Somos

Multiplataforma de conteúdo gastronômico, o Destemperados reúne pessoas comuns que simplesmente gostam de comer e beber e que espalham suas impressões das mais variadas maneiras – no site, no app, no caderno, nos guias. Não somos especialistas, somos consumidores loucos por viver a gastronomia em todos os seus sentidos. E falar sobre ela.

Criado em 2007 por Diego Fabris, Diogo Carvalho e Lela Zaniol, o Destemperados se uniu à Zero Hora em 2014, levando a marca e a curadoria de gastronomia para o jornal – não somente no papel, mas também em eventos e em todas as plataformas que já existem e que vierem por aí.

Contando com cerca de 100 consumidores apaixonados por comer e beber espalhados pelo país, o Destemperados tem a missão de mapear o Brasil (e partes do mundo) gastronômico.

### Multiplataforma

O conteúdo gastronômico do Destemperados está por toda a parte: do site ao caderno de Zero Hora, do app aos eventos.

## 10 mandamentos

Ideias que pautam o que fazemos no Destemperados.

### 1. NÃO PERDERÁS O FOCO

Destemperados tem um foco em apresentar experiências gastronômicas atraentes e inspiradoras, sem a pretensão de aprender a cozinhar ou de concorrer com guias que avaliam e classificam lugares.

### 2. NÃO PERDERÁS A ESSÊNCIA

Não somos especialistas em nada. Não conhecemos muitos temperos e condimentos e muito menos identificamos qualquer aroma em um vinho ou em um café. Nosso objetivo é experimentar de tudo, mas apresentar somente aquilo que tiver sido realmente bacana na nossa opinião.

### 3. ENTENDERÁS O TODO

Acreditamos que uma experiência gastronômica não está apenas na comida. Tudo conta. A decoração, o clima, o atendimento, o serviço. Isso tudo e mais um pouco é o que realmente constrói uma experiência inesquecível.

### 4. RESPEITARÁS O PRÓXIMO

Não somos donos da verdade, nem queremos ser. Colocamos apenas o nosso ponto de vista e estamos sempre abertos para aprender e discutir outras visões.

### 5. SERÁS FLEXÍVEL

Gostamos de experimentar de tudo. Tudo é válido como experiência de vida. Do pé sujo ao bistrô três estrelas.

### 6. PAGARÁS A CONTA

Pagamos a conta de todos os lugares que visitamos para poder falar o que pensamos, se acreditarmos que a experiência é válida.

### 7. ABRIRÁS AS PORTAS

Isso tudo só tem vida com a participação das pessoas. Adoramos receber dicas de lugares, mais ainda quando tiram fotos e contam pra gente publicar aqui. Isso sem falar na caixa de comentários que dá vida a cada um dos posts. Sugestões, críticas, novas idéias. Tudo é bem-vindo. Quanto mais gente participar, melhor.

### 8. NÃO MANIPULARÁS

Fazemos questão de sempre tirar as fotos dos lugares. E não manipulamos as imagens. Gostamos de apresentar exatamente aquilo que todo mundo recebe quando o prato chega na mesa. 100% verdade.

### 9. SERÁS LEGÍTIMO

Os relatos são sempre informais, do nosso jeito, na primeira pessoa, com as nossas palavras e gírias, mesmo que isso incomode algumas pessoas. Basicamente como se um amigo estivesse contando pro outro, sem filtros.

### 10. NÃO AVALIARÁS

Acreditamos que gostar ou não de um restaurante depende do background, das expectativas e do gosto de cada um. Não nos sentimos aptos a avaliar nada justamente por não sermos especialistas. Se vale ou não a pena, é por sua conta e risco. Mas se está aqui, pelo menos pra gente valeu.

**Fonte:** <https://destemperados.clicrbs.com.br/destemperados> (Acesso dia 10/10/2018)

O Cuecas na Cozinha começou há 8 anos como um blog pessoal do escritor, palestrante e empresário Alessandro Guerra. **Alessander Guerra** é: Um dos maiores influenciadores e desenvolvedor de conteúdos da internet brasileira, especialmente na área da gastronomia/ turismo gourmet; **Palestrante de mídias sociais, motivação e criatividade** (desenvolvendo **Palestras sob Medida** para empresas); Escritor de sucesso com dois livros lançados “**Escola de Maridos & Afins**” (que quebrou regras dos tradicionais livros de dicas e receitas) e **Sex and the Kitchen – o Sexo e a Cozinha** (primeiro romance multiplataforma do Brasil). Mais dois livros estão a caminho: a continuação de Sex and the Kitchen e um outro produto de formato inédito para o mercado editorial brasileiro. **Cuecas na Cozinha** é: Um dos sites de maior prestígio na área de gastronomia - **Marca registrada de produtos** – sua empresa pode licenciar a marca Cuecas na Cozinha para um produto ou

linha de produtos, contando com a assessoria e divulgação de Alessander Guerra, focada no que interessa ao leitor/consumidor. - **Selo Editorial - Sessões de Autógrafos** – aproveitando os livros do autor Alessander Guerra, sua empresa pode contratar uma sessão de autógrafos, acompanhada de bate-papo com o autor, exclusiva para seus clientes ou colaboradores. (Grifos do autor) (Cuecas na cozinha - Disponível em: [www.cuecasnacozinha.com.br](http://www.cuecasnacozinha.com.br)) - (Figura 56)

**Figura 56** – apresentação do autor do blog



# Ale Guerra

---

# Lifestyle

---

Cada dia de nossas vidas é um convite para compartilharmos as amizades.

Cozinhar, receber os amigos e trocar muitas experiências em volta do fogão entre algumas taças de vinho é um grande prazer!

Provar “aquele” prato de um restaurante (aqui não importa estrela); o salgado que desmancha na boca; o doce inesquecível; o pão nosso de cada dia.

Beber o vinho que embala conversas; a cerveja artesanal; os destilados caprichados; os drinks variados; os cafés (ai, os cafés!!!!).

Viajar aqui do lado ou bem longe só para descobrir o que se come e o que se bebe em cada canto.

**Vale à pena viver a vida intensamente!**

**Fonte:** <https://www.cuecasnacozinha.com.br/alessander-guerra/> (Acesso em 10/11/2017)

As figuras 50, 51, 52, 53, 54, 55, e 56 demonstram que a apresentação dos autores dos blogs é fundamental para manter uma relação “fiel” com o leitor, muitos “blogueiros”<sup>26</sup>

<sup>26</sup> O significado atual da palavra Blogueiro se denomina como um termo brasileiro utilizado para designar o indivíduo que publica em blogs. *Blogger* é o termo em inglês com o mesmo significado. Blogueiro ou blogueira são palavras que surgiram juntamente com a criação do conceito de blog (site em forma de diário online onde são apresentados artigos em textos, imagens ou vídeos que retratam um tema escolhido pelo autor). Blogueiros não são apenas profissionais ligados à escrita. Qualquer

(denominação atribuída aos autores de blogs) consideram fundamental publicar conteúdo na internet diariamente e responder a todos os comentários de leitores com a devida atenção de modo que todos se sintam “acolhidos”. Esta preocupação com a fidelidade do público se explica, em parte, pela necessidade de manutenção da publicidade nos blogs, responsável por gerar retorno financeiro a seus autores – os quais muitas vezes profissionalizam seus *blogs* e assumem a atividade de blogueiro como profissão.

Ao enunciar-se como autores dos blogs, e descreverem um perfil, o qual demonstram nome, profissões, estados civis, idade, gênero, gostos, costumes e a intencionalidade discursiva dos blogs os escreventes pretendem inicialmente dizer: eu sou isto, não aquilo; eu gosto disso, não daquilo; o blog é sobre esse assunto e não o outro. Essas restrições são importantes para que, possivelmente, os seus co-enunciadores sejam escolhidos e possuam os mesmos perfis, ou para que os co-enunciadores já tenham uma noção do conteúdo que encontrarão nos blogs, “Multiplataforma de conteúdo gastronômico, o Destemperados reúne pessoas comuns que simplesmente gostam de comer e beber e que espalham suas impressões das mais variadas maneiras – no site, no app, no caderno, nos guias. Não somos especialistas, somos consumidores loucos por viver a gastronomia em todos os seus sentidos. E falar sobre ela.” (Figura 55), o trecho da figura 55 demonstra o perfil de público-alvo, através do perfil dos próprios autores. A formação discursiva “pessoas comuns que simplesmente gostam de comer e beber” indica um público alvo também de pessoas simples e comuns. No entanto, não se pode concebê-la como uma unidade fechada em si mesma, mas sim como um fenômeno que representa sempre um embate entre posições ideológicas do sujeito social. Consoante Brandão (2004, p. 47):

[...] constituindo o discurso um dos aspectos materiais de ideologia, pode-se afirmar que o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas.

---

pessoa que crie um blog e publique informações regulares sobre qualquer tema, é considerado um blogueiro. Os blogueiros utilizam os blogs normalmente para emitirem suas opiniões sobre assuntos com os quais tenham afinidade. São já muitos os casos de blogueiros que não cogitavam a possibilidade de escrever um livro, mas ao verificarem a receptividade dos leitores através dos comentários recebidos, atravessaram da blogosfera para o mercado editorial.

Assim, no momento da identificação que os autores fazem de si como “*pessoas comuns*”, são mobilizadas pelo interdiscurso todas as características estabelecidas pela formação discursiva corrente na sociedade em relação a essa representação. Isso se faz principalmente através do processo de estereotipização que guiará os co-enunciadores no momento do estabelecimento de uma imagem da enunciativa. Para isso, consoante Orlandi (2005, p.31), o interdiscurso pode ser definido como:

[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

Desta forma, o já-dito decorrente da representação social de “*pessoas comuns*” é acionado no fio do discurso presente no blog *Destemperados*, constituindo os sentidos da referida expressão. Do mesmo modo, a noção de estereótipo é importante para se compreender a formação do *ethos*. Consoante Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 213), os estereótipos podem ser concebidos como uma representação coletiva que subentende atitudes de indivíduos ou de grupos, direcionando seu comportamento. Assim, um estereótipo pode ser entendido, grosso modo, como um carimbo que é pré-atribuído a alguém. O estereótipo revela a forma como se pretende encaixar pessoas que possuam características semelhantes dentro de um mesmo esquema comportamental, como se essas pessoas não possuíssem vontade própria. Amossy (2005a, p. 126), ao falar sobre a estereotipização no processo retórico, afirma:

O orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados pelo seu público-alvo. Ele o faz não somente pelo que diz de sua própria pessoa (frequentemente não é de bom tom falar de si), mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe o receptor de formar uma impressão do orador relacionando-o a uma categoria conhecida. (AMOSSY, 2005a, p. 126)

O esquema coletivo de representação da “*pessoa comum*” está de antemão interiorizado pelo seu público-alvo, pela busca por pessoas simples ou ainda pelos seus co-enunciadores. Para estes, esta imagem é bastante conhecida, e as características atribuídas a ela são comuns para todos, servindo como uma forma de classificação das pessoas dentro de determinado esquema. Desse modo, percebe-se como os estereótipos, colocados por Maingueneau (2004) na base do esquema do *ethos*, interferem na formação da imagem da fiadora e como o público ao qual o blog se dirige interfere no discurso dos enunciadores. Assim, o *ethos* dos enunciadores será construído a partir da interação constante entre

enunciador e coenunciador, sendo o discurso dos autores constantemente regulado pelas expectativas do auditório particular. Como demonstra a figura a seguir.

**Figura 57** – comentários e postagens dos leitores

---



13 DE AGOSTO DE 2012 ACESSE PARA RESPONDER  
**EVELYN GOMES**

não conhecia seu site achei simplismente fantastico eu e minha filha adoramos cozinhar ,minha filha esta fazendo curso de gastronomia na faculdade positivo aqui em curitiba e gostaria de saber como posso receber suas novidades e outras informações por e-mail.obrigada desde ja e aguiardo uma resposta e desejamos muito sucesso

---



13 DE AGOSTO DE 2012 ACESSE PARA RESPONDER  
**ALESSANDER GUERRA**

É só você assinar o Feed- <https://feeds.feedburner.com/CuecasNaCozinha>

---



31 DE DEZEMBRO DE 2012 ACESSE PARA RESPONDER  
**PATRICIA**

Ameeeeeeeeeeeeeee o site.. to apaixonada so de ver a fotos dos aperitivos.Vo dar um jeitinho de ir ai pra comer cada prato =)  
Muito bacana vo curtir no Face  
Bjãão

---



3 DE FEVEREIRO DE 2013 ACESSE PARA RESPONDER  
**RODRIGO**

Caro Alessander,  
Fiquei conhecendo seu site por intermédio de minha tia, que sabe que adoro cozinhar e me deu essa dica . Agora visito diariamente o site e gosto muito de navegar por todo ele. Aprendo muito a cada dia. Parabéns pelo seu trabalho e felicidades.  
Rodrigo

**Fonte:** <https://www.cuecasnacozinha.com.br/alessander-guerra/> (Acesso em 10/11/2017)

A figura 57 demonstra que no caso do blog *Cuecas na cozinha*, diz-se que o estereótipo inicial, que influencia a formação de um *ethos* pré-discursivo, é confirmado no *ethos* discursivo, quando ao ler os posts do blog. Para Maingueneau (2005), todo texto possui uma vocalidade que se manifesta no momento da enunciação. Essa vocalidade pode manifestar-se através do tom utilizado pelo enunciador no momento da enunciação efetiva. O tom permite, portanto, ao co-enunciador formar uma imagem do “corpo do enunciador”, imagem esta que não corresponde a um corpo real, mas que faz surgir a figura de um fiador, aquele que enuncia através do discurso. O tom utilizado pelos autores do blog *Destemperados* assemelha-se àquele utilizado por todos os outros blogs de receitas culinárias de forma geral:

é um tom simples, informal e até afetuoso, caracterizado sobremaneira pela escolha de itens lexicais. Assim, o uso de palavras no diminutivo, a referência afetuosa aos membros da família, aos leitores e aos amigos revelam claramente o tom dos escreventes, o qual traz à tona a imagem de uma fiadora com tais e quais características, imagem com a qual o auditório particular tende a se envolver.

### 3.3 VOZES VIRTUAIS: A CIRCULARIDADE DAS VOZES DOS BLOGS CULINÁRIOS

Refletir sobre o universo de constituição do acontecimento – nos manuscritos culinários, de mulheres residentes na Paraíba no século XX; nos diários íntimos, que alcançaram o seu ápice nos séculos XIX e XX; e nos blogs culinários que ganham o espaço virtual a partir de 1994 – pelo viés da memória como processo narrativo é fundamental, pois, reflete as marcas discursivas que dizem respeito a suas estratégias de produção e de validação das receitas, manuscritas ou impressas, o diário íntimo ou o blog. Além disso, ver possíveis correlações de seus enunciados com os outros enunciados do interdiscurso, assim como apreender o encadeamento narrativo dos textos “como horizonte para a busca das unidades que aí se formam” (FOUCAULT, 2006, p.56).

Os espaços virtuais dos blogs demonstram, através da circulação das receitas uma culinária que revela o dinamismo social dos contatos linguísticos e culturais entre índios, portugueses, negros e holandeses - formadores da base tradicional da culinária brasileira - e o entrecruzamento de falares apontados e inseridos nas tradições textuais e culturais das receitas culinárias analisadas, corroborando os princípios de E. Sapir (1969), segundo os quais, as palavras são uma forma privilegiada de acesso a uma cultura, uma vez que são portadoras de concepções ou de visões de mundo. Todo sistema linguístico manifesta, tanto no léxico quanto na gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e dessa cultura com que se conjuga.

Lévi-Strauss (1979) considera sobremaneira a comida como uma narrativa mítica por ser uma linguagem que tem uma história a ser relatada e não se constituir em unidade isolada, mas em feixes de relações em que são incorporados o descontínuo e o contínuo, ritos – uma espécie de ilustração do mito – e tabus. A receita se torna uma escritura, mesmo que virtual, porque tem como base a oralidade que filtra as vozes cotidianas que estão interligadas às coleções de lembranças pessoais e coletivas, apreendem-se nelas aspectos iterativos da palavra viva à narração das receitas que são espontaneamente repetitivas sinalizando diálogos

entrecruzados, modalidades da voz que se desdobra em relações e estratégias de leitura. Para Zumthor (1997):

No interior de um mesmo texto, no curso de sua transmissão, e de um a outro texto, observamos interferências, retomadas, repetições provavelmente alusivas: todos os fatores de intercâmbio, que dão a impressão de uma circulação de elementos textuais migratórios, a todo instante combinando-se com outros [...] o que faz a ‘unidade’ do texto pertencer à ordem dos movimentos. (ZUMTHOR, 1997, p. 87)

Contudo, apesar de toda a evolução dos métodos e das várias formas de veiculação da palavra, cada texto é formulado com um objetivo e leitor específicos. Todo e qualquer texto se torna um produto resultante da interação entre autor e leitor, com uma relação de comunicação entre eles. Seja uma receita manuscrita, marcando a tradição, seja no suporte virtual da internet mediada, em sites, blogs, livros ou cadernos virtuais, será sempre uma escritura com o objetivo de informar, de transmitir experiências, mas também com o objetivo gerador de solidificar uma cadeia de determinadas informações.

A presença simultânea de diferentes tradições discursivas formadoras (linguagem, formato de texto, temas, etc.) não se torna, a priori, essencial, mas permite uma transformação arbitrária, isto é, um texto pode ser transformado em termos de linguagem, mantendo o conteúdo textual (Tradução), ou pode ser transformado em termos de forma textual, e guardar a outra forma (linguagem, conteúdo) assim, mantendo a interação entre autor e leitor.

Partindo do pressuposto de que os manuscritos culinários, os diários ou os blogs, São também uma escrita autobiográfica por contar experiências subjetivas que se revelam tanto pela letra caligráfica ou a letra como signo falante (BEVENISTE, 1979), os suportes em que são fixadas revelam o gênero discursivo e o sentido pragmático do discurso. Assim, o processo de interação e comunicação da escrita de si e a midiatização das receitas culinárias sugerem uma grande variedade discursiva presente nas escrituras cotidianas – autobiográficas - e uma série de critérios de análise de gêneros, tendo em vista, por exemplo, a economia comunicativa de uma sociedade, o que indicam, também, o enriquecimento e a ampliação da análise pragmática através da aplicação de alguns critérios: a ligação de gêneros discursivos em redes virtuais, a intertextualidade dos suportes virtuais como o blog, por exemplo, e o *modus* de validade, o poder de um gênero discursivo em vincular direitos, obrigações e compromissos.

Os discursos são gerados, assim, por meio da interação, que estabelecem entre si. É essa a pontuação que faz Orlandi (2005, p. 89), para quem “o interdiscurso é o conjunto do

dizível, histórica e linguisticamente definido” Assim, o enunciável (o dizível) no manuscrito está ancorado em um já-dito e, como tal, ocorre em um espaço de exterioridade em relação à língua e ao sujeito. Afinal, Foucault (2006) lembra que todo enunciado se apresenta como série de formulações distintas e dispersas que forma em seu conjunto o domínio da memória discursiva.

Para entender esse entrecruzamento das vozes e a interação mediada pelos suportes virtuais, é preciso levar em consideração a teoria da circularidade e da movência das vozes de Zumthor (1993; 1997; 2001) e pesquisar as tradições culturais e textuais que podem estar agregadas nos suportes midiáticos, ora pela interação virtual entre as pessoas que “navegam” e interagem nesses sites, blogs, cadernos e livros virtuais, ora pelos próprios textos que circulam nesses ambientes virtuais.

Dessa forma, a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, uma vez que disponibiliza elementos dentro da língua para que isso aconteça, como é o caso da categoria de pessoa (da qual fazem parte os pronomes e o verbo, expressando pessoalidade), da categoria de tempo (com verbo e advérbios expressando a temporalidade) e da categoria de espaço (com advérbios e pronomes expressando a espacialidade). Assim sendo, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, se entendida como discurso. Ela, quando considerada como exercício assumido pelos indivíduos, é linguagem posta em ação. Essa noção perpassa toda a teoria da enunciação postulada por Benveniste (1998), a qual direciona os estudos sobre a linguagem para uma nova situação.

Para esse autor, a subjetividade é percebida materialmente em um enunciado através de algumas formas que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar – a dêixis (as funções sintáticas também). Dessa forma, transforma-se em sujeito, classifica essas marcas linguísticas, que têm o poder de expressar a subjetividade, em pronomes, verbos e advérbios. Assim, a língua comporta índices especiais, em seu interior, os reveladores da subjetividade, que se encontram à disposição de todo locutor que os deseje assumir e falar. É evidente que a existência da subjetividade se dá tanto na linguagem quanto passa por ela, mas é a atitude do locutor diante da língua que ativa essa propriedade. Como demonstram as figuras a seguir:



Na escrita das receitas demonstradas nas figuras 59 e 60, há marcas evidentes de subjetividade pela presença, também, de marcas linguísticas (nome das receitas, verbos). Além do mais, ao fazer a leitura da receita é possível reconstruí-la, pode-se imaginar a presença do corpo do sujeito que “fala” por meio da imaginação criadora. É nesse sentido que Zumthor (1993) salienta que a recepção do texto não é isolada. Ela se faz a partir da performance, isto é, a reconfiguração de uma cena enunciativa plena, capaz de atualizar o texto (os enunciados escritos) em obra (projeção de uma cena viva no aqui e agora da ação imaginativa feita acontecimento).

As receitas culinárias circulam e atualizam-se como signos motivadores da memória individual e coletiva, delineando a cartografia dos costumes, do comportamento das famílias, mostrando a circularidade dos saberes e sabores e as conexões com a memória social, demonstrando as marcas de identidade individual e social das receitas

Em *A letra e a voz*, Zumthor (1993) discute sobre oralidade, escritura, memória, cultura popular e performance. Zumthor aponta a significância do efeito da voz nos manuscritos, sendo aquela a fonte primária desses. Para Zumthor, a escritura é principalmente, o arquivo das oralidades, tem uma relação estreita com a voz por fixar “mensagens inicialmente orais” (ZUMTHOR, 1993, P.87). E por isso, é a última instância da oralidade. Aponta ainda que a escritura e a oralidade estão em constante diálogo. É importante ressaltar que Zumthor (1993), citando Walter Ong, situa o manuscrito na continuidade do oral, e, portanto, o blog se situa como a continuidade dos manuscritos em uma constante circularidade de vozes. Entende-se que as receitas culinárias presentes nos blogs formatam espaços que testemunham e determinam o papel social do falante/escritor, suas relações sociais, as transformações políticas, econômicas, culturais responsáveis pelas mutações e movências das vozes e escrituras.

Existem diversas abordagens sobre os estudos básicos da linguagem e do discurso para debater novas formas de comunicação no século XXI, estas são propostas de trazer à tona a discussão de que a tecnologia muda rapidamente e as formas de interação, conseqüentemente, se alteram, porém os efeitos de sentido ainda se dão no diálogo entre os sujeitos, considerando suas condições históricas e sociais. Para Bakhtin/Volochinov (1995, p.145):

O problema do diálogo começa a chamar cada vez mais atenção dos linguístas e, algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em linguística. Isso é perfeitamente compreensível, pois como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala (Spracheals Rede) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo fecundo do diálogo pressupõe,

entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes de recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo.

Bakhtin/Volochinov (1995) consideram o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. O autor insiste no fato de que o discurso não é individual: porque é construído entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, que mantêm relações com outros discursos. De acordo com o Dicionário de Linguística e Enunciação:

O dialogismo é constituído de todo discurso. É uma propriedade da linguagem que estabelece inter-relação permanente com outros discursos e do discurso do outro. Isso se deve ao fato de o discurso trazer ressonâncias de já-ditos, responder a dizeres diversos (passados, presentes, futuros) e fazer projeções e antecipações do discursoresposta. [...] A constituição dialógica da linguagem evidencia que todo enunciado, um elo na cadeia da comunicação discursiva, inscrito em um determinado momento sócio-histórico, é povoado de palavras do outro em diferentes graus de presença (FLORES.; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p.80).

Dessa forma, definimos que a enunciação tem como base a interação de dois indivíduos socialmente organizados, na qual a palavra se dirige a alguém, constituindo a interação do locutor e do ouvinte. Sendo assim, a palavra serve de expressão a um sujeito discursivo em relação ao outro e esta relação dialógica é sempre mediada pela linguagem. Todo discurso dialoga com outros discursos, não há limites para o contexto dialógico, assim como não pode haver a primeira nem a última palavra proferida, isto porque o sujeito nunca é completo, fechado em si.

Ao contrário, sua existência depende do relacionamento com os outros, estabelecido dialogicamente através da linguagem. Como se vê, todo discurso proferido está impregnado com discursos alheios. Desde uma simples conversa cotidiana em que se fala sobre algo ou alguém, até um texto científico, literário ou judiciário, todos apresentarão palavras não inéditas, palavras carregadas já de outras entonações, avaliadas e reavaliadas. Enfim, nos discursos sempre encontramos palavras de outros dirigidas e projetadas a outros, esperando suas possíveis respostas, como se fosse um eterno diálogo.

É por meio dessas relações dialógicas inscritas na linguagem que se torna possível visualizarmos as diversas vozes que penetram os discursos. Essas vozes são pontos de vista que se combinam e formam a unidade do discurso, tomado na sua natureza puramente

dialógica. As vozes carregam consigo acentuações e valorações que, ao longo da história social da língua em evolução, se solidificaram e acabaram penetrando nos discursos dos locutores. Assim, linguagem é essencialmente fruto da inter-relação verbal entre os indivíduos. Além disso, é a partir das incontáveis enunciações alheias que se forma a consciência do sujeito sobre o mundo, a sociedade e a cultura.

Nessa perspectiva, a Comunicação Mediada por Computador (CMC)<sup>27</sup> surgiu para revolucionar as formas de interação humana. Os gêneros virtuais/emergentes, definição dada por Marcuschi (2008, p.30), que se encontram em ambiente eletrônico, apresentam características próprias, muitas vezes decorrentes dos recursos que o meio oferece, como, por exemplo, a organização hipertextual e a multimodalidade, tão evidentes nesse ambiente virtual.

Ainda, de acordo com Marcuschi (2008, p. 23) “Pode-se dizer que o discurso eletrônico (ou comunicação mediada por computador [CMC] se alguém preferir) ainda se acha em estado selvagem e indomado sob o ponto de vista linguístico e organizacional”. Portanto, observar as receitas culinárias atualizadas e revistas nos blogs se torna interessante e importante, pois explicar o blog como um gênero virtual e/ou emergente consiste no fato de que os aspectos relevantes dos gêneros quando transmutados para outro suporte – neste caso, a receita culinária dos manuscritos para as receitas dos blogs, objeto desse estudo – sofrem modificações bastante significativas, isto porque todas as novas tecnologias comunicacionais produzem ambientes e meios novos. Por meio dos blogs se tornou viável a interação simultânea dos sujeitos do discurso, rompendo barreiras geográficas, temporais e linguísticas.

A internet nos proporcionou novos espaços de ação social, configurada por novos modos de interação ou, há um intercâmbio livre de informações. O blog não se limita à publicação de uma receita, este transmite diversas vozes, circulam ali receitas, vídeos, propagandas, dicas de viagens, fotos, e diversos links para que o leitor encontre um grande número de interatividade, como demonstram as figuras a seguir:

---

<sup>27</sup> CMC - conceito retirado de Marcuschi & Xavier (2010 p. 23).

**Figura 60** – página inicial do blog



22 de outubro de 2018

## RECEITA DE NUTELLA CASEIRA

Por Dani Oliveira em ♥ 0 💬 1

Receitas de Doces e Sobremesas, Receitas funcionais, veganas e saudáveis

Você sabia que mais da metade do pote de Nutella é açúcar?! Mas que é gostoso, ninguém nega kkkkk então...

[LEIA MAIS ▶](#)

Advertisements on the right side include: 'VISITE O Eskina FOOD PARK' and 'VIVENCIE UMA MEGA EXPERIENCIA' with 'meganix' logo.

Fonte: <http://cozinhatravessa.com.br/about/> (Acesso em 05/11/2018)

**Figura 61** – PÁGINA PRINCIPAL DO BLOG



**Sabor no Prato**  
por Fabiana Braga

Tortas Doces e Salgadas

Pãozinho de Linguiça Simples e Fácil

Advertisements on the right side include: 'Fotolivros A partir de R\$19,90 FRETE GRÁTIS' and '#TaValendo BLACK FRIDAY AS MELHORES OFERTAS DO ANO GARANTIDAS FRETE GRÁTIS'.

Fonte: <http://www.sabornoprato.com/> (Acesso em 05/11/2018)

As figuras 60 e 61 demonstram que a evolução das tecnologias comunicacionais, advindas principalmente com o surgimento desses novos gêneros discursivos, concedeu novas formas significativas de interação e comunicação em um contexto social. Dessa maneira, o blog de receita culinária pode ser classificado como um gênero digital, que possui poderosas ferramentas discursivas e abrange uma significativa camada da sociedade. Ela baseia-se na interação de usuários e que, por meio de múltiplas plataformas conversacionais, interagem, trocando pontos de vista sobre assuntos publicados, podendo, inclusive, interagir em outras plataformas virtuais como destacado na figura 60 e ver divulgações de notícias e produtos publicados por meio de propagandas virtuais como destacados nas figuras 60 e 61. Nessa conjuntura, podemos assegurar que a comunicação virtual mediada pela escrita e por símbolos é complexa e precisa da articulação de diversos elementos para dotar o discurso de sentido.

### 3.4 *PERFORMANCE*: O NOVO CENÁRIO DAS RECEITAS CULINÁRIAS

A ideia de performance sempre esteve no centro da teoria do texto poético oral difundida nos estudos de Zumthor (1993; 1997; 2000; 2005). A observação das diversas oralidades em diferentes espaços/tempos tornou-se, ao longo dos tempos, importante fenômeno de comunicação em toda e qualquer manifestação de linguagem, seja ela oral ou escrita. Assim, a performance está para narrador da mesma forma que a voz está para o “ouvinte cúmplice” ao passo que, a narrativa oral em presença, não se desvincilha do corpo no ato de sua transmissão. A voz está no corpo e o corpo está na voz, assim discute Zumthor (2005, p. 89): “A voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada”. Nessa permuta, voz e corpo vivem juntos. O corpo é o condutor vivo e voraz onde se inscrevem todos os movimentos, cores, gestos, e sensações de toda narrativa. O sopro de vida das águas primordiais vibra no corpo através de palavras. No corpo se ouve a voz de todas manifestações e extensões do plano material e imaterial.

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. 2 O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7).

Em outras palavras, os sons com a presença da fala exercem um papel fundamental no contexto de difusão do texto poético oral. Ao ser narrada, a matéria do simbólico, acerca-se do desafio de ser “materializada” nos gestos, e assim segue o seu percurso diante de sensações e desenhos do contador em sua audiência. Da mesma forma, se faz as receitas dos blogs que sejam lidas pelos telespectadores, nas fotos que representam os procedimentos da receita ou narradas através de vídeos e áudios vinculados aos blogs pelos autores dos mesmos, como demonstram as imagens a seguir:

**Figura 62** – receita de drink de café



**Fonte:** <http://cozinhatravessa.com.br/about/> (Acesso em 17/11/2018)

### Figura 63 – modo de preparo do café

Outro dia na rua, alguém me passou **essa receita** e eu anotei no celular, até porque, **amo café gelado**. Ela ficou esquecida, até que um dia lembrei de fazer e pra minha felicidade, ficou maravilhosa. Sorte a minha que meu amigo **Marcel Gussoni**, do **Sabor Sonoro**, estava lá em casa com sua mega câmera, pra registrar tudo. A dica é excelente para um brunk no final de semana.

## Ingredientes para receita de drink de café

- > 1 laranja em fatias
- > 1 limão siciliano em fatias
- > gelo
- > café filtrado
- > 1 dose de choconinho (cachaça saborizada)

## Preparo

Na jarra coloque as fatias de laranja e limão intercaladas com gelo, filtre um café de boa qualidade e coloque numa taça, pra finalizar adicione mais gelo e 1 dose de @\_\_lesois choconinho



Fonte: <http://cozinhatraversa.com.br/about/> (Acesso em 17/11/2018)

As figuras 62 e 63 representam a voz e o corpo – “décor”, “des-corpo” são as forças motrizes do texto. Sem o corpo, seu par indissociável, a voz é quase muda num desejo louco de ser escutada – o direcionamento do texto “Outro dia na rua, alguém me passou **essa receita** e eu anotei no celular, até porque, **amo café gelado**. Ela ficou esquecida, até que um dia lembrei de fazer e pra minha felicidade, ficou maravilhosa. Sorte a minha que meu amigo **Marcel Gussoni**, do Sabor Sonoro, estava lá em casa com sua mega câmera, pra registrar tudo. A dica é excelente para um brunk no final de semana.” (grifo do autor, figura 63) Zumthor afirma que “é então possível (e essa opinião é a mais comum) ver nos meios auditivos uma espécie de revanche, de retorno forçado da voz, e ainda mais do que a voz, porque com o filme ou tevê vê-se uma imagem fotográfica e, talvez, ainda em breve, tenha-se a percepção do volume (ZUMTHOR, 2005, p.15), o que comprova que todo efeito vocal carrega, em suma, a noção de presença.

Daí seu caráter de ocupante dos espaços vazios nos intervalos materiais e semânticos, ou seja, “O autor, sujeito produtor do texto, cai sob o fogo cruzado dos projetores; o leitor, a quem não se nega a qualidade de sujeito da recepção, fica na penumbra” (ZUMTHOR, 2000, p. 25). Dessa forma, Zumthor (2000) crítica a velha posição de “inatividade” do leitor diante do autor, ideia que por muito tempo persistiu no âmbito das investigações do mundo da leitura. Obtinha-se dos leitores uma noção de que estes estariam fora da relação direta entre escritor e leitor.

É importante observar os pontos iniciais da percepção sensorial do texto em busca da “natureza do poético”, o café, no Brasil, historicamente, economicamente e culturalmente faz parte do imaginário popular, mesmo quem não goste muito ou não consuma, sabe da importância do café na cozinha brasileira, não há quem não sinta o cheirinho do café nas casas brasileiras, tanto a figura 60 quanto a 61 demonstram, em atos performáticos de leitura do texto ou da imagem, o papel do corpo na leitura e na percepção:

[...] ao contato saboroso dos textos que amo, ele vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pervertem nele seu impulso primeiro (ZUMTHOR, 2000, p. 28).

Para Zumthor (2000), a importância do corpo e das experiências sensoriais obtidas a partir dos textos, são situados a partir de três importantes proposições: A primeira delas

corresponde à figura do leitor, ou seja, que operações envolvem o ato da leitura. A segunda observação culmina no “ato da leitura” em si, partindo do pressuposto que esta vai além do sistema de decodificação de sinais gráficos. Para ele, a leitura trata de uma operação muito mais complexa: “somam-se a isto e, em casos extremos em substituição, elementos não informativos, que tem a propriedade de propiciar um prazer, o qual emana de um laço pessoal estabelecido entre leitor que lê e o texto como tal” (ZUMTHOR, 2000, p. 29). Contudo, na terceira afirmativa, Zumthor (2000, p. 30) observa que: “é evidente que não nego a existência de outros critérios de poeticidade, que tem a ver com a produção do discurso, desse discurso como o tal, o texto ou o grupo social no qual ele funciona”. “Em torno da ideia de performance”, observamos o ato da produção a da leitura das receitas como meios extremos de “percepções sensoriais”. “Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanção do corpo e que, sonoramente, o representa plenamente” (ZUMTHOR, 2000, p. 31).

Existe a magia de uma linguagem que se dá no plano de toda *performance*, uma relação harmônica e sedutora da voz que enreda e envolve o ouvinte. Em princípio, a formulação do termo performance parece estar ligada às primeiras passagens do oral, ou seja, às primeiras experiências sensoriais e lúdicas da infância ou à lembrança de uma comida ou receita de família. Há um grande dinamismo na performance. A representação simbólica que o cheiro do café pode trazer, a lembrança da infância da família reunida para “tomar um cafezinho” traz consigo recordações de sons e cores desse momento e se torna algo tão envolvente que só se materializa num único instante do fato vivenciado: “A performance passada escapa, irremediavelmente, à nossa observação” (ZUMTHOR, 1993, p. 220).

O corpo, os gestos e as repetições dos marcadores da fala estão fortemente demarcados nas expressões comuns do leitor/narrador. A *performance* promove a vida carregada de palavras no ato da leitura ou produção de uma receita. Reside nela toda uma sintonia entre palavra, corpo e gestualidade que dá ênfase ao que está sendo elaborado. Fernandes (2002, p. 28), a despeito da *performance* lembra:

A performance é, então, um momento de fascínio, articulada pela mistura de códigos e diversidade linguística, envolvendo não somente pela fábula, mas também pela maneira como é transmitido. O olhar, o silêncio, o franzir da testa, as mãos, o riso, objetos próximos, sons guturais, a fala. A cabeça, tronco e membros. O corpo é um turbilhão de mensagens, que ressoa códigos impraticáveis na escrita.

Dito de outra maneira, toda *performance* rompe as fronteiras de todo fenômeno linguístico, bem como da ordem das combinações da palavra, uma vez tomada pelos

movimentos do corpo durante a postagem de receita, por exemplo, termina por combinar corpo e sonoridade resultando por assim dizer, numa “poética da voz”. Todavia, “a performance é uma realização poética plena: as palavras são tomadas num conjunto gestual, sonoro circunstancial, tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido”. (ZUMTHOR, 2005, p. 87).

### Figura 64 – receita do blog “sabor no prato”

Esta receita é para aqueles que querem um jantar ou almoço super prático. É uma sobrecoxa assada com manteiga e ervas que você mistura tudo em um saquinho e deixa descansando daí é só colocar no forno. Gente, fica uma delícia. Pode fazer aí que eu garanto que vai ser sucesso. Eu recebi alguns produtos da empresa **Temperos Web** e resolvi usar aqui nesta receita e deram um toque super saboroso. Daqui a pouco falo mais sobre eles, vamos à receita agora:

## Sobrecoxa Assada na Manteiga com Ervas

### Ingredientes:

Temperos diversos conforme o seu gosto e na quantidade desejada, eu usei:

Orégano - Salsinha - Cebolinha - Alho em pó - Pimenta-do-reino - Misturinha triturada de alho, cebola, salsa e sal rosa

4 colheres (sopa) de manteiga derretida

4 sobrecoxas de frango

2 dentes de alho amassados

1/2 cebola média picadinha

Sal a gosto

### Modo de Preparo:

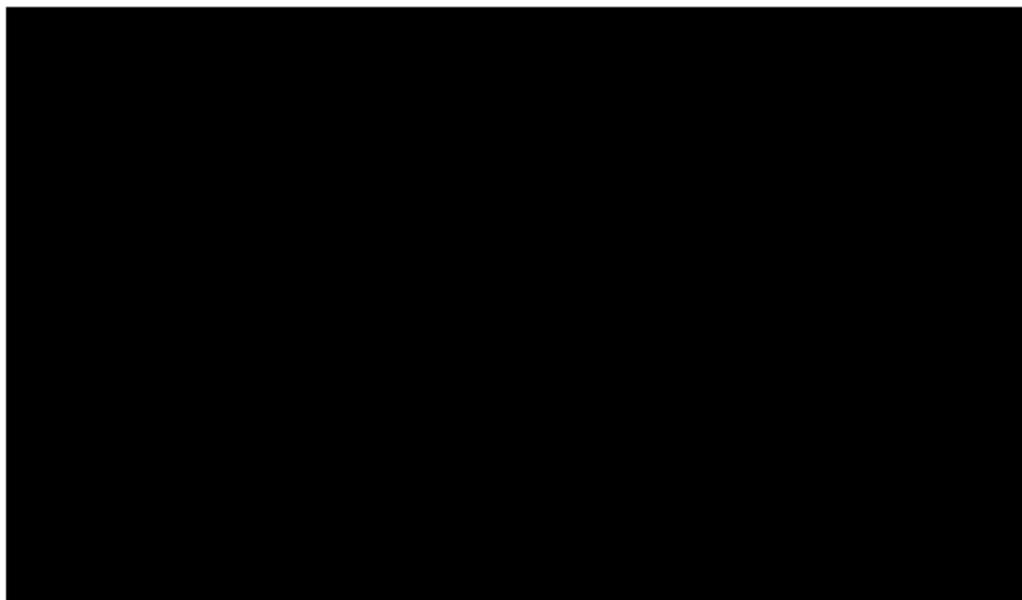
Derreta a manteiga no microondas ou no fogão mesmo e junte os temperos no mesmo pote da manteiga (coloque o orégano, a salsinha, a cebolinha, o alho em pó (opcional) e a pimenta-do-reino). misture bem. Adicione sal e mexa tudo.

Em uma vasilha, coloque um saquinho desses que usamos para congelar alimentos com a borda para fora. Coloque dentro do saquinho as sobrecoxas e adicione a manteiga temperada. Junte o alho e a cebola. Acerte o sal com mais uma pitadinha. Retire o saquinho da vasilha e dê um nó na ponta. Agora, misture muito bem mexendo bastante o saquinho. Leve o frango na geladeira, ainda dentro do saco, e deixe descansando por 30 minutos para marinar. Depois, retire do saquinho e coloque em um refratário que irá ao forno. A manteiga estará mais firme mas não tem problema, vire as sobrecoxas com a pele para cima e espalhe a manteiga temperada sobre elas. Tampe com um papel alumínio e leve ao forno médio (200°C), preaquecido, por, cerca de 30 minutos, retire o papel alumínio e volte ao forno para dourar por mais 20 ou 30 minutos. Fique de olho, assim que estiver douradinho, retire do forno e sirva.

Fonte: <http://www.sabornoprato.com/> (Acesso em 17/11/2018)

**Figura 65** – receita do blog “sabor no prato” no formato de vídeo

**Neste vídeo você pode conferir o preparo desta sobrecoxa assada na manteiga com ervas.**



A **Temperos Web** é uma empresa e-commerce localizada na zona cerealista em São Paulo. Eles vendem pela internet produtos de ótima qualidade. São produtos naturais, sem conservantes, aditivos, misturas... Vale muito a pena dar uma olhadinha lá no site deles ([www.temperosweb.com.br](http://www.temperosweb.com.br)). Além de tudo isso, o que eu achei bem legal, é que você pode adquirir produtos que muitas vezes não temos em cidades pequenas, do interior (como a minha rsrs), por exemplo, alho em pó, fava de baunilha, etc...

Eu recebi alguns produtos aqui em casa e são muito bem embalados com uma embalagem super prática tipo ziploc e você pode usar um pouquinho e deixar guardado o restante na própria embalagem sem problema algum. Lá no vídeo você pode ver os produtos que chegaram.

**Fonte:** <http://www.sabornoprato.com/> (Acesso em 17/11/2018)

As figuras 64 e 65 demonstram que a palavra e o gesto não se dissociam. Do momento que inicia a leitura de uma receita, o corpo vibra no sopro do som que ecoa. Os marcadores linguísticos do corpo e da voz atualizam no discurso a marca de suas identidades. A voz se presentifica no corpo. A performance possui no seu caráter imediato e mediatizante, transitório e singular, pois, vários serão os leitores da mesma receita e cada um, da sua forma individual, terá performances diferentes ao contato com a receita. “A voz é presença. A *performance* não pode ser outra coisa senão presente”, (ZUMTHOR, 2005, p. 83). Dessa forma, compreende-se que a voz depende exclusivamente do corpo e o corpo depende da voz

num processo duplo e ambivalente. Ambos participam da festa sonora ecoada/sentida no instante passageiro em que uma receita é vista, lida e produzida e que se torna momento único que move todas as ações humanas em constante presença de tempos e espaços.

Assim, as receitas vão tecendo uma “poética do espaço” das intimidades das casas e dos autores dos blogs e de suas articulações com a memória da sociedade articulada e redefinida pelos espaços reais e/ou imaginários, a partir dessas imagens surgidas além de uma geografia física (mesmo que virtual), mas que se entrelaçam com devaneios solicitados pelos aspectos ideológicos, contidos em códigos cifrados. A casa e rotina dos autores dos blogs vem, assim, conectados às receitas, abstratamente, em um universo pontuado por um jogo dialético e performático entre um eu e um Outro, confirmando a tese de Bachelard (1993, p. 28) de que “todo o espaço habitado traz a essência da noção de casa”. Lógico que esta memória não tem o referencial concreto, só se pode pensá-la na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura” (BACHELARD, 1993, p.. 29)

As performances vão surgindo de um *logos*, de uma voz falante para se tornar uma escritura (a receita) – um feixe de relações que se propõe a delinear um objeto estranho e provisório de uma nova escritura simbólica que é o blog. As receitas vão brindando o leitor imagens dispersas, caleidoscópicas, mas fundamentais por imprimir as lembranças de todas as casas que se conhecem reais ou imaginárias, por espelhar uma intimidade protegida, por relatar imagens sonhadas e ou reais. As receitas são arquivos que guardam as memórias das salas, dos quartos, das cozinhas, com as ruas e a cidade. Assim, ao ler as receitas dos blogs o leitor percorre os labirintos da cidade e se torna um *flâneur*<sup>28</sup> entre as ruas de sabores, vestígios do esquecimento e da memória de uma sociedade.

---

<sup>28</sup> O *flâneur* é um observador da vida urbana. Especificamente tratando do contexto histórico no qual escreveu Baudelaire, as mudanças acontecidas – e que vinham e vêm acontecendo em continuidade – na sociedade francesa – e mundial – em meados do século XIX, o levaram a questionar-se se as idéias estéticas tradicionais eram – ou não – adequadas ao dinamismo da nova sociedade. E para absorver, embeber-se da realidade que governa as cidades modernas, nada como a *flânerie*. Caminhar, observar e imaginar: talvez sejam estas as 3 palavras que melhor definem a atividade do *flâneur* segundo a lógica de Baudelaire. (BAUDELAIRE, Charles. “O pintor da vida moderna.” Sobre a modernidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As receitas culinárias midiáticas e os textos vinculados a elas ensinam muito além da arte de cozinhar. Eles revelam a metáfora do lar, da cozinha familiar revestidas de marcas do cotidiano. Assim, ao publicar uma receita no suporte midiático, fixa-se, também, a circularidade da voz condicionada pela performance que, para Zumthor (2000), é a realização caracterizada pelo tempo e espaço que interferem no sentido. A partir do momento em que as receitas são publicadas em um blog, a difusão e circulação se constituirá em um paradigma do gosto e, eventualmente, em uma marca identitária deste local. Essas receitas representam também a mudança dos costumes, a transformação do que é específico de um local, do público ou privado. Por isso, há receitas regionais, com ingredientes locais, ou receitas marcadas pelo calendário, como festas da Páscoa, São João e Natal, que de um blog para outro podem ser recorrentes ou diferenciadas de acordo com o local da publicação. As receitas culinárias, antes restritas ao mundo do lar ou a saciar o corpo, no suporte midiático blog ganham espaço no contemporâneo e se identificam com as indústrias contemporâneas da persuasão. Simulam-se assim, imagens que transformam o termo culinária em um selo de qualidade que garante a excelência, social e gustativa, daquele alimento.

As receitas culinárias contidas nos blogs apontam que as tradições discursivas são reveladas ou reproduzidas em uma perspectiva histórico-diacrônica oriundas de receitas manuscritas e impressas, publicadas em colunas de jornais, revistas femininas, propagandas, em embalagens de comestíveis, apostilas de cursos culinários, passadas de amigas ou familiares, evidenciando as mudanças, os mecanismos inconscientes da manifestação identitária e social dos autores dos blogs, através de práticas culturais que se repetem dos manuscritos para os impressos, e destes para o mundo virtual.

As receitas também “narram” relatos da memória que vão cruzando os fios do passado com o presente, articulam a intimidade do cotidiano repleto de estratégias com a memória coletiva, os costumes urbanos. Zumthor (1993) explica que a presença da voz junto com o desempenho funda um tempo único, e jamais exatamente reproduzido, realçando o estilo pessoal de quem registrou as receitas culinárias. O modo como são narradas pelos autores jamais conseguirão ser representada por outro alguém.

Os sabores, desejos, prazeres buscam por uma identidade pessoal descritas nos blogs. Possuem uma estrutura mágica: o passeio através das páginas de blog, *links* ligados a elas denotam outras páginas e cruzamentos com outros blogs ou redes sociais do mesmo gênero e período histórico. Esta transitoriedade da voz e da memória é o que marca a circulação das

receitas dos blogs no século XXI. Os blogs de receitas culinárias revelam muito além dos sabores gastronômicos de um cotidiano. Revelam uma prática vocal, demonstram que uma voz e uma escritura são homólogas a um tempo social e ideológico. Sinalizam uma subordinação do oral ao escrito, e do escrito ao virtual. Sinaliza ainda o tempo segundo uma circularidade. Mostram como o uso da escrita implica um paralelismo entre o pensamento e a ação; o individualismo e uma escrita marcados pelo gênero. Acentuam uma verossimilhança entre a escrita e a história e memória de uma sociedade, contada por fragmentos de vozes de autores diversos, registradas em texto, fotos e vídeos. O tempo do blog é mutável, passageiro, mas é também um tempo único.

A preservação dessas receitas permeia valores essenciais: testemunhas do passado das memórias de famílias, a busca destes valores define a importância das receitas culinárias: vozes de uma cozinha silenciada: estas receitas não estão perdidas nos manuscritos. Elas ressurgem atualizadas nos blogs, têm vozes, falam de um tempo que passou e que está articulado a um presente que é a escritura, mesmo que virtual, que é a marca maior do não esquecimento. Seu significado mágico evidencia-se com o passar do tempo, pois são vozes que ultrapassam a palavra, vozes plenas de histórias, memórias, fases, períodos, épocas.

Percebe-se os diferentes modos que os autores de blogs de receitas culinárias encontram para construir novas identidades, visando à busca pelo outro. É possível verificar que os sujeitos escreventes em questão almejavam um “outro” como reflexo de seu “eu” que fosse semelhantes a si próprios. Neste caso, os interlocutores almejados seriam outras pessoas que se interessassem pelo assunto de culinária ou buscassem receitas para fazer para a família ou para pessoas próximas.

Constata-se, também, o surgimento dos blogs como espaços discursivos situados na contemporaneidade que não são simplesmente uma evolução dos diários tradicionais, os blogs como um fenômeno outro, próprio de um momento histórico em que se imbricam fatores são também de ordem econômica, política e social, apresentam-se como um novo espaço de subjetivação dos sujeitos pós-modernos. Diferentemente dos manuscritos culinários, onde praticamente 100% destes foram produzidos por mulheres, os blogs de receitas culinárias não são marcados por autoria de gênero, e nem representam um grupo da sociedade que se vincula ao mundo da cozinha como as mulheres donas dos manuscritos, principalmente os da primeira metade do século XX. Os blogs de receitas culinárias libertam-se desses padrões sociais e demonstram que o gênero da autoria, assim como a idade, cor, profissão, entre outros não determinam os conteúdos publicados. Existem diversos blogs

masculinos, femininos, de casais, de grupos de amigos, os quais são bastante visualizados e foram escolhidos para análise neste trabalho.

O século XXI trouxe diversas mudanças para a sociedade. As receitas culinárias acompanham essas mudanças e se adaptam à nova sociedade que surge: famílias menores, mulheres e homens que trabalham, logo, precisam de receitas culinárias com preparos mais rápidos e práticos, com ingredientes mais acessíveis, e de preferência, saudáveis. Estas receitas são permeadas pelos fatos que acontecem cotidianamente e que são produzidos também sob a forma de visualidades. Neste processo, dialogam receitas que contam experiências, tempos distintos, aspectos das ordens mais variadas que determinam tanto a realização de um prato, como a urgência de um encontro de “produção intelectual não formal”. O blog torna-se um arquivo da voz, aquele que a fixa, e dessa forma, conserva a memória urbana. O que foi transmitido através da movência da voz permanece fixado na escrita.

Da análise do gênero textual receita culinária, pode-se concluir que há uma marca de identidade individual e social do autor do blog. Mas há também referências a novas mídias, a identidades globais, influências de novas vozes e discursos da modernidade através dos links e posts.

Assim, comportamentos alimentares são fruto, não apenas de valores econômicos, nutricionais, medicinais, racionalmente perseguidos, mas também de escolhas ligadas ao imaginário e aos símbolos. Essas novas vozes que influenciam os saberes e sabores da sociedade devem-se, como aponta Bhabha (1998), à globalização e aos meios de comunicação e, a partir da internet, aos meios eletrônicos, televisão e ao cinema. As culturas se expandem e aproximam-se criando, dessa forma, a miscigenação, o que justifica o uso de ingredientes que não são típicos de um paladar de determinada localidade como “cereja”, “nozes”, “pêssego”, “baunilha”, “chantily”, “Champion” “cock-tail”. Bhabha (1998) aponta que as diferenças culturais criam novos signos de identidades por meio das vontades da comunidade, podendo tornar-se profundamente antagônico, conflituoso e incomensurável. Em relação às culturas, não existem polaridades: abre-se espaço para o hibridismo cultural.

Os blogs guardam não apenas a memória do autor, sua identidade, mas também reflete a influência das identidades sociais, culturais da sociedade em que circulam. Através das receitas percebe-se a movência das vozes assim como a permanência dessas e de outras vozes ao fixarem-se em letra. Assim, as questões simbólicas têm também um objetivo secundário que é o de apontar na análise essa movência das receitas em territórios diferentes. Simbolicamente, sinaliza o local da cultura culinária consolidando vários saberes e sabores de

etnias diferentes, porém apontando para uma criação de uma nova identidade. Revelando a dinamicidade da mudança linguística por um padrão de gradação de sexo, etário que se mantém em cada geração e flutuações de comportamento determinados pelo período histórico. Os sabores, gostos e cheiros, presentes no manuscrito, testemunham e dão suporte à lembrança: “uma imagem é signo de um objeto porque a figura, mas é imagem porque dá testemunho de sua presença, e na condição de testemunho de existência, serve de suporte para a lembrança” (COLOMBO, 1991, p. 47).

Pode-se afirmar que o tempo do blog é móvel, passageiro, mas é também um tempo inesquecível. São receitas que descrevem um tempo que passou, mas não morreu, pois está articulado a um presente eterno: a escritura e a memória. A compreensão de que o material preservado pela memória consiste naquilo que não pode e nem deve ser esquecido são reveladores de ensinamentos e tradições.

A memória arquivada refere-se à comida desconhecida. A tradição é confrontada com a modernidade: as receitas antigas, por estarem ligadas a momentos distintos, modelos familiares diferentes, incluindo o rendimento das receitas que na atualidade são diferentes. O tempo antigo marcava famílias grandes, hoje diminuíram a quantidade de filhos, diminuiu também, o tamanho dos bolos, tortas, pães, o que revela o afastamento das tradições. O sujeito social passa a anular, muitas vezes, suas tradições e a encarar a cultura alheia como melhor. Esse movimento evidencia a “fragmentação e liquidez das identidades do mundo que refletem a história da vida humana” (BAUMAN, 2005, p. 12). A memória é movimentada pela cultura, escolaridade, escolha das receitas, o que demonstra a identidade e subjetividade do autor.

A partir da análise das modalidades linguísticas presentes nas receitas culinárias é possível descrever de que forma o gênero receita se estabelece e como os papéis sociais são percebidos e distribuídos a partir dele. O tipo de interação estabelecida entre o enunciador e seu interlocutor encontra-se bem-marcado nas receitas através dos marcadores modais. O uso de verbos no imperativo deixa bem claro que os interlocutores não estão no mesmo nível hierárquico. O detentor do saber, o autor do blog, é quem dá as orientações, cabendo ao interlocutor o papel de aprendiz e subordinado ao enunciador que, por vezes, concede ao leitor um estatuto de igual.

A modalidade dêitica, por estar ligada à conduta, está presente em todas as receitas e exerce um papel de suma importância na determinação dos lugares de cada componente da situação de comunicação. O uso do imperativo, na maioria das vezes revela uma marca da modalidade dêitica, mas não é seu único determinante, nem se limita a ela. Em alguns casos, esses verbos podem apontar para a modalidade apreciativa. Por fim, devemos ter sempre em

mente que a linha que separa as modalidades linguísticas é muito tênue e que em muitas situações haverá modalidades inseridas umas nas outras.

No momento em que as receitas são postadas nos blogs, a difusão e circulação se constituirá em um paradigma do gosto e, eventualmente, em uma marca identitária de um local e cultura. Essas receitas representam o dia a dia desses autores que apresentam-nas com o mesmo carinho, fetiche do objeto de desejos e segredos que tinham as donas dos manuscritos culinários por seus cadernos. As receitas mostram também a mudança dos costumes, a transformação do que é específico de uma família ou lugar e a circulação da memória de receitas deixadas por avós, mães, as lembranças boas ou ruins, que essa ou aquela receita trazia para o autor ou sua família. A partir do momento em que essas receitas perdem o poder de identidade fixa e passam a ser um modelo muito divulgado em diversos blogs, esta “culinária virtual” transforma a culinária do cotidiano em uma culinária exótica e principalmente sedutora por explorar ilustrações e veicular receitas diversas e misturadas que são incorporadas nos blogs do cotidiano dos autores.

Essa circulação que explicita basicamente os afazeres de um lar, as novidades da moda, dias de viagens, receitas de culturas diferentes, dicas de beleza, utensílios domésticos, acaba por levar para o imaginário feminino um modelo a ser seguido, e tudo que esteja fora desse modelo torna-se também fora dos padrões introduzidos pela circulação desses blogs. Porém, a indústria cultural aproveita-se da feminilidade e vaidade das mulheres e seu desejos por produtos e serviços para torná-las dependentes dos utensílios divulgados nos blogs, e estes também se tornam fontes de publicidade e sendo essenciais para consumo e o mundo moderno.

Uma receita publicada em um blog pode ser “o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 78). Os blogs, por sua vez, são construídos das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as dos próprios autores como as de outros blogs.

Assim, os discursos encontrados nesses diários virtuais são, de certa maneira, partes integrantes de uma discussão ideológica de uma época: eles respondem, sugerem alguma coisa, confirmam, antecipam as respostas e objeções potenciais do momento histórico. Nestes suportes há uma profunda marca de identidade individual e social do cotidiano dos autores.

Mas, há também, uma profunda referência a novas mídias, a identidades globais, influências de novas vozes e discursos da modernidade.

Os blogs de receitas culinárias apontam a dinâmica da transformação das culturas, não apenas no ponto de vista das relações sociais, mas também nas representações de identidade, o que mostra que as mudanças não são perdas, entretanto, revelam como as culturas fogem dos arquétipos dessa idealização “de pureza” originária de raízes.

Os discursos das receitas, manuscritas ou virtuais, são mediados pelo oral, por isto, Zumthor (1993) classifica a escritura como “a última instância das oralidades”. Nos blogs, são contundentes as relações de natureza ideológica estabelecidas entre o uso da língua, o nível de escolaridade dos autores, sua identidade social e sua competência no uso da comunicação social.

Os blogs revelam uma configuração e reconfiguração das identidades sociais como categorias de organização simbólica das concepções culturais internalizadas pelos sujeitos. Detecta-se uma identidade linguística como produto da escolaridade e a dinâmica de saberes discursivos, característica do gênero textual receita. Ao mesmo tempo, revelam também um deslocamento das práticas “linguageiras” do ponto de vista cultural. Dessa forma, são autores com o mesmo objetivo de divulgar receitas que compartilham o mesmo imaginário. Isso garante uma certa unidade nos processos identitários mutantes.

A tradição discursiva das receitas está em constante movimento. Apesar da percepção deste conceito como significado de permanência, de manutenção, que passa de geração para geração, ele é um processo dinâmico, em que a modificação e a inovação / o manuscrito e o virtual têm seu espaço, e um importante espaço, pois são estas que dão um novo fôlego para a tradição continuar sua existência.

As tradições culinárias foram mantidas, inventadas, readaptadas, algumas incorporadas, outras deixadas para trás, para em outra geração serem novamente reelaboradas, readaptadas, mantidas e abandonadas. Um processo sempre em movimento. Isto porque a tradição não é apenas passada de geração para geração, de maneira estanque, intocada, mas apropriada, no sentido dado por Chartier (1995), articulada dialeticamente. Na tradição são incorporados elementos do tempo histórico, do estilo de vida, reflexo e prática do *habitus*. Como observado nos blogs, eles ainda mantêm a tradição das receitas do manuscrito, agora não mais fazendo as preparações, mas testando-as, acrescentando ingredientes novos, adaptando-as para cada realidade, seja do autor do blog, seja dando possibilidade para que o leitor ou seguidor adapte as receitas de acordo com sua realidade. Rompeu-se o “saber fazer” mas não se rompeu o gosto, alimentando a tradição.

Os blogs de receitas culinárias têm se configurado como um lugar próprio para a construção de quantas identidades forem necessárias aos sujeitos desta sociedade pós-moderna. Em uma sociedade onde tudo é espetáculo onde o ter um blog ou ser um (uma) blogueiro(a) é fazer parte dessa sociedade pós-moderna. A valorização dessa privacidade exposta, de assuntos íntimos tornados públicos mostra a necessidade de buscar um equilíbrio. Como explica Arendt (2007), desde o surgimento das esferas pública e privada na Grécia Antiga, coisas precisavam manter-se reservadas e outras tornadas públicas. E, mesmo numa sociedade do espetáculo, essa necessidade de separação permanece. As coisas pertencentes a uma esfera ou a outra podem ter se deslocado, mas o equilíbrio entre elas deve ser constante, independentemente do momento. Mesmo possuindo novas ferramentas para se expressar e interagir com as pessoas, é necessário ter em mente que nem tudo precisa ser compartilhado, inclusive as receitas culinárias.

As receitas culinárias contidas nos blogs fazem com que as tradições culinárias sejam mantidas, inventadas, readaptadas, algumas incorporadas, outras deixadas para trás, para em outra geração e quem sabe em outros suportes e gêneros serem novamente reelaboradas, readaptadas, mantidas e abandonadas. Um processo sempre em movimento. Isto porque a tradição não é apenas passada de geração para geração, de maneira estanque, intocada, mas apropriada, no sentido dado por Chartier (1995), articulada dialeticamente. Na tradição é incorporada elementos do tempo histórico, do estilo de vida, reflexo e prática do *habitus*. Como observado nos blogs de receitas culinárias, mesmo que agora de uma forma virtual, na qual parece distanciar-se do mundo da casa e da cozinha ou não necessariamente as receitas serem testadas, elaboradas e servidas para os familiares, eles ainda mantêm a tradição.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Intervenciones**: nueve modelos de crítica. Traducción de Roberto J. Vernengo. Caracas: Monte Ávila, 1969. [ [Links](#) ]

\_\_\_\_\_. **Teoría de la pseudocultura**. In: ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. Sociológica. Traducción de Víctor Sánchez de Zavala. Madrid: Taurus, 1966. [ [Links](#) ]

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009

AMARO, Luanna Vaz. **Do manuscrito ao impresso**: tradição discursiva das receitas culinárias. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de pós graduação em Linguística. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2012.

\_\_\_\_\_. MELLO, Beliza Áurea de Arruda. Culinária em impressos: o discurso e o enunciado da leitura à mesa. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL A ABRALIN, 2011, Curitiba. **Anais...**[...] São Paulo: Editora Contexto, 2001. V. 1.

AMORIM, Ricardo. VIEIRA, Eduardo **Blogs**: Os campeões de audiência. 2014. Época. São Paulo. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR74959-6014,00.html>. Acesso em 14 de maio de 2017.

AMOSSY, Ruth. O ethos na análise do discurso de Dominique Maingueneau. In: \_\_\_\_\_. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005a.

AQUINO, Lucélio Dantas de; SOUZA, Medianeira. A multimodalidade no gênero Blog. In: ALMEIDA, Daniele Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

\_\_\_\_\_. A norma culta da Língua: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. ([1944-1945]). **Questões de estilística no ensino da língua**. Trad. Sheila Vieira Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_. ([1952-1953]). Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BAKHTIN, M./(VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, T. (2012). **Antropologia e gastronomia**: a identidade de ser brasileiro a partir da alimentação. Documento apresentado no III Seminário de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2012, São Carlos, Brasil.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2005.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1998. p. 284-293.

\_\_\_\_\_. A noção de “ritmo” na sua expressão lingüística (1951). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005. p. 361-370.

\_\_\_\_\_. A linguagem e a experiência humana (1965). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, II**. Trad. Marco Antônio Escobar. Campinas: Pontes, 2006a. p. 68-80.

\_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem (1966). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, II**. Trad. João Wanderlei Geraldi. Campinas: Pontes, 2006b. p. 220-242.

\_\_\_\_\_. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1974). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, II**. Trad. Rosa Attié Figueira. Campinas: Pontes, 2006c. p. 93-105.

\_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz a história (1968). In: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral, II**. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006d. p. 29-40.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. Ética e estética do globalismo: uma perspectiva pós-colonial. In: \_\_\_\_\_ *et al.* (Org.). **A urgência da teoria**. Lisboa: Tinta-da-China, 2007. p. 21- 44.

\_\_\_\_\_. O entrelugar das culturas. In: \_\_\_\_\_. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**: textos seletos. Org. de Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 80- 94.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia Silveira e Denise Pegorim. SP, Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise**. Tradução, introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. SP, Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- \_\_\_\_\_. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. São Paulo: Fapesp, 2001. p. 59-69.
- BRONCKART, J-P. 1999. **Atividades de linguagem**: textos e discursos. São Paulo: EDUC, 1999.
- CALVINO, I. A palavra escrita e a não-escrita. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 6. ed. Rio de Janeiro: FVG, 2005.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas)
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. (1ª reimpressão da edição de 1998).
- \_\_\_\_\_. **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003.
- CHERRY, Colin. **A Comunicação Humana**. Trad. José Paulo Paes. Cultrix / USP, 1971.
- CHRISTO, Maria Stella Libanio. **Fogão de Lenha**: Quitandas e Quitutes de Minas Gerais. Garamond; Edição: 12, Rio de Janeiro, 2008.

COSERIU, E.. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. **Tradição e novidade na ciência da linguagem**: estudos de história da linguística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DIAS, Anair Valênia Martins *et al.* Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

\_\_\_\_\_. Hipercontos multissemióticos: para a promoção dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: Marcuschi Luiz Antônio (org). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. (org); HOFFNAGEL, Judith (org). **Gênero Textual, Agência e Tecnologia** de Carolyn R. Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Parábola, 2012.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Genres et progression en expression orale et écrite**: éléments de réflexions à propos d'une expérience romande. Enjeux, 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FLORES, V. N. "Por que gosto de Benveniste?". Letras de Hoje, n. 138, dez. 2004.

FLORES, V.N. & TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. Contexto: São Paulo, 2005.

FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. Contexto: São Paulo, 2009.

FOUCAULT, M. Sobre a Arqueologia das Ciências Humanas – Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, M. **Estruturalismo e Teoria da Linguagem**. Petrópolis, Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 4. ed. Tradução de A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega : Passagens, 1977.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999b.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FERNANDES, José David Campos; ALMEIDA, Barbosa Lins de Almeida. Revisando a Gramática Visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, Daniele Barbosa Lins de (Org.). **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERREIRA, Aletéia e VIEIRA, Josiany. **A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais**. In: E-Compós (Brasília), 2007.

FRAENKEL, B. Suporte de escritura. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Gilberto. **Açúcar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Laura G. & BARBOSA, Lívia. **Culinária de papel**. Estudos Históricos: Alimentação. Rio de Janeiro: CEPEDOC de História Contemporânea do Brasil, FGV, n° 33, jan-jun 2004, p.6.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – Diálogos & Duelos**. São Carlos, SP : Claraluz, 2004.

\_\_\_\_\_. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. (Org.) Maria do Rosário Valencise Gregolin. São Carlos : Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos).

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. *In: Práticas identitárias: língua e discurso*. Izabel Magalhães, Maria José Coracini, Marisa Grigoletto. (Org.). São Carlos : Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? *In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000a p. 103-33.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro : DP&A, 2000b.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In: Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Org. e trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte : Autêntica 2000. (Coleção Estudos Culturais, 5).

IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1992.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KABATEK, J. **Sobre a historicidade de textos**. Tradução de José da Silva Simões. Linha d'água, São Paulo, n. 17, p. 157-170, abr. 2004.

\_\_\_\_\_. Tradições discursivas e mudança linguística. *In: LOBO, T. et al. Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-527.

KOCH, P. **Tradições Discursivas**: de seu status linguístico-teórico e de sua dinâmica. Tradução realizada por Alessandra Castilho da Costa a partir do original Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. *In: FRANK, B.; HAYE, T. ; TOPHINKE, D. (Ed.). Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Lengua hablada em la Romania**: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 1996.

LACERDA, Lilian. **Álbum de leitura, memórias de vida, histórias de leitoras**. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: Unesp, 2003.

LEMOS, André. A Arte da Vida. Diários Pessoais e Webcams na Internet. *In: Cultura da Rede*. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002. Disponível em: <https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1968). O triângulo culinário. *In*: SIMONIS, Yvan. **Introdução ao estruturalismo**: Claude Lévi-Strauss ou "a paixão do incesto". Lisboa: Moraes, 1979. p. 169-176.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A máquina universo**: criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artmed, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.

LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera**: Semiótica de la cultura y del texto. Vol.I, Valência, Frónnesis Cátedra Universitat de Valência, Madrid: Ed. Cátedra, 1996.

LUNA, T. S. **A pluralidade de vozes em aulas e artigos científicos**. Revista Ao Pé da Letra (UFPE), v. 4, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MALINI, Fábio. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). **In**: Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: n.21-22. Disponível em: [https://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom\\_sudes-te-fabio-malini-com-referencias.pdf](https://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom_sudes-te-fabio-malini-com-referencias.pdf). Acesso em: 10 de outubro de 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (ORGS) **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 15- 26.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. (ORGS) **Gêneros textuais & ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (ORGS). **Hipertexto e gêneros digitais**: Novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

\_\_\_\_\_. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 147-207.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital. 5.ed. Tradução de Reginaldo Sant'ana. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. **Manuscritos Culinários**: Percurso da Memória Urbana através dos Cadernos de Receitas. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, PIBIC/UFPB. João Pessoa, 2007-2008.

\_\_\_\_\_. **Vozes e escrituras da cozinha**: rastros da memória do estado da Paraíba a partir da intervoalidade dos cadernos de receitas. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, PIBIC/UFPB. João Pessoa, 2008-2009.

\_\_\_\_\_. Cadernos de receitas: "librillos" da memória. *In*: Charliton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes, Idalina Maria Freitas Lima Santiago. (Org.). **OLHARES**: gênero, sexualidade e cultura. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

OLIVEIRA, R. **Diários públicos, mundos privados**: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2002.

ONG, WALTER. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papiurus, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais**: o Brasil. *In*: Seminário de estudos em análise de discurso, 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. 18 f. Disponível em: .Acesso em: 20 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento de sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

OSHIMA, Flávia Yuri. **Todo mundo quer ser chef**. 12 de junho de 2017. São Paulo. Revista Época.

PLATÓN. **Diálogos** (Fedro), México: Editorial Porrúa, 1996.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso** (AAD-69). Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. *In*: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990a. p. 61-161.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, São Paulo : Pontes, 1990b.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Estudos, 46)

PRANGE, Ana Paula Lobão. **Da literatura aos blogs**: um passeio pelo território da escrita de si. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha - **Co-links**: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, v. VI, n. 1, 2004.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço**: rumo ao conhecimento transdisciplinar. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Rosângela. Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROSA, A. L. T. No comando, a sequência injuntiva! In: DIONÍSIO, Â. P. e BE- ZERRA, N. S. **Tecendo textos**: construindo experiências. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, C. R. A. **A alimentação e seu lugar na história da memória gustativa**. História: Questões e debates. Curitiba: Editora UFPR, n.42, p.11-31, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os pecados e os prazeres da gula: os cadernos de receitas como fontes históricas**. III Evento de extensão em pesquisa história, 2008. Texto disponível em [www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/prog.html](http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/prog.html). Acesso em 07 abr. 2016

SAPIR, Edward. A Linguagem: **Introdução ao estudo da Fala**. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. **Linguística como Ciência**: Ensaios. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. O artista como performer: Dilemas do eu espetacular nas artes contemporâneas. In: LABRA, Daniela (Org.). **Performance presente futuro**, vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano e Oi Futuro, 2010. p. 14-20.

\_\_\_\_\_. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVINO, F. F.. **Letramento Visual**. In: Anais dos Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC – I STIS, 2012.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, Vozes. 2013.  
VIEIRA, Josenia. A. **Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica**. Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Nas “asas” da multimodalidade: reflexões sobre a abordagem do texto de divulgação científica em contexto escolar. In.: XAVIER, M. M. (Org.) **Pesquisas em linguística aplicada ao ensino de português: diferentes olhares**. Campina Grande: Realize, 2011. p. 969-978.

XAVIER, A. C. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa.** Catanduva: Rêspel, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** Trad. Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz Cotia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.